

ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte

Ano 09 / n. 22, 2022

Deste lugar, que não é meu













Este lugar, que não é meu?

Este dossiê surgiu de urgências postas pelas intrusões de Gaia, da necessidade de re-imaginar a forma como têm acontecido os agenciamentos das nossas relações tanto com a nossa espécie, como com as demais. O que aponta no horizonte é que novas formas de estar no mundo sejam experimentadas. Diante disso, a nossa proposta nesse dossiê foi desemaranhar os novelos que tecem nossas relações e, nessa tessitura, criar redes que sejam abertas a outras sensibilidades.

O inqualificável da situação e o do tempo, postos juntos neste Dossiê, fazem uma certeza, a única certeza, a do fim: fim dos mitos, fim das identidades fixas, fim do tempo das coisas imóveis. Instaura-se o pensamento impensado do tempo, que liga a figura da certeza ao modo do desaparecimento. Isso nos ensina Rancière. E, uma vez mais, podemos articular o fim de um ciclo que ordena a humanidade e seus direitos em um jogo de estabilizações e normativas, para a constatação de o que se vê em toda parte, certamente, é o que não é mais, é porque não é mais. São fluxos, deslocamentos, rasuras e linhas que desenham outros ciclos, sobrepostos e rearrajandos. Pegadas ainda invisíveis de um caminhar a ser feito; as pegadas sem os pés que deixaram as marcas. As produções, em escrita, imagens e sons, acadêmicas e artísticas, são forças neste movimento de camadas em fluxos e em movimentos constantes. Quais estruturas serão mantidas? Que lugares-outros constituirá?

A necessidade da migração ou frente à imposição daqueles que sentem as pressões ambientais, culturais, sociais, mas não têm como deixar seu lugar, é complexa e precisa de encontros. Isso porque o encontro deveria ser sempre da ordem do imprevisível, sempre capaz de provocar mudanças sem que nada o balize a priori. Nesse sentido, os textos e produções artísticas deste dossiê são fluxos que correm por entre as pluralidades que circundam questões relativas aos modos de se seguir existindo como refugiados. Há toda uma lógica de subjetividades que transborda nesses encontros, e o dossiê deseja inaugurar outros gestos, propor a instauração de novas existências.

Trata-se de um pluriverso de possibilidades, compondo-se com esses movimentos e com aquilo que eles despertam ou fazem despertar a partir desse encontro. Embalados por esse movimento de deslocamento dos lugares e do pertencimento e da posse de suas percepções e sentidos, somos grates a todes que aceitaram nosso convite para essa composição, ao mesmo tempo em que sonhamos com as linhas intensivas para todes os que ainda viverão um encontro com o dossiê.

LABJOR - UNICAMP Prédio V da Reitoria - Piso 3 CEP 13083-970 Email: climacom@unicamp.br Fones: (19) 3521-2584 / 3521-2585 / 3521-2586 / 3521-2588

Editores | Fabíola Fonseca, Adriana Assumpção e AC Amorim Editoração | Susana Dias, Larissa Belini, Paulinha Pinto, Rayane Barbosa, Emanuely Miranda e Natália Azevedo Revisão | Alice Copetti e Carolina Rodrigues







- 1



pesquisa

PESQUISA

ARTIGOS

A revista ClimaCom Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte lança, a cada dossiê quadrimestral, uma chamada para artigos e resenhas de pesquisadores que desenvolvem estudos relacionados ao tema proposto para a edição. Trata-se de uma revista interdisciplinar e são aceitas contribuições de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, bem como estágios de formação. Os artigos e resenhas podem sersubmetidos em português, espanhol e inglês e são avaliadas por peer review. Confira os artigos e resenha aprovados para o dossiê 01 da revista ClimaCom sobre "Redes"

ÍNDICE

Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica Sofia Mussolin Pag. 14

Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale Thamires Ribeiro de Mattos Pag. 26

Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos Mariana Cruz de Almeida Lima Pag. 40

Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida Maria Luiza de Almeida Pag. 62

Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e pós-humanistas
Frederico Salmi
Pag. 76

ARTIGO: Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

RESUMO: É do ponto de partida das epistemologias latino-americanas que começamos nossa investigação sobre quão potente seria a reinvenção de nossas existências, enquanto possibilidade de sobrevivência às catástrofes todas que nos envolvem nestes tempos pós-pandêmicos (mas não só neles). Neste contexto de crises, reinventaríamos a labuta cotidiana? Por reinvenção dizemos reencantamento, daqueles em que se faz necessário um tanto de magia, sim, e um pouco da destreza que emerge nos encontros da vida. Por meio da experiência fenomenológica, entramos em uma virada linguística, na qual percebemos que há uma possibilidade de reencontro dialógico do nós-vocês e que, a partir dele, uma brecha se abre no chão que vivemos, e dela emerge uma maneira de ser no mundo, mais encantada, mais encarnada.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologias. Encanto. Palavras.

We'll see each other in exile: a possibility for the necessary environmental reenchantment

ABSTRACT: It is from the starting point of Latin American epistemologies that our investigation into what would be the reinvention of our existences, as a possibility of survival through postpandemic times (but not only in them). In this context of crises, would we reinvent everyday toil? By reinvention we say re-enchantment, those in which a bit of magic is needed, yes, and a little of the dexterity that emerges in life's encounters. Through the phenomenological experience, we enter into a change in the words we speak and realize that there is a possibility of a dialogical reunion of the we-you and that, from it, a breach opens up in the ground we live, and from it emerges a way to be in the world, more enchanted, more incarnate.

KEY-WORDS: Epistemologies. Enchantment. Words.

Marcela Elisa Beraldo de Paiva1

Eduardo Marandola Jr. 2

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Uma história

Nossa luz é a luz dos vagalumes, que acendem e apagam

Toda epistemologia é um contar de histórias do mundo.

Histórias da produção do conhecimento. Histórias de como e em que condições é possível (ou não) conhecer. Mas "histórias" (no plural) e conhecimento (epistemologia) não parecem se referir ao mesmo universo semântico. O conhecimento, simplificado como sinônimo de científico, nega a pluralidade, metodológica ou de formas de conhecimento. Esse é o sentido comum de epistemologia a que estamos majoritariamente acostumados em nossas formações acadêmicas.

Trazer a epistemologia para o campo da narratividade, à maneira de Paul Ricoeur, no entanto, cria algumas dobras e possibilidades de desvios. A 'composição da intriga', tão cara ao autor de 'Tempo e narrativa' (RICOEUR, 1994), permite antever outra projeção a partir da 'logia' das 'epistemes' que, enquanto histórias do mundo, devem ser sempre pensadas em sua pluralidade.

Há nesta guinada narrativa da epistemologia um sentido situacional, posicionado, que a desloca de seu atributo formalizado (como Teoria do Conhecimento), para um aterramento geográfico e político. Histórias e, por que não, geografias do mundo.

Tal posicionar-se é ao mesmo tempo um situar-se, o que implica, para este ensaio, que partimos das epistemologias latino-americanas, ou seja, de nossas próprias histórias e geografias, para pensar nosso questionamento quanto à potência da reinvenção das existências enquanto possibilidades de sobrevivência às catástrofes que nos envolvem nestes tempos que se anunciam póspandêmicos (mas não só neles). Dois mil e vinte espalhou cartas sobre a mesa e nos mostrou que não há para onde ir para escapar das experiências que inundam o mundo todo e nos colocam frente a frente com um de nossos mais agudos medos: sobreviver.

Quando a pandemia da COVID-19 se instaurou, no início de 2020, uma brecha se abriu neste lugar em que vivenciamos o encurralamento em nossas casas a fim de mantermos as medidas necessárias para não morrermos - para continuarmos. Aqui, a

morte se refere, sim, ao desencarnamento (aquilo que perde sua carne) e, na mesma medida, ao nãoser. Continuar e nãoser, ao mesmo tempo, também é morte. Percebemos, assim, duas nuances, no mínimo: Que todos estávamos isolados e juntos, e que há lugares impossíveis de sobreviver, como alagamentos completos, fome(s) intensas, violências insondáveis, não-democracia. Se fisgarmos o que Donna Haraway (2016) se refere quando afirma haver mais refugiados do que refúgios, principalmente no contexto das mudanças climáticas, talvez emerja daí questões acerca tanto da inviabilidade, quanto da necessidade de fugir, ao mesmo tempo. Nesta perspectiva,

Em 1951, ocorreu uma reunião no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) para a discussão e a definição sobre o estatuto do refugiado, denominada de "Convenção de 1951". Nessa Convenção, o termo foi definido e é utilizado até hoje nesses mesmos parâmetros. Ao ser concedido o status de refúgio para o indivíduo que foi forçado a deixar seu país, ele será amparado legalmente pelo Estado e gozará de plenos direitos também previstos nesta Convenção. (VETTORASSI; ORZETE, 2021, p.25).

É importante dizer que para a Convenção da ONU de 1951, alguém poderia ser forçado a deixar o lugar de sua origem por perseguições acerca da religião, grupos sociais ou nacionalidades e, desta forma, poderia não querer voltar ou ser impedido de. Foi em 1985, com o relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) que nascia o termo refugiado climático ou ambiental, designando "aquele que se desloca frente a uma perturbação climática que ameaça sua vida" (VETTORASSI; ORZETE, 2021, p. 29). No entanto, este termo, que articula ao mesmo tempo elementos jurídicos que remetem à situação de exílio no contexto dos Estados-nacionais, e a situações de mudanças ambientais extremas e seus eventos associados, reúne em um mesmo gesto semântico, um conjunto de problemáticas aparentemente dissociadas. Em vista disto, convém questioná-lo, indagar suas possibilidades de nomeação e construção de sentidos.

Encarar as palavras "refugiados" e "climáticos" ou "ambientais" em seus âmagos, traz à tona significações que ainda nos separam, nos rompem e vai de encontro ao que não nos pertence e, portanto, pertence ao outro. Reconhecer que

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

quando falamos ou ouvimos o termo "refugiados climáticos" não nos vemos neles, leva-nos a caminhar no sentido de que não há tanta seca em nosso sertão, tanta fome em nossas geladeiras, nem tantos deslizamentos sob nossos telhados e, ainda assim, somos atingidos pelo estresse ambiental que se dá no cotidiano de nossas vidas.

Face ao conflito de alguns de nós não nos sentirmos incluídos pelo ambiente, apesar de sê-lo, além de uma descrença no termo "ambiental" face à sua desvalorização frente às ações imediatas necessárias, consideramos valioso abrirmo-nos como um leque a fim de ouvir as mudanças climáticas, não só como alterações nos milímetros das chuvas, ou como estiagens estreantes em lugares nunca vistos, mas, também, as alterações que permeiam terra, água, fogo e ar.

Desde que a recente pandemia de COVID-19 nos aproximou de perguntas sobre nós e os acontecimentos experienciados, estabelecemos uma crise do não-saber, daquilo que é imprevisível em seu sentido pragmático, a olhos e ouvidos nus. Em 2020, lançamos mão de uma lupa delimitadora do olhar que, ao mesmo tempo que esgarça, restringe: onde estão os refugiados ambientais? Que é ambiental? Que é considerado perigo iminente contra a vida? Que é necessário para nos mantermos vivos? Que é vida? Ainda que a vulnerabilidade atinja de forma avassaladora às pessoas que vivenciam uma guerra, uma inundação ou um deslizamento de terra, as perguntas que surgem não são para relativizar suas dores, mas, antes, para incluir os que estão 'do lado de fora' deste crivo.

Ana Patrícia Noguera e Jaime Piñeda (2014), filósofos colombianos, afirmam que a crise da qual compartilhamos é uma crise de vida que, inclusive, poderia ser nomeada de crise ambiental. Neste sentido, poderíamos entender que o pós-2020 seria, em sua essência, uma crise ambiental sem precedentes, ou o aprofundamento abismático da mesma crise na qual já estamos. Estruturas sociais, culturais, econômicas, linguísticas, geográficas, políticas, poéticas, éticas e, a própria vida, estão em crise. Se para uma crise é buscado um atravessamento, nesse contexto, a renovação da vida se faz urgente. Portanto, para nós, que ainda estamos vivos, após dois anos do início da pandemia, há um esforço latente em sobreviver, e permanecer vivos. Assim, em inúmeras possibilidades previsíveis (e imprevisíveis), todos nos encontramos na experiência da sobrevivência, onde é preciso, mais uma vez, reinventar para

sobreviver.

Segundo Donna Haraway, já tivemos perdas irreparáveis no contexto de crises que vivemos (HARAWAY, 2016). Neste momento, alguns acontecimentos nos ocorrem e as mais de cinco milhões de pessoas mortas no mundo em decorrência da COVID-19 (NEW YORK TIMES, 2021) nos balançam em terreno firme. No entanto, quando dizemos morte, nos referimos às experiências do morrer e viver, as quais a pandemia nos impôs de modos coletivos e individuais. Neste sentido, estamos propondo um encanto: o que acontece quando reconstruímos o sentido da experiência tomando como primeiro passo a mudança das palavras que dizemos? Como encanto, sim, mas também como um ato fundador daquilo que se diz.

Filósofa portuguesa de ascendência africana (São Tomé e Príncipe e Angola), Grada Kilomba (2019), em seu livro 'Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano', relata a necessidade de observarmos com atenção quais palavras escolhemos para dizer o que queremos falar, já que há uma dimensão política (e poética) na língua e que isso cria lugares de identidades: "No fundo, através de suas terminologias, a língua informanos constantemente de quem é normal e de quem é o que pode representar a verdadeira condição humana" (KILOMBA, 2019, p. 14).

É, talvez por isso, que não nos vemos neles, nos refugiados climáticos. Nos sentimos do outro lado da linha (epistemológica?) que nos separa. No entanto, ao caminharmos em direção a eles, descobrimo-nos e percebemos que também não fazemos parte do movimento de identificação com o lugar que ocupamos, a ponto de estarmos em risco de morrer. Será necessário a reconstituição da experiência a fim de que sobrevivamos e, para isto, se faz urgente um pouso, não para o descanso e sim para que possamos olhar mais de perto aquilo que se apresenta.

Nesta aterrissagem, um Marte em exílio, localizado no mapa daqueles que escrevem, acende a faísca da experiência. É curioso recordar que o planeta, quando está exilado, ocupa um lugar que, a princípio, não é o seu, por natureza e, portanto, apresenta-se debilitado. Ainda que estivesse em Libra e, portanto, com as armas do diálogo e das ideias longínquas, haveria que aprender a dançar (a rebolar), como se fosse a própria vênus dançarina. Podemos enxergar o exílio também como a saída de alguém de seu país

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

(seu lugar) forçadamente. Gostaríamos de jogar outras dimensões do perceber o exílio e o encarar como sendo, talvez, uma possibilidade de experiência e sobrevivência, portanto, de renovação da vida.

É preciso reencantar para sobreviver.

O que aconteceria, deste modo, se passássemos a dizer *exílio ambiental* para isso que vemos aparecer em nossos quintais, em nossos próprios corpos? Para as enchentes, as violências, as injustiças? Seria abertura? Incitaria desdobramentos na permanência da vida?

Há quem diga que oferecer outros nomes para as coisas é simbólico, apenas. No entanto, o pensador ambiental latino-americano Enrique Leff (2020) sugere que a metafísica, por exemplo, separa o Simbólico e o Real, o que se desdobra, inclusive, no desaparecimento da vida. O modo como habitamos 'nosso chão' ainda reafirma, metafisicamente, nossa presença no mundo. Nós, pessoas. Não nos referimos a algo que seja maior, que nos encobre, mas também isso. Nos referimos ao encanto de um rodopio no meio do salão, uma palavra fincada em terra firme: Um dia depois do outro.

É preciso permanecer. Deixar de ser. Ocupar os vãos. E aqui estamos nós, com uma dose de palavras-encanto para que sobrevivamos como vozes que existiram. Um reencanto acontece.

Reencantar (a palavra) para viver

No momento em que escrevemos este texto, Vênus, nome dado pelos romanos à deusa grega Afrodite, retrograda de tempos em tempos. Dizem alguns astrólogos que *retrógrado* não é, exatamente, a melhor palavra para descrever esse momento, mas é a que foi escolhida por nossos antepassados. Da perspectiva do planeta Terra, a Vênus 'anda para trás', no entanto, isso poderia ser um exagero visual do ser humano ou até uma ilusão de ótica, se consideramos nosso planeta esférico, como ele o é.

É curioso notar que a retrogradação de Vênus se funda em algo que afirma a urgência do resgate de nossos prazeres para que possamos sobreviver. É de *sobrevivência* e *encanto* que ela fala quando se coloca como fonte mantenedora da vida. Como se, sem magia, fôssemos minguando, insistentemente.

Ao mesmo tempo em que Vênus faz seu movimento

de retrogradação, a paisagem das regiões bem irrigadas dos mares de morros, há aproximadamente mil metros de altitude de Nazaré Paulista (São Paulo), testemunha o vai-evem para a Escola Estadual Clélia de Barros Leite da Silva, localizada no bairro rural do Cuiabá. Todos os dias, é possível sentir o cheiro do atraso indesculpável quando se é professor da escola pública, só pelo movimento da rotina nas estradas logo cedo. Um ônibus que já passou e deixou o ponto vazio, a criança com mochila e máscara que não está mais na beirada da estrada ou até o pouco movimento no portão da escola. Tudo faz parte do ritual que é entrar em sala de aula e ter a possibilidade de encantamento no gizapagador.

No entanto, uma indicação nos aparece: Não se usa canetas vermelhas para corrigir palavras soltas quando se escolhe olhar para a história que está sendo contada, mesmo que desconhecida.

Dias desses, corrigindo um texto de um dos alunos, no qual ele falava de como tinha sido sua manhã, antes de chegar à escola, lá, desenhou sua rotina, o café no cuadô, o vestir a carça e alcançar a borsa para subir no ônibus e chegar até sua sala. Em um ímpeto do velho espírito professor embrutecedori, a caneta foi empunhada e saiu desferindo nossas vírgulas, nossos "I" (eles), a conjugação completa do verbo coar no presente do indicativo e tantos outros consertos que julgamos apropriados.

Foram noites pensando sobre isso, cogitando a possibilidade de haver uma saída, pela brecha, na qual aquele texto pudesse estar certo em si mesmo, ainda que existisse a norma padrão da escrita em Língua Portuguesa. A insegurança em romper esta expressão do existir, que é a língua que falamos, bateu à porta. No entanto, hoje, emprestamos o caderno de Chico, reescrevemos seu texto com as possibilidades de pontuações, a mudança nas palavras e, por último, o chamamos para uma conversa no pé do ouvido: Seu texto não está errado. E esta parte que escrevemos em verde é para você ver como tudo isso poderia ser escrito de outra forma.

Ele sorriu atrás da máscara e disse que sempre soube disso.

Quem não sabia éramos nós.

No livro 'O encantamento do humano: Ecologia e espiritualidade', Nancy Mangabeira Unger, recebe uma carta de Hélio Pelegrino, um pouco antes de sua prisão em decorrência da ditadura militar que

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

acontecia em 1970, no Brasil. Nesta carta, intitulada 'Uma carta (comovida) a uma jovem, ele escreve sobre a "dignidade do concreto como sendo o alimento dos homens" (UNGER, 1991, p.18), o que corrobora com a proposta de pautar o reencanto na emergência de um mundo novo, via experiências do cotidiano. Neste sentido, a autora, em seu artigo 'A morte da bailarina', chama, como quem roga, outras experiências do pensar para contrastar com nosso modo habitual de pensamento e, desse imbricamento, uma faísca misteriosa há de surgir com sua característica fundamental: A não dominação e suas infinitas possibilidades.

Em perspectiva semelhante, outra carta, desta vez de Grada Kilomba à edição brasileira de seu livro. em 2010, dez anos depois de o ter lançado em inglês, assume em diversos momentos muita dificuldade em se expressar na língua portuguesa, sua língua-mãe (KILOMBA, 2019, p.13). Em sua chegada a Berlim, no início do doutorado, percebeu que ali também se contava uma história de colonização (ditadura imperial fascista), no entanto, os sentimentos que brotavam eram culpa e vergonha. Portuguesa que é, sentiu o fisgar por ter vindo de um lugar onde a colonização ainda é glorificada ou negada. Entendeu, ali, que "uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas" (KILOMBA, 2019, p.13).

Neste sentido, Kilomba relata sua experiência (e de outras duas mulheres de ascendências negras/africanas) os diferentes cotidianos racistas que elas vivem e que as calam, as matam, as deixam 'sem escapatória'. A própria pesquisadora, em um completo envolvimento com a pesquisa, transborda a experiência de ser negra e estar no campo acadêmico alemão.

Falar não é para qualquer um. Muito menos para qualquer uma. Ainda que o professor dos exilados, Paulo Freire, nos diga que "não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens" (FREIRE, 1992, p. 47), a mesma pergunta continua ressoando: O subalterno pode falar? (SPIVAK, 2010).

Para Luiz Simas e Luiz Rufino, autores de 'Flecha no Tempo', uma das ações de aniquilamento que a colonização provoca, é a extinção da linguagem, aquela que é uma possibilidade de invenção de outra existência. Os autores nos convidam: "Que tal cruzar a Língua Portuguesa na canoa das palavras inventadas por Riobaldo no Grande Sertãoii ou pelas oralituras das ruas e esquinas?" (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 55). Se encararmos a emergência do encanto para sobrevivermos ao que já acontece em nossas mesas, seria este entregue pelas palavras que escolhemos dizer neste momento que é o próprio permanecer na vida.

Na perspectiva da sobrevivência, Kilomba (2019, p. 22) fala enquanto ativista pela permanência do sujeito negro na academia e afirma: "[...] faço isso ou morro", quando o que se diz na academia sobre as experiências negras não correspondem com o negro que o lê. Não estamos de passagem - viemos para ficar - é o que ressoa quando nos deparamos com a experiência que Kilomba relata em relação à dificuldade de ficar, de permanecer no campo acadêmico, sendo uma voz proveniente da margem. Neste sentido, o que ela reivindica é a necessidade de falar para sobreviver, enquanto raízes, existência.

Emerge, daí, o poder que se desprende de um discurso fundado naquilo que se vive e, por isso, se sabe, trazendo consigo a potência geradora que é a palavra (SIMAS; RUFINO, 2019). Neste estranho que somos, somos penetrados pelo outro, em sua alteridade, e não em uma Outridade, o que nos leva a mergulhos frequentes na práxis como radical e pragmática sendo a única manifestação possível (LEFF, 2012, p.54). Disso vem o impulso e, indistintamente, a frase pregada na parede cor-derosa salta: "É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano" (ARENDT, 1981, pág. 189).

Um reencanto acontece, incorpora.

Encontros no exílio

És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho...
Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...
Tempo tempo tempo tempo...
(Caetano Veloso)

Semanas atrás, um dos alunos do nono ano do ensino fundamental disse, entredentes, que tinha visto 'uma foto de perfil' e percebeu uma carta no lugar em frente ao rosto da pessoa: A imperadora. Pediu, insistentemente, para que levássemos o baralho para a escola e em um vacilo inédito, sentimos medo de embarcar nessa experiência.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

Depois que 'tiramos' uma carta para ele, como um oráculo, ele perguntou se "era normal se identificar com essas coisas". A pergunta retórica foi proferida quase sem reflexão: Mas o que é normal?

Dentre as muitas desestruturações que a pandemia de COVID-19 reverenciou e reafirmou, um duplo borrão se fez entre nós. O primeiro foi a imposição da normalidade com veemência o que se desdobrou na personificação da Outridade naqueles que não somos nós (ou não são os nossos) (KILOMBA, 2019). Essa onda emergiu do interior dos últimos dois anos e embora não tenha nascido ali, tal efeito interagiu com bastante força no cotidiano estabelecido no pós-pandemia. O segundo borrão, não sobreposto, mas na esquina ao lado, foi este: O rompimento da noção de tempo. A falta dos ciclos criados pelo ser humano, das datas comemorativas, dos enterros, verdadeiros rituais para muitas pessoas, da rotina de trabalho, da alimentação etc. A ausência desses marcos, que nos mostrava que a vida estava acontecendo, nos desencarnou coletivamente.

Quando sai nossa carne, o que nos resta?

A deserção do espaço comum, o isolamento, o deserto que cresce são construções que Unger (2009b) nos revela quando afirma que diante de nosso afastamento do tempo e do não compartilhamento com o Outro daquilo que nos faz parte dele, nos exilamos cada qual em seu território e passamos a viver com medo daqueles que chegam "em nosso espaço" e nos tomam de assalto.

Paulo Freire, como já mencionado anteriormente, uma das vozes exiladas em decorrência do regime ditatorial brasileiro, por volta dos anos 1970, escreveu o livro 'Pedagogia do Oprimido', vivendo neste lugar de exilado, no Chile (FREIRE, 2021). Estar em exílio é ser empurrado para a realidade ainda que acreditemos que não estamos de posse das nossas verdadeiras capacidades de nos relacionarmos com aquilo que nos acontece. O exílio do planeta Marte em Libra, por exemplo, é oferecer palavras como ferramentas de batalha ao Deus da guerra e, portanto, obrigao, de certa forma, a lutar com outras armas.

No livro 'Por uma pedagogia da pergunta', Paulo Freire e Antonio Faundez (2021, p.19) falam da necessidade de o exilado corresponder em relações distintas com a realidade que se apresenta e as raízes que o sustenta. Sobrevivência

e encanto novamente. Encarando a *práxis* como essência daquilo que é pragmático em seu último e, por isso, irrevogável, incontornável fim.

Gostamos de pensar que uma voz exilada se funda na *práxis*, parte fundante da experiência como uma estratégia de sobrevivência. Falar e ser ouvido, é válido lembrar. Neste sentido, Kilomba (2019, p. 59), enquanto nos fala do racismo cotidiano, salienta: "E ao ouvir nossos discursos podese também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de 'chegar', mas dificilmente podemos 'ficar'". O discurso do exilado, daquele que 'não está no seu lugar natural', enfraquece e a ocupação daquele espaço é suspensa.

Encarna, escreve, fala, dança, olha, nem que seja como experiência em si mesma, de puro prazer. Encaremos como estratégia de sobrevivência. Neste jogo de capoeira com samba de roda, no final, já somos cobrados a sobreviver. Alguns há gerações e outros, pela primeira vez.

Sobreviver e permanecer no tempo, nós e vocês, diz respeito a nos colocarmos de pelos eriçados quando estamos em terreno que não é nosso, nem dos nossos. Diz também sobre encarnar naquilo que é o cotidiano, o grande mantenedor do mistério, do encanto da vida. A ligação entre nós e a vida que pulsa no chão do *cotidiano*, é um acontecimento que nos impõe de maneira inescapável a luta pela sobrevivência, pela permanência. Encarnar pelo encanto do viver, passa por um tanto de mistério, um tanto de feitiço que encharca nossa carne, coloca-a na terra, no chão, de pé. É um trabalho minucioso e por sê-lo, requer tempo, o mesmo o qual estamos colocando dentro das comportas para nunca mais sair.

Ao nos depararmos com este abismo que é a experiência da sobrevivência em lugares que aparentemente não são nossos e que, ao mesmo tempo, nos são impostos, haja visto os desdobramentos ambientais (crise de vida) no qual estamos vivendo, nos damos conta de que um brilho aparece: nos encontramos. Permanecer no tempo e se vincular a ele como necessário para a permanência da vida é incorporar.

Poderíamos abrir ainda mais o leque e estar em *exílio*, como quem vive nestes tempos sem escapatória, arriscar-se-ia, neste momento, dizer sobre alguém que está em *dignidade* e seus

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

afazeres são, em sua instância geradora, a experiência como modo de agir, de ser e que considera que "[...] a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade" (KILOMBA, 2019, p. 68), deste modo, ocupando seu lugar no centro, não como retificação de seu lugar de origem, mas sim, de lugar-de-ser.

Era uma terça-feira e os estudantes do terceiro ano do ensino médio se dispuseram a fazer uma caminhada pelo bairro, às 7 horas da manhã. Eram as duas primeiras aulas de filosofia e quando saímos do portão da escola, eles sugeriram que fôssemos até o bar que frequentavam aos domingos, muitas vezes às escondidas. Quando lá chegamos, houve um palpite: vamos até à casa dos escravos? Um quilômetro é o que separa a escola da antiga casa construída pelo povo negro escravizado que lá viveu. Era um dia difícil aquele. Como professora, não consegui dizer uma palavra sobre colonização, escravidão, racismo cotidiano. A turma conversava ao pé do moedor de grãos, giratório, puxado por animais como cavalos ou bois, e por pessoas também. A casa, tijolo por tijolo, desfarelava. Era no meio da mata, depois do riacho. O caminho era quase todo de asfalto quente e quase todos os carros que passavam, buzinavam e acenavam. Os alunos soltavam um "aô!". Algumas histórias apareceram, a casa do português, a vontade de ir embora do bairro, o nome do avô da Mili, proprietário daquele sítio, os namoros proibidos. Voltamos para a escola aquecidos pelo sol das 8h45, que mais me lembra os lugares do outro lado do oceano do que a realidade me faz acreditar. Escrevo do lugar de um marte retrógrado em libra em oposição ao sol em áries. Fatalmente minhas palavras não serão tão largas, ainda sim, falo. Os discursos têm memória.

Nós, os exilados ambientais

"A palavra comemora o encontro, o define e o delimita" (UNGER, 1991, p. 20)

Toda epistemologia é uma história.

Quando os planetas estão caminhando nas raias divisórias do céu, cada qual anda em um signo do zodíaco, por certo período. Cada um no seu tempo. O que acontece, é que neste instante, o signo que dá endereço para Vênus é Capricórnio. Pensa em uma cena: A cabra que sobe a montanha em terreno pedregoso. Será uma caminhada longa,

mas ela não se distrai. Pé ante pé, ela ruma para o topo. Resistente. E com beleza.

Isso leva tempo.

Nesta perspectiva, há de se afirmar que nosso terreno pedregoso poderia ser caracterizado pela crise de vida que nos assola em todos suas nuances. Crise esta, que leva consigo as próprias palavras que sopram no ouvido do mundo. Para Leff (2020, p.249), quando ele concorda com Noguera (2014), faz reforço à ligação íntima entre a crise da vida e a crise ambiental. Em suas palavras, "o pensamento humano afetou os cursos da vida, os modos de habitar o planeta e as condições de sustentabilidade da vida".

É como se para sobrevivermos fôssemos empurrados a alargar a vida com nossos barros e letras, não para dominá-la ou substituí-la, mas, antes, para ocuparmos o chão que ela nos dá, sustentando não mais a recusa do mistério, do não-explicável e, sim, sua práxis.

Neste sentido, na ânsia de viver, nos colocamos de pé, dispostos à experiência da vida como ação primeira, de essência ambiental. O impulso criativo cria um terreno-comum que nos une de alguma forma. Assim, poderíamos agora nos vermos dentro de tal crise e, desta forma, mesmo não sendo refugiados climáticos (ainda), nos notamos exilados ambientais.

Colocamo-nos a pergunta-vórtice: E se fôssemos chamados de *exilados ambientais* em vez de refugiados climáticos? A mudança na maneira de dizer poderia recriar a atmosfera da experiência?

Um tom de abertura se forma quando damos outros nomes àquilo que nos acontece. A brecha se alastra de tal forma que, num deslize, estamos (todos nós) juntos no mesmo exílio, e cada um no seu.

Uma vez que somos estrangeiros em nossa própria terra, como exilados ambientais, estar em movimento com o outro, reconhecendo-o em sua estranheza por sermos da mesma carne, nos coloca no mesmo chão e traz o exílio, além de terracomum, como oportunidade para a dignidade. O encontro de todos com todos aparece.

Um reencanto acontece.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Encontramo-nos no exílio: uma possibilidade para o reencantamento ambiental necessário

Bibliografia

ARENDT, Hannah. A condição Humana. São Paulo. Folha Carioca Editora. 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido - Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 77 ed. Rio de Janeiro. Paz na Terra. 2021.

Faundez, Antonio. FREIRE, Paulo. Por uma pedagogia da pergunta. 77 ed. Rio de Janeiro. Paz na Terra. 2021.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte Ano 3. N. 5. 2016. ISSN 2359-4705

KILOMBA, Grada, 1968. Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira - 1. Ed. - Rio de Janeiro. Cobogó. 2019.

LEFF, Enrique. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

Coronavirus in the U.S.: Latest Map and Case Count. New York Times. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/interactive/2021/us/covid-cases.html Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

NOGUERA, Ana P.; PIÑEDA, J. Cuerpo-Tierra: epojé, disolución humano-naturaleza y nuevas geografias-sur. Geograficidade, v. 4, n. 1, p. 20-29, 2014.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SILVA, Franklin L. Martin Heidegger e a técnica. Scientiae Studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-374, 2007.

SIMAS, Luiz. RUFINO, Luiz. Flecha no Tempo. 1 ed. Rio de Janeiro. Mórula. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UNGER, Nancy M. O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade. Edições Loyola. São Paulo. 1991.

UNGER, Nancy M. A morte da bailarina. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 7, p. 157-166, 2009a.

UNGER, Nancy M. Crise ecológica: a deserção do espaço comum. Educação e Realidade, v. 1, p. 147-158, 2009b.

Vettorassi, Andréa e Orzete Amorim. 2021. Refugiados ambientais: reflexões sobre o conceito e os desafios contemporâneos. Revista de Estudios Sociales 76: 24-40.

i Jaques Rancière chama de embrutecimento a educação que não se trabalha no sentido da emancipação intelectual e que, ao invés disso, restringe as possibilidades de atuação do aluno frente ao ensinar e aprender presentes no cotidiano da escola (RANCIERE, 2013).

ii Referência a obra literária "Grande Sertão Veredas", de Guimarães Rosa

1 Professora da Educação Básica do Estado de São Paulo, graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual Paulista, Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Campinas e graduanda em Letras pela Universidade Cruzeiro do Sul. marcelaelisa@prof.educacao.sp.gov.br

2 Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. eduardo.marandola@fca.unicamp.br

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica

Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica

RESUMO: O processo artístico é pensado junto ao estudo da cosmopolítica e se torna um território de experimentações e de agenciamentos junto ao cultivo de uma colônia de microorganismos espelhados para pensar a sociedade humana. Evidencia-se também o modo de vida de povos originários e a emergência em alterar nosso sistema comum a fim de abraçar a ancestralidade de todo um território. A investigação coloca os laços humano e não-humano como potência de transmutação dos status dicotômicos, e a partir das articulações entre os seres, estabelece realidades objetivas a partir da criação de ações performativas. Assim, evocam como força de análise e participação as entidades sencientes com o fazer artístico e se experiencia a imaginação como realidade coletiva pautado em um mundo que encaixe as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Microorganismos. Território. Cosmopolítica.

Scales of affect: artistics experiences, multispecies, and cosmopolitics

ABSTRACT: The artistic process with the study of cosmopolitics is a territory of experimentation, in assemblages as the cultivation of a microorganism colony and thought to human society. The way of life of the native peoples and the emergence of changing our common system to also embrace the ancestry of this entire territory are also evident. The investigation places not only the human, but non-human ties as a power of transmutation of dichotomous status, and from the articulations between beings, aims to establish objective realities from the creation of performative actions. Thus, they evoke as a force of analysis and participation the sentient entities with the artistic making, in order to experience the imagination as a collective reality based on a world that fits the differences.

KEYWORDS: Microorganisms. Environment. Cosmopolitics.

Sofia Mussolin[1]

Introdução

A pesquisa teórico-prática descrita nesse artigo é uma busca por olhar e escutar o microcosmo, a fim de revelar a potência que ainda (r) existe no meio entre humanos e não-humanos, em extensão de seus territórios e seu hábitos. Territórios e corpos se expressam em conjunto, mas estes foram condicionados a acreditar que são desvinculados e independentes através do programa de evolução aplicado à nossa sociedade atual, baseado no estigma da rentabilidade do ser-humano através dos indivíduos como elos de si próprios, desvinculados do ambiente e de sua própria comunidade. Estamos no ápice das intervenções humanas no planeta, no pico de uma pandemia e envolto em transmutações. Os processos artísticos são os vínculos entre realidades e subjetividades, modos de vida e epistemologias outras, que possibilitam enxergar agenciamentos e mundos através da experiência.

Essa investigação aconteceu em experiências

diferentes que a posteriori tentaram se unir. A primeira experiência surge com a série "Mundo-Solidão" (Figura 1), que consistiu em atravessar milhares de quilômetros da América Latina de carona, de modo que o contato com outras formas de vida, formações geológicas e contextos climáticos se apresentaram e foram performados através da cênica criada junto ao corpo humano da artista. Esse corpo envolto em um tecido rosa é colocado em frente a câmera, sofrendo interferências e interferindo nas paisagens. Em uma segunda experiência (Figura 2), cultivou-se uma colônia de microorganismos que vive através do processo de fermentação, seu território de troca entre ar, cafeína e açúcar. A colônia transforma esses compostos em uma bebida probiótica popularmente conhecida como kombuchá, e como uma forma de autoproteção da bebida produzida durante todo o processo, formase um biofilme na superfície do líquido, a materialidade usada para um possível seguimento à performance de Mundo-Solidão.



FIGURA 1: Mundo-Solidão, Fotografia de Performance. Fonte: Acervo da autora, 2017-19.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022



FIGURA 2: Cultivos de Kombuchá, Fotografia. Fonte: Acervo da autora, 2018-19.

Na tentativa de união dessas experiências, seguiuse novamente em carona pela América Latina, agora juntas - humana e biofilme - como uma terceira entidade criada a partir das duas experiências anteriores. Esperava-se a realização das fotografias da performance com o corpo coberto com o biofilme, porém a carona multiespécie reconfigurou também a forma do processo artístico além do ato fotográfico, e essa alteração mudou o foco para um dado objeto final.

Para a articulação entre campos de conhecimento em escalas diferentes e do consequente estudo entre as atividades, a cosmopolítica foi um conceito aplicável para pensar a relação artes/sociedade e as fricções da coexistência entre formas de vida diferentes suscitadas pela última experiência performativa, quando viajei junto ao biofilme. Ao interagir em atividade com seres sencientes, reconstruiu-se a forma de interação empregada na primeira experiência de carona, e percebeu-se a emergência em atuar de outra maneira no mundo. A cosmopolítica referese à necessidade da nossa sociedade ocidental em começar a reformular o modo de se relacionar com as vidas de outras escalas temporais/espaciais, e a

arte auxilia esse conceito ao evidenciar e treinar um olhar sensível e o acionamento de um estado corporal em co-dependência. Cultivar uma colônia de microorganismos e participar do que pode ser chamado de devir-trama, do que está por vir, é a mesma ação do estar nômade e de mapear um território através de caronas: vive-se muito além dos limites já estabelecidos. Para ver as coisas terríveis, temos que escutá-las, vê-las, senti-las (ARTAUD, 1999). Isso é a micropolítica diária, passar de voyer para experienciador, e também é a vontade desta pesquisa ao articular conceitos interdisciplinares.

Seguir os rastros: performatividade cartográfica

Em viagens de família ao cruzar algum estado, e, principalmente, o trópico de capricórnio, meus pais davam o alerta: prestem atenção! Eu pensava que depois da placa, tudo ia mudar. Mas a placa que indicava a linha imaginária é um traço humano de demarcação, e nunca foi filiado à relação aos outros corpos sencientes que habitam aquele território, mas sim uma visão humanista vinculada ao sistema do capital. Vivemos em cartografias

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica

ditadas, detentoras de um histórico de disputa territorial que podem ser observadas diariamente dentro da cidade em que vivemos. Casas, quarteirões e bairros são todos configurados em distinção de poder. Como borrar esses limites?

Através da prática da carona e do cultivo da kombuchá posso perfurar fronteiras, pensamentos e práticas para causar atritos nos limites do fazer corpo, que se constitui não só pelo físico, mas também pelo ambiente e pela subjetividade. A antropóloga e pesquisadora Barbara Glowczewski ao refletir sobre a cartografia pensada por Guatarri e da cosmovisão do professor aborígene Wanta Jampijinpa, sugere a palavra "imagensforça" dos sonhares (Jukurrpa) para traduzir o significado cosmológico de lei pelos povos aborígenes, a partir da fala de um jovem warlpiri chamado Martin Johnson Japanangka: "Nós não temos crenças! Temos kuruwarri!". A autora escreve "A palavra warlpiri kuruwarri pode ser traduzida literalmente como 'imagem', 'marca', 'rastro' ou 'traco'" (GLOWCZEWSKI, 2015, p. 24), porque os traços são provas de que uma ação ocorreu e demonstram que esses rastros são sempre verdadeiros, e apenas a interpretação é individual. Assim como é a colônia de microorganismos que cultivo e o estado nômade de caronas, suas tramas deixam vestígios e marcas, uma lei em metamorfose, porque dependem do movimento. O saber de vários povos originários se baseiam no que detêm da escuta da vida, e aprendem na forma dos seres a sua função, já que os traços são sintomas de um laço entre corpos e territórios habitados.

Qualquer coisa que tenha nome na natureza e na cultura pode ser um sonhar, ou seja, um totem que tem seus "traços", ou kuruwarri, imagens-forças na terra, itinerários míticos, narrativas, songlines [rastros de cantos] ou trilhas geográficas míticas, pontuados por lugares como nascentes, rochas ou colinas. Todos esses lugares são identificados por topônimos cujos nomes são dados por seres míticos, que também são chamados de sonhares. Eles continuam a "devir" em todos esses lugares sagrados e a sonhar a vida na Terra. Em outras palavras, toda a vida na Terra é sonhada pelos sonhares" (GLOWCZEWSKI, 2015, p. 24).

Na demonstração desse saber nativo pelo professor Jampijinpa em um vídeo, ele desenha na areia (Figura 5) um agenciamento de cinco círculos, um losango warlpiri - semelhante ao formato da constelação Cruzeiro do Sul - e explica sua interdependência ao chamar cada um de "skin

groups" ou grupos de pele. Associo também como Davi Kopenawa chama nossa escrita de "pele de imagem" (KOPENAWA; ALBERT, 2017), que demonstra em desenho o que traduzimos para a língua. Dentre as caronas que peguei, uma delas me levou a presenciar a Cruzeiro do Sul incrustada na montanha de areia de Paracas, Peru (Figura 4), mesma tecnologia usada para desenhar as linhas de Nazca pelos povos originários da região Andina. Eu vi todos esses signos, mas demorei a enxergar seu contexto. A cartografia como a estudamos - uma representação geográfica plana - também diz muito sobre como fomos ensinados a ver e estar no mundo de imagens e vidas que nos rodeiam. Quantas ligações mais não enxergamos?

A constelação Cruzeiro do Sul é representada pela Chakana e na tradição dos povos andinos é um símbolo geométrico de doze pontas resultante da observação astronômica e representa o universo e seus componentes contrapostos, que explicam a cosmogonia do mundo andino. Alguns desses povos celebravam este símbolo no dia 3 de maio, por ser o momento em que a Cruzeiro do Sul se coloca como uma cruz perfeita, um sinal para a colheita do milho. Ainda hoje o símbolo é usado nos arredores dos cultivos como forma de proteção. As celebrações e rituais são, então, a contribuição humana para manter o equilíbrio entre os planos, já que nosso estado presente pode ser visto como transitório e articulador de um movimento constante, situado entre o micro e o macrocosmos. em íntima correspondência. O professor Jampijinpa nos alerta sobre a falta de respeito aos cerimoniais e rituais que pertencem aos grupos de pele que se dão pelo contexto. Por consequência dessa falta de atenção, nós podemos adoecer: "Se desrespeitarmos a terra, nós vamos esquecer o que a terra está tentando nos dizer. Nós vamos desaparecer assim como os warlpiri" (GLOWCZEWSKI, 2015, p. 25).

O vídeo do professor Jampijinpa indicado pela pesquisadora Barbara Glowczewski é muito similar a uma situação que vivi durante a Residência Artística Territórios Sensíveis, em visita à praia de Itaipu em Niterói. Em caminhadas pela praia junto ao coordenador dos pescadores da região, a fim de reconhecer o território, seu Chico nos explicou como as relações daquele ambiente específico acontecem, desenhando na areia (Figura 3) esses rastros dinâmicos, como mostra a figura. Assim como o professor Jampijinpa, Chico reconhece os agenciamentos das forças que atuam, e, consequentemente, compila o presente e o futuro através do reconhecimento espacial, geográfico e

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica

corporal do ambiente. Assistir ao vídeo indicado por Glowczewski depois de ter presenciado uma ação similar em Niterói e outra em Paracas, em datagens distintas e distantes, mostra a maneira

de operar por entre as camadas, de experienciar através do processo artístico uma cosmovisão tão ancestral quanto às formações geológicas dos territórios visitados.



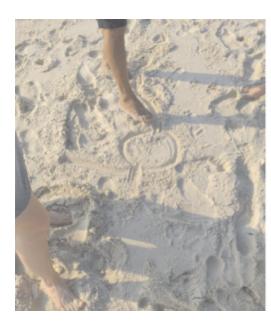




FIGURA 3, 4, 5: À esquerda, Chico explica na areia de Itaipu como são os fluxos do local durante a Residência Artística. (Fotografia minha). À direita acima, Candelabro de Paracas, Peru. (Fotografia minha). Direita abaixo, frame do vídeo da explicação do Professor Jampijinpa.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Microorganismos e carona: experiências artísticas multiespécies e a cosmopolítica

Precisamos enxergar outras histórias nas paisagens.

Precisamos enxergar outras histórias nas paisagens através de uma cartografia mais profunda e uma intrusão menos agressiva. A performatividade cartográfica acontece ao ver a ação de mapear como agenciamento de grupos humanos e nãohumanos, uma forma de lidar com a emergência em promover um reencontro ao orgânico. A carona atestou a possibilidade de percorrer territórios, reconhecer outras epistemologias e formar outros mapas. Sofremos um marco de alerta geral desde marco de 2020, período em que ficou evidente como as atividades que a sociedade humana gesta e aplica no mundo - pautados em um pensamento abissal representacionista - separa os atores sociais, as experiências, os saberes e os coloca em níveis de hegemonia. Voltarmos a perspectiva para outros modos de vida é a chance de nos tornarmos agentes multiespécies e permanecermos aqui.

Até onde vai nosso conhecimento sobre os limites e travessias dos povos originários? Os ritos, que tanto na cosmogonia dos aborígenes australianos quanto na dos ameríndios da América Latina suscitam o poder humano de contribuir pelo equilíbrio das vidas, em respeito a terra, são ignorados pela nossa sociedade ocidental hegemônica e, por isso, nosso território comum se encontra degradado. A iluminação das cidades não mais nos permite ver o céu, nossos prédios e plantações avançam sobre as florestas e nossos olhos não enxergam mais qualquer subjetividade. Não vemos mais os rastros, os corpos, e deixamos de fazer vínculos. Esquecemo-nos, por muito tempo, de como era viver em rede por acreditarmos que a vida e a história eram uma linha do tempo reta e

horizontal. Mas a própria internet é mimese da natureza.

Carona, microorganismos e performance como pesquisa

A terceira experiência criada entre as caronas e o biofilme produzido pela colônia de microorganismos se desenhou a partir da união de dois processos que haviam sido vivenciados separadamente. A tentativa de enxergar a união entre rastros humanos e de microorganismos em uma mesma experiência iniciou-se em dezembro de 2018, no trajeto São Paulo - Florianópolis -Córdoba (Argentina), em que levei o biofilme como pele seca entre mapeamentos e escritos dos meus cadernos. Nesse processo optei por utilizar o método da Performance como Pesquisa, desenvolvido pela artista-pesquisadora Annette Arlander, em que o uso de técnicas e coletas de dados é alterado conforme a própria mutabilidade da experiência, assim como é a própria viagem de carona e o cultivo de microorganismos.

Estava em San Marcos Sierras, interior da província de Córdoba. Pegamos a primeira carona para Capilla del Monte, o vilarejo mais próximo do Cerro Uritorco, conhecido por ser uma montanha sagrada para os povos que ali habitavam, os Comechingones - que se espalhavam também pelas áreas de Cerro Minas, Los Terrones, Cerro Colchiquín e Ongamira. A história nos diz que no cerro Colchiquín, o Charalteca, durante a conquista espanhola no século XVI, um conjunto de nativos explorados se refugiaram na montanha e decidiram pelo suicídio em massa para não se tornarem escravos. Fiz minhas primeiras imagens no reconhecimento corporal dessa área.



FIGURAS 6: Mundo-Solidão ao redor do Cerro Uritorco, Córdoba, Argentina.

Fonte: Acervo da autora, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

A sensação de Cerro Macho não foi de fácil digestão. O estado performativo e o convite para as pessoas interagirem com essa ação neste específico momento era instável assim como o clima da região. A materialidade dos tecidos que usava para fazer as fotografias, tanto o tecido quanto o biofilme, mostraram na sensibilidade ao toque as suas diferenças mais sutis. Por ser orgânico, o biofilme é mais suscetível à alteração de estrutura com as mudanças de clima e paisagem, e me forçou a alterar a intenção de usá-lo diversas vezes, tornando-se necessário contabilizar os melhores momentos para apresentá-lo ao espaco. Desenvolvi um novo modo e também uma nova etapa do processo artístico, que modificou a conversa com o próprio território, com o outro tecido e agenciou as situações decorrentes como um campo de 'imagens-forças'. Foi preciso exercer uma escuta aprofundada e paciente das experiências e dos territórios a partir de então, e os dois tipos de véus passaram a ser rastros coadores de tempo, colhedores de tracos que também ficaram gravados em mim.

Existe uma grande diferença entre as caronas feitas na primeira travessia dentro dos territórios da Bolívia, Chile e Peru e desta que agora descrevo. Tenho nessa experiência uma conversa próxima com os microorganismos, e a calma se apresenta como primeira solução diante das ações a serem aplicadas. Pelo próprio convívio com o cultivo da colônia de microorganismos, um corpo em decomposição rápida e visível assim que retirado de sua cultura de fermentação, e que constrói a experiência da memória em poucas horas, suscita-se o questionamento da marcação entre tempo global e local, tempo do planeta e tempo dos homens.

A calma se apresenta nesse equilíbrio entre os tempos, e a emergência não é mais necessariamente pronto-atendimento. Ela se mostra também no repouso, na reverberação da ação, no experienciar e na escuta do ambiente em que o corpo está inserido. O tempo delongado ou estado de presença profundo que me foi ensinado na aliança entre microorganismos e caronas se cruzam com as 'imagens-força' ou traços de vida que se movimentam sutilmente, passíveis de se tornarem visíveis quando sensibilizamos nosso olhar. O que atribui-se também ao pensamento de Luce Irigaray, que Annette Arlander utiliza para refletir sobre esse estar em comunhão entre corpo e espírito.

Salvaguardar a vida, requer, por exemplo, cultivar percepções sem reivindicar uma redução do espiritual para o mental. Ouvindo música - começando com a voz dos humanos ou com o canto dos pássaros - contemplando a natureza ou uma obra de arte, saborear comidas saborosas, respirar certos perfumes ... podem ser gestos espirituais. Eles levam à concentração, à comunicação com o mundo, à gratidão e à beatitude. (IRIGARAY, 2004, p.187)

Cultivar as percepções é crucial para uma atitude receptiva à natureza e ao meio ambiente, e se relaciona com as exigências de uma prática de performance centrada na quietude, com a câmera como uma testemunha paciente. Arlander diz que realizar atos imóveis em uma paisagem envolve uma forma de receptividade que é ativa, um esforço de disciplina e foco nas percepções. Para o performer, este tipo de prática tem uma realização concentrada criativa, e uma receptiva de sentir, esperar, ouvir e olhar. Repetir a tarefa exige um esforco ativo. "Realizar uma atividade com concentração ou intenção espiritual pode servir como uma oração" (IRIGARAY, 2004, p. 191). Assim, estar em um lugar em particular para fazer um vídeo, ou simplesmente para respirar, olhar em volta, para descansar, pode ser uma forma de oração - tomando essa atividade apenas como um momento de atenção do corpo e do percepto da pessoa. Me tornei mais atenta aos tracos, ao entorno, aos territórios e climas depois de cultivar a kombuchá, o que tornou a atividade nômade um recolhimento de matérias para refletir a intenção desses gestos.

A autora considera que para executar a paisagem deve-se deixar ser movido por ela, para tocar a corporalidade do desempenho específico do local. Primeiro a autora reflete sobre a noção de paisagem e sobre a quietude como ação ainda ato. Depois, observa a quietude no desempenho da ação com a ajuda da análise da arte de ação, e demonstra como a quietude pode ser usada para chamar a atenção para mudanças no ambiente. Ao repetir a mesma imagem com um enquadramento fixo, e por uma imobilidade relativa do intérprete, os movimentos lentos e mudanças graduais na paisagem vêm à tona. Vários locais em que a performance de Mundo-Solidão foram feitas tinham microclimas muito específicos e imprevisíveis, e a minha presença diante dessas mutabilidades também me forçava a acionar uma percepção mais profunda de alinhamento entre meu corpo e aquele território.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

A compreensão de espaço, movimento e limites de como se molda e como se vive em um microcosmo em fermentação mostrou-se na escala humana e me transformou em corpo fermentativo com mais consciência do tempo presente após cultivar a colônia de microorganismos por meses. A kombuchá cria seu território em febre de fermentação no silêncio, e mostrar sua ação pelo cheiro nos faz

apurar outros sentidos para outras existências que não apenas aquelas visíveis aos olhos humanas. A performance como pesquisa como metodologia capaz de perceber os processos quietos e longos de corpos muito menores ou muito maiores que a escala humana é uma ferramenta necessária para uma prática artística que enxerga nos sonhares uma possível política a ser trabalhada.



FIGURA 7: Ação do biofilme nas raízes de uma árvore no Ushuaia. Fonte: Acervo da autora, 2019.

De Córdoba na Argentina, tracei uma linha para leste até Buenos Aires e desci diretamente ao extremo sul global, percorrendo 3.098 km em 3 dias, 5 caminhões e 1 carro. No Ushuaia, cidade mais austral do mundo, fiz a trilha do Glaciar Martial, que durava em média 3 horas, e coloquei o biofilme em contato com as raízes de uma árvore durante poucos minutos, a fim de possibilitar descanso para ambos os corpos e de estabelecer um diálogo (Figura 7). Esperei em observação ativa, tirei três fotografias, recolhi a matéria e voltei a caminhar. Parar, perceber, observar, escutar e imitar são ações que exerci quando depositei esse pedaço de pele viva nas raízes, e a atividade se imensificou ao emparelhar com o conceito de animismo, segundo Tim Ingold:

> Nesta ontologia anímica, os seres não se manifestam em um mundo já-feito, mas sim emanam através de um mundo-em

formação, ao longo das linhas de seus relacionamentos. Para seus habitantes, esse mundo ligado aos elementos da atmosfera, que abrange tanto o céu quanto a terra, é uma fonte de assombro, mas não de surpresa. (INGOLD, 2006, p. 09).

A performance da simbiose humana-terra-árvore-biofilme tem essa vontade de ser por ser, mostra um fluxo dentro dos próprios grupos e não em agrupamentos fixos importados de um modelo de hierarquias, uma arte agencial que possibilita a borda também como centro. Esse mapeamento do real emancipa o artista como gestor da compostagem do anima, aquilo que dá vida, um agente de contaminação. É da mesma explicação que exerce o professor Jampijinpa da conversa dinâmica entre os skins groups, que acontece nas experiências de atravessamentos de territórios e dos corpos em fermentação. Denota-se como é

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

primordial a criação de uma abertura para a complexidade do mundo e do estabelecimento de uma ação política para o cosmos, pautada na ideia de simbiose em observar o que está ao nosso entorno, entender que somos um habitat, e que tudo também habita algo, sendo uma infinita zona de consequências.

Assim, a alternativa para que a paisagem seja além de um plano de fundo ou cenário na fotografia junto dessa figura humana e discorra sobre alteridade, parte da escolha dos elementos específicos da paisagem a serem retratados e performados. Realcar a diferenciação que existe ao atuar com os dois véus é necessário porque a presença e interação com suas materialidades são também distintas, pois apesar de serem tramas. eles constituem-se no mundo e constroem-se dele cada um à sua maneira. Dessa forma, a interação humana-biofilme-paisagem é feita em escala menor, com enquadramento mais fechado - como a raíz de uma árvore, ou o chão de terra - muito devido à relação íntima de criação do biofilme e de presença constante durante seu processo de metamorfose/fermentação. Para o véu que tem tamanho suficiente para cobrir corpos humanos, o coloco em conversa com grandes escalas, que concerne a nossa escala humana em diálogo com

um macrocosmos que já está em andamento, em um tempo geológico mais amplo. Ao mesmo tempo que ambos materiais são condutores do meio-ambiente que se inserem, também são elementos diferenciadores para suscitar a performance da paisagem em seus diferentes modos.

Ao continuar a trilha do Glaciar Martial, chegamos ao cume e alcançamos o frio, a neve e o lago do gelo derretido. Presenciei a dificuldade de performar com o ambiente por causa da contração do corpo, que queria calor (Figura 8), mas dispus o corpo a uma conversa com a montanha por alguns minutos. Envolta de uma discussão climatológica sobre mudanças que estão em processo no planeta, vi Ushuaia se tornar um termômetro das transformações das paisagens no Antropoceno. Soubemos da baixa quantidade de gelo que havia no Glaciar se comparado ao ano anterior da viagem pela conversa com a família de Lucas, um amigo que nos recebia na cidade. Ushuaia está localizada a poucos quilômetros da Antártica, proximidade que revela as subjetividades enterradas pelo sistema insensível ao qual estamos expostos. O clima alterado modifica as relações naturais e, por fim, muda toda a estrutura de vida. Como essas paisagens e esses corpos estarão em poucos anos? Como estaremos em algumas décadas?



FIGURA 8: Mundo Solidão no Glaciar Martial, Ushuaia. Fonte: Acervo da autora, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Os mitos dos povos originários são enraizados na paisagem, e com seguências cantadas eles são transmitidos entre grupos e gerações, o que torna essa prática discursiva um deslocamento espacial e temporal. Essas narrativas mitológicas são histórias de antepassados, sejam eles animais, plantas ou elementos naturais, que moldaram as formas de vidas que presenciamos hoje, ou seja, deixaram seus vestígios em forma de lagos, montanhas, de paisagens. Os cantos enumeram esses nomes-locais, que se associam com etapas das viagens de deslocamentos desses seres totêmicos. Mundo-Solidão rasteja com os véus em deslocamento, deixa algumas partes perdidas e enumera essas narrativas mitológicas que delinearam formas em outros tempos, mas não tenho a intenção de compreender todo o estudo antropológico sobre os povos originários de cada território que passei. Ao ser atravessada por esses saberes, que se relacionam diretamente com o processo artístico e a busca coletiva da história latina, senti a necessidade de questionar mais e me importar mais com os espaços e corpos que existem neste território, para pensar e viver de maneira a ser exatamente o rastro que quero deixar. Precisamos compreender a complexidade do sistema que somos inseridos e enxergar as outras existências que estão compartilhando esse modo de vida que também foi imposto a elas. As histórias que contamos são de competição com a natureza, mas nossa ancestralidade é de simbiose.

Cosmopolítica: entrelaçar as experiências multiespécies

Habitamos um pluriverso multiespécie, cheio de rastros e representações. Como pensar em coexistir, evidenciar os rastros deixados e viver de acordo com esse mundo multiespecífico? A articulação de mundos é pensada na filosofia da ciência através do termo cosmopolítica, uma ideia cunhada pela filósofa e historiadora Isabelle Stengers. Diz: "[a]s ciências chamadas modernas seriam uma maneira de responder à pergunta política por excelência: quem pode falar de quê, quem pode ser o porta-voz de quê, representar o quê?" (STENGERS, 2014, p. 445). O risco que a autora corria estava em ignorar que a tradição particular com que trabalhava era parte de uma categoria de política, e, portanto, a autora decidiu articulá-la com o termo cosmos. Em seu uso, ela sugere o cosmos como o desconhecido destes mundos múltiplos e divergentes, sobre como as relações são capazes de atuar. Essa possível articulação que mundos diferentes podem estabelecer inserem cosmos e política na mesma

esfera. Interrompendo sua universalidade, conceituando a política como nosso rastro, e não a aplicando a todos os mundos, já que não sabemos de qual forma eles se organizaram para se constituírem como comuns. Ela coloca a política para buscar alternativas de existência na conversão em mundo comum, a partir dessa articulação de mundos divergentes. Latour diz sobre a palavra de Stengers com a palavra cosmopolítica:

A presença de cosmos em cosmopolítica resiste à tendência de que política signifique o toma-lá-dá-cá em um clube exclusivamente humano. A presença de política em cosmopolítica resiste à tendência de que cosmos signifique uma lista finita de entidades a considerar. Cosmos protege contra o fechamento prematuro da política, e política contra o fechamento prematuro de cosmos (LATOUR, 2014, p. 46).

Se o gerenciar desses mundos diversos tem na cosmopolítica a tentativa do equilíbrio - e, não equiparável entre essas diferentes vidas, mas consonante com suas próprias propriedades, como um balanço - fui humana em diálogo com seres de outro mundo ao estabelecer contato com a colônia e fui humana em caronas, mas em meu eutranspessoal, porque sofro alterações na minha forma prática de vivências em derivas que não ativo usualmente dentro da sociedade, e me permitia a expansão como a kombuchá. Aprendi a cosmopolítica no entrelaçamento dessas duas ações, quando me considerava eu e ela, como vidas diferentes, porém com direitos de existências correlatas dentre suas possibilidades limitantes. Esse é o constante escalonamento da performance como pesquisa e que faz seu caminho em desacelerar os raciocínios e criar a oportunidade para a emergência de uma sensibilidade um pouco diferente dos problemas e situações que nos movem (STENGERS, 2014). A autora diz ser esse o valor principal da cosmopolítica.

Segundo o artigo 'Uma outra cosmopolítica é possível?', do pesquisador e antropólogo Mario Blaser, em que questiona sobre a possibilidade de transformação da cosmopolítica, o autor diz ser necessário operá-la a partir das diferenças, através da tradução como equivocação controlada de Viveiros de Castro (CASTRO, 2004). O conceito considera o que se mantém como significado quando existem dois termos diferentes, ou seja, a própria diferença e não sua equivalência ou o solo comum. Busca-se fazer possível um conjunto de ações que se dirijam, simultaneamente, a diferentes coisas e

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

assim promover e fazer cumprir o protocolo adequado para que ambos sobrevivam. Não utilizar um termo que já é pré-existente, mas criar novos métodos que enlaçam as diferentes realidades sem anulá-las. A prática artística de Mundo-Solidão interessava-se inicialmente em criar uma mesma relação entre a experiência com o tecido e com o biofilme, mas conforme a experiência acontecia e as situações tinham tempo e espaço para se desdobrar, novos métodos eram criados para cada corpo em performance a fim de não anular suas propriedades. A finalidade de uma atividade em comum se dissolveu por ser desarticuladora das relações.

O processo artístico assim como o processo social podem ser repensados e articulados de maneira que a vida multiespécie e a comunhão entre humanos e não-humanos seja também priorizada, porém o sistema já estabelecido entre essas vidas existentes não foi pensado para que articulações e comunidades se estabelecam. Acionar a cosmopolítica e a performance como pesquisa dentro de territórios e corpos que passam por processos de extração e exploração há séculos é uma tarefa árdua e permanente, mas urgente. A importância da transformação - que parte pelo questionamento das convenções institucionalizadas - em ressignificar o que nos é micro, o que é macro, e como podemos atuar a partir desse ponto é um resgate da nossa própria ancestralidade que está soterrada. Temos a prática artística como ferramenta que possibilita essa mudança na subjetividade como caminho fundamental contra o controle externo que nos é impelido.

Entre poética e artes, a operação que dentro da cosmopolítica equivale a essa formatação através do equívoco, do incomum e do erro, joga com a performance como pesquisa para acionar essas vidas e mostrá-las em uma frequência possível de conviver. Para criar essa terceira entidade precisamos de uma costura das experiências, não uma atividade em comum. Escutar os corpos imbricados nos territórios, transformar métodos e renová-los a fim de caber para cada existência presente sem anular suas realidades. As construções sociais e artísticas quando feitas considerando epistemologias diversas, que levam em consideração vozes localizadas em diferentes meios e subjetividades, são capazes de sublimar a ideia de mundo e pensar na experiência como coletivo.

Nós, ocidentalizados e cosmopolitas, partimos de pressupostos de imobilidade e rigidez permanentes para conceber relação e sociedade, o que acaba

com o reconhecimento dos pulsos orgânicos de nossos próprios corpos. A racionalização humana, que colocava a revolução do subjetivo em último plano, esquece que ela é primordial para acalmar as lutas das diferenciações. A subjetividade como parte intrínseca do nosso corpo físico e de como entendemos e atuamos no mundo conta a história de como enxergamos um mundo dicotômico. Trabalhar para uma revolução e transformação desse corpo é usar ferramentas como a arte para recontar uma história invisível, para fazer um mundo-possível, fabricar ações a partir de dinâmicas já existentes para motivá-las a um diálogo efetivo, e a partir disso, operar uma transformação nos modos de vida.

Dispor-se à conexões e reconhecimento de territórios que vão além de correspondências de expectativas, e assumir uma posição de interlocução e desordenação de um status interno, desencadeia uma expansão oposta aos padrões aceitos. Ferir os conceitos representacionistas e aprofundar as cartografias planas através da pesquisa como performance nos leva de volta aos rastros ancestrais e a ressensibilização dos corpos. A cosmopolítica é um conceito para pensarmos como atuar diante das catástrofes do mundo atual, e se encontra com a prática artística nas ações de reverenciar as diferenças e acomodar as diversidades ao performá-las e evidenciá-las. Não se busca a igualdade, mas o próprio limite e seus cruzamentos para transmutá-los, repensá-los e vivê-

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

- 1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF). Email: sofiagmussolin@gmail.com
- 2 Deleuze e Guattari usam o devir a partir da concepção primeira das formas que temos, do sujeito que somos, dos órgãos e funções que possuímos.
- Ver o vídeo aqui Professor Jampijinpa: youtube.com/watch?v=iFZq7AduGrc
- 4 Ver o vídeo aqui: https://www.facebook.com/ sikuandino/videos/315357319130199/?v=31535731 9130199
- 5 A Residência Artística Territórios Sensíveis

coordenado pela Profa Dra Walmeri Ribeiro é é um

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

projeto de pesquisa e criação em artes, baseado em uma prática colaborativa e em ações performativas realizadas entre artistas, comunidades locais e cientistas. O projeto tem como objetivo desenvolver estratégias, junto com comunidades locais, para a gestão do lixo doméstico e, consequente, a poluição das águas da Baía de Guanabara. Realizado com financiamento do Prince Claus Fund for Cultural Development e Goethe Institut. Ver mais em: https://www.territoriossensiveis.com/baiadeguana

6 Ver vídeo no meu canal: https://voutu.be/ 4VI VKUUU-8

7 To safeguard life requires, for example, cultivating perceptions without claiming to reduce the spiritual to the mental. Listening to music - beginning with that of the voice of humans or with the song of birds - contemplating nature or a work of art, tasting

Bibliografia

ARLANDER, Annette. Performing Landscape. Acta Scenic 28. Theatre Academy Helsinki, 2012.

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLASER, Mario. 2018. Uma outra cosmopolítica é possível? Disponível em http://www.rau. ufscar.br/wp-content/uploads/2018/11/01.pdf Acesso em: 07 fev. 22.

GUATTARI, Félix. As três ecologias; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2011.

GLOWCZEWSKI, Bárbara. Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho. Tradução: Jamille Pinheiro e Abrahão de Oliveira Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

INGOLD, T. "Rethinking the animate, reanimating thought" in Ethnos, no 71. London: Routledge, pp. 9-20, 2006.

IRIGARAY, Luce. Between East and West - From singularity to community. New Delhi: Columbia University Press, 2002.

KOPENAWA, D & ALBERT, B. A gueda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras 1 ed. 2015.

flavourful foods, breathing in certain perfumes... can be spiritual gestures. They lead to concentration, to communication with the world, to gratitude and beatitude (Irigaray 2004, 187).

8 In this animic ontology, beings do not propel themselves across a ready-made world but rather issue forth through a world-in-formation, along the lines of their relationships. To its inhabitants this weather-world, embracing both sky and earth, is a source of astonishment but not surprise.

9 Do dicionário: 1. Alma, 2. que dá vida. Em Latim, ANIMA significava "sopro, ar, brisa", de onde partiu o conceito de sopro vital da vida, atrelando essa invisibilidade do vento à vida.

10 Definida como uma associação a longo prazo entre dois organismos de espécies diferentes seja essa relação benéfica para ambos os indivíduos envolvidos ou não.

LATOUR, Bruno. Temos que reconstruir nossa sensibilidade. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, set. 2014. Disponível em: http://oglobo.globo.com/ sociedade/conte-algo-que-nao-sei/bruno-latourantropologo-escritortemos-que-reconstruir-nossa -sensibilidade-14081447. Acesso em: 10 jul 2018.

MASSUMI, Brian. Politics of Affect. Polity Press,

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, 2018.

Isabelle. No tempo das catástrofes. São Paulo: CosacNaify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". Mana, 2 (2), pp. 115-144. Rio de Janeiro, 1996.

UNGER, Nancy M. A morte da bailarina. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 7, p. 157-166, 2009a.

UNGER, Nancy M. Crise ecológica: a deserção do espaço comum. Educação e Realidade, v. 1, p. 147-158, 2009b.

Vettorassi, Andréa e Orzete Amorim. 2021. Refugiados ambientais: reflexões sobre o conceito e os desafios contemporâneos. Revista de Estudios Sociales 76: 24-40.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo explorar algumas possibilidades de refúgio de mulheres no livro O Conto da Aia, de Margaret Atwood, e série derivada dele, The Handmaid's Tale. A história tem suas bases em discussões sobre mudanças climáticas, fertilidade e totalitarismo. A fuga interna ou externa é constante, e, assim, a procura por refúgios se torna grande. Exploro as concepções sobre as bases da história abordadas pela série e pelo livro com base em dois conceitos: "margem", desenvolvido por bell hooks, e "resistências subalternas", desenvolvido por Paul Preciado. Além disso, uma análise dos produtos citados será apresentada a fim de expor situações de refúgio neles presentes.

PALAVRAS-CHAVE: The Handmaid's Tale. Refúgio. Mudanças climáticas.

Barren Havens: Marginal Survival in The Handmaid's Tale and The Handmaid's Tale

ABSTRACT: This article aims to explore some possibilities of refuge for women in the book The Handmaid's Tale, by Margaret Atwood, and its derivative series, The Handmaid's Tale. The story has its roots in discussions of climate change, fertility and totalitarianism. Internal or external flight is constant, and thus, the search for refuges becomes great. I explore the conceptions about the foundations of history addressed by the series and the book based on two concepts: "margin", developed by bell hooks, and "subaltern resistances", developed by Paul Preciado. In addition, an analysis of the cited products will be presented in order to expose situations of refuge present in them.

KEYWORDS: The Handmaid's Tale. Refuge. Climate change.

Thamires Ribeiro de Mattos 1

Ficção especulativa

Um dos temas mais abordados na cultura mediática contemporânea é a ficção especulativa. Para Atwood (2011), esta é composta de histórias que abordam coisas que têm chances reais de acontecerem ou que já aconteceram. Disso dão mostra diversos produtos: os trabalhos literários de Phillip K. Dick [2]-, em particular, os livros Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?, de 1968 e O Homem do Castelo Alto, de 1962 -; os longas-metragens Blade Runner, de 1982; Wall-E, de 2009; Inception, de 2010; Gravity e Her, de 2013; Ex-Machina, de 2015; Arrival, de 2016[3]; Annihilation, de 2018; os premiados Bacurau, Parasite e Joker, de 2019; e séries televisivas como Black Mirror[4] (2011 presente), Orphan Black (2013 - 2017), Westworld (2017 - presente) e 3% (2016 - 2020).

Recentemente, uma das obras que teve repercussão significativa entre críticos e entusiastas da ficção especulativa foi a série televisiva *The Handmaid's Tale* (2017 - presente). Originalmente distribuída pelo serviço de *streaming* Hulu e veiculada no Brasil pelo Globoplay e o canal pago Paramount Channel, a série, que possui três temporadas, já acumula 75

indicações aos *Primetime Emmys* - sendo que 15 renderam prêmios como os de Melhor Série Dramática, Melhor Atriz em Série Dramática (Elisabeth Moss), Melhor Direção em Série Dramática (Reed Morano) e Melhor Roteiro em Série Dramática (Bruce Miller)[5].

The Handmaid's Tale é uma adaptação do livro homônimo publicado originalmente em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood (em português: "O Conto da Aia"). Atwood encaixa seu livro no gênero de ficção especulativa - algo que "poderia realmente acontecer" [6]. As premissas de The Handmaid's Tale (tanto o livro quanto a série) são sobre catástrofes ambientais: devido à intervenção massiva e violenta da humanidade, o solo se torna infértil e reservas naturais estão escassas. A presença de pesticidas e produtos industrializados na alimentação diária das pessoas acaba por fazer com que diversos homens e mulheres se tornem inférteis. O cenário político é conturbado devido à baixa taxa de crescimento demográfico e à escassez de alimentos. Nesse ponto nodal, um movimento religioso explode os prédios do governo dos Estados Unidos da América e toma o poder do país, renomeando-o "República de Gilead" [7].



Figura 1: Capa da primeira edição canadense do livro, de 1985, e da primeira edição americana, de 1986. Fonte: Penguin Shop Canada.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

- Esposas: cônjuges de funcionários de alto escalão do governo. Caso sejam inférteis, são elegíveis para receberem uma Aia. No livro, suas roupas são azuis. Na série, turquesa é a cor designada para a vestimenta.
- Econoesposas: cônjuges de funcionários de médio ou baixo escalão. Não há menção ao recebimento de Aias em caso de infertilidade. No livro, suas roupas são feitas de tecido azul, vermelho e verde desbotado, afinal, elas acumulam as funções das Esposas, Aias e Marthas. Na série, suas roupas são cinzas.
- Aias: o centro narrativo do livro e da série, e as "propriedades" mais preciosas de Gilead (ATWOOD, 2017). Mulheres férteis angariadas pelo governo do país. Eram solteiras, divorciadas/separadas ou casadas/em união estável com homens separados/divorciados ou mulheres antes do regime (nenhum desses modos de união conjugal é reconhecido por Gilead, que os vê como pecaminosos). As aias são estupradas em seus períodos férteis pelo "homem da casa", que conta com a presença de sua esposa (supostamente) infértil. Dessa maneira, a aia serviria como intermediária entre o marido supostamente fértil e sua mulher. Sua função é apenas a de gestar crianças e entregá-las para a família que participou do rito. Esse evento mensal é chamado de "Cerimônia". Apenas mulheres são passíveis de infertilidade em Gilead; é proibido dizer o mesmo sobre os homens. Seus vestidos são vermelhos. Usam um gorro branco com os cabelos presos.
- Marthas: Responsáveis por todo o cuidado da casa, como limpeza, cozinha e cuidado de crianças. São reservadas a funcionários de alto escalão. Dependendo das demandas da casa, mais de uma Martha será colocada no mesmo posto. Possuem mais liberdade para ir e vir em comparação às Esposas e

Aias, que são sempre vigiadas. Não há menção de nenhuma Martha fértil no livro ou na série. Seus vestidos são verdes, em tom desbotado. Utilizam bandanas da mesma cor e seus cabelos estão sempre presos.

- Tias: exceções às regras, elas são autorizadas a ler, escrever e andar sozinhas. São as únicas mulheres que ocupam cargos de governo. Responsáveis pelo treinamento das Aias e por enviar todas a seus "postos de trabalho", são, geralmente, mulheres de meia idade. Se vestem de marrom escuro.
- Não-mulheres: Mulheres inférteis, feministas, acadêmicas, membros da comunidade LGBTQ+, religiosos (batistas, quakers, muçulmanos, judeus) que são considerados ameaças ao regime totalitário de Gilead ou que não se adaptam à sociedade. Responsáveis pela limpeza dos campos com lixo tóxico, conhecidos como Colônias. Nos livros, as cores de sua vestimenta são especificadas, embora saibamos que usam vestidos longos. Na série, as roupas são acinzentadas e azuladas (também vestidos). No entanto, como estão sempre sujas, é difícil saber ao certo.
- Jezebéis: Mulheres férteis ou inférteis selecionadas para trabalhar como prostitutas a serviço dos oficiais governamentais ou de comitivas internacionais. Se vestem de maneira sensual o que, em Gilead, pode significar qualquer coisa fora do padrão. Tanto no livro quanto na série, uma das únicas "vantagens" Revista ClimaCom. Esse lugar que não é meu? | pesquisa artigos | ano 9, no. 22, 2022 mencionadas do setor é o acesso irrestrito à álcool, tabaco e drogas ilícitas. Civis não possuem conhecimento oficial sobre sua existência.

The Handmaid's Tale é narrado por uma das aias - Offred, um patronímico ("Of Fred"; em português: "Do Fred"). No livro, seu nome real não é revelado. Na série, ela se apresenta como June Osborn. Antes do golpe, June trabalhava em uma editora, era casada e tinha uma filha. Sua família foi dispersada ao tentar escapar de Gilead. Depois de um período de "treinamento" para aias, ela é conduzida para a casa de um oficial desconhecido

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

do governo. A narrativa (série e livro) começa em sua segunda postagem: a casa de um Comandante chamado Fred (na série, o sobrenome indicado é Waterford) e sua mulher, Serena Joy.

Submetidas ao estupro institucionalizado de Gilead, aias como Offred procuram modos de (r) existência no governo totalitário. Para o país, sua única utilidade é a fertilidade. Ao decorrer da narrativa, vemos que June e outras personagens se posicionam fortemente contra tal concepção, mesmo enquanto tentam sobreviver - já que, em Gilead, a punição para desobediência vai desde a retirada de olhos até morte por forca ou afogamento.

Margaret Atwood afirma que nada do que está em *O Conto da Aia* foi meramente inventado, mas aconteceu em períodos históricos ou regiões diferentes (HOMAN, 2007). A Alemanha Nazista é citada como inspiração para a divisão explícita da população e a execução regular de "ameaças" ao regime totalitário. Além disso, as Colônias - grandes terrenos com lixo tóxico - são paralelos aos campos de concentração nazista: lá, as "não-mulheres" são tratadas como sub-humanos, e trabalham até sua aniquilação em ambientes inóspitos. Elas são a classe indesejada da sociedade gileadiana, assim como judeus e outros grupos eram reconhecidos pela Alemanha Nazista (ARENDT, 1979).

Embora a Alemanha Nazista tenha sido uma das principais inspirações de Atwood ao escrever O Conto da Aia, outros eventos históricos foram utilizados. Entre eles, temos a Revolução Islâmica no Irã em 1979, que extirpou das mulheres seus direitos; o crescimento da "Direita Cristã" nos Estados Unidos durante as décadas de 1970 e 1980, cujos desdobramentos políticos inflaram a ala conservadora do país e ameaçam, até hoje, o acesso a métodos contraceptivos; e as políticas de fertilidade na Romênia sob o comando de Nicolae Ceau escu, que determinara a gestação de, no mínimo, quatro crianças por mulher, e as monitorava mensalmente (caso a mulher não estivesse grávida, deveria prestar explicações ao Estado)[8].

Nesse cenário, vemos que, apesar de *O Conto da Aia* e sua adaptação televisiva serem classificados como obras de ficção, elas lidam com problemas reais. Sabemos que, na atualidade, a mídia e a tecnologia têm permeado e moldado nossa relação com o mundo (KELLNER, 2001). Já que a cultura da mídia é poderosa em alcance e influência, deve ser

um eco de pautas atuais. The Handmaid's Tale tem as bases de sua história em discussões sobre mudanças climáticas, fertilidade e totalitarismo. Dentro desses refúgios, há uma temática presente de forma explícita ou implícita: a busca por refúgios, sejam eles internos ou externos. Mas de onde vêm as concepções sobre esses assuntos retratadas pela série? Quais são os discursos da cultura com os quais The Handmaid's Tale dialoga?

Entretenimento, consumo e ação

Em primeiro lugar, é preciso traçar uma distinção necessária entre ficcões fantásticas/científicas e a ficção especulativa. Para Atwood (2011), a diferença é simples: enquanto na ficção científica as histórias tratam de eventos fora da realidadecomo invasões alienígenas em A Guerra dos Mundos, de H. G. Wells -, a ficção especulativa forma suas histórias com base em fatos do passado e presente, assim como em futuros plausíveis que apenas não haviam acontecido e/ou se completado até a conclusão da obra. Um exemplo do último são as obras de Júlio Verne, que narram histórias de grandes viagens pelo mar ou ar. Embora os feitios não houvessem sido completados na época, sua execução estava no horizonte, e, hoje, são possíveis. Atwood (2011) coloca seus próprios livros na mesma categoria de Verne.

Outra divisão que permeia trabalhos literários ficcionais está entre Utopia e Distopia. O primeiro conceito advém do livro homônimo escrito por Thomas More; seu significado é, literalmente, "não-lugar". No entanto, traduções iniciais interpretaram Utopia como "bom lugar", significado popularmente associado à palavra. Utopias caracterizam sociedades em que pragas foram eliminadas, guerras cessaram, desigualdade não existe e a liberdade é infinita. Já Distopia é, em tese, o oposto de Utopia; portanto, um "lugar ruim", onde reina a pobreza, desigualdade, doenças, totalitarismo governamental, entre outros fatores. Atwood (2011) propõe que, na realidade. Utopias e Distopias são os dois lados de uma mesma moeda, afinal, "dentro de cada utopia, [há] uma distopia enclausurada; dentro de cada distopia, uma utopia escondida" (ATWOOD, 2011, p. 85). Como nenhuma narrativa é pura em sua representação de bem ou mal, mas trabalha com um "padrão de yin e yang" (ATWOOD, 2011, p. 85), Distopias e Utopias são fundidas e formam o conceito de Ustopia, cunhado por Atwood (2011) e aplicado em diversos de seus romances, incluindo "O Conto da Aia"

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Os elementos ustópicos do romance são muitos. Um dos mais interessantes se encontra ao final da obra: nas "Notas históricas", uma espécie de epílogo que mostra o mundo cerca de dois séculos após a história contada. Nele, Atwood narra um evento acadêmico: "Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadianos" (ATWOOD, 2017, p. 351). O apresentador do tema principal, James Darcy Pieixoto, fala sobre "Problemas de autenticação com relação a O conto da aia" (ATWOOD, 2017, p. 352). É uma metanarrativa; Pieixoto traça críticas ao material, que tem sua autenticidade colocada em xeque. O material não fora escrito, e, sim, gravado em fitas cassete. Não possuía título. Na realidade, o nome The Handmaid's Tale faz uma referência obscena, e, certamente, machista: em inglês, tale (conto, história) soa semelhante à palavra tail (rabo). Esse último foi, de acordo com o palestrante, "o pomo da discórdia naquela fase da sociedade de Gilead de que trata a nossa saga. (Risos, aplausos)" (ATWOOD, 2017, p. 353). A fala de Pieixoto também recebe risos (acompanhados de resmungos, dessa vez) após observar que a "Rota Clandestina Feminina" referida e tomada por Offred no material foi "apelidada por alguns de nossos trocistas históricos de 'A Rota Clandestina do Sexo Frágil'". Além de tais ponderações, o pesquisador é aplaudido ao aferir que

devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadiana [...]. [Ela] estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender (ATWOOD, 2017, p. 355).

O caráter ustópico da história começa justamente na gênese de Gilead: fertilizar a terra e as mulheres. Em um mundo com pouca produção agrícola e baixas taxas de natalidade, o esforço pode parecer nobre; no entanto, vem carregado de implicações negativas para as minorias sociais. Ao ser confrontado sobre as desvantagens do novo sistema de governo, o comandante Fred explica que "Melhor nunca significa melhor para todo mundo [...]. Sempre significa pior, para alguns" (ATWOOD, 2017, p. 251). A fala é repetida pelo personagem na série televisiva durante o quinto episódio da primeira temporada (Faithful).

As imagens sobre fertilidade da terra/humana fornecidas pela mídia dão subsídio à formação de opinião social sobre o assunto. Produtos da

indústria cultural distribuem e popularizam modelos do que significa ser mulher ou homem, impotente ou poderoso, fracassado ou bemsucedido. Essa cultura da mídia cria e fortalece concepções sobre classe social, etnia, nacionalidade, sexualidade, semelhantes ("nós") e outros ("eles"). Tais modelos de sociedade devem ser analisados e levados para o campo das discussões acadêmicas (KELLNER, 2011). A mídia há de ser autovigilante sobre as abordagens que toma, que incluem divagações ou avanços nas pesquisas sobre as mudanças climáticas e fertilidade. Como produto midiático, The Handmaid's Tale trata diretamente dessas questões, além de tópicos politicamente relacionados, como fertilidade e a ascensão de governos totalitários.

Kellner e Share (2007) também apontam que, na atualidade, a mídia, em si, já é uma forma de pedagogia; no entanto, seus ensinamentos são frequentemente invisíveis ou apreendidos de forma inconsciente. Uma análise crítica da mídia englobaria as diversas formas de comunicação massiva e cultura popular, aprofundando também o potencial da educação, já que essa se torna capaz de analisar criticamente as relações entre mídia e público/informação e poder.

Estudos feministas

São várias as observações acadêmicas sobre a relação intrínseca entre gênero, raça e classe; os três pontos constroem identidades, modos de ver o mundo, e são alvo de opressões cotidianas. Com isso em mente, as obras de estudos feministas são especialmente relevantes, com ênfase em pensadoras da segunda onda do movimento, que considerou a forte relação entre desigualdades culturais e políticas de mulheres (DAVIS, 1981; HOOKS, 1984).

Embora grande parte destas obras tenha sido escrita entre as décadas de 1960 e 1980 por ativistas e acadêmicas nos Estados Unidos, seus pensamentos foram refletidos no Brasil, ainda que tardiamente. Por conta do momento político do país (instalação do Golpe Militar de 1964), questões trabalhistas relacionadas às mulheres - uma pauta que também se relaciona à primeira onda feminista - tiveram prioridade entre ativistas. Ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, mulheres se uniram a sindicatos, coletivos de mães, ao movimento "Diretas Já", e reivindicaram anistia política; portanto, assim como o feminismo de segunda onda foi

contemporâneo do *Civil Rights Movement* nos Estados Unidos (HOOKS, 1984), surgiu em terras brasileiras como grande aliado de mudanças e resistências políticas (PEDRO, 2012). No entanto, problemáticas específicas às vidas de mulheres eram, por vezes, relevadas pelos movimentos dos quais participavam. As ativistas eram "acusadas pelos companheiros de dividir a militância ou de enfraquecê-la com 'questões

Pensadoras da segunda onda como Angela Davis e bell hooks procuram criar uma ponte entre as lutas antirracista e feminista. hooks (1984) explica que, por mais que vivamos em sociedades patriarcais, uma mulher pode sentir que não é explorada ou oprimida; isso ocorre por conta de uma posição de privilégio em comparação às outras mulheres, ou, até mesmo, da ignorância em relação às explorações e opressões sofridas.

Na lógica patriarcal/capitalista explicada por hooks, homens brancos são a classe hegemônica (embora influenciados por questões de classe). Homens negros sofrem com o racismo, mas o sexismo vigente "permite" que ajam de modo opressor e/ou explorador em relação às mulheres. Da mesma maneira, mulheres brancas são vítimas de sexismo, mas podem ser opressoras e/ou exploradoras de pessoas negras (HOOKS, 1984). Na reprodução da lógica capitalista e patriarcal, não conseguiremos atingir liberdade racial e de gênero. "Enguanto esses dois grupos ou gualquer outro grupo definir emancipação como ganhar igualdade social com homens brancos da classe hegemônica, terão um interesse mascarado na exploração e opressão contínua de outros" (HOOKS, 1984, p. 15)[10].secundárias'. Para as feministas, contudo, a questão do direito das mulheres era fundamental" (PEDRO, 2012, p. 245).

Para garantir os direitos das mulheres, alguns erros cometidos na primeira onda feminista, que ocorreu entre o século 19 e início do século 20. deveriam ser corrigidos. Angela Davis (1981) aponta a oposição entre o movimento negro e o movimento feminista como uma das principais razões pela falta de adesão de mulheres americanas negras (e apoio de homens) ao sufrágio. A primeira onda do feminismo lutava primordialmente pelo direito ao voto, que não existia para mulheres ou minorias étnicas. Embora sufragistas da época tenham procurado aproximar as duas pautas, viu-se que o governo americano não as aprovaria em conjunto. Rapidamente, os movimentos (especialmente o sufragista) mudaram seus discursos.

Elizabeth Cady Stanton, uma das líderes do sufrágio americano, chegou a afirmar que mulheres brancas e formalmente educadas seriam mais dignas e aptas a votar[9]. Tal pensamento fez parte da origem do feminismo "liberal", que procura conciliar os interesses do liberalismo econômico aos diretos públicos e privados das mulheres (CYFER, 2009). Esse objetivo contém, em si, paradoxos: já que o liberalismo preza por não interferir na esfera privada, como o Estado protegeria mulheres em situação de violência, abuso ou importunação doméstica? Deveria o Estado auxiliar na emancipação financeira ou educacional de mulheres? Seria necessária a divisão de tarefas domésticas, que, por convenção social, são totalmente direcionadas às mulheres? Se a autonomia individual dentro do sistema político é um dos focos do liberalismo, é possível aplicar a máxima feminista "o pessoal é político" ao feminismo liberal? Tais questionamentos mostram que a primeira onda do movimento feminista visava a emancipação apenas de um certo tipo de mulher: a branca de classe média/alta, que poderia se movimentar livremente na sociedade sem erodir as bases de uma cultura patriarcal. Embora a lógica do liberalismo tenha aberto portas para a emancipação da mulher - especialmente a branca e com acesso à educação formal - no passado, não é resposta ideal para os problemas de hoje, que necessitam de um diálogo interseccional (DAVIS, 1981; HOOKS, 1984).

Pensadoras da segunda onda como Angela Davis e bell hooks procuram criar uma ponte entre as lutas antirracista e feminista. hooks (1984) explica que, por mais que vivamos em sociedades patriarcais, uma mulher pode sentir que não é explorada ou oprimida; isso ocorre por conta de uma posição de privilégio em comparação às outras mulheres, ou, até mesmo, da ignorância em relação às explorações e opressões sofridas.

Na lógica patriarcal/capitalista explicada por hooks, homens brancos são a classe hegemônica (embora influenciados por questões de classe). Homens negros sofrem com o racismo, mas o sexismo vigente "permite" que ajam de modo opressor e/ou explorador em relação às mulheres. Da mesma maneira, mulheres brancas são vítimas de sexismo, mas podem ser opressoras e/ou exploradoras de pessoas negras (HOOKS, 1984). Na reprodução da lógica capitalista e patriarcal, não conseguiremos atingir liberdade racial e de gênero. "Enquanto esses dois grupos ou qualquer outro grupo definir emancipação como ganhar

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

igualdade social com homens brancos da classe hegemônica, terão um interesse mascarado na exploração e opressão contínua de outros" (HOOKS, 1984, p. 15)[10].

A obtenção de direitos e o reconhecimento social de mulheres pode variar de acordo com a cultura vigente. Em *Mulheres, Raça e Classe, Davis* (1981) explora a história das mulheres negras nos Estados Unidos. Enquanto eram tidas como escravas, deveriam atuar na mesma intensidade dos homens. Além disso, eram fonte de lucro: a alta natalidade era preferível - seja por relações consensuais, ou, em geral, estupros -, e o trabalho nos campos não deveria parar por conta da amamentação ou do cuidado de bebês. As exceções eram mulheres reservadas apenas para "parir" novos/as escravos/as e as amas de leite (DAVIS, 1981).

As pressões sobre a mulher negra não acabaram após a abolição da escravatura. O trabalho doméstico continuou a ser parte da rotina - e, na sociedade pós-industrial, foi incorporado às vidas das mulheres brancas. Davis (1981) lembra que o trabalho doméstico realizado por mulheres não é sempre desprezado. Em diversas economias précapitalistas, como na do povo Masai, o trabalho doméstico é tão essencial para a economia quando a pecuária, conduzida por homens. Mulheres são consideradas produtoras, e, por isso, possuem status social correspondente ao masculino. Por outro lado, em sociedades capitalistas avançadas, o trabalho doméstico é direcionado ao serviço. Mulheres não conseguem produzir evidências de seus trabalhos. A dona de casa, portanto, não é dona nem de si mesma, já que atua como "a serva vitalícia de seu marido" (DAVIS, 1981, p. 233, tradução livre)[11].

Além da execução do trabalho doméstico, o trabalho fora de casa (ou para fora de casa, como lavagem de roupas) foi incorporado à rotina por conta de necessidades financeiras. Portanto, quando mulheres brancas começaram a integrar massivamente o mercado de trabalho e o viram como o grande emancipador feminino, mulheres negras não viviam a mesma realidade. O trabalho era primordial à sobrevivência, e não um caminho em busca da satisfação pessoal (DAVIS, 1981).

A entrada massiva de mulheres brancas no mercado de trabalho no início e meio do século 20 também trouxe um dilema às mulheres negras: como empatizar com quem tira vagas de emprego dos homens negros? Enquanto Betty Friedan publicava *The Feminine Mystique* em 1963 - obra que também faz parte da segunda onda feminista -, incentivando a força de trabalho de mulheres, comunidades negras sofriam com a perda de espaço no mercado (DAVIS, 1981). A dicotomia das lutas antirracista e feminista aparecem novamente na história.

É necessário, portanto, deixar de compreender o feminismo como uma luta individual. O feminismo é uma causa política, comunitária, e, em consequência, possível à todas às mulheres. Através da sororidade - o apoio político entre mulheres - é que o concretizamos. Ao narrar sua experiência como docente de um grupo diverso de mulheres, hooks (1984, p. 57) explica que, "ao aprendermos os códigos culturais umas das outras e respeitarmos nossas diferenças, sentimos um senso de comunidade, de sororidade. Respeitar a diversidade não significa uniformidade ou mesmice" [12].

À primeira leitura, pode parecer inusitado o foco do trabalho em teóricas do feminismo negro. No entanto, os produtos analisados traçam paralelos constantes com o status dessas mulheres em sua chegada ao continente americano: extirpadas de todas as liberdades individuais e públicas, devem trabalhar e parir até a morte. No processo, são torturadas, humilhadas e estupradas (DAVIS, 1981). É este o destino das Aias de Gilead. Além disso, o livro só possui personagens brancas, afinal, a história original se aprofundou na necropolítica do branqueamento social (ATWOOD, 2017)

Os Estudos Culturais são uma adição bem recebida pelo movimento feminista (HOOKS, 1990). Eles proporcionam a imersão em realidades distantes de pesquisadoras/es de diferentes origens raciais, gêneros e classes, e abrem espaço para discussões transdisciplinares. bell hooks (1990) também acredita que os Estudos Culturais dão oportunidade para o tratamento de dimensões políticas de racismo e sexismo sem medo, até por quem pode ser considerado o/a opressor/a; contudo, isso deve ser feito com uma lógica anticolonial. "A/o outra/o" - ou seja, a pessoa (ou grupo de pessoas) analisada - não deve ser apropriada por quem está no poder.

O que hooks propõe, então, é olhar para o mundo e suas questões políticas ao estarmos localizadas na margem (1989, p. 15). Escolher a margem é estar livre para olhar o mundo com outras lentes, fora do colonialismo, capitalismo, patriarcalismo,

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

racismo, sexismo e tantas outras ameaças ao "prazer e poder do conhecimento" (HOOKS, 1989, p. 15, tradução livre)[13]. Assim, a margem é um refúgio duplo: refúgio de um mundo que não recebe quem não se encaixa nas lentes redutoras de vida citadas acima, e, além disso, refúgio para pensar e agir de outras maneiras. Essa tarefa não nos chega sem desafios: como articular em palavras um novo jeito de viver e pensar? É preciso lutar, e a linguagem é palco de muitas lutas (HOOKS, 1989). Ela expressa o que raciocinamos, sentimos: "Somos casadas/os na linguagem, temos nosso ser em palavras [...]. Oprimidas/os lutam na linguagem para recuperação, reconciliação, reunião, renovação. Nossas palavras não têm sentido, são uma ação, uma resistência" (HOOKS, 1989, p. 16, tradução livre).

A margem cria novos saberes e relações; novas linguagens; novas significações. Há de se notar a semelhança da margem de hooks com as resistências subalternas citadas por Preciado (apud CARRILLO, 2010): após questionamentos ao status quo vindos do movimento feminista, do movimento negro e dos Estudos Culturais, as portas se abrem para aqueles que eram até então considerados "abjetos do saber" (PRECIADO apud CARRILLO, 2010, p. 61). Ao invés de adotar

delimitações de identidade sexual, nacional ou da cultura vigente, a população subalterna trabalha com uma comunicação híbrida. Para Preciado, "[...] trata-se mais que nada de sublinhar a multiplicidade de histórias, ao mesmo tempo que o caráter híbrido de nossa própria cultura" (apud CARRILLO, 2010, p. 62).

Ao compreendermos a visão de margem de hooks (1989) e as resistências subalternas de Preciado (2010), também construímos um olhar mais crítico e múltiplo às diversas significações imagéticas da história - seja ela narrada em páginas ou em uma televisão. Por bem ou por mal, "O Conto da Aia" lida com uma cultura de mulheres dentro de um país legalmente sexista. Todas elas - e quem mais estiver contra o regime totalitário - estão nas margens; suas resistências só podem ser subalternas. Como as mulheres em Gilead não podem falar tudo o que pensam, ou, muito menos, assim fazê-lo, elaborar situações em que uma miríade de interpretações imagéticas seja possível é fundamental para o bom andamento e compreensão da história. Imagens textuais e televisivas serão expostas e analisadas da margem para a margem; veremos, então, como as moradoras de Gilead lutam por serem subalternas.

Há refúgio em Gilead?



Figura 2: Frame do episódio Birth Day. Ao voltar do mercado, Alma, Dolores, June e Emily (da esquerda para a direita) conversam em frente à corpos de traidores de Gilead. Fonte: Globoplay.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

São muitos os modos de resistências subalternas, vivências nas margens e refúgios apresentados ao decorrer do livro e da série: olhares, conversas com pares (que não são incentivadas, como os diálogos entre as aias), envolvimentos emocionais, e, de modo mais explícito, tentativas de derrubar o regime totalitário de Gilead. No entanto, uma faceta da resistência que não pode ser ignorada é a "humanização" das personagens através da busca por uma certa normalidade de vida: é a procura pelo passado. Uma das ocasiões mais sutis, e, ao mesmo tempo, marcante na busca por uma relativa normalidade, é a descoberta de Offred sobre hidratação da pele. Produtos cosméticos são banidos às Aias, sob a premissa de que elas não devem chamar a atenção de homens. Espelhos são escassos (ATWOOD, 2017, p. 16). Há pouco espaço para o cuidado pessoal básico além de banhos. Ao perceber que sua pele está seca, Offred deseja passar um creme - coisa que não conseguirá em sua posição social. No entanto, há uma alternativa: utilizar sobras de manteiga. Ao planejar o uso dela para hidratação, Offred reencontra a si mesma e visualiza sua performance como Aia.

Há um naco de manteiga num dos lados do prato. Rasgo um canto do guardanapo de papel, embrulho a manteiga nele, levo para o armário e o enfio no bico de meu sapato direito, do par adicional, como já fiz antes. Embolo e amasso o resto do guardanapo: com certeza, ninguém vai se dar ao trabalho de desamarrotá-lo, para verificar se alguma

parte está faltando. Usarei a manteiga mais tarde, esta noite. Seria melhor, neste anoitecer, não cheirar a manteiga.

Espero. Eu me acalmo e me componho. Aquilo a que chamo de mim mesma é uma coisa que agora tenho que compor, como se compõe um discurso. O que tenho de apresentar é uma coisa feita, não algo nascido (ATWOOD, 2017, p. 81-82, grifo meu).

Outro exemplo é a insatisfação trabalhista de Rita, a Martha da residência dos Waterfords. Embora ela não possa vocalizar suas reclamações, faze-as sentidas ao cozinhar mal. Após receber uma bandeja de comida em seu quarto, Offred nota que a coxa de galinha, prato especial da refeição, está "[...] cozida demais. É melhor que sangrenta, que é a outra maneira como ela faz. Rita tem maneiras de fazer seu ressentimento ser sentido" (ATWOOD, 2017, p. 81).

Na série, a cena citada não está explicitamente presente; no entanto, as reclamações de Rita e sua relutância inicial ao ajudar June são mostradas. As Marthas possuem, tanto no livro quanto na série, redes de informações e de fugas separadas das Aias. O cruzamento de informações não é comum, além de ser considerado perigoso. Rita não é o foco das câmeras por muito tempo, principalmente durante a primeira temporada. Na maior parte das vezes, além de ser colocada nos cantos do *frame*, serve como plano de fundo a alguém com um papel de chefia. A exceção é June.

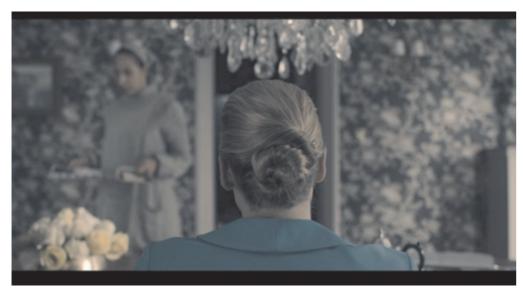


Figura 3: Frame do episódio *Nolite Te Bastardes Carborundorum*. Rita conversa com Serena, mas em desfoque. Fonte: Globoplay.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

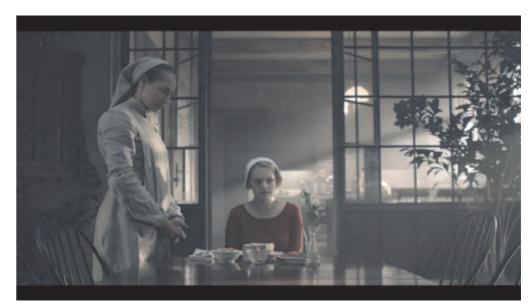


Figura 4: Frame do episódio Late. Rita serve café da manhã para June.

Ao mostrar June e Rita como símbolos visualmente complementares, a cinematografia de *The Handmaid's Tale* nos diz, visualmente, que, embora pertencentes a grupos diferentes, a Martha e a Aia estão em pé de igualdade: ambas não possuem diretos e têm seu corpo utilizado por outros, seja para a performance de tarefas domésticas ou a fim de engravidar e parir. Essas duas atribuições são fortemente ligadas à figura feminina (RICH, 1986; WOLLSTONECRAFT, 2016; DAVIS, 1981); e, nas figurações de Marthas e Aias, se complementam a fim de dar vazão à revolta contra o sistema vigente. Isso se concretiza ao final da segunda temporada, que mostra Rita como arquiteta da terceira tentativa de fuga de June.

Outro relacionamento importante para a história do livro e da série é a de June e Moira, sua melhor amiga. Muito próximas desde o período préGilead, as duas foram colocadas no mesmo centro de treinamento para Aias - o Centro Vermelho - após o início do regime. Tentam fugir juntas para o Canadá, mas June foi capturada no início da jornada. Moira consegue passar algum tempo em esconderijos, mas, eventualmente, é pega. Ela é considerada pelas Tias uma má influência sobre as demais Aias. Duas opções lhe são dadas: ir para as Colônias (local que será explorado no próximo capítulo) ou se tornar uma Jezebel. Escolhe a última, pois terá, dentro do possível, uma espécie de "qualidade de vida".

Um dia, June é levada à Casa de Jezebel - local em que homens em posições de poder no governo de Gilead se reúnem a fim de explorar as mulheres em questão. Ela e Moira se encontram. Moira está conformada com seu estilo de vida, mas June a impulsiona a tentar outra fuga.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Figura 5: Frame do episódio Jezebels. Moira e June se encontram na Casa de Jezebel. Fonte: Globoplay.



Figura 5: Frame do episódio Night, Luke e Moira se encontram após a chegada da última a um centro de refugiados no Canadá. Fonte: Globoplay.

automóvel e cruza a fronteira entre Gilead e o Canadá, Lá, encontra Luke - o marido de June -, e passa a trabalhar pelo acolhimento de refugiados e advogar pelos direitos das/os cidadas/os de Gilead.

Moira é apresentada como uma mulher branca na

Na série, eventualmente, Moira rouba um narrativa literária; no entanto, dentro da adaptação televisiva, é negra. Certas adaptações precisam ser feitas na transição da linguagem literária para a cinematográfica. São diversos os motivos: identificação com o público-alvo, orçamento, escolhas no foco da história (como a supressão do trecho do livro que fala sobre os Escritos da Alma), e facilitar a visualização de

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

certos pontos da narrativa ao público do conteúdo audiovisual. Embora os dois produtos estudados sejam extremamente semelhantes, algumas mudanças - que não chegam a alterar o rumo da história - são particularmente interessantes, como a caracterização de Moira. A mesma problemática está presente na caracterização de Luke e de Hannah, filha dele com June (que não é nomeada no livro). Na narrativa literária, assume-se que os dois eram brancos; afinal, Gilead exterminou a todos/as que não o fossem, e a filha de Offred está viva sob os cuidados de um casal da cúpula do país. Como a série não adota a mesma narrativa de "supremacia branca" explícita - chega a evidenciar comandantes e esposas negros/as - e prefere focar em assuntos de fertilidade, ver personagens negros e negras nas telas é comum; no entanto, nenhuma ocupa tanto tempo da narrativa quanto Moira.

Todos os atributos da Moira "literária" são mantidos na série: uma mulher com facilidade em falar o que pensa, que trabalha com causas sociais, possui forte vínculo com June e é lésbica. A camada de sua identidade negra não chega a ser diretamente abordada pela série. Mesmo assim, sua representatividade é notável. Como coloca Davis (1981), mulheres negras sempre estiveram, desde sua chegada ao continente americano, em posições socialmente inferiores. É razoável assumir que, antes da instalação de Gilead, ela sofrera com preconceitos e falta de oportunidades baseados somente na cor de sua pele e/ou sexualidade. Após o começo do novo país, Moira e outras mulheres negras férteis passam a ocupar uma posição semelhante às mulheres negras escravizadas nas américas: servem, primariamente, como parideiras e força de trabalho (DAVIS, 1981). Ao contrário de seus pares brancos, as aias negras já conheciam as histórias de um povo sem direitos.

Luke também vive um retorno às histórias de seus antepassados. Ao fugir para o Canadá, assim como muitos negros e negras escravizados nos Estados Unidos (DAVIS, 1981), ele desfruta de liberdade; no entanto, como refugiado, seus direitos não são, muitas vezes, nítidos. As oportunidades de trabalho são limitadas, assim como sua condição financeira. Além disso, ele está separado da família. Sua filha, Hannah, está presa em Gilead, assim como June. A menina não é apenas privada da companhia e amor do pai e da mãe; ela também tem qualquer possibilidade de desenvolvimento acadêmico formal tirada. As desambiguações culturais que estariam em sua vida também são

apagadas. Apesar de birracial, Hannah crescerá em um mundo ocidentalizado ao extremo, e sem quaisquer referências à cultura negra da qual faria

June não luta de modo egoísta por mudanças em Gilead. Ela deseja que o regime totalitário caia para que possa se reunir a seu marido, e, principalmente, às suas filhas (além de Hannah, ela tem outra menina em Gilead). Como Adrienne Rich coloca, por vezes esquecemos que somos "nascidas de mulher" (1986, p. 11). Compreender a maternidade fora das lentes do patriarcado, que a colocam como instituição obrigatória e enclausuradora dos corpos femininos, mostra que nossos relacionamentos com mães - sejam elas biológicas ou não - são de extrema importância para a formação de identidades individuais.

Através de sua busca por Hannah e da vontade de tirá-la - junto à sua meio irmã - do país, June mostra que ações de raiva, tão associadas a uma má performance da maternidade e compreendidas como o oposto do amor piedoso maternal, são apenas reflexos da complexidade das emoções humanas, presentes em todas as mães. Na realidade, a raiva de June, quando/se compreendida por suas filhas, pode ser um fator admirável; afinal, sua luta é pelo nãoconformismo delas aos papéis sociais que as serão assinalados em Gilead via suas mães adotivas. Ao escrever sobre relacionamentos entre mães e filhas, Adrienne Rich reforça que

> Poucas mulheres que crescem na sociedade patriarcal podem se sentir suficientemente cuidadas por suas mães; o poder de nossas mães, qualquer que seja seu amor por nós e suas lutas em nosso nome, é muito restrito. E é através da mãe que o patriarcado ensina cedo à pequena mulher quais prospectos são aceitáveis. A pressão ansiosa de uma mulher à outra a fim de se conformar a um papel degradante e desanimador dificilmente pode ser chamada de "maternidade", mesmo que ela acredite que isso ajudará sua filha a sobreviver (RICH, 1986, p. 243, tradução livre).

A força motriz das mudanças em Gilead são os relacionamentos entre as mulheres. Em um Estado que extirpa cidadãos de seus direitos, qualidades sociais inerentes se mostram como a única alter nativa efetiva contra o fascismo (ARENDT, 1979). Utilizar recursos da esfera privada para combater a pública é a tática das Aias. Em O conto da aia,

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

Offred revela que

O que nos confronta, agora que toda a agitação acabou, é nosso fracasso. Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. Dê graças a Deus pelo pouco que tem" (ATWOOD, 2017, p. 155).

As aias são mandatoriamente colocadas nas margens, porém, podem aceitá-las ou não como lugar de pertencimento. Ao adotarem as margens como espaço de resistência e pertencimento, a história de *The Handmaid's Tale* mostra que essa

Bibliografia

ARENDT, Hannah. The origins of totalitarianism. Orlando: Harcourt. 1979.

ATWOOD, Margaret. In Other Worlds: SF and the human imagination. New York: Nan A. Talese, 2011

ATWOOD, Margaret. O conto da Aia. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.

BEHJATI-ARDAKANI, Z.; AKHONDI, M.; MAHMOODZADEH, H.; HOSSEINI, S.H. An Evaluation of the Historical Importance of Fertility and Its Reflection in Ancient Mythology. In: Journal of Reproduction and Infertilily, v. 17, n. 1, 2016, p. 2-9.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. Entrevistada: Beatriz Preciado. In: Revista Poiésis, n. 15, 2010, p. 47-71.

CYFER, Ingrid. Liberalismo e Feminismo: Igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. In: Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, 2010, p. 135-146.

DAVIS, Angela Yvonne. Women, race & class. New York: Random House, 1981.

HOOKS, bell. Choosing the margin as a space of radical openness. In: Framework, n. 36, 1989, p. 15-23.

HOOKS, bell. Feminist theory: from margin to center. Boston: South End Press, 1984.

postura é um meio possível para a criação de mecanismos de atuação político-social em meio à opressão. A rejeição de um grupo social nunca é vantajosa; no entanto, culturas criadas por essas margens de refúgio podem ser a única coisa que as separa de um regime totalitário, consumindo esferas privadas e públicas da vida (ARENDT, 1979). Margens oferecem refúgios, que, nesse contexto, significam a possibilidade de (re)existência, afirmação e criação de laços com outras pessoas.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

HOOKS, bell. Yearning: race, gender, and cultural politics. Boston: South End Press, 1990.

KELLNER, Douglas. A Cultura da mídia - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education. In: MACEDO, Donaldo; STEINBERG, Shirley (Eds.), Media literacy: A reader. New York: Peter Lang Publishing, 2007, p. 3-23.

RICH, Adrienne. Of Woman Born. New York: W. W. Norton & Company, 1986.

SWAIM, G.G. Gilead. In: TENNEY, Merrill; BARABAS, Steven (Eds.). The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible. Grand Rapids, 1976, v. 2, p. 723-725.

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos direitos das mulheres. São Paulo: Boitempo, 2016.

- [1] Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharel em Jorna Iismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Professora no Unasp. E-mail: thamiresrmattos@gmail.com
- [2] Disponível em: . Acesso em: 02 out. 2017.
- [3] Informações disponíveis em: e . Acesso em: 02 out. 2017.
- [4] Disponível em: . Acesso em: 02 out. 2017.

ARTIGO: Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em The Handmaid's Tale

- [5] Disponível em: . Acesso em: 27 nov. 2018.
- [6] "[...] could really happen". Disponível em: . Acesso em: 27 nov. 2018.
- [7] O nome do país é uma referência bíblica direta. Conforme Swaim (1976), Gileade é o nome de um dos pedaços de terra israelita mencionado no livro de II Reis; de um grupo populacional paralelo às tribos de Rúben e Dā e equivalente à Gade no livro de Juízes; e de uma cidade, também no livro de Juízes. A terra em Gileade (região ou cidade) era considerada fértil, e conhecida pela produção de frutas e de um bálsamo mencionado no livro de Jeremias. Uma das cidades da região de Gileade Ramote é citada como uma cidade de refúgio. As cidades de refúgio eram designadas para a proteção de israelitas e imigrantes que matassem alguém por engano até seu julgamento.
- [8] Disponível em: . Acesso em: 17 mai. 2020.
- [9] Disponível em: . Acesso em: 25 mai. 2020.
- [10] "As long as these two groups or any group defines liberation as gaining social equality with ruling class white men, they have a vested interest in the continued exploitation and oppression of others".
- [11] "[...] her husband's lifelong servant".
- [12] "By learning one another's cultural codes and respecting our differences, we felt a sense of community, of Sisterhood. Respecting diversity does not mean uniformity or sameness".
- [13] "pleasure and power of knowledge"

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

RESUMO: O cerco a Canudos e o sucessivo massacre de aproximadamente 20 mil pessoas que dissolveu a segunda maior concentração urbana da Bahia no final do século XIX segue figurando como uma imagem potente para pensar o momento atual dos conflitos por terra no Brasil. O fluxo entre passado e presente que constitui essas imagens, em especial o modo como são repetidas e proliferadas, retroalimentando a articulação entre as formas de ocorrência de um evento e as formas de narrá-lo, são o ponto de partida deste texto. Diante de um encontro com bodes descendentes conselheiristas, procuro perseguir diferentes figurações deste animal e, em paralelo, busco atentar para como determinadas abstrações, tais como progresso, civilização, natureza, humano e trabalho vão limitando, ao estilo do cercamento concreto a Canudos, as formas de narrar o evento. Com isso, busco responder algumas perguntas: Que histórias sobre Canudos podem contar a presença dos bodes conselheiristas? Sobre o que fala o silêncio histórico dos bodes? De que maneira contar uma estória com bode dentro pode fazer ressoar formas alternas de reabilitar Canudos?

PALAVRAS-CHAVE: Canudos. História. Paisagem.

From the scapegoat to the conselheirista goat: notes on life and war in Canudos

ABSTRACT: The siege of Canudos and the successive massacre of approximately 20 thousand people that dissolved the second largest urban concentration in Bahia at the end of the 19th century continues to appear as a powerful image for thinking about current conflicts over land in Brazil. The flow between past and present that constitutes these images, in particular the way in which they are repeated and proliferated, feeding back the articulation between the forms of occurrence of an event and the ways of narrating it, are the starting point of this text. I try to pursue different figurations of the goat, after meeting one presented as a descendent of the Conselheirista movement. In parallel, I pay attention to how certain abstractions, such as progress, civilization, nature, human and work, enclosure the forms to narrate the event. With this, I seek to answer some questions: What stories about Canudos can the presence of conselheiristas goats tell? What does 1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp) e professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). E-mail: mariana.tum@gmail.com the historical goats' silence talk about? How can a story with a goat inside resonate alternate ways of rehabilitating Canudos?

KEYWORDS: Canudos. History. Landscape.

Mariana Cruz de Almeida Lima1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Preâmbulo

Chegar em Canudos à noite foi o prenúncio de um bom jeito de encarar a história. Ventava muito e o guarda do parque estava na espreita da chuva - já havia trovejado na vizinhança. No escuro, mesmo atenta, era pouco o que se podia distinguir: o som das folhas dos umbuzeiros, vultos se fazendo visíveis pelo contraste com outros vultos, lampejos de luz. Como era possível estar animada pisando o cenário desta guerra? O que esperava encontrar ali? O que o passado poderia ter a oferecer de novo?

Amanheceu. Sentada no alpendre da guarita, comi uma banana que o sentinela do turno havia trazido para os passarinhos. Ele vivia em um sítio do 'projeto de desenvolvimento do sertão' que canalizou o rio Vaza-Barris e financiou a produção de lavouras irrigadas de bananas. Sua família havia sido removida da primeira Canudos Nova, erguida sobre os escombros da guerra por seus sobreviventes, ainda no início do século vinte. A obra do açude Cocorobó foi finalizada pelo governo militar em 1969 e alagou o fundo do vale em que esta Canudos se fez Velha, por entre as ruínas expostas do antigo arraial conselheirista. No sertão, os anos de chumbo chegaram com as tropas republicanas e seus canhões-soldados pela ferrovia da História antes mesmo do século vinte começar. Ao Estado Novo coube gestar uma era de barragens e a ditadura fez o parto: dali em diante, a guerra seria contra a seca.

Recusamos o convite para iniciar a visita pela homenagem aos historiadores. Paulo, nosso guia, nos assegurou que não seria uma perda tão terrível. Começamos, então, pela casa de seu avô, a única que se manteve de pé desde que aqueles morros se tornaram o Parque Estadual de Canudos. O tintilar dos sinos dos bodes parceiros de seu avô fazem ecoar reminiscências de vida entre os signos de massacre a que fomos apresentadas no decorrer do dia. "É descendente conselheirista também!", exclamou Paulo.

Ossos vazando do chão, monumentos mandacarus e enunciações da valentia dos sertanejos: tateamos os vestígios de uma história contada pelos vencidos. Olhar o Vale da Degola, hoje uma ilha de história cercada pelo açude por todos os lados, faz o estômago turvar. Atrás de nós estava a cruz plantada no alto do morro pela bisavó de Paulo, também sobrevivente, em memória dos que morreram. "Perto de muita água, tudo é feliz"?

Estava em Canudos e Canudos parecia viva. De cócoras catando conchinhas dava para sentir o vai e vem das ondas que o barco com um casal de turistas fazia em direção à torre da igreja da Canudos submersa. 100 anos depois da guerra, a seca fez o nível da água baixar de tal forma que um pedaço dela se fez visível. Aqui os mortos cessariam de morrer?

A ventania cresceu tanto que alguém precisou segurar a porta do pequeno museu fincado no centro de Canudos Velha. Esta, uma segunda e outra Canudos Velha, foi formada por quem se recusou a ir para o reassentamento das bananas quando alagaram a Canudos Velha anterior. A menina tinha sido chamada na casa de um parente para nos abrir as portas daquele pequeno relicário. Balas, retratos, utensílios domésticos, peças da cavalaria da República, garruchas de conselheiristas, estatuetas recolhidas e mantidas por não sei ao certo quantas pessoas. Uma delas nos olhava olhando o passado encostada à porta para que não batesse. Logo a chuva viria.

- Paulo, esse museu lembra o de um filme recente, o Bacurau.
- Mostraram esse filme aqui. Umas senhoras não gostaram muito. Parece muito, né? Eu acho que aqui parece Bacurau.

As trovoadas e o desaparecimento do sol apressaram o nosso passo. É janeiro. Voltamos para a guarita do parque para nos despedir; chegamos junto com a chuva. O ano é 2020. O céu desabava e em algumas horas deveríamos chegar a Juazeiro. Não sabemos o que guarda a estrada. Faríamos a contrapelo o caminho da última viagem de Antônio Conselheiro, quando ele e outros moradores de Canudos, a primeira, foram em procissão buscar a madeira que haviam comprado para construir uma igreja nova. Desagradaram o iuiz. O comissário solicitou o envio de um batalhão da polícia militar ao arraial, deflagrando a guerra. Foram quatro expedições. E Canudos não se rendeu. Antônio Conselheiro morreu. E Canudos não se rendeu. Cortaram as cabecas. E Canudos não se rendeu. O sertão virou açude. Canudos existe. Quando poderemos chamar a tempestade por outro nome que não progresso?

O silêncio e os bodes

O cerco a Canudos e o sucessivo massacre de aproximadamente 20 mil pessoas que dissolveu a segunda maior concentração urbana da Bahia no

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

final do século XIX segue figurando como uma imagem potente para pensar o momento atual dos conflitos por terra no Brasil. O fluxo entre passado e presente que constitui essa imagem, em especial o modo como são repetidas e proliferadas, retroalimentando a articulação entre as formas de ocorrência de um evento e as formas de narrá-lo, são o ponto de partida deste texto. Para o caso de Canudos, parece ser impossível começar por outro lugar que não a querra. Justamente por isso, refletir sobre esta interdição é um dos objetivos deste texto, algo que se faz possível diante de um encontro improvável com bodes descritos como descendentes conselheiristas: diante, sobretudo, da força telúrica que o lugar exercer sobre nós (SILVA, 1997, p.27). A presença e a agência histórica destes animais na experiência de Canudos (Bahia, 1893-1897) se fez visível para mim durante uma visita guiada ao Parque Estadual de Canudos cujos detalhes serão narrados mais a frente, ainda que alguns de seus aspectos já tenham sido desenhados na primeira parte deste preâmbulo. Por ora, basta ressaltar que a produção de couro foi uma das atividades mais intensivas do Arraial Conselheirista, tendo sido exportado para a Europa e EUA com frequência e intensidade durante os quatro anos de existência da comunidade. Pouco mais de um século depois da destruição de Canudos pelo exército republicano, bodes conselheiristas seguem vivos e habitando a região. A persistência destes animais, argumento ao longo das próximas páginas, potencializa o exercício de formular questões a respeito da vida do arraial de Belo Monte, algo que configura um outro legado de Canudos, cuja herança também tem sido reivindicada atualmente por um conjunto expressivo de movimentos sociais e comunidades

Nos sertões dos tempos de Conselheiro, em meio aos efeitos de uma longa seca e das extensas cercas dos latifúndios, as criações de cabras eram signo de desprestígio, chamadas miúncias (GONÇALVES JÚNIOR, 2011). De modo análogo, eram assim considerados trabalhadores das fazendas, posseiros, indígenas e negros recém alforriados. O encontro entre eles é o que pode ter tornado o arraial habitável, um lugar de refúgio para muitos. A aliança entre povos - e destes com entes não-humanos (FERREIRA, 2021) - são o fundamento de muitas das formas correntes de enfrentar a articulação entre o avanço do capitalismo sobre as terras e o agravamento da crise climática. Que histórias sobre Canudos podem contar a presença dos bodes conselheiristas? Sobre o que fala o silêncio

em luta por terra e território.

histórico sobre eles? De que maneira contar uma estória com bode dentro pode fazer ressoar formas alternas de reabilitar Canudos? Estas são algumas das questões que animaram a escrita deste texto[1].

Inspirada pela análise de Trouillot (2016) a respeito dos modos de silenciar o passado no contexto da Revolução Haitiana e pelas questões formuladas por Tsing (2005; 2015; 2019) sobre os encontros entre espécies e a emergência de modos de vida nas fronteiras e ruínas do capitalismo, persigo diferentes figurações dos bodes em sua relação com o arraial de Belo Monte. Em paralelo, busco atentar para como determinadas abstrações, tais como progresso, civilização, natureza, humano e trabalho vão limitando, ao estilo do cercamento concreto a Canudos, as formas de narrá-lo como evento e, consequentemente, os modos de reabilitar seus legados.

Primeiro, reflito sobre a articulação entre passado e presente a partir da alegoria da Guerra de Canudos como o bode expiatório da nação. Em seguida, ainda no âmbito da guerra, analiso uma tática de defesa do arraial e especulo sobre a possibilidade de considerar os bodes como agentes secretos da história. A partir disso, busco reunir algumas informações sobre as relações entre bodes e pessoas para pensar o arraial conselheirista enquanto um modo específico de refazer paisagem, descrevendo as associações e materialidades que tal paisagem faz emergir e de que é fruto. Por fim, afirmo que, porquanto Canudos siga operando como um referente, isto é, um lugar de onde retomar práticas de sentido inviabilizadas - e invisibilizadas - pela e na História, narrar histórias sobre seus bodes pode ser um modo de refletir sobre formas alternativas de criar nexos entre passado e presente.

Bode expiatório

Em agosto de 2020, em plena pandemia, pudemos acompanhar pelas redes sociais o despejo de parte do acampamento Quilombo Campo Grande[2]. Simultaneamente aos acontecimentos, vídeos circulavam, mostrando a ação policial expedida por um juiz local e autorizada pelo governador de Minas Gerais: derrubaram a escola, atearam fogo em lavouras, jogaram bombas de efeito moral sobre as pessoas que ali se encontravam.

Depois de cinquenta e duas horas de ataque direto da força policial, as famílias expulsas da área receberam abrigo na parcela do acampamento que

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

não havia sido desapropriada. Durante o despejo, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem-Terra (MST)[3] chamou atenção para como a polícia transformou a terra em *um cenário de guerra*. Após a concretização da ação, um representante do movimento elencou os modos com que resistiram e afirmou que não se *renderiam*[4]. O evento ocorrido recentemente em Minas Gerais, bem como as formas de narrálos, evocam e fazem ecoar duas imagens bastante difundidas sobre a Guerra de Canudos.

A vila foi formada em 1893 nas terras de uma fazenda abandonada chamada Santo Antônio de Canudos. Ela foi então rebatizada de Arraial do Belo Monte por Antônio Conselheiro, profeta secular que havia peregrinado pelos sertões entre o Ceará e a Bahia por 30 anos (MACEDO e MAESTRI, 2011). A quarta e última expedição militar, empreendida entre junho e outubro de 1897, enviou para o sertão baiano artilharia pesada e cerca de 10 mil soldados, contabilizando metade do contingente do exército nacional à época. Depois de três derrotas consecutivas, a estratégia seria cercar completamente o arraial, impedir a circulação de pessoas e alimentos e aniquilar Canudos. Esta foi a cartada final da nascente República contra a comunidade que, desde o primeiro combate em março do ano anterior, passou a figurar na capital da nação como a ameaça mais concreta e temerosa ao novo poder instituído (CUNHA, 2016[1901]).

Cerca de 15 dias antes do fim do conflito, Euclides da Cunha somou-se ao exército republicano, na condição de correspondente de guerra. A partir do que testemunhou e de seus estudos posteriores, o engenheiro formado pela Escola Superior de Guerra redigiu Os Sertões (1901), um marco da literatura nacional (Galvão, 2016). Na última parte do livro, denominada 'A luta', ele narra em detalhes os eventos que levaram à cabo a extinção da *revolta*, dentre eles destacam-se o ateamento de fogo às casas e lavouras, os bombardeios diretos e decapitação dos *jagunços*:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homensfeitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados (CUNHA, 2016 [1901], p.549).

Em poucas e diminutas frases, a imagem construída evoca a altivez da não rendição frente à sobrepujante desigualdade de forças em confronto. O fluxo entre passado e presente que constitui tanto as práticas de destruição quanto a insistência da resistência, em especial o modo como são repetidas e proliferadas, parecem retroalimentar a articulação entre as formas de ocorrência de um evento e as formas de narrá-lo (TROUILLOT, 2016). De que maneira o contraste entre extermínio e insubordinação produz silêncios a respeito da forma como grupos subalternos participam da história?

'Martírio e redenção'. Este é o título de uma carta[5] escrita em 2001, sem destinatário declarado, por Antônio Cândido em que ele se pergunta que leitura de Os Sertões é possível fazer cem anos depois dos eventos narrados por Euclides da Cunha. Segundo Candido, aquele escritor considera que o martírio do homem nasce diretamente de uma espécie de tortura mais ampla, o martírio secular da terra, a qual seria, por sua vez, a base da economia geral da Vida. Portanto, se a terra é sofrida - como afirma Euclides da Cunha na primeira parte de seu livro os homens, responsáveis e determinados pela economia da Vida ali produzida, também o seriam. Como o que interessa a Candido nessa leitura é pensar o legado de Canudos em seus dias atuais, ele compara o contexto social, econômico e político dos sertões brasileiros nestes dois momentos. Assim, ele demonstra a continuidade da concentração de terras sob domínio de um pequeno grupo de proprietários e inverte os termos da equação proposta por Cunha: o martírio da terra seria efeito do martírio dos homens. Candido tensiona os pressupostos da noção de martírio da terra, evidenciando que, para além de condições climáticas, naturais, a terra padeceria como o resultado da "devastação predatória e da subordinação da posse ao lucro" (CANDIDO, 2019, p.16) - ambos os processos desencadeados socialmente e não por forças da natureza. A questão central para ele, portanto, é agrária e não ambiental.

Atento às pautas e elaborações políticas dos movimentos sociais de luta pela terra de seu próprio presente, ele mobiliza a guerra para lembrar que a promessa republicana de redimir a nação contra os vetores de atraso que ameaçavam seu desenvolvimento estava assentada em inferências equivocadas. O inimigo não era Canudos, mas o *latifúndio*. Por isso,

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

[...] o MST é iniciativa de redenção e promessa de uma era nova, na qual o homem do campo possa desempenhar com plenitude e eficiência o grande papel que lhe cabe na vida social e econômica, porque as lides da lavoura são componente essencial de toda economia saudável em nosso país. Por se ter empenhado nessa grande luta com desprendimento, bravura e êxito, (...) no MST palpita o coração do Brasil (CANDIDO, 2019, p.16).

Para Euclides da Cunha, o martírio dos homens é consequência do martírio da terra porquanto haja uma inversão da hierarquia pressuposta pela civilização e defendida como princípio da República positivista, qual seja, a de que os homens devem dominar as forças naturais e não o contrário. Em Canudos, porém, os homens seriam mudos - meros objetos da agência da natureza. A leitura de Candido, por sua parte, reabilita a posição de sujeito histórico aos homens de Canudos. Ao traçar uma espécie de genealogia que conecta aquele massacre ao seu presente, ele demonstra que a tensão entre martírio e redenção seque operando.

No entanto, esta forma de conectar passado e presente reifica a Guerra de Canudos como uma alegoria do massacre daqueles que foram e são assolados pelos projetos de modernização do país, constituindo uma forma de reabilitar o evento histórico que Walnice Noqueira Galvão chama de bode expiatório da nação (2009, p.53). Esta expressão remete a um conjunto de rituais religiosos estudados por Mauss e Hubert. Em 'Sobre o sacrifício' (2005), eles traçam a genealogia, a natureza e a função social do sacrifício ritual para demonstrar que o bode expiatório, ao substituir o sacrifício humano, cumpre as mesmas condições, quais sejam: que a relação entre sacrificiante e sacrificado seja mediada por um fora, diante do qual quem sacrifica entrega o sacrificiado: este fora, no entanto, deve estar perto o suficiente para que o sacrificiante possa receber a força de que necessita para realizar o rito, bem como se beneficiar de seus resultados. O sacrificado, nesse contexto, tem o papel de intermediar a relação entre o sagrado e o profano e deve se distinguir de ambos ao mesmo tempo. Para que Canudos seja o bode expiatório da nação, é a nação quem opera o duplo "caráter de penetração íntima e separação, de imanência e transcendência" (2005, p.108), em sua relação com os sacrificiantes. Canudos, para ser dada em sacrifício, deve ser separada tanto da nação quanto de quem a põe em sacrifício. É o que

parece acontecer quando o MST "se dá em sacrifício ao país", na sugestão de Candido (2019, p.16).

A lógica do sacrifício em que ganha sentido a figura do bode expiatório, seja em relação ao evento do massacre de Canudos ou a seus correlatos contemporâneos, evoca uma forma de participação de grupos subalternos[6] na História, ao mesmo tempo em que reifica os pressupostos do processo que condiciona a sua própria subalternidade: a redenção de que fala Candido é da nação; ao homem do campo caberia ser meio para que o país alcance a *nova era*. Dito de outro modo, embora crítico aos pressupostos de Euclides da Cunha a respeito da articulação entre martírio da terra e martírio do homem, reabilitando o legado de Canudos para justificar a necessidade ainda premente de realizar a reforma agrária, ambas as perspectivas se assentam em uma divisão sólida entre sociedade (homem) e natureza (terra), de modo que a distância entre um e outro é o que institui a entrada na civilização e a saída da barbárie. Se a forma de articular esse grande divisor é um dos elementos que permitem à própria nação continuar operando os legados de Canudos para separá-los de si mesmos e pedir-lhes em sacrifício, talvez seja interessante especular sobre o modo como esta cisão pode ter sido operada por conselheiristas.

Interlúdio: agentes secretos da História

São escassas as menções feitas a cabras e bodes no livro de Euclides da Cunha. O silêncio em relação aos animais, no entanto, é inversamente proporcional à imensa proliferação de descrições e análises a respeito do homem sertanejo - algo que constitui uma espécie de obsessão no texto euclidiano. Uma forma de abordar esse contraste seria interpretando-o, em si mesmo, como um atestado de desconhecimento do autor sobre os modos conselheiristas de entrelacar a vida de humanos e caprinos, algo que seria lastreado, inclusive, pela própria categoria homem sertanejo circunscrever um "suieito histórico indiferenciado" (VELDEN, 2003, p.68). Outra forma, porém, poderia ser a de imaginar que estes animais tenham se constituído, de fato e de direito, como agentes secretos da história[7], tão secretos que seus disfarces não foram desfeitos pela mais positivista das ciências positivistas. Aqui, quero defender que ambas as formas de abordar o contraste são verdadeiras e estão articuladas entre si. Para apresentar meus argumentos, vou precisar de um pouco de

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

paciência para expor longos, ainda que interessantes, trechos do *livro vingador* de Euclides da Cunha[8].

A intensa resistência do arraial conselheirista frente ao poder de fogo do exército brasileiro foi um dos aspectos da Guerra de Canudos que ajudou a forjar o caráter extraordinário do evento, tal como narrado por Euclides da Cunha. A captura e a morte do General Corta-Cabeças, que deu fim à terceira expedição militar ao arraial, causou espanto na capital: o que poderia explicar, questiona Cunha, "o inconceptível do acontecimento e induzir uma razão de ser qualquer para aquele esmagamento de uma força numerosa, bem aparelhada e tendo chefe de tal quilate?" (2016[1901], p.329).

A noção de inimigo da nação atribuída aos conselheiristas tinha como substrato uma série de atributos que os apresentavam como o espelho invertido do cidadão republicano: o sertanejo, sendo antes de tudo um forte, não era - ainda assim, ou exatamente por isso - um indivíduo racional, ordeiro, próspero e consciente, capaz de planejar e executar uma estratégia de defesa bem sucedida. Ao contrário, segundo a leitura de Antonio Candido sobre a sociologia que emerge de Os Sertões, Euclides da Cunha argumentava que a inferioridade racial e cultural - determinada pela miscigenação racial e pelas condições ambientais de seu meio - faziam-nos humanos claudicantes. cujo comportamento coletivo oscilava entre "a humildade mística e o assomo sanguinário" (CANDIDO, 2012[1999], p.32).

Neste ponto, a matriz teórica que subsidia a análise de Euclides da Cunha, mesmo que sirva para que o autor posteriormente questione a legitimidade da ação brutal do exército, talvez coincida com a percepção que o exército republicano tinha a respeito de seu inimigo. Além de armas, provisões e metade dos combatentes do país, o exército republicano levou à quarta e última expedição também uma certa concepção de humanidade que balizou as formas de leitura das táticas de guerra de seus inimigos. Uma das poucas menções sobre as cabras em *Os Sertões* ocorre na descrição sobre os primeiros momentos dessa última expedição:

Não se podem individuar os episódios parciais desta fase obscura e terrível da campanha. O soldado faminto, cevada a cartucheira de balas, perdia-se nas chapadas, premunindo-se de resguardos

no bravio das moiteiras... Rompia a galhada inflexa, entressachada de gravatás mordentes. E — olhos e ouvidos armados aos mínimos contornos e aos mínimos rumores — atravessava longas horas na perquisição exaustiva... Às vezes era um esforço vão. Volvia à noite para o acampamento, desinfluído e com as mãos vazias. Outros, mais infelizes, não apareciam mais, perdidos por aqueles ermos; ou mortos nalguma luta feroz, para todo o sempre ignorada. Porque os iaguncos por fim opunham tocaias imprevistas aos caçadores bisonhos que sem lhes pleitearem parelhas na ardileza, não lhas evitavam. Assim é que, não raro, depois de muitas horas de esforço inútil, o valente faminto dava tento, afinal, de um ressoar de sincerros, pressagos da caça apetecida, porque é costume trazerem-nos as cabras, no sertão; e reanimava-se esperançado. Recobrava-se um momento das fadigas. Refinando no avançar cauteloso, por não espantar a presa fugidia, retraía-se das trilhas descobertas para o âmago das macegas. Seguia serpejando, deslizando devagar, quiado pelas notas da campainha, a pontilharem, nítidas e claras, o silêncio das chapadas. Adiantava-se até as ouvir perto... e era feliz, em que pese à dolorosa contrariedade, se as ouvia novamente ao longe, indistintas, inatingíveis, ao través do embaralhado dos desvios. Porque não imaginava, em certas ocasiões, os riscos que corria: a um lado, nos recessos da caatinga, em vez do animal arisco negaceava, sinistro e traicoeiro, procurando-o por sua vez, o jagunço. Acaroado com o chão, rente da barba a fecharia da espingarda e avançando de rastros, quedo e quedo entre as macegas, e fazendo a cada movimento tanger o sincerro que apresilhara ao próprio pescoço, via-se, ao invés da cabra, o cabreiro feroz. A caca cacava o cacador. Este, inexperto, caía, geralmente abatido por um tiro seguro, a não ser que atirasse primeiro sobre o vulto lobrigado ao último momento (CUNHA, 2016, p. 392-3).

como se fosse à caça de leões. Atufava-se

A caça caçava o caçador. Sendo a guerra a gramática vigente para a codificação de relações e sentidos com e sobre os conselheiristas, o que uma leitura sobre as táticas de guerrilha podem ensinar

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

sobre como os conselheiristas jogaram com a imagem que o exército fez deles? Um aspecto que chama atenção nesse trecho é o elemento surpresa que se desdobra em distintos âmbitos. Em primeiro lugar, o momento do ataque ocorre no fim do dia e é, portanto, externo e posterior ao fenômeno da batalha, em termos militares. Em segundo lugar, é um ataque que ocorre nas intermediações do acampamento do exército e, portanto, também fora do palco da guerra, cujo centro era o próprio arraial. Assim, para que os soldados se pensem caçadores, é preciso que eles estejam fora, ainda que parcialmente, do conjunto de relações que o pensam como soldados.

No entanto, a caça e a guerra estão, frequentemente, entrelacadas. O embricamento de ambas pode ter vários contornos, mas aqui interessa o modo como ele desponta, por exemplo, em Bacurau, que figura no preâmbulo a este texto. Nesse filme, uma dupla de motogueiros do sudeste brasileiro viaja a Bacurau para se juntar a um grupo de gringos que parecem reunir-se em torno da caça de pessoas. O vínculo entre guerra e caça, nesse contexto, tem como pressuposto a desumanização do inimigo, que se desdobra, muitas vezes, em sua animalização. Nas terras de 'cabra marcado para morrer' (COUTINHO, 1984), o vetor da metamorfose, além de ser mais frequentemente operado por quem tem as armas mais potentes, viaja do humano ao animal, mas não ao contrário[9].

Os deslocamentos de tempo e espaço mencionados acima não criam uma dimensão da realidade que esteja isenta da guerra ou dos termos concretamente postos por ela - algo, inclusive, que não está sob controle de conselheiristas. Talvez exatamente por isso, o gesto dos soldados de seguir o barulho dos sinos das cabras com o objetivo de garantir a janta é algo que se faz coerente, inteligível, factível e, principalmente, seguro: as cabras habitam, em quantidade, os arredores do arraial; local inabitável, por sua vez, até mesmo para aqueles humanos claudicantes. E é aí que reside a possibilidade de armar uma armadilha, este apetrecho que depende inequivocamente do conhecimento refinado a respeito daquele que deve ser pego e das práticas de sentido que traz consigo. É isto que, subitamente, inverte as posições dos termos postos em relação, sem necessariamente modificar a estrutura da relação em si: a caça caçava o caçador.

A capacidade de se metamorfosear em caça para

caçar depende, a um só tempo, de um arranjo criativo e íntimo entre cabras e certos humanos e também da aposta de que este disfarce, para o inimigo, seria impensável. Fazer-se passar por cabra como uma tática de guerra pressupõe conhecer profundamente suas formas de vida e seus hábitos - o ritmo de sua movimentação, o balanço dos sinos, os lugares por onde anda, para, com isso, ser capaz de performar sua furtividade. Este conhecimento depende da sincronicidade daqueles que sabem se encontrar (e comer uns aos outros) de maneira apropriada (HARAWAY, 2016, p.73), encontro que depende de uma espécie de delicadeza que não compõe a frequência que salta da humildade mística para o assomo sanguinário.

Em outro âmbito ainda, algo do elemento surpresa operado nesta ação está presente em outras táticas de defesa amplamente utilizadas na guerra de Canudos. As trincheiras conselheiristas a que fomos apresentadas em nossa visita ao Parque Estadual de Canudos constituem um bom exemplo. Assim as descreve Euclides da Cunha:

Porque a cidade selvagem, desde o princípio, tinha em torno, acompanhando-a no crescimento rápido, um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores, enfiando todas as veredas, planos de fogo volvidos, rasantes com o chão, para todos os rumos. Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam a distância. Vindo do levante, o viajor que as abeirasse, ao divisar, esparsas sobre os cerros, as choupanas exíguas à maneira de guaritas, acreditaria topar uma rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos. Atingia, de repente, a casaria compacta, surpreso, como se caísse numa tocaia (CUNHA, 2016, p.177).

Sua efetividade, mais uma vez, dependia da furtividade, ou seja, da possibilidade de se fazer ininteligível, de promover a esquiva, de ser confundida com outros signos, estes últimos relativos a algum aspecto da *natureza*. Neste sentido, me parece possível especular que tornarse invisível fazendo-se passar por um certo outro para o inimigo depende também da aposta sobre o olhar do outro sobre si. Uma das dimensões do sucesso das táticas de defesa do arraial maneja e promove, em síntese, uma indistinguibilidade temporária entre combatentes e seres outros que humanos que compõem a paisagem: cabras, trechos de mata e a própria terra.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

A proximidade perigosa entre homem e natureza é justamente um dos fundamentos que forja, para Euclides da Cunha, a inferioridade cultural dos habitantes dos sertões; é esta última, inclusive, que constitui a perspectiva narrativa do autor. É também ela que justifica o combate ao arraial, permitindo a deflagração da guerra. Essa proximidade é, pois, um dos espelhos em que se projeta a imagem invertida da República e seu projeto modernizador. Como visto até aqui, a terra, a vegetação e os bodes não podem ser lidos como simples locação do combate, pois são constantemente - de um lado e de outro mobilizados em sua agentividade. Desde todos os ângulos, estes aspectos são, no mínimo, objeto de disputa centrais para a deflagração, mas também para a continuidade, em profundidade e abrangência, da guerra.

A intercambialidade provisória entre bodes e pessoas, parece-me, pode apontar para uma relação entre uns e outros que não passa, necessariamente, por uma hierarquia essencializada de humanos sobre animais, de modo a indicar que tanto um quanto outro podem hoje ser considerados descendentes conselheiristas. Isto é fundamental para compreender a centralidade dos bodes na vida do arraial, chamado de Belo Monte por seus habitantes, e é algo que remete ao que pode ter se passado anteriormente à guerra, ao mesmo tempo em que compõe as formas de reabilitar Canudos atualmente. Quando essas associações são investigadas deixando de lado o binômio de progresso histórico/progresso humano que justifica a guerra, novas perguntas emergem. Pensar com bodes, neste contexto, me parece profícuo porque perseguir seus rastros na historiografia pode fazer emergir alguns pontos cegos, dentre eles a interdição de vê-los enquanto agentes secretos da História, e como farei a seguir, ao pensá-los como parceiros na fabricação de paisagens de liberdade e abundância.

Bodes conselheiristas

Bodes e cabras já habitavam as intermediações da fazenda abandonada onde o *arraial de Belo Monte* seria formado por Antônio Conselheiro e um grupo de aproximadamente 250 pessoas, em meados de 1893 (MACEDO e MAESTRI, 2011, p.64). Quando ali chegaram, fora a presença daqueles animais, tudo mais enunciava decadência. Segundo as pesquisas do historiador Atibaia Nogueira,

A principal nota, a que mais impressiona,

do futuro Belo Monte, é o desamparo completo em que jaz no momento da chegada de Antônio Conselheiro à fazenda de Canudos. Nenhum habitante. A casa grande da sede e a capelinha, em ruínas. Três casinhas, caindo aos pedaços. Nenhuma plantação, nenhum cultivo (NOGUEIRA, 1978, p.198).

As causas do *desamparo*, ainda de acordo com este mesmo autor, talvez nunca sejam conhecidas. Já a escolha daquele lugar para a construção da comunidade não foi arbitrária. Durante as duas décadas anteriores. Conselheiro havia andado o sertão extensivamente, tendo construído um amplo conhecimento das características e relações ecológicas de toda aquela região. A qualidade do solo, a largura do rio Vaza-Barris, a presença de água que aflorava com facilidade dos lençóis freáticos, a disponibilidade de salitre e de certas espécies arbóreas e arbustivas na vegetação densa teciam um horizonte em que a potência de abundância era flagrante, tanto para Bom Jesus, o Conselheiro, quanto para o diverso e impressionante contingente de pessoas que passaram a habitar a comunidade, transformando a fazenda abandonada no Belo Monte.

Tal possibilidade parece ter emergido aos olhos da nascente República e da historiografia muito mais lenta e timidamente. O sertão - e sua gente - teria, da perspectiva colonial (MEDEIROS, 2014) o atraso como efeito de uma marca constitutiva, natural: a pobreza. Se, como questionado mais acima, a imposição de categorias universais, tais como o progresso, o atraso, a natureza, interdita a inteligibilidade de certos eventos, o mesmo valeria para impedir a ocorrência mesma do fenômeno? Tendo como foco de atenção e análise a configuração de modos de vida nas assim chamadas fronteiras e ruínas do capitalismo, Tsing (2005; 2015) demonstra como a precariedade não é uma exceção, senão uma condição generalizada da vida. Por isso, ela sugere, compreendê-la enquanto "[...] a condição de ser vulnerável a outrem" (p. 20) pode evitar que nossas narrativas, inclusive as investigações históricas, estejam subsumidas pela noção de *progresso* ou por suas categorias de base, como o avanço e o desenvolvimento. Esta autora então lança mão de um modo de investigação sensível às múltiplas temporalidades e configurações das relações entre entes humanos e não-humanos que constroem e reconstroem paisagens, sem perder de vista a análise sobre como esses processos articulam escalas e relações de poder também variados.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Insistir nos vínculos entre espécies, especialmente no que eles promovem e do que eles dependem, é a aposta que faço aqui. Assim, abordar os nexos entre decadência e abundância desde a perspectiva da relação entre bodes e humanos pode contribuir para tornar inteligível alguns aspectos das formas correntes de reabilitar Canudos. Antes, preciso contar como a visita ao Parque Histórico de Canudos tornou a presença dos bodes audível.

O Parque Estadual de Canudos foi instituído via decreto em 30 de junho de 1986 e compreende hoie cerca de 1700 hectares, tendo como finalidade a preservação e a pesquisa em âmbito histórico, arqueológico e ambiental[10]. Na parcela aberta ao público estão alguns dos sítios históricos que constituem o espectro de possibilidades de avançar investigações arqueológicas e de cultura material a respeito da guerra, tendo em vista que os lugares de vida conselheirista estão submersos nas águas do Cocorobó e que as pessoas que testemunharam a guerra - e sobreviveram - já não estão vivas. Como em muitos dos parques de preservação ecológica e/ou histórica no Brasil, sua institucionalização implicou na retirada de pessoas que ali viviam. Entre elas, estava o avô de Paulo, o quia que nos acompanhou na visita[11]. Ao contrário do mais comum em situações de sobreposição entre territórios tradicionalmente ocupados e parques de preservação ambiental, ali houve um acordo e seu avô pode permanecer - sua casa é a única naquela extensão do parque. Foi por lá que iniciamos nossa visita quiada.

A casa, feita de paredes de adobe caiadas, guarda em sua antessala uma espécie de museu, com fotos pendendo do teto e nas paredes, além de alguns objetos expostos. Assim que chegamos, nosso quia sumiu por um minuto para dentro da casa e voltou com um gibão conselheirista, a garrucha utilizada por seu bisavô durante a guerra e uma bolsa de couro prenhe de pequenos objetos que espalhou por cima de uma mesa. Além de nós, outros dois visitantes faziam parte do grupo. Eles visitavam parentes em uma pequena cidade nos arredores de Canudos e foram de moto conhecer o parque que contava a guerra de que eram estudiosos amadores. Enquanto Paulo guardava os objetos dentro da bolsa, um dos visitantes perguntou ao guia se era verdade mesmo que o couro do bode do arraial de Belo Monte tinha alto valor comercial antes da guerra. Paulo confirmou o dado e, apontando para um grupo de animais do lado de fora, completou: "aqui os bodes

conselheiristas, ó. São descendentes mesmo!". Ele ainda acrescentou que o couro era comercializado internacionalmente e seu alto valor relacionava-se a algo que faltava em Belo Monte: cercas. Em liberdade, os bodes não tinham a pele arranhada, o que, ao ser transmutado em couro, alcancava grandes precos. Diferente dos objetos apresentados dentro da casa, os animais foram anunciados a partir de um atributo que, até então, era exclusivamente utilizado em relação a pessoas: descendente de conselheirista. Atentar para a presença deles enquanto uma reminiscência especial dos tempos passados me permitiu seguir algumas pistas dos modos de vida que foram promovidos no arraial conselheirista antes da guerra.

Dentre as ações realizadas pelos conselheiristas na chegada ao que se tornaria o arraial, tratar das cabras e bodes pode ter sido um dos primeiros: "Sem perda de tempo, os novos habitantes da nova Belo Monte vão organizando cercado para reunir cabra selvagem" (NOGUEIRA, 1978, p. 199). Rapidamente, continua o autor, há carne, leite, provisões nos paióis e rocas plantadas. A fartura resultante desse encontro entre pessoas, animais e plantas atraiu gente dos mais distantes rincões do sertão, de modo que Canudos tornou-se, "em pouco mais de quatro anos, um dos maiores aglomerados humanos do Estado (cerca de 24 mil habitantes) numa das mais agreste e estéreis regiões dos sertões do nordeste do Estado da Bahia" (MARTINS, 1999, p.28).

A história, as habilidades, preferências e modos de vida dos caprinos podem constituir um ponto de partida interessante para entender a formação do arraial. A cabra (Capra aegagrus hircus) talvez tenha sido o primeiro animal ruminante a ser domesticado, entre 10.000 e 8.000 anos atrás (BOYAZOGLU, 2005). A chegada delas ao continente americano se deu no contexto da colonização europeia, o que não implica que seus ancestrais diretos tenham vindo do velho mundo. Judith Carsey (2009) faz um amplo estudo sobre a diáspora africana de plantas e animais de criação. demonstrando que o fluxo de pessoas escravizadas pressupôs, de uma parte, um intenso controle sobre os modos de vida e variedades de plantas e animais domesticados no continente africano e, na outra margem do Atlântico, dependeu dos mesmos conhecimentos e variedades. Assim, os tumbeiros traficaram, além de pessoas, plantas e animais que comporiam posteriormente sistemas agrícolas em terras brasileiras, inicialmente concentrados no litoral[12].

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

O detalhe é que as cabras têm um ciclo reprodutivo considerado rápido, parindo até dois filhotes a cada cinco meses (NOGUEIRA, 1978). O aumento exponencial da população de caprinos, bem como a excepcional habilidade que esta espécie tem em não respeitar cercas, começou a incomodar o empreendimento da cana de acúcar. Animais ruminantes que são, seus estômagos digerem tudo quanto possa ser mastigado. A criação em sistema extensivo de caprinos e gado próximo a lavouras agroexportadoras de cana de açúcar estava resultando prejudicial e ineficiente. Enquanto isso, a coroa lidava com um outro problema: o interior apresentava-se como uma ameaca às forças coloniais, na medida em que a ausência do Estado ali era inversamente proporcional à criação de guilombos e de territórios indígenas (ROLIM. 2012). Em 1701, a coroa portuguesa decretou a proibição de criar animais a menos de 100km do litoral, obrigando a migração de grande parte do rebanho e estabelecendo, por meio da cessão de sesmarias, enormes fazendas cujos proprietários passaram a produzir carne, couro e leite a serem comercializados no litoral (CARVALHO, 2019).

Em meados do século seguinte, devido à instabilidade política e econômica gerada pela crise do açúcar e do sistema escravagista, os grandes currais também entraram em decadência e muitos foram abandonados por seus proprietários. Vaqueiros, posseiros e foreiros permaneceram nas terras, passando a priorizar a criação de caprinos sobre a de gado. No sertão, as necessidades das cabras podiam ser melhor atendidas que as do gado, animais mais exigentes. Mesmo não sendo uma espécie endêmica, os caprinos se adaptaram às condições ambientais da caatinga do nordeste brasileiro com muita facilidade. Este bioma, assim como as savanas africanas, oferece uma alta diversificação e abundância de suas plantas forrageiras preferenciais, como as espécies arbóreas juremapreta, sabiá e mororó (IASB, 2011, p.47). Além disto, caprinos resistem melhor em condições de baixa disponibilidade de água.

Ao final do século XIX, após a abolição oficial da escravatura e a grande seca de 1877 a 1879, a maioria da população dos sertões baianos vivia em condições precárias, seja pela pressão exercida por coronéis sobre territórios indígenas (MASCARENHAS, 1997; REESINK, 1997), seja pela intensificação do cercamento de terras livres e da exploração do trabalho (CARVALHO, 2019). É neste contexto que surge o Belo Monte. Segundo o historiador João Batista da Silva Lima, neto de

sobreviventes da guerra, Antônio Conselheiro

[...] vem para inaugurar a igreja velha de Santo Antônio, mas resolve se estabelecer no que diziam ser a Aldeia Sagrada. Depois que batizou o lugar como Belo Monte e disse que aquela era uma terra onde manavam rios de leite e os montes eram de cuscuz, muitos vieram de várias regiões para conferir se realmente o que se ouvia em toda a parte sobre aquele lugar era, de fato, verdadeiro. A cada dia, novas famílias chegavam: negros, índios, roceiros e fugitivos da lei. (...) Dessa forma, construída pela diversidade, Canudos crescia (SILVA. 2019, p. 167).

Como uma população tão expressiva pôde sobreviver ali? Esta pergunta interessou a muitos analistas. Segundo o historiador Ataliba Nogueira, alguns aventaram a possibilidade de que vivessem de esmolas e, outros, de que seriam financiados por roubos executados por conselheiristas a fazendas da região (1978, p.202). Ele descarta ambas as hipóteses, descreve uma multiplicidade de atividades realizadas localmente e menciona a rede de relações comerciais em que o Belo Monte estava integrado, tendo como base uma série de documentos da época que incluem os diários e cartas escritas por Antônio Conselheiro, depoimentos de sobreviventes da guerra, relatórios militares e crônicas.

Segundo estas fontes, havia rocas de mandioca. milho, feijão e abóbora cultivadas às margens do rio. Assim como a alimentação, há indícios de que os tecidos para roupas e redes, bem como as facas, foices e machados também fossem fabricados no próprio arraial. Havia também algum fluxo monetário na direção do arraial, cuja fonte principal era, justamente, a exportação do couro. Os bodes, as condições que necessitam para sobreviver e os conhecimentos necessários para realizar o manejo estavam presentes em abundância no Belo Monte. O processamento das peles era realizado no próprio local, devido à disponibilidade de salitre e favela. A planta misturada ao sal era utilizada para curtir o couro procedimento realizado nos arredores do arraial por seus moradores, em pelo menos quatro curtumes mencionados pelos documentos. Os couros então perfaziam o caminho até Juazeiro. onde Antônio Conselheiro tinha um negociador intermediário que enviava a mercadoria para Salvador e de lá para o exterior.

Nogueira argumenta que o comércio de peles já era atividade econômica relevante na região

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

desde o início do século XVIII, bem antes da fundação do arraial, sendo o quarto produto que mais trazia divisas para os cofres públicos, depois da cana, do tabaco e do ouro. O comércio internacional de couros considerava as peles do Nordeste Brasileiro das melhores do mundo:

Nos dois maiores mercados de peles de cabra do mundo, o americano e o alemão, os tipos preferidos de peles caprinas são justamente denominados Uauá e Curaçá, provenientes daquelas cidades baianas, na região de Canudos. Concorrem para tanto melhores o sol, o calor, a luz e a liberdade pela ausência de cercas de arame farpado, que por vezes furam a pele do animal, tornando-a imperfeita. A indústria europeia e a americana com a pele da cabra preparam couro finíssimo como o chagrin, o marroquim, a camurça, o conhecido couro da Rússia e o pergaminho (NOGUEIRA, 1978, p.204).

Belo Monte estava, portanto, profundamente conectado a uma rede transnacional de comércio, não constituindo uma situação de isolamento sistêmico. A qualidade das peles, expressa como condição para circulação neste mercado, dependia eminentemente de que os animais fossem criados *na solta*, ou seja, de forma extensiva. O modo de manejo levado à cabo para a produção de peles de bode pressupõe e depende da liberdade de movimento de animais e pessoas, o que diverge fundamentalmente da necessidade de controle instituída pelo modelo da *plantation*, signo máximo do desenvolvimento colonial capitalista. Nela,

é preciso criar terra nullis, a natureza sem reivindicações emaranhadas. Os emaranhamentos nativos, humanos e não humanos, devem ser extintos; refazer a paisagem é uma maneira de se livrar deles. Então, trabalhadores e plantas exóticas (ou outros elementos do projeto) podem ser trazidos, projetados para alienação e controle (TSING, 2019, p.186).

As relações entre humanos, plantas e animais que compuseram a paisagem do Belo Monte, ao que parece, não se basearam nestas formas de controle e isolamento. Algumas das pessoas que para ali migraram eram, inclusive, *refugiadas* de projetos de escalabilidade baseados no modelo das *plantations*, tendo talvez vindo de fazendascurrais onde a produção de couro a partir da

criação na solta não impedia que certos elementos de controle e isolamento instituídos nas lavouras de cana no litoral proliferassem[13]. Tais aspectos configuravam não apenas a maneira como trabalhadores das fazendas eram tratados; eles também determinavam o movimento e o acesso a terras de exescravizados e povos indígenas pelos proprietários e políticos da própria região (REESINK, 1997; MASCARENHAS, 1997; FAZIO, 2019). Ainda assim, o acesso a uma posse de terra não subsume o papel que movimento e liberdade podem assumir na socialidade dos povos da região.

Para o caso do povo Kiriri de Mirandela, por exemplo, é possível aventar a possibilidade de que uma significativa migração sazonal a Belo Monte tenha ocorrido diante da necessidade de utilizar aquele espaço externo a seu território para a realização de rituais (VELDEN, 2003). Relatos de parentes de sobreviventes à pesquisadora Maria Lúcia Mascarenhas ressaltam também o poder de convergência que procissões em direção ao Belo Monte exerciam sobre quem habitava seus arredores

'Isso o Caboclo Zé Pedro me contou'. Passaram em Mirandela carregando a madeira para a Igreja. Eram os índios que levavam a madeira. Andavam nessa caminhada, agora levando, viola, pandeiro e onde dormiam faziam aquela festa. Amanhecendo o dia, viajavam. 'Os índios foram tudo. Foi contado o que ficou. Iam porque queriam ir, não tinham promessa'. Era gente como formiga. Quando paravam num lugar, Antônio Conselheiro comecava a conversar, e o povo 'enquasquetava' e aí era 'vamo', 'vamo'. Foi quando os índios saíram da aldeia. O pessoal ia se juntando ao grupo, 'sem uma tajada de pipoca', apenas rezando. Onde chegavam, o povo dava o que comer, era naquela Santa Alegria até chegarem lá em Canudos (MASCARENHAS. 1997, p.62).

A livre movimentação de pessoas e entes nãohumanos, assim como a capacidade de associar-se, é condição para um projeto de *Santa Alegria*, em que a *boa vida* corresponde à fartura. Esta vida depende, em certa medida, da ausência de *cercas* de distintas ordens ou, alternativamente, da habilidade de escapar delas. Assim, talvez seja possível arriscar que, tanto a sobrevivência em Belo Monte quanto a fama do arraial que atraiu multidões, estavam fundamentadas em outra forma de *refazer paisagem*: constituindo relações

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

improváveis entre pessoas - as quais não tinham, necessariamente, um vínculo prévio ou previsto entre si -, delas com outros entes não-humanos, mediadas, aí sim, pelo livre acesso e possibilidade de vínculo com a terra.

Refazer paisagem, em um contexto de violência coronelista, apresenta-se como um passo posterior à negação da continuidade de relações que separam as pessoas, os animais e as plantas de suas fontes de vida, além de ampliar, em extensão e intensidade, as redes de socialidade das quais uma boa vida também depende. Belo Monte, enquanto um refazer de paisagem, seria, portanto, um modo de escapar da alienação, nos termos de Tsing. Para ela, a extração de mais-valia depende também da transmutação de animais, plantas e relações ecológicas em meios de produção (TSING, 2015). Por isso ela argumenta que uma das fábulas que o capitalismo nos apresenta como fato é que sem trabalho, não há riqueza. E, muitas vezes, esta fábula conforma também os instrumentos analíticos.

"Ali nem é preciso trabalhar, é a terra da promissão, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas", ironiza Euclides da Cunha (2016 [1901], p.185) ao aventar possibilidades explicativas que dessem conta do intenso fluxo migratório para o arraial. Para ele, a alienação de que padeciam era de outra ordem; era mística (2016 [1901], p.147). Apenas a ingenuidade dos sertanejos articulada à maldade de seus aliciadores os fariam acreditar na possibilidade de viver a prosperidade sem a mediação do trabalho, sempre entendido em sua feição de tortura. O depoimento de Honório Vila Nova, antigo morador do arraial e sobrevivente da querra, aponta outra saída explicativa:

Recordações, moço? Grande era a Canudos do meu tempo! Quem tinha roça tratava da roça na beira do rio. Quem tinha gado, tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos, tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de reza, ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino" (MACEDO, 1964, p.67).

Na Canudos de suas recordações, a *terra da promissão* de que fala Euclides da Cunha era, com efeito, signo de abundância e lugar de liberdades. A noção de trabalho também aqui está ausente. Em seu lugar, Vila Nova fala em *tratar*, verbo utilizado para referir-se de igual modo a roças, animais de

criação e parentes. Estes entes, por sua vez, não parecem corresponder a meros bens de produção - algo que ocorre com pessoas, animais e plantas no modelo da plantation (TSING, 2019). Ademais, ele também chama atenção para a ausência de apropriação privada do que emergia dessas atividades, conforme "a regra ensinada pelo peregrino".

Também na teoria marxiana, a ênfase não é na natureza do trabalho em si, mas no processo de apropriação do que é produzido. Dito de outro modo, a questão do trabalho está eminentemente ligada à do valor. Se é bastante consensual o silêncio original de Marx quanto ao que chamamos trabalho reprodutivo (FEDERICI, 2017), este não é exatamente o caso para as atividades agrícolas. Na agricultura, argumenta ele, convivem formas capitalistas e não-capitalistas de produção, de modo que a tensão entre capital e trabalho seja essencialmente diferente da forma como é operada na fábrica (MARX, 1978). O trabalho concreto, isto é, aquele baseado nas habilidades individuais - e, portanto, heterogêneas -, é abstraído, ou seja, disciplinado e tornado homogêneo, na passagem do valor de uso ao valor de troca (CHAKRABARTY, 1994).

De volta às narrativas sobre o Belo Monte, gostaria de evidenciar como Euclides da Cunha e Vila Nova parecem concordar pelo menos em um aspecto, qual seja, a ausência do trabalho em sua forma abstrata. Como, neste contexto, se dava a transformação dessas peles em mercadoria? Sob que condições as pessoas que beneficiavam o couro realizavam essa atividade? De que maneira o Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? pesquisa - ensaios | ano 9, no. 22, 2022 fluxo de capital resultante desta operação, era distribuído e utilizado no arraial? Talvez simplesmente não existam fontes históricas o suficiente para responder a estas questões com segurança. Como as perguntas que fazemos à história são, elas próprias, históricas (TROUILLOT, 2016), o que se pode fazer é chamar atenção para os modos como o presente reifica os silenciamentos produzidos sobre o passado e, no caso deste texto em específico, evidenciar como estes silêncios compõem com as demandas que movimentos sociais e comunidades em luta têm formulado.

O vínculo com os bodes, em especial a possibilidade de criá-los *na solta* e garantir a entrada de recursos monetários provenientes da venda de peles, materializa uma dimensão especial do conjunto de relações que

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

fundamentaram a experiência de vida conselheirista. Afartura, evocada pela imagem das barrancas de cuscuz e os rios de leite, assim como a liberdade, ecoada pelos bodes descendentes conselheiristas soltos hoje na caatinga, constituem um outro nexo entre passado e presente, para o qual reabilitar legados outros de Canudos segue sendo um exercício.

'Existem outras formas de viver, sem exploração do trabalho nem da natureza'. É o que afirmou Mahara Silva, presidente da Cooperativa Camponesa do MST de Minas Gerais, em uma reportagem[14] sobre o café agroecológico produzido no Quilombo Campo Grande, área que sofreu o despejo narrado no início deste artigo. Se a imagem da destruição do território. lida em articulação com a destruição de Canudos, contribui para que grupos que lutam por terra compreendam o modus operandi - e a longevidade - de seus inimigos, o nexo que a presença do bode conselheirista evoca, inspiram, me parece, esses mesmos grupos a comporem modos de vida junto da terra pela qual lutam. 'Hoje as famílias dão outra condição para essa terra', argumentou um outro militante do movimento[15], referindo-se também à relação dos acampados com o café. A ocupação da terra se deu na área de uma fazenda monocultora de café que tinha dívidas trabalhistas com seus antigos funcionários. Agora, agricultores vinculados ao MST o fazem em sistema agroecológico, o que implica no consorciamento de espécies e na não utilização de agrotóxicos, ou seja, em um manejo que envolve e depende da preservação e proliferação de vidas outras que humanas e que não tem como único objetivo a extração de maisvalia. A reedição e sistematização de técnicas de manejo como essas, bem como o desenho de estratégias que possibilitem que estes produtos circulem de modo a garantir a autonomia da comunidade tem se apoiado em uma demanda de pesquisa a respeito de experiências ancestrais. Canudos figura entre estas[16].

Há silêncios ecoando e há formas de vida que pulsam. *Contra* a história como produtora de ruínas, a existente - e insistente - presença de bodes conselheiristas indica que algo daquele projeto de vida segue podendo ser reivindicado na atualidade. Sua existência, nos termos de Benjamin (1994), faz acender reminiscências potentes para *tratar* o momento de perigo, tal como se apresenta hoje. Por isso, pensar mais um pouco a partir do contraste entre vida e guerra para o caso das reivindicações em torno dos legados de Canudos me parece um bom jeito de

finalizar este texto. É o que farei em seguida.

Antes do fim (do mundo, da história...)

Na véspera do aniversário de 50 anos do massacre, em 1946, Pierre Verger e Odorico Tavares estiveram em Canudos para realizar uma reportagem com sobreviventes da guerra, posteriormente publicada em livro[17]. Desde então, pode-se dizer que a tônica das pesquisas e questões sobre o tema tem sido o de constituir instrumentos para pensar Canudos a partir de seus próprios termos. João Batista da Silva Lima assim sintetiza a questão:

O movimento conselheirista nem sempre foi contado a partir de suas próprias raízes. Durante muito tempo, estudou-se Canudos apenas pelo aspecto da guerra, das quatro expedições militares, da destruição do Belo Monte e da morte de Antônio Conselheiro. Eu ficava me perguntando sobre a história de Canudos – mas a do Belo Monte conselheirista, e não a da guerra de Canudos (LIMA, 2019, p.174).

Narrar a história a partir da perspectiva conselheirista, neste contexto, pressupõe dois movimentos articulados: fazer novas perguntas aos eventos e fontes históricos já estudados e ampliar o escopo de eventos a serem abordados. Em um determinado momento, isso implicou em sair da 'gaiola de ouro' de Os Sertões, uma vez que a obra limitou as maneiras correntes, até então, de abordar Canudos. Primeiro, a excepcionalidade da obra, em termos de sua natureza e qualidade, contribuíram para que Canudos fosse lida como um evento extraordinário da e na História do Brasil, por ter sido apresentada por seu aspecto disruptivo em contraste com o cotidiano (JOHNSON, 2007). Segundo, por ser uma narrativa sobre sua morte, o livro confinou as possibilidades de conhecer Canudos ao momento de sua destruição (BARROS, 2019). Assim sendo, a obra, também ela permeada por ambiguidades, contribuiu para alcar a Guerra de Canudos a uma espécie de evento histórico fundamental (TROUILLOT, 2016) na memória coletiva do país.

Neste contexto, o historiador José Calasans propôs, na década de 1950, um flanco para estudos sobre os textos deixados por Antônio Conselheiro, as poesias populares que circulam no sertão a seu respeito e os depoimentos dos sobreviventes de guerra. O conjunto de trabalhos dedicados a reler os mesmos eventos a contrapelo têm demonstrado

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

que as narrativas históricas assentadas na desrazão de Antônio Conselheiro e na comunidade como signo do atraso (BARROS, 2019, p.31) dizem respeito mais aos narradores do que aos eventos em si. Estes trabalhos historiográficos compartilham a desconfiança sobre muitas das estratégias discursivas que se fazem visíveis em Os Sertões (e na sociologia de sua época), sobretudo as que negam, de partida, a condição de sujeito histórico a diversos grupos subalternos (JOHNSON, 2010) e, por conseguinte, sua perspectiva a respeito dos eventos em que participam. Essas estratégias, em maior ou menor grau, silenciam a existência de diversas camadas dos eventos históricos. Trouillot as denominam "fórmula de rasura e de banalização" (2016, p.156), argumentando que estes modos de silenciar o passado podem ser desfeitos revisitando materiais históricos já consolidados. Para o caso de Canudos, isso envolveria, por exemplo, desconstruí-lo como um fenômeno auto-revelatório, como se o arraial não fizesse parte de um conjunto mais amplo de processos sócio-históricos (JOHNSON, 2010). Mas elas também revelam um aspecto fundamental da modernidade - a que pretende fazer escapar a diferença, seja rasurando-a, seja esvaziando-a, mas sempre buscando seu aniquilamento simultaneamente material e simbólico.

Em que medida reivindicar a história desde a perspectiva dos vencidos é um gesto de reinterpretação, enquanto criação de narrativas alternativas, sobre eventos sócio-históricos já definidos? Um dos limites impostos à equalização das distintas possibilidades de enunciação reside justamente no poder intrínseco à relação entre os termos. A noção de fanático para definir os habitantes do arraial de Belo Monte, por exemplo, ganha sentido em contraposição a um conceito abstrato de indivíduo racional e moderno. O mesmo parece operar para o contraste entre vida e guerra para a historiografia sobre Canudos. Não há texto que eu tenha lido que não se inicie pela querra. É como se o antes dela só pudesse ser tornado inteligível, também ele, pelo seu revés. Johnson (2007) sugere que Canudos é signo vazio, impossibilitado de ser em seus próprios termos. mesmo que sirva de alegoria para um conjunto enorme de fenômenos. De modo análogo ao cercamento do exército a Canudos, de onde a vemos de cima e pelo seu revés, as abstrações tornadas princípio da República - ordem e progresso - sitiaram muitos dos registros e narrativas históricos sobre os quais, até os dias atuais, aventamos formas de imaginar - e retomar - Belo Monte, reconstruindo seus muitos legados.

Ao longo deste texto, busquei descrever distintas maneiras pelas quais abstrações como terra, humano, natureza e trabalho vão se tornando unívocas e universais, e como, ao integrarem a estrutura das narrativas, vão produzindo ou reiterando silenciamentos. Neste contexto, o caso dos bodes conselheiristas é paradigmático, em ainda outro sentido, uma vez que a própria noção de abstração toma outro caráter. As poucas pesquisas em torno do tema, ainda que conjugadas com uma intensa proliferação de hipóteses a respeito dos modos como a vida era sustentada no arraial, parecem expressar a impossibilidade mesma de imaginar relações não alienadas de trabalho. Sendo o trabalho concreto "precisamente aquilo que não pode ser circunscrito pelo signo da mercadoria, ainda que seja inerente a ela" (CHAKRABARTY, 1994, p. 452), as perguntas abertas no rastro dos bodes conselheiristas nos colocam de frente a uma espécie de inimaginável, um silêncio original (TROIULLOT, 2016). Para o caso da Revolução Haitiana, era impensável, à época, que pessoas negras e escravizadas fossem capazes de organizar e provocar tal evento. De maneira análoga, também para Canudos, era impensável que sertanejos, entre a humildade mística e o assomo sanguinário, fossem capazes de refazer a paisagem do sertão, transformando-a na terra da promissão. O problema, em ambos os casos, é da ordem do humano.

Sendo o universal aquilo do qual não podemos prescindir de participar (SPIVAK apud TSING, 2005), lidar com as condições desiguais da produção histórica converte-se em imperativo (JOHNSON, 2010). E isto, por sua vez, torna obtusa e particularizada a forma como o passado pode compor com o presente. Dito de outro modo: é como se, dia após dia, atestássemos o fato de que estamos diante de uma História (com H maiúscula) que se repete primeiro como tragédia e depois... como tragédia de novo. Este particular - a História como a da luta de classes - torna-se universal ao avançar não apenas sobre a estrutura das narrativas, mas - talvez concomitantemente também sobre territórios e modos de vida, alguns que talvez tenham emergido justamente como resposta a este avanço, como pode ter sido o caso de Canudos.

A tempestade chamada progresso (BENJAMIN, 1994) depende de transformar passado em atraso. É o que parece operar quando ordens de despejo de ocupações de terra ou invasões a territórios indígenas, por exemplo, se legitimam como

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e querra em Canudos

formas de desenvolver o país. Aguerra atual do par Capital/Estado contra essas experiências, segundo Antônio Bispo dos Santos (2015), reencena a campanha contra Canudos e visibiliza o Arraial de Belo Monte em sua dupla negação - a negação pela guerra e a negação contra os modos de vida. Este autor ainda ressalta uma outra repetição: a necessidade, por parte das forças estatais, de aniquilar quaisquer vestígios dessas comunidades, perseguindo sobreviventes e incendiando ou alagando seus lugares de vida. A possibilidade de memória também é interceptada. Escovar a história a contrapelo, neste contexto, pode ser relacionar-se com o passado não apenas para ecoar as versões e vozes dos vencidos e atestar a violência total de que foram vítimas. A História, assim como o trabalho abstrato, opera sua violência também ao homogeneizar, disciplinar, indiferenciar múltiplas e distintas temporalidades, muitas delas incomensuráveis

entre si (CHAKRABARTY, 1993). Por isso, uma contra-historiografia também pode - ou deve - se atentar a outras formas de compor com o passado que estes mesmos vencidos têm articulado. Canudos segue operando como um referente, um lugar de onde retomar práticas de sentido inviabilizadas - e invisibilizadas - pela e na História. Os bodes conselheiristas, aliás, estão vivos

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp) e professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). E-mail: mariana.tum@gmail.com

Bibliografia

BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Ed. Elefante. 2019.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In ______.: Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense. 7ª edição, 1994.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Colonizações, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI, 2015.

BOAVENTURA, Edivaldo. O Parque Estadual de Canudos. Salvador: Secult, 1997.

BOISSERON, Bénédicte. Afro-Dog: Blackness and the Animal Question. Columbia University Press, 2018.

BOYAZOGLU, J. The role of the goat in society: Past, present and perspectives for the future. Small ruminant research, n°60, v.1, pp.13-23, 2005.

CARNEY, Judith; ROSOMOFF, Richard Nicholas. In the shadows of slavery: African Botanical legacy in the Atlantic World. Berkeley, University of California Press, 2009.

CANDIDO, Antonio. Euclides da Cunha sociólogo. Remate de Males, 2012 [1999]. ______. Martírio e Redenção. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

CARVALHO, Felipe Santos Estrela de. Negociação coletiva e genealogia do sindicalismo rural do submédio São Francisco. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Ed. Elefante, 2019. CHAKRABARTY, Dipesh. Marx after marxism: history, subalternity, and difference. Positions, pp.446-465, 1994.

COUTINHO, Eduardo. Cabra marcado para morrer. 1984. (filme)

CUNHA, Euclides da. Os sertões. São Paulo: UBU Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se... Belo Horizonte: Ed. Chão de Feira, 2013.

FAZIO, Denizart Busto de. Milagre em Monte Santo: A fundação da escola família agrícola do Sertão. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Cultura, Filosofia e História da Educação) -Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2019.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Ed.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

Elefante, 2017.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. Por terra e território - caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca-BA: Teia dos Povos, 2021.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha, precursor. Revista USP, n.82, pp.46-53, 2009.

_____. Fortuna Crítica. In: CUNHA, Euclides da. Os sertões. São Paulo: UBU Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016.

GONÇALVES JÚNIOR, Oswaldo. Entre bois e cabras: uma visão histórica sobre mentalidades e valores nos sertões. Estudos Históricos, v. 24, nº47, pp.49-68, 2011.

HARAWAY, Donna. Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016

______. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. ClimaCom Cultura Científca, n.5, pp.139-146, 2016.

IASB (Instituto Ambiental Brasil Sustentável). Manual de criação de ovinos e caprinos. Brasília: CODEVASF, 2011.

JOHNSON, Adriana. Everyday and subalternity. South Atlantic Quarterly, no.106, v.1, pp.21-38, 2007

Subalternity in the Backlands of Brazil. University of Pittsburgh Press, 2010.

LIMA, João Batista da Silva. Entre euclidianos e conselheiristas: Canudos resiste. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

MACEDO, José Rivair; MAESTRI, Mário. Belo Monte: uma história da guerra de Canudos. São Paulo: Expressão Popular. 2ª edição, 2011.

MARIANTE, Artur da Silva; EGITO, A. A. Animal Genetic Resources in Brazil: result of five centuries of natural selection. Theriogenology, n.57, pp. 223-235, 2002.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. A reinvenção do

sertão: a estratégia organizacional de Canudos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001

______. Canudos: organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária. Cadernos EBAPE, n.4, v.5, pp.1-16, 2007

MARTINS, Tarcísio José. Quilombo do Campo Grande: História de Minas que se devolve ao povo. Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 3ª ed, 2018.

MASCARENHAS, Maria Lúcia. Kaimbé, Kiriri e Kantaruré retornam a Canudos. Boletim ANAI-BA. Salvador: ANAI-BA, 1993.

______. Rio de sangue e ribanceira de corpos. Cadernos CEAS - Edição Especial sobre Canudos. Salvador: CEAS, nº especial, pp.59-71, 1997.

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MEDEIROS, Rondinelly Gomes. Mundo quase árido. Os mil nomes de Gaia. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: www.osmilnomesdegaia.eco.br (Último acesso: 01/12/2021)

MENDONÇA FILHO, Kleber. Bacurau. 2019. (filme)

MST. Despejo no acampamento Quilombo Campo Grande em Minas Gerais acende alerta durante a pandemia. Reportagem, 2020. Disponível em: https://mst.org.br/2020/08/19/despejo-no-acampamento-quilombo-campo-grande-mg-acendealerta-durante-a-pandemia/ (Último Acesso: 09/11/2020)

_____. Despejo criminoso. Vídeo, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CD4qJWCBYSD/ (Último Acesso: 09/11/2020)

_____. Acampamento Campo Grande Resiste. Vídeo, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CD9puJphM_T/(Último Acesso: 09/11/2020) NOGUEIRA, Atibaia. Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. São Paulo: Ed. Nacional. 2ª edição, 1978.

REESINK, Edwin. A tomada do coração da aldeia: a participação dos índios de Massacará na guerra de Canudos. Cadernos CEAS - Edição Especial sobre Canudos. Salvador: CEAS, nº especial, pp.73-97, 1997.

55

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e querra em Canudos

ROLIM, Leonardo Cândido. "Os currais desta parte hão de passar de oitocentos": a conquista dos sertões das capitanias do norte do estado do Brasil através da pecuária e o avanço da(s) fronteira(s) em direção ao estado do Maranhão (1654-1750). História e Historiografia, pp.1-15, 2012.

SILVA, José Paulino. Breve roteiro para se chegar a Canudos. Cadernos CEAS - Edição Especial sobre Canudos. Salvador: CEAS, nº especial, pp.27-29, 1997.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. Combates singulares, histórias singulares: sobre a participação indígena no movimento de Canudos. Tellus, v.3, n.4, pp.57-73. Campo Grande, 2003.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o Passado:

- [1] Versões anteriores deste texto foram apresentadas nos eventos "Jornadas de Antropologia John Monteiro", em novembro de 2020, e "Jornada Interna de Pesquisa do Centro de Estudos Ameríndios", em dezembro de 2021. Agradeco à organização dos respectivos espaços pela oportunidade de interlocução e a Christiano Tambascia, Eliane Rapchan, Felipe Vander Valden, Karen Shiratori, Emerson Oliveira, José Kelly Luciani, Mariana Ruggieri, Marília Lima, Florência Chapini pelas leituras detidas, comentários, críticas e sugestões. Também agradeço Pilar Guimarães, Helena Rizzeti, Mariana Ruggieri, Paulo Regis, sua família e equipe do Parque Estadual de Canudos pela companhia e reflexões partilhadas durante a visita.
- [2] O nome do acampamento, situado em Campo do Meio MG, faz alusão à maior confederação quilombola brasileira (1720-1769), cuja extensão ia do Triângulo Mineiro ao Nordeste de São Paulo e contava com mais de 20 mil habitantes (MARTINS, 2018). A área reivindicada pelo MST, portanto, localiza-se dentro do perímetro de existência da confederação e sua nomeação é uma homenagem a ela.
- [3] Vídeo: https://www.instagram.com/p/CD4qJWCBYSD/, 14 de agosto de 2020.
- [4] Vídeo: https://www.instagram.com/p/CD9puJphM_T/, 16 de agosto de 2020.
- [5] Publicada em "Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas", livro organizado por Joana Barros, Gustavo Prieto e Caio

Poder e a Produção da História. Curitiba: Huya, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. Friction: an ethnography of global connection. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2005.

_____. The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton, Princeton University Press, 2015.

_____. Sobre a não escalabilidade: o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão aninhadas. In:_____. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: Mil Folhas, 2019.

Marinho (2019).

- [6] Oprimidos seria o vocabulário mais preciso do ponto de vista etnográfico, por ser como o próprio MST se refere ao grupo que o compõe. Ainda assim, ao longo do artigo, privilegio o uso de subalterno por fazer parte da constelação conceitual com que trabalham autores aqui citados, os quais, neste caso em particular, se constituem como os interlocutores do texto.
- [7] Despret (2013), tomando de empréstimo a expressão do historiador Gary Shaw, sugere que atentemos para nossa dificuldade de considerar os animais como agentes das ações que eles próprios executam (p.17). Neste texto, me interessa apenas reter a sugestão de que subestimar a agência de cabras, sejam elas humanos ou não, podem criar pontos cegos na historiografia e, em igual medida, pode ser mortífero em uma guerra como a narrada aqui.
- [8] Logo que publicou Os Sertões, em 1901, Euclides da Cunha escreveu uma carta a um amigo afirmando que considerava este um livro vingador, contrariando seu objetivo inicial de defender a República com palavras. Em artigos publicados anteriormente à sua ida, o autor subscrevia à perspectiva corrente de sua época e grupo social. A experiência da guerra, no entanto, alterou seu ponto de vista sobre os meios utilizados pelo Estado para realizar seu empreendimento. A barbárie não era o modus operandi dos jagunços conselheiristas e sim do exército. Nos sertões, o que imperava era a miséria em estado puro. Por isso, explicou Euclides da Cunha na referida carta,

ARTIGO: Do bode expiatório ao bode conselheirista: notas para pensar vida e guerra em Canudos

ele buscou forjar uma descrição minuciosa da totalidade da situação e, sob a égide da ciência positivista de então, narrou com uma incrível riqueza de detalhes as contradições da campanha e, por conseguinte, da própria República. Ver Galvão (2009; 2016) e Candido (2012[1999]).

- [9] A transmutação de pessoas em animais se faz notada em outros eventos históricos que são marcados por uma guerra do Estado contra aquilo que se constitui como uma afronta, como o revés de si: na guerra do Contestado, conta-se que os monges, importantes articuladores da revolta, frequentemente se apresentam aos camponesas como cachorros; depois de derrotada a Guerrilha do Araguaia, circula na região a informação de que Oswaldão, um camponês que se juntou aos querrilheiros e foi torturado e assassinado pelo Exército, continua circulando também na forma de cachorro. Certamente, essa espécie de coincidência renderia um caminho interessante para pensar o lugar da animalidade na conformação da nação, algo que escapa - ainda que por pouco - do escopo do presente texto. Este é o tema, tratado de forma brilhante, de "Afro-Dog: Blackness and the Animal Question", de Bénédicte Boisseron (2018).
- [10] O responsável por sua efetivação, então secretário de cultura e educação da Bahia, Edivaldo Boaventura, inspirou-se na experiência estado-unidense de preservação dos sítios históricos e militares em memória da Guerra Civil no norte do continente: "juntam-se, também aqui, aos objetivos de preservação ecológica, os cenários históricos de campo de batalha, que é como antevejo o Parque de Canudos. Criado para preservar o sítio bélico e fixar um dos acontecimentos mais significativos da História do Brasil, de fato, Canudos mexe com os sentimentos religiosos, pelo messianismo do Conselheiro. Canudos interessa às Forças Armadas, especialmente ao Exército e às polícias militares. Canudos exemplifica o intrincado relacionamento entre forças políticas estaduais e federais. Canudos encontra-se no eixo das encruzilhadas das

- nossas questões regionais e nacionais. Canudos está no coração seco e sertanejo do Nordeste" (2007, s/p).
- [11] Todos que trabalham no parque têm alguma relação com a guerra, sendo em sua maioria descendentes de sobreviventes. Os bisavós de Paulo, por exemplo, saíram do arraial antes do famoso cerco, em setembro de 1897, e, não conseguindo retornar, sobreviveram ao massacre.
- [12] A título de exemplo: "Alimentos básicos africanos figuraram com destaque entre as provisões transportadas para as áreas escravagistas ao longo da costa atlântica. Estes incluiam milheto, arroz, sorgo, banana da terra, inhames, feijões, óleo de palma e animais de criação. O comércio de animais vivos envolvia pequenos animais (galinha d'Angola e outras aves) e animais de criação (ovelhas, cabras e gado)" (CARNEY, 2009, p.53).
- [13] A arquitetura de cadeias internacionais de produção de commodities, como o couro, o ouro e o tabaco citados anteriormente, pode se beneficiar (ou depender) de modos de vida não capitalistas, como é o caso dos cogumelos matsutake (TSING, 2015).
- [14] Reportagem: http://sindieletromg.org.br/posts/cafe-guaii-e-quilombo-historia-qualidade-ejustica-social. Último acesso em 20/02/2022.
- [15] Reportagem: https://www.brasildefato.com.br/2018/11/22/conheca-o-cafe-guaii-e-aproducao-do-quilombo-campo-grande-mg-ameacado-de-despejo. Último acesso em 20/02/2022.
- [16] As comunidades de fundo e fecho de pasto, cujos territórios estão localizados nos sertões da Bahia, também promovem nexos deste tipo, como pode ser visto em Carvalho (2019).

57

[17] "Canudos cinquenta anos depois", 1957.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

"NO LUGAR DO OUTRO", uma carta para Claudia Andujar

RESUMO: este ensaio é um passeio com Claudia Andujar, que durante muito tempo compartilhou suas vidas com os yanomamis. Durante esse período, Claudia fotografou momentos com eles, se deixou permear ao adentrar novas terras. Como estrangeira, buscava ali composições com seus novos amigos. Claudia fotografou, ganhou confiança, fez amizade. Hoje, as diversas comunidades indígenas estão ameaçadas pela contaminação por mercúrio. No relatório recente da Fiocruz, vários rios, peixes, mamíferos e aves estão contaminados. Entre a população indígena, há 100% de contaminação no sangue em algumas comunidades, sendo que o mercúrio atinge índices tão altos a ponto de serem detectados nos cabelos. Mulheres indígenas relatam seus medos com a maternidade diante da iminência do nascimento de um bebê contaminado. Levantamos discussões sobre os refugiados climáticos como aqueles que precisam ficar no local por não terem pra onde ir. Assim, questionamos o lugar do outro, enquanto estrangeiros que percorrem os caminhos com as fotografias de Claudia e as informações da crescente contaminação por mercúrio na Amazônia, na esperança que as palavras inspiradas por Cláudia e Davi ganhem novos contornos ao encontro de novas relações.

Palavra-chave: contaminação por mercúrio, yanomamis, mudanças climáticas

"In the place of other", a letter to Claudia Andujar

ABSTRACT: this essay is a walk with Claudia Andujar, who for a long time shared her lives with the Yanomami. During this period, Claudia photographed moments with them, allowing herself to be permeated by entering new lands. As a foreigner, she sought compositions there with her new friends. Claudia photographed, gained trust, made friends. Today, the diverse indigenous communities are threatened by mercury contamination. In the recent FioCruz report, several rivers, fish, mammals and birds are contaminated. Among the indigenous population, there is 100% contamination in the blood in some communities, with mercury reaching such high levels as to be detected in the hair. Indigenous women report their fears with motherhood in the face of the imminence of the birth of a contaminated baby. We raised discussions about climate refugees like those who need to stay in place because they have nowhere to go. Thus, we question the place of the other, as foreigners who travel the paths with Claudia's photographs and information on the growing mercury contamination in the Amazon, in the hope that the words inspired by Cláudia and Davi will gain new contours to meet new relationships.

Keywords: Mercury contamination, yanomamis, climate change

Fabíola Fonseca 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Tenho passeado pelas tuas fotos que foram publicadas em um lindo livro chamado "No lugar do outro". Encontrei vestígios deixados por você, uma mulher, fotógrafa, refugiada, estrangeira, nascida na Hungria, que viveu todo o nazismo de um povo, encarou o olhar do outro alcançar o seu corpo de criança considerada judia; atravessou a morte do pai, um judeu vítima das atrocidades dos campos de concentração; e fugiu com a mãe e chegou aos Estados Unidos, precisamente em Nova lorque, com a ajuda de um tio.

Talvez nessas andanças você tenha se tornado estrangeira, acostumada ao ato de sentir como quem nunca está familiarizada com as coisas, como quem pisa ali naquela terra pela primeira vez e busca, de alguma forma, produzir intimidade com aquele chão. Ou talvez como quem tenta encontrar uma porta para entrar nesses mundos dos quais passa a fazer parte diante de uma quase morte ou apagamento dos teus passos.

As tuas fotos dizem sobre teus sentimentos, isso de se colocar no lugar do outro não como uma ação de empatia. Acho muito pouco provável que você acredite nessa palavra que se embebe em toda uma cultura hegemônica e nos impõem um sentimento de fracasso na tentativa. O lugar do outro é sempre inalcançável. O lugar do outro, por uma ética ao outro, não se ocupa nem se chega. Ao menos é isso que vejo nas tuas fotos, uma proximidade, um algo que atravessa ali e que instaura um estranhamento. É como se as fotos nos conjugasse ao outro, como se as existências fossem intensificadas por esse encontro.

O lugar do outro parece ser esse lugar de conjugação, sempre inalcançável.

As tuas fotos despertam nossos olhares estrangeiros, talvez porque esse olhar tenha movimentado também teus passos. Então me deparo com uma frase tua, dada em uma entrevista, ao falar do teu marido, o Júlio Andujar, disseste: "Eu me casei com ele porque estava sozinha". O Júlio também era um refugiado que chegou aos Estados Unidos fugindo com a mãe da querra espanhola. A mãe dele deixou nascer dentro dela um amor enorme por você, ficou triste quando Júlio se alistou na querra e passou dois anos na Ásia. Ficou triste também porque o amor entre você e o Júlio sucumbiu ao abismo que as guerras fazem existir, e o que restou foi a separação. Imagino os olhares trocados, o silêncio de vocês duas e não consigo entender essa movimentação que as guerras produzem.

Aprendi contigo e com Marguerite Duras que aqueles que são estrangeiros ou andarilhos carregam consigo uma solidão. Em você, a solidão faz parte das fotografias, em Marguerite, da escrita. Ela diz: "Viver assim, como digo que vivia, nessa solidão, por um longo tempo, implica riscos. É inevitável. Desde o momento em que o ser humano se vê sozinho, ele oscila para o desatino. Acredito nisto: acredito que a pessoa entregue a si mesma já esteja tocada pela loucura, porque nada a detém quando surge um delírio pessoal" (p. 48).

Acho que um dos pontos fortes é que solidão para vocês, não implica em estar só, mas em buscar vida para atravessar o caos com os sentimentos do mundo. E é preciso silêncio para sentir os sentimentos do mundo. A solidão é povoada, como nos diriam Deleuze e Guattari (2012), é criadora porque nos gritam devires animais, vegetais, minerais, imperceptíveis. E por isso que no parágrafo que sucede esse supracitado, ela escreve: "Nunca se está só. Nunca se está fisicamente só. Em lugar nenhum. Sempre se está em algum lugar" (p. 48). Esse lugar para você, talvez seja o lugar que você chama do outro. É o outro que desperta em nós esses estrangeirismos, nos apresentam terras despovoadas, moventes.

Gosto muito dos vestígios que deixaste da tua vida com os Yanomamis, iniciada na década de 1970. Gosto da forma como você foi deixando teus pés pisarem nessas terras estrangeiras, como isso se tornou potente e como você, a andarilha-estrangeira, conseguiu intimidade com o povo Yanomani. É um lugar do outro, inalcançável, mas que também passou a ser o teu lugar. Ali é teu lugar. O encontro com Davi Kopenawa parece ter acendido muito do que te habitava e do que passou a te habitar com esse encontro, como se tuas forças, teus ímpetos, tuas inquietudes e teu sentir estrangeira ganhassem intensidade por vocês e com vocês.

Estou comprando teu livro com os yanomamis para presentear uma amiga. É lindo, os momentos, as luzes que encontram tuas fotos da floresta, do fogo, dos rituais, dos banhos de rio das crianças, dos sorrisos e tristezas, a força com que uma barriga que carrega uma vida redistribui a luz em uma foto. O teu lugar é permeado por intensidades. A poética das tuas fotos inventadas com o infravermelho, na época usado para prospectar o solo em busca de minérios, dão uma sensação de transe, dos xapiris, os espíritos indígenas que ajudam a sustentar a queda do céu.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

O que eles usavam para achar metais, você usava para intensificar a experiência com as fotos.

Eu percebo que o teu gesto de fotografar criou uma outra existência para você, mas não é só isso. É também pela forma como o Davi te olha, como aparecem nas fotos com teus amigos, como você encontrou ali uma terra para colocar teus pés. Acho que Revista ClimaCom. Esse lugar que não é meu? | pesquisa - artigos | ano 9, no. 22, 2022 isso te moveu e imagino como o genocídio yanomami te atravessou também. A tua obra Genocídio Yanomani (1989) é dilacerante.

É preciso que eu diga aqui o que todo mundo já sabe: a década de 1970 foi vivida sob a égide de um governo militar, duros anos, uma verdadeira guerra travada contra o povo Yanomami que teve suas terras invadidas e cortadas por rodovias em nome de um suposto progresso. Um aumento considerável da violência, exploração sexual, epidemias, assassinatos com aquele programa do governo que propunha o desenvolvimento da Amazônia - chamada por eles de terra verde vazia. Aos olhos daquele governo, desenvolver tinha (e continua tendo) o mesmo significado que Isabelle Stengers (2015) tanto critica, balizado pelo entendimento de uma lógica hegemônica que se sustenta pela lógica axiomática do lucro. Desenvolver era abrir as terras indígenas para a exploração dos recursos naturais, rasgar a pele da terra em uma provocação aos espíritos da floresta.

O Davi fala que "a floresta é a carne e a pele de nossa terra, que é o dorso do antigo céu Hutukara caído no primeiro tempo" (p. 357). Ele fala do esforço que as comunidades indígenas fazem para sustentar o céu, evitar que caia sob todos nós e nos esmague. E ele fala também das ignorâncias feitas para se conseguir os metais que foram postos embaixo da terra pelos espíritos indígenas, como forma de nos manter longe do que ele poderia causar: a febre do ouro.

O ouro, quando ainda é como uma pedra, é um ser vivo. Só morre quando é derretido no fogo, quando seu sangue evapora nas grandes panelas das fábricas dos brancos. Aí, ao morrer, deixa escapar o perigoso calor do seu sopro, que chamamos de oru a wakixi, a fumaça do ouro [...]. Esses vapores, quentes, densos e amarelados como gasolina, colam no cabelo, nas roupas. Entram nos olhos e invadem o peito. É um veneno que suja o corpo dos brancos das cidades, sem que o saibam. Depois, como toda essa fumaça maléfica flui para longe e, quando chega até a floresta, rasga nossas

gargantas e devora nossos pulmões (KOPENAWA, 2015, p. 362-363).

O garimpo ilegal tem aumentado em terras indígenas, sobretudo pela valorização que o ouro teve no mercado no começo de 2020. Arrancá-lo da terra causa uma devastação social e ambiental sem precedentes. Rasgam-na, secam os rios, fazem os peixes mortos. "Se os brancos de hoje conseguirem arrancá-lo [o ouro] com suas bombas e grandes máquinas, do mesmo modo que abriram a estrada em nossa floresta, a terra se rasgará e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo" (KOPENAWA, 2015, p. 359). Junto com as feridas provocadas na terra aparecem também as epidemias, as doenças, a cegueira. Um rastro irrecuperável.

Entre esses rastros, a contaminação por mercúrio tem entristecido e já é um enorme problema na região. A mesma tristeza que invadiu o teu amigo Eugenie Smith quando fotografava a população de Minamata, no Japão, contaminada por mercúrio. "Senti nele uma grande decepção com o mundo, um grande sofrimento", foi o que você respondeu em uma entrevista. O mercúrio é usado no processo de retirar o ouro das rochas por aderirem a esse metal, formarem um amálgama e que se separam quando aquecidos. O mercúrio evapora e o ouro fica. Junto com esse ouro ficam também os rios assoreados pelas dragas e contaminados pelo metal, que por sua vez vai para a cadeia alimentar contaminando peixes e outros animais que bebem daquela água. Um ecossistema inteiro alterado,

As populações indígenas e ribeirinhas enfrentam as consequências dessa febre do ouro. Com tanta contaminação, a água e as terras estão se tornando impróprias para o consumo e plantio, a fome assombra, as doenças entram nos corpos. A fumaça amarela desperta os maus espíritos da floresta que Omana fez dormir, que os xapiris combatem com todas as suas forças e que vocês fazem danças para evitar a queda do céu.

Hoje esse mesmo problema da contaminação por mercúrio alcança números recordes na população indígena da Amazônia. De acordo com o último relatório da Fiocruz feito em 2020, tem rios que tiveram as amostras de peixes coletadas com 100% de contaminação; algumas comunidades indígenas apresentam altos níveis de mercúrio no sangue e nos fios de cabelo; mamíferos e aves também apresentam concentrações elevadas no sangue. A insegurança alimentar assola e as águas, agora

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: "NO LUGAR DO OUTRO", uma carta para Claudia Andujar

contaminadas, assombram; a ocorrência de eventos extremos de chuvas e secas prolongadas têm dificultado as plantações. Para onde ir? As mulheres têm relatado seus medos de engravidarem por saberem que as altas taxas de contaminação afetam os bebês. Ali o mercúrio se espalha, de rio em rio, entre os corpos. As máquinas do tipo draga causam o assoreamento dos rios e tudo muda. As terras passam a funcionar em um novo regime e as populações mais vulneráveis têm sofrido com isso.

"Nossos mortos já são muito mais numerosos no dorso do céu do que nós, vivos, na floresta. Nem o dinheiro nem as mercadorias dos brancos os farão descer de novo entre nós! E a floresta devastada tampouco poderá ser curada, fica ferida e doente para sempre" (KOPENAWA, 2015, p. 366). Nas palavras do teu amigo, um clamor para olhar o lugar do outro, das outras espécies e dos outros seres. É preciso colocar na mesa a necessidade

Bibliografia

MARGUERITE, Duras. Escrever. Relicário editora: Belo Horizonte, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Editora 34, 2012.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

urgente da criação de outras relações.

Nas tuas fotos, uma urgência: um lugar do outro, pinturas na pele, histórias para contar, coisas da amizade. Talvez essa possa ser uma forma de compreender o lugar do outro que também nos habita por todo movimento que é capaz de provocar. O lugar do outro é o do estrangeiro, no meio, no entre, no algo que passa. Nas travessias que você fez, o outro sempre esteve contigo, talvez porque o outro seja você mesma e você é todo mundo.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

1 Doutora em Educação, Pós-doutoranda em educação na Unicamp. Bolsista Capes. Email: fabiolasimoes@unicamp.br

FIO CRUZ. Relatório. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisacontaminacao-por-mercurio-entre-o-povo-indigena-munduruku. Acessado em: 20 de março de 2022.

Agradecimento: CAPES.

Para Lala, com quem compartilho que o lugar do outro é inalcançável.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida

RESUMO: Este artigo pretende fazer uma reflexão artística sobre os sistemas da vida e seu potencial criativo. Conceitos biológicos como a Teoria de Gaia, de James Lovelock e Lynn Margulis, e a autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela serão construtos de um diálogo teórico-prático. A teoria dos sistemas não lineares do Instituto Santa Fé também será usada para falar sobre o processo criativo, tanto da arte quanto da vida. O processo criativo e o sobrevivente se movem entre a arte e a ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Autopoiese. Teoria de Gaia. Arte e ciência.

How (not) to protect a living being from the disasters around: a artistic reflection about life's systems

ABSTRACT: This paper intends to make a artistic reflection about life's systems and their creative potencial. Biological concepts like Gaia's Theory, by James Lovelock and Lynn Margulis, and autopoiesis by Humberto Maturana and Francisco Varela will be constructs of a theorical-practice dialogue. Theory of non-linear systems of Santa Fe Institute also will be used to talk about creative process, both an art and life. Creative process and survivor moves between the art and science.

KEYWORDS: Autopoiese. Gaia's theory. Art and science.

Maria Luiza de Almeida 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida

Que influência tem os gatos no crescimento dos amores-perfeitos? Nenhuma, aparentemente. Elimine-os todos e provavelmente os amores-perfeitos não mais florescerão. A existência viva, seja ela qual for, demanda, essencialmente, do existir de outro ser vivente. Existir pressupõe estabelecer relações que derivam outras existências. Um fio emaranhado onde se molda uma complexidade viva: não há dentro e não há fora; há apenas relações.

Emanuele Coccia, em *A vida das plantas: uma metafísica da mistura* sintetiza: "[...] toda forma de vida exige que já haja vida no mundo" (COCCIA, 2017, 14). Tudo que vive não passa de um componente de um sistema maior, um sistema vivo e dinâmico. Esse conjunto comumente conhecido como Terra recebe o nome de Gaia, um super sistema vivo.

Gaia e o que emerge do caos

Existir é criar mundo. A respiração cadenciada executada por nossos pulmões, os batimentos ritmados do nosso coração, o fluxo constante de sangue que percorre nossas veias, os choques elétricos causados por cada sinapse de nossos neurônios: todos esses movimentos são *big bangs* de uma cosmogonia interior. Somos, portanto, elementos cósmicos de uma galáxia intrincada. Cada mundo permeia e é permeado. Cada mundo se transpassa e atravessa outros mundos em uma coreografia cósmica da existência. Desse ponto de vista, cada existência é tão perfeita quanto pode ser: existir é sempre existir de alguma maneira, como coloca David Lapoujade (2018). Existir é delimitar fronteiras cósmicas.

No paradigma científico moderno, o conhecimento acerca do mundo foi fragmentado em tantas disciplinas específicas e reducionistas que uma percepção global se tornou algo cientificamente irrelevante. A compreensão do mundo de maneira holística, como um sistema vivo e complexo em movimento constante, foi o que propôs a hipótese de Gaia elaborada por James Lovelock e Lynn Margulis em meados dos anos 70, a qual propõe que a biota, e sedimentos inorgânicos, regulam o clima e a atmosfera a fim de seus próprios interesses.

Ainda entendida como hipótese por ainda se tratar de uma teoria rechaçada pela comunidade científica, posto que contempla aspectos abrangentes de difícil comprovação. Lovelock cita que explicar Gaia é como ensinar alguém a

andar de bicicleta: não dá para dizer tudo em palavras (LOVELOCK, 2006, 29). A dificuldade em descrever a teoria não anula sua existência, unicamente demonstra sua complexidade. Na tentativa de melhor expor suas ideias, Lovelock e Margulis criaram um modelo computadorizado chamado de *Daisyworld* onde uma planta escura e uma clara competem pelo crescimento em um planeta com aumento progressivo de luz solar (LOVELOCK, 2006, 33) e tal competição acaba por regular a temperatura do planeta. Ou seja, a "vida" produz e modifica ativamente seu ambiente, respondendo às maiores perturbações externas que possam vir a ocorrer. Esse é o princípio de sobrevivência que rege todos os seres vivos e o nosso próprio planeta, Gaia.

Gaia ou Daisyworld, e suas capacidades homeostáticas, enquadram-se no caráter adaptativo de sistemas abordado pelo estudo da complexidade que, para alguns, representa uma importante revolução na ciência (LEWIN, 1994). Esses estudos buscam entender o comportamento de sistemas dinâmicos não-lineares ao atingirem um certo grau de perturbação, o limite do caos. A principal referência de pesquisa destes sistemas é o Santa Fé Institute que, desde que se estabeleceu em 1984, tem atraídos físicos e matemáticos que se utilizam de avançados computadores para conseguirem entender como tais sistemas se comportam, pois devido aos seus altos graus de não-linearidade, suas análises não são possíveis apenas com a ciência clássica.

A teoria da complexidade se aplica nos mais diversos âmbitos, desde a linguística à biologia, pois ela aborda situações que fogem à linearidade, ou seja, são reflexos da condição de quase todo o universo. A física clássica newtoniana conseguiu esclarecer apenas alguns dos aspectos do mundo, somente aquilo que era essencialmente mecânico e previsível. Porém, a maior parte da natureza não se encaixa neste contexto: ela é fundamentada na contingência, em sistemas dinâmicos não-lineares que instauram essa gigantesca complexidade que acaba por se manifestar em um processo extraordinariamente criativo.

Apesar do aparente caos generalizado, o estudo da complexidade descobriu que há sim uma ordem emergente desse emaranhado assustador. Há uma ordem, um padrão em todo o universo que se revela em diferentes graus através de pequenas alterações. O limite do caos "[...] é o estado de um sistema suspenso para reagir,

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas da vida

impelido, para a atividade criativa, por simples perturbações" (LEWIN, 1994, 219). Nesse lugar, potencialidades criativas emergem como formas de adaptação a esse novo estado e esse processo pode ser entendido como entropia criativa. O conceito de entropia, com origem na Física, indica as alterações energéticas entre os estados de ordem e desordem, mas toda sua definição gera bastante discussão de acordo com a área em que é empregada. Rudolf Arnheim em Entropy and Art, an essay on disorder and order (1971) coloca que o princípio de entropia define a ordem simplesmente como um arranjo improvável, e a desordem como a dissolução desse arranjo. De certa forma, entropia e complexidade se convergem na ideia de que há oscilação entre os diferentes graus de ordem de um sistema e é isso que produz potencial criativo, seja em um sistema cósmico, seja em um sistema poético.

A reação adaptativa da natureza ou de qualquer ser vivo se dá num limiar entre a ordem e o caos. É esse limite onde as potencialidades emergem: um ato de criação. Gilles Deleuze (1997) diz que a arte, assim como a filosofia e a ciência, é o que emerge do enfrentamento do caos, essa potência criativa diante de uma grande instabilidade. A diferença entre arte, ciência e filosofia está no grau de permeabilidade que cada uma dá à essa perturbação. A filosofia se abre totalmente e é engolida pelo caos, enquanto a ciência (baseada no paradigma cartesiano) se fecha totalmente. A arte está exatamente nesse intermédio, nesse nem lá, nem cá: ela promove uma homeostase entre o caos exterior e sua ordem interna. "A arte quer criar um finito que restitua o infinito", como define Deleuze (1997). É nesse processo homeostático semelhante ao de Gaia, que o processo artístico faz emergir potências criativas. É nesse lugar onde as propriedades mais originais emergem, nos mais variados contextos: a vida surgiu desse lugar, de uma caótica amálgama química há bilhões de anos. É a emergência do caos de Deleuze.

Emergência de uma criatividade na dinâmica dos sistemas complexos da natureza, a qual, se verdadeira, implica a existência de uma 'mão invisível' que traz estabilidade do nível mais baixo até o mais alto na hierarquia ecológica, culminando na própria Gaia (LEWIN, 1994, 230).

A potência emergente, ao atingir o limite, aplicase a todos os sistemas complexos. Erin Manning chama esse processo de gesto mínimo, sendo na arte, por exemplo, obras que perturbam, complicam, matizam, encorajam como experiência e são sentidas tanto para o humano quanto para além do humano (MANNING,2016, 83). A arte se estabelece como um sistema complexo de componentes heterogêneos abertos à estabelecer relações ao se colocarem em uma situação limite. É no menor gesto que a potência criativa emerge.

Um emaranhado autopoético

O ritmo dessas emergências se dá de acordo com cada sistema, suas particularidades, seus componentes e suas interações. No caso de Gaia esse ritmo é de difícil compreensão ao ser humano contemporâneo, inserido nesta frenética lógica capitalista. O ritmo de Gaia é vagaroso, um adágio, onde todos movimentos são sentidos e absorvidos em sua totalidade: não há ação que não tenha reação embora esta não venha de imediato. E como a sociedade contemporânea funciona em andamento alegro, incansavelmente alucinante, talvez a reação imunológica de Gaia acabe vindo acumulada. Será que receberemos o 'prêmio' de uma era inteira de apostas em uma única vez?

Esse acúmulo de apostas é o que demanda o Antropoceno, a era dos homens. Gaia e sua capacidade homeostática já se mostrou reativa há outras perturbações durante sua existência e não haverá de ser diferente diante das perturbações causadas pelo ser humano. Talvez o caráter danoso do Antropoceno se mostrou muito pior pela concepção fragmentada da ciência e, consequentemente, da sua visão de mundo. O ser humano não se enxerga parte do grande sistema vivo do planeta Terra, mas sim, apenas um mero morador ou, até pior, um simples passageiro. A ideia de Gaia parte justamente desse ponto: seres humanos são componentes integrantes desse enorme sistema, nem mais importantes, nem menos importantes que os outros, apenas a integração do todo. Como define Lovelock: "o sistema da Terra se comporta como um sistema único e autorregulador composto por componentes físico, químicos, biológicos e humanos" (LOVELOCK, 2006, 35).

A concepção de um sistema que é visto externamente é algo comum na prática científica. Forma-se o triângulo observador, organismo observado e ambiente, estando o observador excluído das interações organismo/ambiente, ou seja, um sistema

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida

fechado. Na realidade não é bem assim. A partir do momento que o observador observa essa relação, ele já está inserido na dinâmica do sistema. Humberto Maturana e Francisco Varela no livro Árvore do conhecimento (1995) questionam esse lugar isento da percepção. Eles colocam:

[...] pois devemos ter em mente que, sempre que se observa ou se distingue algo, está-se fazendo isso a partir da regularidade de uma certa perspectiva adotada no presente de tal (ou tais) observador. [...] a partir da perspectiva do observador (ou observadores) e não de algum ponto 'objetivo' e independente a tal observador. (MATURANA, VARELA, 1995, 33)

Pensar Gaia como um sistema é exatamente inserir o observador dentro da dinâmica sistêmica, como parte integrante e ativa do conjunto. Os seres humanos só vivem e existem também por causa da existência dos amoresperfeitos: a vida é uma teia emaranhada de fios, não há dentro nem fora, só as relações.

Tim Ingold (2012) coloca essa ideia abrangente da vida:

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012, 29).

Habitar o planeta Terra é ser Gaia. As emergências transbordam a partir dos seus limites construídos e é nesse processo que o equilíbrio da vida se constitui. Essa é uma definição do termo autopoiese cunhado por Maturana e Varela: um sistema vivo que produz e mantém seus próprios limites na intenção de sobrevivência. Na biologia, o exemplo mais recorrente é o da membrana celular, mas são diversas as formas de determinar esses limites. Segundo o cientista russo Vladimir Vernandsky (1863-1945), precursor no pensamento ecológico, no caso do planeta Terra são dois limites claramente estabelecidos: o limite superior imposto pela radiação e o limite inferior

determinado por temperaturas muito altas. Dentro destes dois limites a vida na biosfera cresce, mas não integralmente, tendo outras subcamadas que limitam sua expansão, de acordo com cada espécie. É a complexidade do sistema Gaia: o devir da própria vida.

Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor

Maturana e Varela afirmam que toda reflexão produz um mundo. Gaia é composta por incontáveis mundos que se interconectam, uma verdadeira galáxia interativa. Como já colocado anteriormente, os sistemas são sempre abertos, permeáveis. Existem os limites, mas sempre haverá um vazamento, um atravessamento. Embora todo ser vivo tenha como instinto a sua proteção e sobrevivência, dentro de uma bolha hermética isso não acontecerá. Peter Sloterdijk em seu primeiro volume da série Esferas (2016), o Bolhas, afirma: "todas as bolsas/bolhas fetais, modelos orgânicos de vasos autógenos, existem apenas para serem rompidas; com a ressaca do nascimento, cada vida é lancada à costa dos mais duros fatos" (SLOTERDIJK, 2016, 60). A vida é o

A partir do processo laboratorial de criação poética para a minha atual pesquisa de doutorado criei uma espécie de protótipo de EPI vegetal que chamei de Como proteger um ser vivo das catástrofes ao redor. O projeto continha duas mudas de alfazema plantadas em dois vasos iguais e com os mesmos suprimentos nutricionais na terra. Em um dos vasos montei o protótipo constituído de estacas de acrílico e envolto com telas de sombreamento usadas em estufas. Na parte superior foi feito um suporte de arame onde se encaixava uma capa de plástico transparente. Entre a tela e a cúpula de plástico foi deixado um pedaço livre. Dentro do vaso também foi colocado um dispositivo para irrigação em goteiamento. Os dois vasos foram deixados em ambiente aberto sob sol e chuva. Após uma semana, examinei as plantas. A planta exposta (Figura 1) se apresentou viva e forte. A planta imunizada e protegida (Figura 2) apresentava uma das mudas já seca, mas a outra ainda seguia viva. Esse meu breve experimento demonstrou que as bolhas devem ser rompidas. Atravessar a

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas

FIGURA 1: FOTOGRAFIA. PLANTA EXPOSTA.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

FIGURA 2: FOTOGRAFIA. PLANTA PROTEGIDA.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Usando a mesma estrutura do protótipo realizei um e a tinta preta gotejando e explodindo no invólucro ensaio fotográfico (Figura 3) como uma simbologia desta tentativa de proteção extrema, desse danoso fechamento em si. A planta dentro dessa estrutura estranha é como se fosse nós mesmos, dentro dos nossos próprios mundos que construímos (Figura 4),

imunológico (Figura 5) é o caos, as perturbações que emergem do desconhecido. Parece seguro e aconchegante, mas a vida não respira; o ar some.

Em A redoma de vidro (1991), Sylvia Plath usa a

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

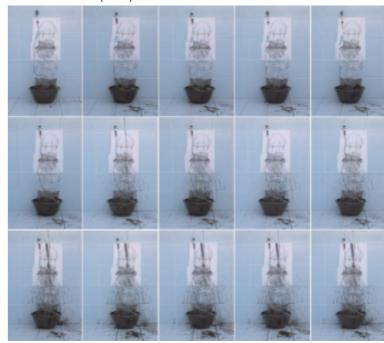
ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas

metáfora da redoma de vidro para retratar a experiência de asfixia e aprisionamento de uma doença mental. No meio de sua crise, Esther Greenwood, alter ego de Plath, diz estar presa por uma redoma de vidro, uma cúpula usada em experimentos científicos para simular sistemas herméticos. A sensação é como se estivesse "[...] mexendo no seu próprio ar azedo, incapaz de perceber claramente o mundo exterior" (PLATH, 1991, 185). A redoma é a estruturação de um mundo fechado em si. Um mundo selado e imerso no próprio controle. Um mundo só.

O termo autopoiese de Maturana e Varela (1995) já apresentado, sintetiza a capacidade de um sistema se auto organizar, produzindo a si mesma e especificando seus próprios limites. Entretanto, o sistema autopoiético de Maturana e Varela não é hermético: há uma permealidade homeostática entre interior e exterior. Aqui, o mundo ainda segue vedado em si, com medo das perturbações do exterior e obcecado por seu total controle. Seu ar começa a se tornar azedo. Estabilidade é algo desejável, mas para tudo "[...] existe uma quantidade que tem seu valor ótimo. Acima dessa quantidade, a variável se torna tóxica" (BATESON, 1986, 61). O mundo inserido nesta bolha não consegue distinguir o dentro e fora. Só há o dentro.

Buscamos o controle, mas a potência emerge do estado caótico, sujo e perturbado, mesmo que em um gesto mínimo. É esse o lugar de existência, do vazamento, da criação. Produções artísticas e científicas sempre conterão uma certa individuação daquele que as produz. Emanuele Coccia (2018) define essa percepção mediadora como ponto de vida, ou seja, uma construção de realidade a partir da subjetividade individual de cada mundo. Essa percepção singular da existência, a partir do viver dentro dos limites de cada mundo, é a definição do conceito de umwelt, conceito este desenvolvido pelo biólogo Jacob von Uexküll no início do século XX e que Coccia sintetiza como "uma espécie de bolha de sabão cheia de todas as características acessíveis ao sujeito" (COCCIA, 2018, p. 44). Arte e ciência são criações a partir do filtro da umwelt de cada existência e, portanto, é preciso ter discernimento para dar conta das variações perceptivas de cada mundo sabendo que jamais será possível estar fora de seu próprio. Como colocam Maturana e Varela (1995) toda experiência de certeza é um fenômeno individual, cego ao ato cognitivo do outro, em uma solidão que só pode ser transcendida no mundo criado com o outro. É preciso atravessar a bolha.

FIGURA 3: FOTOGRAFIA.COMO (NÃO) PROTEGER UM SER VIVO DAS CATÁSTROFES AO REDOR.

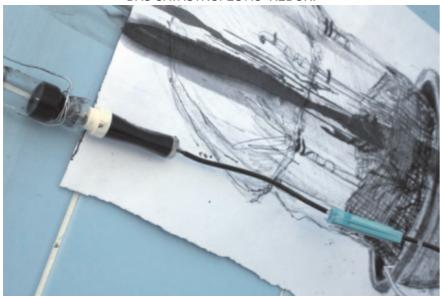


Fonte: Acervo pessoal, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida

FIGURA 4: FOTOGRAFIA. COMO (NÃO) PROTEGER UM SER VIVO DAS CATÁSTROFES AO REDOR.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

FIGURA 5: FOTOGRAFIA. COMO (NÃO) PROTEGER UM SER VIVO DAS CATÁSTROFES AO REDOR.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Considerações finais

Gaia, Daisyworld, uma célula ou meu protótipo de EPI vegetal, todos esses sistemas são vivos porque autorregulam internamente. São permeáveis e se adaptam às perturbações e é dessa adaptação que emerge a potência vital. O seguro e previsível é algo, à primeira vista, desejável. Mas desse lugar nada vaza, nada é gerado. Nada emerge do homogêneo.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Como (não) proteger um ser vivo das catástrofes ao redor: uma reflexão artística sobre sistemas de vida

Os sistemas dinâmicos não-lineares demonstram que ao liberar a potência de existência, seja artística, biológica, física ou o que for, se atinge o ponto de equilíbrio máximo entre a ordem e o caos, o controlado e o desconhecido, e é esse o ponto em que um sistema complexo entra em estado crítico: ele cria. Essa criação se dá pela interação de seus componentes, seu dinamismo conjunto. Somos emaranhados, heterogêneos dentro de um mesmo processo de devir. É desse

devir que o sopro flui. Rompe-se a bolha.

1 Doutoranda em Poéticas interdisciplinares do PPGAV - UFRJ e bolsista Capes. Email: mluizacanela@gmail.com

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. Entropy and art: and essay on disorder and order. Los Angeles: University of California Press, 1971.

BATESON, Gregory. Mente e Natureza. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1986.

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas. Uma metafísica da mistura Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, Gilles. O que é a filosofia?. Coautoria de Felix Guattari. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1997.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEWIN, Roger. Complexidade: a vida no limite do caos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOVELOCK, James. A vingança de Gaia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MANNING, Erin. The minor gesture. Durham: Duke University Press, 2016.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. Campinas: Editora Psy II, 1995.

PLATH, Sylvia. A redoma de vidro. São Paulo, São Paulo: Globo, 1991.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I*: bolhas. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016

VERNADSKY, Vladimir. Biosfera. Rio de Janeiro: Dantes, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Novos parentes no Antropoceno

RESUMO: Num mundo de incertezas crescentes, a própria matriz epistemológica configurada pelas ciências modernas está balançando. O esgotamento do mundo natural está refletido também pela crise das formas objetivistas e racionalistas de conhecer e agir, e a academia tem se aberto a outros saberes que podem ajudar a compor novas estratégias de convivência. Dentre eles, os conhecimentos tradicionais têm tido interesse renovado. Neste ensaio, mergulhamos brevemente em linhas da obra da bióloga e filósofa Donna Haraway, que fez essa aproximação com o tradicional, e relembramos também a ficcão filosófica Vampyroteuthis infernalis, de Vilém Flusser e Louis Bec. Ambos são contribuições relevantes para arejar formas de ver, pensar e agir no contexto do Antropoceno e das mudanças climáticas. Renovar essas formas de estar no mundo significa superar o "excepcionalismo humano" (base do entendimento da superioridade da espécie humana) e o "existencialismo biológico" (expressão que nos ajuda a compreender a desconsideração que dirigimos a algumas espécies). Significa caminhar na direção do que a bióloga estadunidense chamou de "pensamento tentacular" e buscar, no Antropoceno, o encontro de novos parentes.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança climática. Antropoceno. Haraway.

New relatives in the Anthropocene

ABSTRACT: In a world of increasing uncertainty, the epistemological matrix itself configured by modern sciences is rocking. The exhaustion of the natural world is also reflected by the crisis of the objectivist and rationalist ways of knowing and acting, and the academy has been open itself to other knowledge that can help to make up new strategies of coexistence. Among them, traditional knowledge has been of renewed interest. In this essay, we briefly immersed ourselves in lines of the work of biologist and philosopher Donna Haraway, who made this approach to the traditional, and we also recall the philosophical fiction Vampyroteuthis infernalis, by Vilém Flusser and Louis Bec. Both are relevant contributions to airing ways of seeing, thinking and acting in the context of the Anthropocene and climate change. Renewing these forms of being in the world means overcoming "human exceptionalism" (the basis of understanding the superiority of the human species) and "biological existentialism" (an expression that helps us understand the disregard we address to some species). It means walking towards what the American biologist called "tentacular thinking" and seeking, in the Anthropocene, the meeting of new relatives.

KEYWORDS: Climate change. Anthropocene. Haraway.

Rodolfo Eduardo Scachetti 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Novos parentes no Antropoceno

INTRODUÇÃO

O gênero da ficção filosófica parece estar ganhando mais espaço em tempos conturbados, inclusive do ponto de vista epistemológico, quando incertezas alcançaram com força as próprias matrizes científicas do conhecer. Com o aprofundamento da crise das representações universalistas, da Razão em meio às novas barbáries, outros modos de ver e pensar têm voltado a povoar a academia, já que das ruas nunca foram totalmente erradicadas. Evidentemente, há ainda esforços na direção do estabelecimento de valores tendencialmente universais como, por exemplo, os próprios princípios da democracia e dos direitos humanos. Na prática, entretanto, é possível ver que há tantas democracias quantos países que se dizem democráticos, tornando as diferenças entre eles possivelmente mais relevantes do que as semelhanças. Uns ainda se aproximam mais dos chamados Estados de Bem-Estar Social formados na Europa no período pós-1945, enquanto outros mantêm, por vezes, práticas que não fazem eco com o chamado Estado de Direito, já que ainda comportam trabalho análogo a escravo e sistema prisional cheio de distorções, para dizermos o mínimo. Por outro lado, a globalização trouxe alguns aspectos de caráter universalista, em especial no tocante à questão econômica. De um jeito ou de outro, em meios às diferenças todas de visões, práticas, valores, é possível dizer que há uma economia global em funcionamento, que se apoia sobre uma cultura que se pretendeu universal e uma língua franca (inglês), e que realizou de modo variado parte de seu projeto ao redor do globo. Fez isso com o apoio de empresas transnacionais, de governos muitas vezes melhor representados em entidades multilaterais e, por fim, não menos importante, através de uma fortíssima indústria cultural que auxilia a disseminar mundo afora alguns valores ocidentais, especialmente no que tange ao consumo.

Essa história de uma chamada aculturação não é nada nova, ainda que possa estar revestida de modo diferente. Tornar o outro igual a si mesmo tem sido prática comum na medida em que a cultura colonial, marcante a partir do século XVI, e que se estabeleceu em vários lugares do globo, pretendeu em última instância eliminar os povos não-europeus. Fosse através de conversão ou mesmo extermínio. O que isso significa? Que só se aceita a si mesmo ou seus semelhantes. Um tanto diferente do relato histórico dos romanos que puderam incorporar a cultura helenística em seu

projeto imperial na Antiguidade, a história mais recente de colonização testemunhou as incorporações acontecendo em meio a conflitos e disputas, cuja tônica foi primordialmente de rebaixamento entre culturas distintas. Nos Estados Unidos, por exemplo, houve extermínio dos povos autóctones, a despeito das influências remanescentes, enquanto no Brasil e na América Latina houve movimento similar, ainda que a resistência tenha sido melhor sucedida ao longo dos séculos, deixando como legado não só uma influência nas diferentes culturas nacionais, bem como a própria permanência de diversas populações originais (muitas delas salvas via manutenção de certo isolamento).

À margem dos fortes processos modernos de tentativa de universalização cultural, subsistem então populações cujos modos de vida se baseiam em outras matrizes de saber. A matriz ocidental moderna e sua supremacia tecnológica parecia ser parte de um caminho sem volta rumo ao desenvolvimento e ao chamado esclarecimento. Mas, em uma espécie de reedição do trágico grego que, de qualquer maneira, fundou em larga medida essa cultura, aparentemente os novos deuses do contemporâneo têm se voltado contra os humanos (e, infelizmente, afetando primeiro os mais vulneráveis). O mais famoso desses deuses é, na verdade, uma espécie de deusa: Gaia, ou essa entidade que é a Terra tal como reimaginada pelo ambientalista britânico James Lovelock. Gaia ou a Terra ou mesmo a natureza tem sido entendida frequentemente pelos humanos como mãe-Terra. Mas de mãe rica e generosa, Gaia parece cada vez mais esgotada diante de tamanha violência a que tem sido submetida e vem se convertendo em algo como uma mãe severa e rigorosa, que tem enviado cada vez mais mensagens de alerta. Estamos conseguindo decifrar seus sinais?

É nesse sentido que temos visto tentativas de acadêmicos, desde o surgimento dos debates ecológicos nos anos de 1960, de se abrir aos mil nomes de Gaia. E muitos desses acadêmicos esperam fazer isso a partir de conversas com quem em geral lutou para não se afastar dela: as populações tradicionais. Reabrir as matrizes modernas do conhecimento, contaminar epistemologias objetivistas com ontologias tradicionais tem sido uma das possíveis vias de diálogo na busca por evitar que as tragédias que se anunciam ocorram ainda em maior profusão. A perda de territórios dos mais vulneráveis e as migrações em função das mudanças do clima já

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

só não assusta quem quer seguir até o

esgotamento de tudo o que existe no planeta - por onde devemos começar? Compreendendo que não

temos mais tempo, o que fazer?

A antiga questão fundadora das ciências sociais sobre que peso dar para as ações individuais e as estruturas sociais permanece, nesse contexto, muito atual. Parte substantiva dos esforcos no campo das políticas ambientais envolve, por exemplo, o campo da educação ambiental que, em geral, não terá muito a fazer no tocante ao sistema político, técnico e econômico que está na base das distorções contra Gaia. Todo o campo de estudos recentes sobre comportamentos próecológicos se pauta mais em avaliar como agem os indivíduos do que como as estruturas sociais (que agui podemos entender de modo simplificado com exemplos como: preços das coisas, acesso, recursos disponíveis, entre outros) influenciam ou mesmo condicionam suas ações. O campo que nos interessa neste ensaio talvez possa ser considerado o do meio entre o agir e as estruturas: entre os mistérios psicossociais das ações humanas, motivadas por múltiplas dimensões, e as fantasmagóricas estruturas sociais que não vemos, que não descem às ruas, mas que sabemos terem papel central nos rumos das sociedades, onde mirar esforços transformadores?

Ao que parece, jeitos de ver, pensar e agir podem pressionar a imobilidade de estruturas sociais, e estruturas arejadas podem reconfigurar e fazer subsistir, nas novas gerações, formas novas de ver, pensar e agir. As forças progressistas como o movimento contra o preconceito racial e o feminismo trouxeram exemplos de progressos variados ao redor do globo que partiram do nível microssocial e avançaram para níveis superiores em termos de organização coletiva. Níveis estruturais das sociedades ocidentais contemporâneas passaram por modificações, atingindo-se inclusive, em muitos casos, estatutos legais. Mas no caso da problemática ambiental,

vale insistir: onde mirar os esforcos? Dada a urgência do tema, é necessário considerar que no caso ecológico anything goes. Nesse vale tudo na defesa de Gaia a academia deve ocupar um papel de destaque, na medida em que as ciências são parte integrante da ESTRUTURA das sociedades contemporâneas, e pretendem sim influenciar comportamentos e ações. As vacinas contra a COVID-19 estão aí para confirmar isso. Uma ciência pura, neutra e desengajada deixou de ser uma imagem realista para representar o campo das pesquisas. As ciências são, grosso modo, parte das forças produtivas, não estão isentas dos campos ideológicos em disputa, e nesse sentido devem se colocar na sociedade como tal. Epistemologia e ontologia são, mais do que ramos de estudos sobre o conhecer e o ser, possíveis caixas de ferramentas através das quais os indivíduos vêem, sentem, pensam e agem. Estão de certa maneira no caminho do meio entre estruturas e indivíduos, na medida em que todos vivemos e agimos segundo nossos valores e crenças, incluindo e com destague para nossas culturas que, em muitos casos, envolvem níveis de letramento científico.

Ora, as ciências se encantaram ao longo de sua história moderna com seu próprio brilho. Em um reflexo narcísico, andaram bastante de mãos dadas com a guerra e com o capital, parceiros, é preciso dizer, que em alguma medida nos fazem lembrar do personagem Fausto. Nesse sentido, a mesma esfera que é representada como salvadora de vidas com seus inventos no campo da saúde (e nos esquecemos por vezes das relações diretas dos inventos com os recursos financeiros e da questão do acesso), possibilitou e possibilita dominação e destruição. A expansão marítima ibérica do século XVI só foi possível com técnica e ciência. As revoluções industriais que colocam o mundo contemporâneo em patamares inéditos de emissão de gases que têm provocado alterações no clima só foram possíveis com técnica e ciência. A energia nuclear que move nações e ameaça os humanos é outro exemplo. Passou da hora das ciências fazerem sua autocrítica. Através de mentes as mais interessantes, isso felizmente tem ocorrido desde pelo menos os anos 1960. Aqui vamos tratar brevemente de um exemplo de uma cientista que tem feito, na nossa visão, um interessantíssimo movimento de conversão: poderíamos dizer que compreendendo que as bases epistemológicas de seu campo de saber não eram suficientes para sua plena atuação, ela decidiu se abrir de alguma maneira a novos saberes. Nesse sentido, teve encontros com

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Novos parentes no Antropoceno

ontologias de povos tradicionais e claramente os rumos de sua carreira foram modificados. Ela é a bióloga estadunidense Donna Haraway.

Haraway, ao longo de sua carreira, tornou-se mais filósofa do que zoóloga, mas impossível não notar a influência que uma área produziu na outra. E agora voltamos ao início deste ensaio: ela é uma das escritoras de destaque produzindo ficções filosóficas que esperam dialogar com nosso tempo de incertezas. E Haraway dá uma solução das mais interessantes em seus escritos ao falso dilema da ação x estruturas. O sujeito de Haraway é melhor definido como ciborque. holobionte, pós-húmus. É esse sujeito composto (no sentido também da compostagem), não autopoiético (autofabricado), mas simpoiético (fabricado junto), que povoa os textos de Haraway; diante da devastação ambiental, suas respostas parecem mirar epistemologias e ontologias que participam desse mundo que produz, na expressão de Anna Tsing, ruínas. Haraway renova a filosofia e as ciências humanas em seu diálogo nem sempre produtivo com as ciências da vida. Num esforco de décadas de refazer nossos entendimentos, a bióloga deixa pra trás as teorias do excepcionalismo humano e reencontra "ontologias" tradicionais, formas de vida de povos que sempre viram mistura e a composição de agentes os mais diferentes atuando conjuntamente no mundo: bichos, plantas, espíritos, deuses. Pouco afeita ao mundo bem-organizado epistemologicamente pela modernidade e na prática em vias de devastação constante, seu pensamento tentacular é, poderíamos dizer, a abordagem metodológica de Haraway na trilha de defender novos parentescos nesses tempos de separação. Pensar junto de aranhas, polvos e lulas não é, afinal de contas, uma coisa que podemos considerar das mais comuns na história das ciências, que se acostumaram a pensar 'sobre' as espécies, e não 'com' elas como tantas vezes fazem as populações tradicionais por meio das técnicas xamânicas.

É verdade que a história de Haraway sobre fazer novos parentes nesses tempos de crise já teve outras edições. Se é próprio do gênero das fábulas travarmos relações com os animais, o filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser e o argelino Louis Bec escreveram, no final dos anos 1980, um ensaio dos mais interessantes no campo das ficções filosóficas. Vampyroteuthis infernalis: a Treatise, with a Report by the Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste pode ser lido como

precursor dos escritos recentes de Haraway, ainda que suas concepções fossem bem pautadas em uma direção filosófica estranha às da bióloga. No livro, a lula vampiromórfica é investigada sob diversas óticas, em especial na tentativa de compreensão de seu Dasein. Provocação à própria noção heideggeriana de Dasein! Afinal, ela não atingia os não-humanos! Os autores nos assustam com uma efusiva argumentação que mescla biologia e uma espécie de sociofilosofia das lulas, e nos levam a pensar nosso parentesco com esses seres que vivem nas águas profundas e escuras dos oceanos (na zona abissal). Em meio a diferenças e semelhancas com os humanos, a investigações sobre a arte, o sexo, a fisiologia dessas lulas, Flusser e Bec talvez tenham nos oferecido uma das principais chaves de compreensão das razões que autorizaram os modernos (os que buscaram ser e jamais foram) a se tornarem exterminadores dos outros entes, fossem outras espécies ou o próprio ambiente: no plano do que ambos chamaram "existencialismo biológico", o nojo recapitularia a filogênese.

Em suma, quanto mais diferentes, mais sentiríamos asco dos outros animais, sendo o fato de serem invertebrados um fator decisivo nessa espécie de escala de produção de sensações. Ora, para Flusser e Bec, quanto mais exótico, maior o desgosto produzido; mas não teria sido, no moderno, toda diferença condenada a ponto de ser o cenário ainda pior do que esse do existencialismo biológico? Toda! Olhando para o mundo global, Haraway espera reconectar essa história vista como de separação e exclusão: "Tentacularidade é sobre vida vivida ao longo das linhas - e que riqueza de linhas - não em pontos, nem em esferas. 'Os habitantes do mundo, criaturas de todo tipo, humanas e não humanas, são viajantes'; gerações são como 'uma série de trilhos entrelacados'' (HARAWAY, 2016, p. 32, tradução própria). Os novos parentes no Antropoceno são uma chance de reconexão com culturas e espécies diferentes, que sinalizam formas de ver, sentir, pensar que são estranhas ao objetivismo moderno, mas que podem trazer oportunidades de, nas palavras de Haraway, continuarmos com o problema.

Esses dias, algo aconteceu por aqui: minha esposa encontrou uma lesma na alface. Invertebrada, diferente, com suas 'antenas'. Sim, Haraway, não são antenas, são tentáculos! Por aí elas veem. Acho que tocam melhor o mundo do que nós, demasiado humanos, com seus tentáculos que veem. Minha esposa não teve dúvidas sobre o que

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Novos parentes no Antropoceno

fazer com a lesma. Colocou na floreira. Vem alimentando-a desde então com alface. Ela procriou e povoou outras floreiras. A nossa família cresceu, por mais difícil que possa ser para alguns parentes e vizinhas aceitar isso. Eu entendi. Espécies companheiras. Parece que era o que Haraway queria dizer com somos viajantes! Sim, somos viajantes, criaturas da terra e dos mares que migramos o tempo todo em busca de novos parentes que nos recebam em segurança em tempos ecologicamente tão conturbados, mas

epistemologicamente mais esperançosos sob a ótica desse pensamento tentacular.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

1 Doutor em Sociologia pela Unicamp. Professor Associado do Instituto do Mar da Unifesp. E-mail: rodolfo.scachetti@unifesp.br

Bibliografia

FLUSSER, V.; BEC, L. Vampyroteuthis infernalis: a Treatise, with a Report by the Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1987.

HARAWAY, D. J. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham e Londres: Duke University Press, 2016.

LOVELOCK, J. Gaia: A New Look at Life on Earth. Oxford: Oxford University Press, 2000.

STENGERS, I. Au temps des catastrophes: Résister à la barbarie qui vient. Paris: La Découverte, 2013.

TSING, A. L. The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton: Princeton University Press, 2021

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e póshumanistas

RESUMO: O presente ensaio propõe uma reflexão sobre formas alternativas de convivência entre os diferentes a partir da conjunção de elementos de um modelo crítico-normativo na perspectiva sociológica. O exercício crítico deste ensaio é realizado a partir da ética socioclimática dentro da perspectiva convivialista e pós-humanista. O nexo entre as esferas reflexiva e normativa dessa abordagem lança luzes sobre a categoria dos refugiados climáticos com elementos da teoria social crítica do convivialismo (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) e da abordagem pós-humanista (HARAWAY, 2016; TSING, 2019) para a proposição de um modelo possível de cunho reflexivonormativo que possibilite a coexistência mediada entre os diferentes por instrumentos de justiça que evitem a reprodução de estruturas dominantes e opressoras e os massacres contemporâneos que levam à migração climática.

PALAVRAS-CHAVE: Ética socioclimática, Convivialismo, Pós-humanismo,

We are all climate refugees: socio-climatic ethics as a critique for the production of convivial and post-humanist forms

ABSTRACT: This essay proposes a reflection on alternative forms of coexistence between the different from the conjunction of elements of a critical-normative model in the sociological perspective. The critical exercise carried out in this essay is based on socio-climatic ethics within a convivialist and post-humanist perspective. The nexus between the reflexive and normative spheres of this approach sheds light on the category of climate refugees with elements of the critical social theory of convivialism (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) and posthumanism approach (HARAWAY, 2016; TSING, 2019) for the proposition of a possible model of a reflexive-normative nature that makes possible the mediated coexistence between the different by instruments of justice that avoid the reproduction of dominant and oppressive structures and that avoid the contemporary massacres that lead to climate migration.

KEYWORDS: Socio-climate ethics. Convivialism. Post-humanism.

Frederico Salmi 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e pós-humanistas

A emergência das mudanças climáticas impõe a necessidade de novas críticas a partir do já conhecido e, desse modo, abordagens interdisciplinares apresentam-se como espaços teóricos e normativos no horizonte de produzir elementos orientadores da ação social transformadora, como diz Axel Honneth (2021 [1992]).

Começo este ensaio com algumas reflexões: quem são, onde estão e como vivem os refugiados climáticos contemporâneos? E qual modelo possível e alternativo - reflexivo-normativo - os humanos podem mobilizar para refletir e reorganizar as estruturas sociais humanas existentes e dominantes em formas mais equânimes que não leve ao massacre do outro?

A presente reflexão não busca proporcionar respostas na perspectiva das ciências da natureza-uma vez que as mudanças climáticas já são um consenso para a ciência contemporânea (IPCC, 2021) -, mas das ciências humanas, especificamente dos campos filosófico e sociológico com ênfase na perspectiva convivialista2 (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) e pós-humanista3 (HARAWAY, 2016; TSING, 2019).

Quem são os refugiados climáticos contemporâneos? A resposta para essa questão depende do campo da ciência a partir do qual ela é produzida. A grosso modo, tanto os teóricos convivialistas quanto os pós-humanistas entendem e enquadram os seres vivos como entidades dignas de valor intrínseco em si, com exceção da discussão entre alguns utilitaristasconsequencialistas (TREMMEL; ROBINSON, 2014; HEATH, 2021). A crítica desse ensaio está na categoria analítica denominada humano. O humano é uma unidade analítica central, estruturante e estruturadora que fomenta relações individualistas, segregacionistas e hegemônicas em relação ao outro. Todavia, as relações sociais e ecológicas, humanas e além de humanas são de caráter interdependente (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) e os seres vivos - além das entidades abióticas, como rios, montanhas e a atmosfera - são interdependentes entre si. Assim, como argumenta Gilbert, Sapp e Tauber (2012, p. 336): "somos todos líquens". Essa interdependência convivialista é uma alusão direta à relação simbiótica (HARAWAY, 2016; TSING et al., 2017) entre os seres bióticos e abióticos que se encontram e coexistem nesse mundo. A crítica de fundo é pautada na separação de cunho

ontológico entre as sociedades humanas e as demais sociedades da Natureza.

Então, quem são os refugiados climáticos contemporâneos? A partir da perspectiva da ética climática (GARDINER, 2017; HEATH, 2021) em sua vertente filosófica-sociológica (SALMI, 2021), tanto teórica como empiricamente, os refugiados climáticos contemporâneos são todos aqueles humanos e além de humanos - que se encontram em situação vulnerável em relação aos efeitos das mudanças climáticas, ou seja, aos impactos do modo de viver antropocêntrico pautado pela lógica individualista e hegemônica que produz práticas segregacionistas e destruidoras de vidas humanas e não humanas, além do próprio planeta. A Terra, nessa perspectiva, pode ser considerada uma entidade viva e digna de valor intrínseco (CALLICOTT, 2017).

Então, quem são os refugiados climáticos contemporâneos? Eles estão no ar, na terra, na água, e não só fora dos corpos humanos, mas dentro também. Seres de todas as escalas, das microscópicas às planetárias. Efeitos como acidificação dos oceanos, poluição das águas doces e da atmosfera e contaminação do solo impactam todas as espécies e paisagens em todos os níveis, porém os efeitos são sentidos de formas diferentes. Os migrantes climáticos, nessa perspectiva, estão em todos os biomas desse planeta. Algumas análises consideram que o vírus COVID-19 é um efeito direto do atual modo de viver antropocêntrico (MANZANEDO e MANNING, 2020). Ao invadirmos [nós, humanos] territórios antes herméticos e em estado de equilíbrio dinâmico naturalmente - em busca de recursos materiais liberamos formas de vidas desconhecidas de característica mutante e nociva à saúde humana para um novo tipo de convivência interespécies. Efeitos como "competição por recursos e migração em massa testarão os limites da solidariedade com e entre as nacões" (MANZANEDO e MANNING, 2020, p.3). Todavia, não se trata somente de testar os limites da solidariedade humana, mas de colocar em xeque a visão ontológica de mundo que separa os humanos dos além de humanos. De uma certa forma, as práticas de invasão humana geram novos efeitos e os além de humanos até então intocados pela modernidade passam a reivindicar novos tipos de convivialidade. Esse efeito não deixa de ser uma forma de intrusão de Gaia, como diz Stengers.

A resposta à terceira questão - como vivem os refugiados climáticos contemporâneos? - é: as

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e pós-humanistas

iniquidades sociais e ecológicas aumentam com o avanço dos efeitos dessas mudanças climáticas produzidas antropocentricamente em todas as escalas, do local ao nível planetário (TREMMEL; ROBINSON, 2014). Se os refugiados climáticos contemporâneos passam a viver de modo diferente, como consequência, o diferente em novos espaços produz efeitos na alteração da dinâmica da vida de ambos, os originários e os migrantes climáticos. Efeitos que são fruto desses novos encontros entre os que estão e os que não estão apenas de passagem, como pondera Simmel.

Dito isso, posso refletir sobre qual modelo alternativo e possível - reflexivo-normativo - os humanos podem mobilizar para refletir e reorganizar as estruturas sociais humanas existentes e dominantes. A proposição é mobilizar alguns elementos reflexivos e normativos que modelam uma possível ideia alternativa para um esquema teórico de ordenamento socioclimático para um mundo despedaçado que resulte em uma justica social e climática para todos os envolvidos.

As várias ideias de justica, ou teorias de justica, buscam propor modelos teóricos com elementos normativos que resultem em soluções na arena política (HEATH, 2021; HONNETH, 2021 [1992]). O campo da ética climática se propõe a refletir sobre os elementos abstratos e normativos na perspectiva das relações entre as entidades bióticas e abióticas. Na esfera reflexiva, é uma interface entre a ética ambiental e os estudos sociais das equidades climáticas. Na esfera analítica, é o estudo das relações sociais que resultam na consideração moral da Natureza e dos além de humanos. E, na esfera normativa, trata-se do regramento de práticas e políticas de coexistência entre humanos e além de humanos sem o massacre do outro.

Na esfera reflexiva, a busca é por modelos teóricos que proporcionem a emancipação humana. Mas qual emancipação humana? No contexto climático, a emancipação trata-se da necessidade de uma virada ontológica e uma profunda conscientização ética sobre nossa própria percepção de mundo. O deslocamento ontológico, ou seja, a visão de mundo dos agentes humanos dominantes - os poluidores de rios e comedores de montanha, como se refere Ailton Krenak aos humanos opressores - é um desafio imperativo a ser equacionado moralmente.

Pensadores contemporâneos da linha emancipatória (FRASER; HONNETH, 2003;

KOTHARI et al., 2019) buscam compreender e propor modelos teórico-normativos que resultem em reformas - ou revoluções - das estruturas dominantes existentes. A intersecção entre modelos ético-morais e políticos, em seu sentido amplo, começa a emergir de forma mais robusta como meio de pensar o mundo que, nós, humanos, habitamos e como o fazemos (ADGER; BUTLER, WALKERSPRINGETT, 2017; HEATH, 2021). Honneth (2003 [1992], p.271) argumenta que uma abordagem sobre uma ideia ou teoria de justiça deve possuir uma "concepção normativa" e que "encontre-se no ponto mediano entre uma teoria moral [...] e as éticas comunitaristas [...] pelo fim da autorealização humana". Porém, não só "autorealização humana", é fundamental que uma ideia de iustica no contexto climático inclua um deslocamento ontológico do próprio ser humano em relação aos além de humanos. Honneth não cita os além de humanos, mas proponho alargar o conceito para os não humanos. Atualmente, o sentimento (amor) e a empatia (solidariedade) como princípios ético-morais propostos por Honneth4 - são elementos fundamentais para a inclusão do outro, nesse caso, além de humanos. Essa ética da alteridade e do cuidado é crucial como visão de mundo para pensar princípios inclusivos dos não humanos.

Um modelo possível de justiça social e climática não deve ser pensado somente a partir das normatividades, ou seja, unicamente a partir das ações ou regras de reordenamento necessárias para a superação dos efeitos climáticos ou convivência com as ruínas (TSING, 2019). Uma abordagem sobre justica social e climática deve ser refletida também a partir do plano ontológico, ou seja, das diferentes visões de mundos dos humanos e dos além de humanos. Não se trata de testar os "limites da solidariedade" humana (MANZANEDO e MANNING, 2020, p.3) ou os níveis de "respeito pela autoridade [humana] e preservação dos sistemas" sociais existentes dentro de uma posição moral dominante (ADGER; BUTLER, WALKER-SPRINGETT, 2017, p.374) sistemas e estruturas sociais que produziram as mudancas climáticas e aumentaram as iniquidades sociais e ecológicas - dentro de uma visão de mundo antropocêntrica. Trata-se de criticar a atual realidade social e propor abordagens teóricas passíveis de normatização e capazes de gerar deslocamentos ontológicos reais e possíveis por meio de heteropolíticas.

Entendo o deslocamento ontológico no contexto climático como o movimento de uma visão

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e pós-humanistas

antropocêntrica para uma ecocêntrica com a produção de ecopolíticas (SINGH, 2022). A heteropolítica é entendida concomitantemente como um princípio e um processo de normatização por meio de regras e políticas - não só públicas formuladas por uma diversidade de entidades, inclusive os além de humanos. A inclusão dos além de humanos na formulação de políticas climáticas as ecopolíticas - pode ser encaminhada tendo com princípio a produção de heteropolíticas e de modo pragmático por ser operacionalizada, ou seja, normatizada, pelo enquadramento teórico proposto por Stengers (2008, p.461): os diplomatas. No contexto da formulação de políticas outras, "o diplomata está lá para dar voz àqueles cuja prática, o modo de existência, o que comumente chamamos de identidade, estão ameacados por uma decisão" para além de "interesses corporativos" ou individualistas dos agentes dominantes hegemônicos pautados por uma ética antropocêntrica. Ou seja, é possível e necessário "expandir o círculo da consideração moral humana para incluir elementos da natureza" (HEATH, 2021, p.24, grifo no original).

A produção de heteropolíticas aqui argumentada é inspirada no conceito de "heterotopia convivialista" (MARTINS, 2019, p.27). Esse último tem por base o "deslocamento das narrativas da modernização" com a liberação de "desejos de emancipação que ainda se revelam ambivalentes do ponto de vista político" (MARTINS, 2019, p.13). Assim, para refletir sobre a normatividade de heteropolíticas "a relevância simbólica da heterotopia do bien vivir" pode levar à uma "reorganização da política e do Estado" (MARTINS, 2019, p.13, grifo no original) e das estruturas dominantes de lógica antropocêntrica capitalista. A normatização de "heterotopias adequadas às sensibilidades intra e extra-nacionais" (MARTINS, 2019, p.IV) precisa abarcar não só as estruturas sociais humanas como o Estado mas sobretudo incluir os além de humanos. Como? Por meio da solução normativa dos diplomatas, uma vez que "o diplomata está lá para dar voz àqueles que [...] estão ameacados por uma decisão" humana e atua "entre a guerra provável e a paz possível" (STENGERS, 2018, p.461). Esses como os representantes humanos da Natureza.

Exemplos são os povos originários da América Latina (GUDYNAS, 2019) e os coletivos ecologistas - humanos - pautados moralmente por princípios ecocêntricos (CALLICOTT, 2017).

Assim, a perspectiva de uma ética socioclimática -

e não só climática - pode ajudar a lançar luzes com elementos da teoria convivialista e pós-humanista para a proposição de modelos reflexivosnormativos que possibilitem a coexistência mediada por instrumentos de justiça que evitem a reprodução de sistemas e estruturas que permitem "os massacres que levam a emigrar" (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020, p.118). O contingente de refugiados climáticos contemporâneos que são levados a emigrar devido aos efeitos massacrantes de um modo de viver humano já pode ser observado em todos os continentes.

Portanto, dentro desse contexto climático contemporâneo, não se trata de produzir formas de resiliência humana para a superação da crise climática por meio de políticas antropocêntricas ou das rígidas fronteiras geopolíticas em relação aos refugiados climáticos, mas sim de produzir formas de deslocamentos ontológicos e emancipação humana da própria ideia de humanocomo categoria central estruturante e reprodutora do atual modo de viver humano - e formulação de heteropolíticas pautadas por princípios que permitam a convivialidade com os além de humanos sem massacre mútuo.

- 1 Frederico Salmi. Doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, RS, Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade TEMAS/UFRGS e do Programa Amazon FACE. Esse ensaio teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o autor agradece ao financiamento da bolsa de pesquisa (UFRGS/CNPQ 133908/2020- 8). E-mail: salmi.frederico@gmail.com
- 2 O autor deste ensaio é um dos autores brasileiros do Segundo Manifesto Convivialista. Para maiores informações sobre os teóricos e signatários da t e o r i a c o n v i v i a l i s t a , v e r https://ateliedehumanidades.com/signatariosinternacionais/
- 3 Para algumas análises na perspectiva climática sobre alguns pós-humanistas, como Anna Tsing, Donna Haraway, Edwardo Kohn, Timothy Morton, entre outros, ver Being human: an ecocentric approach to climate ethics de Amanda Nichols, e Gut check: imagining a posthuman "Climate" de Connie Johnston em HENNING, Brian; WALSH, Zack (Ed.). Climate change ethics and the non-human

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Todos somos refugiados climáticos: ética socioclimática como crítica à produção de formas convivialistas e pós-humanistas

world. Routledge, 2020.

4 Axel Honneth é um dos 267 signatários do Segundo Manifesto Convivialista (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) que possui o desafio de modelar uma teoria a partir de elementos comuns e possíveis de serem conjugados para a emancipação humana e convivência sem massacre do outro, inclusive os além de humanos.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

Bibliografia

ADGER, W. Neil; BUTLER, Catherine; WALKER-SPRINGETT, Kate. Moral reasoning in adaptation to climate change. Environmental Politics, v. 26, n. 3, p. 371-390, 2017. Disponível em https://doi.org/10.1080/09644016.2017.1287624 Acesso em 08 fev. 2022.

CALLICOTT, J. B. Ecological Collectives. How Ecological Collectives are Morally Considerable. In: GARDINER, Stephen; THOMPSON, Allen. The Oxford Handbook of Environmental Ethics. Nova lorque: Oxford University Press, 2017. p. 113-124

IPCC. Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Cambridge University Press, 2021. Disponível em https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/. Acesso em 08 fev. 2022.

GARDINER, S. M. Climate ethics in a dark and dangerous time. Ethics, v. 127, n. 2, p. 430-465, 2017. Disponível em www.journals.uchicago. edu/doi/abs/10.1086/688746 Acesso em 30 jan. 2022.

GILBERT, S. F.; SAPP, J.; TAUBER, A. I. A symbiotic view of life: we have never been individuals. The Quarterly review of biology, v. 87, n. 4, p. 325-341, 2012. Disponível em https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/668166 Acesso em 08 fev. 2022.

GUDYNAS, E. Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais. Editora Elefante, 2019.

HEATH, Joseph. Philosophical Foundations of Climate Change Policy. Oxford: Oxford University Press, 2021

HONNETH, A. Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais. 4 ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1992].

INTERNACIONAL CONVIVIALISTA. Segundo

Manifesto Convivialista: por um mundo pósneoliberal. Rio de Janeiro: Ateliê das Humanidades, 2020.

MANZANEDO, Rubén D.; MANNING, Peter. COVID-19: Lessons for the climate change emergency. Science of the Total Environment, v. 742, p. 140563, 2020. Disponível em https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.140563 Acesso em 02 fev. 2022.

MARTINS, Paulo Henrique. Teoria Crítica da Colonialidade. Ateliê de Humanidades: Rio de Janeiro. 2019.

SALMI, F. Ética socioclimática e categorias analíticas: Potencial teórico-normativo para formuladores de políticas. Revista Geotemas, v. 11, p. e02105-e02105, 2021b. Disponível em http://natal.uern.br/periodicos/index.php/GEO Temas/article/view/2951 Acesso em 10 jan. 2022.

SINGH, N. M. The Nonhuman Turn or a Re-Turn to Animism?: Valuing Life along and beyond Capital. Dialogues in Human Geography, v.0, n.0, p. 1-6, 2022. Disponível em http://doi.org/10.1177/20438206221075708 Acesso em 10 fev. 2022.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em https://www.redalyc.org/journal/4056/4056553 87023/405655387023.pdf Acesso em 08 fev. 2022.

TREMMEL, J. C.; ROBINSON, K. Climate ethics: Environmental justice and climate change. Bloomsbury Publishing, 2014

TSING, Anna Lowenhaupt et al. (Ed.). Arts of living on a damaged planet: Ghosts and monsters of the Anthropocene. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2017.

TSING, A. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Reanimando um mundo que ainda vive

RESUMO: A partir de uma etnografia multiespécies nas Terras Altas da Mantiqueira sobre a poluição causada pela criação intensiva de truta arco-íris, pergunto: por que os criadores de truta poluem a água que tanto admiram? E, então, por que poluímos a Terra que tanto admiramos? Comparando os modos de conceber a natureza dos modernos com os dos povos ameríndios, proponho um caminho possível de reanimação do mundo através de uma arte neoanimista.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia multiespécies. Crise ecológica. Arte animista.

Reanimating a world that still lives

ABSTRACT: Based on a multispecies ethnography in the Highlands of Mantiqueira on pollution caused by intensive rainbow trout farming, I ask the question: why do trout breeders pollute the water they admire so much? And so, why do we pollute the Earth we dearly admire? Comparing the ways of conceiving nature of the moderns with those of the Amerindian people, I propose a possible way of reanimating the world through a neoanimist art.

KEYWORDS: Multispecies ethnography. Ecological crisis. Animist art

Rafael Ribeiro Visconti 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Reanimando um mundo que ainda vive









Ensaio visual criado pelo autor. Narrativa imagética sobre os mergulhos com as trutas nas montanhas de Minas Gerais

Chove há vários dias, escuto cada vez mais forte o deslizar do riacho perto de casa. Daqui, de cima da colina, avisto Nenê, seu filho Luís Fernando e o sobrinho-primo de sua esposa, Jonas, revezaramse dia e noite para retirar o fuísco que se acumula nas grades das entradas dos tanques de trutas. A criação intensiva de truta arco-íris (Oncorhynchus mykiss) exige fluxo contínuo de água corrente, limpa e gelada, desviada dos riachos que descem das montanhas ao nosso redor por um sistema de diques de concreto. "Ingenheria minha", conta-me Nenê orgulhoso, apontando para a própria cabeça. A água vai passando de tanque em tanque até ser devolvida de novo ao riacho poucas centenas de metros abaixo. O acúmulo do fuísco (folhas e galhos) nas grades bloqueia a entrada de água nos tanques e, se não for retirado a tempo, pode chegar a esvaziá-los, causando a morte de milhares de peixes. Por isso, em noites de chuva, é preciso estar atento. Ao longo da noite toda, de tantas em tantas horas alguém se aproxima com sua lanterna da área onde está a principal captação de água para os tanques, embrenha-se na pequena mata e abaixa-se para retirar com as mãos as folhas e galhos que descem com a enxurrada.

Mudei-me para as Terras Altas da Mantiqueira durante a pandemia do COVID-19, aproveitando que meu trabalho e estudos estavam acontecendo remotamente. Chegar na roça em meio à pandemia tem suas vantagens. Como as pessoas pararam de se cumprimentar dando as mãos, poupo-me do constrangimento de notarem minhas mãos finas de homem urbano, sem calos. Não vim apenas para fazer minha pesquisa de campo, estas montanhas são minha nova casa. E, para viver aqui, é preciso aprender a lidar com a paisagem, é preciso aprender a ser *matero*. E mateiros tem calos nas mãos. Frequento essa região no sul de Minas Gerais há quase quinze anos, atraído pelas trilhas que ligam os picos da Serra da Mantiqueira. Essa área montanhosa entre 1.200 a 2.800 metros acima do nível do mar abrange as cidades de Passa Quatro, Itanhandu, Pouso Alto, Itamonte, Aiuruoca e Baependi, listadas na ordem de guem vem subindo a serra de carro a partir do Vale do Paraíba, onde corre a rodovia Presidente Dutra (BR-116) que liga as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com trechos de Mata Atlântica e campos de altitude e de onde nascem os principais rios que abastecem o sudeste do Brasil. Mas, nas minhas

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

vindas, caminhava por alguns dias acampando pelas cristas das montanhas e voltava para São Paulo. Não conhecia a vida abaixo dos cumes e não imaginava que a produção de truta arco-íris, de forma intensiva e em larga escala, tinha se tornado a principal atividade econômica nas pequenas propriedades locais. A região é parte da Estrada Real, marcada pela exploração e escoamento do ouro no período da colonização portuguesa. Depois veio o ciclo do leite, e mais recentemente, os trutários. Cercados das florestas pontuadas de araucárias que se esticam acima do dossel, em grande parte devastadas para dar lugar ao pasto que sustenta número cada vez menor de gado de leite e de corte, os trutários marcam a paisagem com seus buracos retangulares em espelho d'água. Em cada propriedade, dez, quinze pequenos lagos abrigam milhares de trutas que, ao final de alguns meses, são abatidas e vendidas para intermediários que comercializam o filé em mercados regionais e nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Espanto-me com a chuva que não pára, nesse último ano morando aqui me acostumei aos dias de céu azul. Quando a chuva dá um respiro, Nenê aparece para um café: "De primeiro chovia o mês todo, Janeiro era mês de chuva pra nós, e os rios eram sempre assim, cheios". Demorei para perceber porque ele, muito educadamente, bebia "só um dedo" do meu café amargoso. Aqui café em geral se bebe com leite tirado da vaca todo dia cedo, e com bastante açúcar. Ou com amendoim moído e açúcar, para começar o dia. Alugo a última parte da propriedade, encostada na floresta que sobe a montanha e de onde só se segue por trilha, a pé ou a cavalo. Nenê é o proprietário do sítio, e, portanto, sou seu inquilino. Quando cheguei, tinha um pouco de dificuldade de entender a fala local. "De primeiro", por exemplo, é uma referência a um passado distante, décadas atrás. "De primeiro chovia o mês todo", me diz Nenê, comentando sobre como o clima tem mudado desde sua infância, com verões mais secos e invernos mais rigorosos, o que me faz comentar sobre a necessidade de manter mais áreas de floresta para que as nascentes não seguem. Ser sitiante agui é uma luta contra a floresta que insiste em voltar. "Em dois, três anos, vira tudo capoeira", me diz. Se não for roçado, o pasto vira mato, diminuindo a área disponível para o gado pastar. Peço que não rocem perto da minha casa, admiro essa vegetação anárquica dos campos de altitude. Mas entendo que, aqui, menos pasto é menos renda e não reclamo da roçadeira que zumbe enquanto escrevo. Passando em frente à minha casa, meus vizinhos riem do meu jardim, composto de todo tipo de erva daninha que combateram a vida toda. Quem decide o que é praga e o que não é, é, principalmente, a vaca. O que a vaca não come é daninha, praga, e precisa ser retirada. Um pasto limpo é sinal de um sítio bem cuidado. E no meu jardim prevalecem as carquejas (*Baccharis trimera*), praga de difícil controle no pasto, e a corda-de-viola (*Ipomea sp.*), trepadeira que infesta os milharais e que cada vez mais envolve minha casa, plantas nativas que cultivo por sua beleza

Na entrada do sítio mora Dona Maria, a matriarca, e alguns de seus filhos e filhas, já adultos. Mais acima na estrada, a casa de Nenê e sua esposa, Isabel, e o casal de filhos adolescentes. Luzia e Luís Fernando. Minha casinha, depois da última porteira e em cima da colina, marca o fim da linha elétrica e da estrada. Evidentemente, foi construída para alguém de fora, apenas esses preferem os topos de morros para suas casas, buscando as vistas. Os locais escolhem lugares mais abrigados, não tanto expostos aos ventos constantes nessa altitude. Além disso, minha casa é relativamente pequena, tem uma cozinha aberta para a sala e não tem fogão a lenha, afastando-a ainda mais dos usos locais. Estava desabitada há anos, e hoje sou o único humano que a habita, dividindo-a com uma infinidade de insetos e com o lagarto-teiú (Tupinambis sp.) que à noite faz barulho debaixo do meu assoalho, e o casal de maritacas (Pionus sp.) que faz ninho no forro do meu quarto e que de manhã sai voando aos gritos. Nenê passa enquanto escrevo esse trecho, e me alerta que minhas andanças nas montanhas podem ser perigosas: é neste fim de tarde neblinoso que costuma aparecer a onça. Me deixa sua capa de chuva preta, longa até os pés, me dizendo matero. Estou há um ano aqui, e, sempre que consigo, os ajudo na criação das trutas, na lida com o gado e no trabalho com a roça. No entanto, me lembra, "você é matero, mas matero ruim, andando por aí sem cavalo, sem cachorro e canivete". Me alegro com a distinção e a capa: mateiro ruim, mas mateiro. Ele conhece bem os trilhos nas matas da região, percorre-os desde crianca maneiando o gado. Muitas dessas trilhas são caminhos antigos, hoje menos usados com a abertura da estrada de terra para carros mais ao fundo do vale. As *criação* (cavalos, burros e bois) também conhecem bem os caminhos, e por eles às vezes somem por dias, reaparecendo quando têm fome de sal. Como nem tudo é cercado, as divisas entre as propriedades são porosas e os caminhos garantidos por direitos de passagem ligam as terras pelos altos dos morros. Apenas os de fora, por vezes, buscam blindar suas terras, negando passagem pelos caminhos costumeiros. O pedaço de terra onde vivo é um encontro desses caminhos, atraindo vaqueiros e, por vezes, peregrinos de vários tipos, intensificando minha sensação de que habito um território sagrado. Por agui passam tanto a Transmantiqueira, trilha de mais de 600 quilômetros que atrai montanhistas interessados em atravessar a Serra da Mantigueira de ponta a ponta, como o caminho para Aparecida, cidade no interior de São Paulo para onde se dirigem os romeiros de Nossa Senhora Aparecida. Não dou muita conversa para suas recomendações de cuidados com a onça durante minhas caminhadas, os relatos de sua aparição são sempre cobertos de espessas camadas de dúvida. Ele mesmo nunca viu. mas vai me mostrando o que parecem ser pegadas de grandes felinos pelos caminhos na mata.

Nos dias de trabalho no trutário, vou descendo a colina da minha casa animado em direção aos tangues. Busco pelo caminho um pedaço de madeira para me proteger, caso Nervosa, seu cão pastor da Mantiqueira, esteja solta. À minha frente, depois do vale e mais próximo ao topo da próxima montanha, observo o calipero, o pequeno amontoado de eucaliptos (Eucalyptus sp.), e me lembro de quando, com ajuda dos cogumelos que crescem no esterco de vaca (Stropharia cubensis), pude entender como dançam essas árvores australianas. O *calipero* baila duro, com seu longo tronco central rijo inclinando-se da esquerda para direita, conforme o vento. Bailam em conjunto, para lá e para cá, os eucaliptos todos, sem muita graciosidade mas com disciplina. Do outro lado do vale, as araucárias (*Araucaria angustifolia*) antigas que furam o teto da floresta, bailam sozinhas. Seus vários bracos se estendem horizontalmente, com seus pompons verdes nas pontas e movemse devagar como tentáculos de um polvo, ao redor do imóvel e rijo tronco central. Garbosas, dançam as senhoras (e os senhores) da floresta, cada uma ao seu ritmo. São elas mesmas refugiadas climáticas, regredindo às partes mais altas e mais ao sul do Brasil com o aquecimento gradual do planeta, agora agravado pela ação antrópica. Chego nos tanques para ajudar no trabalho. A truta é escorregadia. Parece coberta de uma gosma, é difícil segurá-la na mão. Se apertar demais correse o risco de esmagá-la, e se pegarmos com leveza ela se solta e pula onde conseguir, em geral caindo na grama fora do tanque. Minhas mãos inexperientes fazem rir meus companheiros de trabalho, Luís Fernando e Jonas. Eles me mostram como envergar um pouco o corpo da truta entre as

trabalho mais frio para seus ajudantes no sítio, seu filho e o sobrinho-primo de sua esposa, ambos no final da adolescência e início da vida adulta. Deixaram a escola para ajudar no sítio. A truta é um peixe originário das regiões mais frias dos Estados Unidos da América e Canadá, e foi introduzida nas Terras Altas da Mantiqueira em meados do século passado. Adaptaram-se bem às águas geladas dessa região montanhosa e fria demais para as grandes monoculturas que dominaram outras regiões rurais do Brasil. Quando conseguem fugir dos trutários, reproduzem-se nos rios locais e vivem sem auxílio humano, ferais. Em cativeiro, precisam da mão humana em cada passo de sua reprodução e crescimento. Aqui no sítio, Nenê adaptou as metodologias de criação para não terem que entrar na água todo dia que é preciso mexer com peixe. Em dois, arrastam uma longa rede de pesca de uma ponta à outra no tanque, de forma que os peixes figuem acumulados em uma das beiradas, próximos da superfície, e seja possível retirá-los com um pucá. O pucá é uma pequena rede redonda, fixa na ponta de um pau, com a qual se tira da água o peixe para colocá-los nos tangues de plástico para o manejo. A truta é um peixe carnívoro, em seu habitat natural se alimentando principalmente de insetos. Nos tanques, como se acumulam aos milhares, competem pelos grãos de ração distribuídos duas vezes ao dia. Nessa luta por comida que causa um rebuliço na superfície da água, alguns peixes conseguem se alimentar melhor que outros, e assim crescem mais rápido. Por isso, de quando em quando, é preciso retirar todos os peixes da água para separá-los por tamanho, ou os pequenos terão cada vez menos chance de obter comida e arriscam serem comidos pelos grandes. Pequenos nesse tanque, médios naquele, grandes ali. E assim seguimos por horas, arremessando os peixes em seus respectivos tanques. Por mais que estejamos fora da água, vamos aos poucos nos molhando com a água que espirra. E. nessa região, mesmo nos meses mais quentes do ano, é sempre um pouco gelado e o corpo vai esfriando, especialmente no meu caso, desacostumado com o clima da montanha. Preso aos meus afazeres no computador, raramente consigo passar o dia todo pelejando com eles. Quando consigo um respiro, desço até os tanques e os ajudo. Em geral distribuindo a ração pelos tanques, mas às vezes na separação, contagem dos peixes e também nos delicados processos de sua reprodução. O manejo da truta é trabalhoso, desde cedo vejo-os rondando os tangues. De manhã as trutas comem, antes de o dia esquentar. E outra vez no fim do dia. A cada vez são vários sacos de

mãos para firmar melhor a pegada. Nenê deixa o

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ração específica para alimentação de trutas, que precisam de muita proteína para seu crescimento. Os grãos de ração são misturados com um óleo produzido no próprio sítio a partir dos restos de trutas de outras levas, deixando tudo com um cheiro forte de peixe. Empurrando um carrinho de mão com a ração, vou ajudando a arremessar a ração em cada tanque com auxílio de uma cuia, ferramenta construída com a ponta de uma embalagem de amaciante de roupas. É preciso um giro do tronco coordenado com um lance amplo do braço para que, com um movimento sutil do punho ao final, seja possível espalhar bem os grãos sobre a superfície da água a cada arremesso, evitando que caiam sobre um ponto apenas do tanque e, com a água corrente, encostem. São muitos peixes por tanque, que vão aos montes cortando a superfície da água em busca do alimento. Como a água corre rápido de tanque a tanque para depois ser devolvida ao riacho, os grãos de ração que os peixes não comem rapidamente vão encostando nas beiradas dos tanques, gerando desperdício. Aos poucos vou aprendendo, mas o processo todo envolve uma coreografia do corpo e atenção aos movimentos dos peixes que apenas um tratador experiente pode desenvolver. Ao arremessar a ração, não é bom projetar seu corpo todo sobre o tanque. Vendo nossa sombra, as trutas fogem para o fundo. "Elas têm medo", Nenê me diz. Quando sou eu o tratador, as galinhas me perseguem em ruidoso cortejo enquanto vou passando de tanque em tanque, expondo minha inexperiência: aguardam ávidas pelos grãos de ração que sabem que deixarei cair fora dos tanques. A ração é a principal despesa na criação de trutas, e seu preço quase dobrou no último ano. Por isso, é preciso estar atento para evitar desperdícios. Quando o burburinho sobre a água vai diminuindo e as trutas vão deixando a ração encostar, é hora de parar. Nos dias muito quentes os peixes comem menos, e nos dias muito chuvosos e que deixam a água turva, não comem. Elas se escondem no fundo do tanque e "não vêem a ração", diz meu anfitriãointerlocutor.

Assisto, mas não participo dos dias de *matar peixe*. Tenho pena do bicho, que morre asfixiado, debatendo-se em meio ao sal. O sal impede que a carne endureça durante o processo de limpeza e produção do filé, mas, é evidente, aprofunda e alonga seu sofrimento. Em geral, nos dias em que ajudo no trabalho, recompensam-me com um peixe, que esgoelam na minha frente e me entregam, ainda se movendo, içando-o com o dedo indicador atravessando sua garganta. Não costumo comer carne em casa, então aceito a oferenda um

pouco contrariado e agradeço abaixando a cabeça. Consigo ver minha hipocrisia refletida nas escamas do peixe enquanto o cozinho: meu incômodo é mais por presenciar sua morte, ali naquele espaço em que é transformado em mercadoria, do que pela sua morte em si. Depois de mortos os peixes, as mulheres assumem o trabalho. Com ajuda de sua filha Luzia e uma prima que mora próximo, Isabel coordena a limpeza das centenas de quilos de trutas mortas a cada leva, mantidas em grandes bacias de plástico e cobertas de gelo. Como os tanques ficam em frente à casa, as mulheres consequem com mais facilidade conciliar o trabalho doméstico com o trabalho com as trutas. Retiram suas cabeças, miúdos e espinhas, deixando os filés limpos e ensacados à vácuo em embalagens plásticas para entrega aos compradores. As trutas são mortas de acordo com os pedidos dos intermediários, que vendem os filés para os restaurantes da região e do Vale do Paraíba e para as capitais mais próximas, Rio de Janeiro e São Paulo. Observo atento os carcarás (Caracara plancus), aves grandes que parecem saber os dias em que os peixes serão mortos, e desde cedo vão se acumulando em uma parte do pasto não muito distante dos tanques. Depois vejo que parte dos resto dos peixes é servida a essas aves de rapina. "Eles também têm fome", Nenê me diz ao notar meu estranhamento.

Apesar das tarefas no sítio me manterem ativo, o trabalho e estudos remotos me prendem à cadeira em frente ao computador, deteriorando minha lombar. Para tratar as dores, recebo de Dona Maria, a matriarca, uma mistura de plantas com cheiro de própolis em uma garrafa usada de álcool de cozinha. Pergunto a ela do que é feito o remédio: "nevalgina", e caminha para arrancar um pedaço de uma planta do chão e me fazer uma muda. Não sabia que novalgina (Achillea millefolium), remédio de gosto ruim que tomava para minhas enxaquecas quando criança, era uma planta. Conta-me que seu marido faleceu poucos meses antes da minha chegada, mas que ele já não morava no sítio há anos: "bibia muito", diz, enquanto insiste para que eu tome o café adocado. Comenta que a água do riacho passou a "cheirar mal" depois que Nenê "inventou de mexer com peixe". "Água de peixaria não dá para beber, a pessoa passa mal". A criação de trutas polui os rios da região, já vinha escutando a respeito desde que cheguei, mas não tinha me deparado com os efeitos concretos dessa poluição: as pessoas não bebem a água onde há trutários rio acima. Surpreendo-me, morando rio acima do trutário convivo com a água límpida que desce das montanhas. Pergunto, então, que água eles e os outros rio baixo bebem? "Das nascentes", me responde, arregalando os olhos um pouco incrédula com minha ignorância. A região é entrecortada por veios d'água, e cada casa faz a captação de alguma nascente próxima. E segue, relembrando a tromba d'água que varreu a região quase dez anos atrás, da qual eu já havia ouvido relatos. Depois de noites de muita chuva, uma coluna de lama desceu as montanhas com violência, levando as casas mais próximas do rio e fazendo rolar grandes rochas. "Mas ninguém morreu".

Caminhando montanha acima de volta para minha casa, vou percebendo o acúmulo das línguasdevaca (Rumex obtusifolius) ao redor dos últimos tanques no trutário. Essa planta prefere solos com excesso de nutrientes de origem animal, em especial o nitrogênio. Com os restos de ração e das fezes dos peixes, a água que vem saindo dos tanques de trutas, se não tratada adequadamente, traz consigo mais nitrogênio e fósforo do que o ecossistema rio abaixo está acostumado. É essa a poluição dos trutários, das peixarias: excesso de nutrientes, excesso de alimentos. É a mesma dinâmica do esgoto doméstico não tratado sendo despejado em rios que cortam grandes cidades no Brasil, e do excesso de fertilizantes que a chuva carrega das grandes lavouras monocultoras para os corpos d'água em regiões colonizadas pelo agronegócio: eutrofização. Algas e cianobactérias se regozijam face a essa perturbação, comendo e reproduzindo-se, multiplicando-se, proliferandose, fazendo vida. No processo, vão consumindo o oxigênio dissolvido na água e liberando toxinas, colocando em risco as outras formas de vida rio abaixo. Isso explica o "mal cheiro" na água relatado por Dona Maria.

Nenê gosta de se sentar na grama e admirar a água passando pelos diques de concreto que a direcionam aos tanques. Voltando da casa de Dona Maria o encontro sentado na grama, admirando-a. Me junto a ele e concordo: é mesmo um líquido encantador. Não me lembro de ter parado dessa forma para admirar a água corrente com esse olhar. Então me paraliso, por que meu anfitrião polui a água que tanto admira? E então, por que poluímos a Terra que tanto admiramos? "Vi que Natureza... é uma doença de nossas ideias", nos lembra Fernando Pessoa em versos que abrem o livro de Philippe Descola, Beyond Nature and Culture (2013). O poeta português rememora que a ideia de natureza, hoje tão arraigada no pensamento ocidental eurocêntrico, é uma

construção presente apenas em certas culturas. Em seu livro, Descola reconstrói a emergência desse conceito na Europa a partir da ideia de physis no pensamento grego e da Física de Aristóteles, posteriormente incorporando a crença na superioridade humana da cosmogonia judaicocristã. As oposições entre espaços selvagens (silva) e domesticados (domus) entre os romanos vai introduzir no pensamento europeu essa ideia de natureza como um espaco perigoso e ameacador. que limita as áreas habitadas e onde acaba a civilização. No século 15, com a invenção da perspectiva linear e da pintura de paisagem, enrijece-se esse distanciamento entre o sujeito e a paisagem observada, reforçando a ideia de uma natureza pensada como um domínio exterior. É sobre essas bases que irá se desenvolver, no século 17, a física cartesiana, que representa a natureza a partir de uma visão mecanicista, como uma máquina composta de engrenagens independentes, inodora e inanimada (DESCOLA, 2013). Nesse longo processo de emudecimento das entidades não-humanas, a natureza passa a ser percebida como um acúmulo de objetos sem subjetividade, desprovidos de qualidades morais, cognitivas e sociais análogas às atribuídas aos seres humanos. É a partir daí apenas, na modernidade europeia, que é possível falar em uma autonomia do conceito de natureza, um todo a ser explorado e dominado pelo humano (DESCOLA, 2016). E vai ser em oposição às atividades humanas, quer as chamemos de "cultura" ou "sociedade", que "natureza" aprofundará seu significado. No entanto, aponta Descola (2013), a noção de cultura surgirá em sua acepção atual apenas no século 19, associada aos debates em torno dos métodos e objetos das ciências naturais e das ciências humanas. Portanto, vemos que o dualismo natureza/cultura, uma das bases do pensamento ocidental eurocêntrico moderno e que por vezes se propõe universal e hegemônico, toma forma há menos de dois séculos. No entanto, diversas culturas contemporâneas, como certas culturas asiáticas e ameríndias, não criaram divisões que separam os humanos de plantas, rios, espíritos e outros animais: a separação entre cultura e natureza é a exceção (DESCOLA, 2013). Essas culturas nãoeurocêntricas percebem sua inserção no meio ambiente não como um coletivo social gerindo suas relações com o ecossistema circundante, mas como componentes de um todo amplo, onde inexistem fronteiras entre natureza e cultura. Nessas culturas, animistas em sua essência, humanos e não-humanos se comunicam, convivem e interagem, no interior de uma rede de relações

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

pulsantes envolvendo humanos e outros seres (DESCOLA, 2013). Vemos, então, que a separação entre natureza e cultura é apenas uma estranha ideologia dos modernos.

Então será essa reificação do mundo, esse descolamento do humano moderno da natureza, suficiente para explicar essa devastação do mundo que estamos empreendendo? Não falo aqui apenas da criação intensiva de trutas poluindo as águas da região que, para mim, materializam, aterram essas ideias por vezes difíceis de alcançar em tempos de destruição ecológica em escala global. Diariamente recebemos notícias sobre a extinção em massa de espécies animais e vegetais, o desmatamento desenfreado, a poluição dos mares e, também, o cada vez mais evidente aquecimento global. As mudanças antropogênicas no planeta, aceleradas nos últimos trezentos anos com a invenção do motor a vapor e o aumento significativo do uso de combustíveis fósseis, passam a ser evidentes por toda parte (HARAWAY, 2016). Nada parece escapar do alcance destrutivo do humano. Esse dualismo natureza/cultura, que embasou avanços técnicos-científicos importantes na Europa desde o século 18 a partir da reificação do não-humano, desencadeou um processo de exploração desenfreada desse universo material, visto apenas como recursos para alimentar o crescimento econômico, deixando em seu rastro a poluição do solo, do ar, e da água e a extinção em massa de plantas e animais (DESCOLA, 2016).

Mas, pensando esses temas a partir das montanhas, envolto de araucárias e convivendo com pessoas que atravessam diariamente essas barreiras porosas entre cultura e natureza, sítio e mato, me pergunto quão rígidas são essas separações dos modernos. Não seria possível ver nos modernos diversos tracos de um animismo que nunca foi totalmente apagado com a emergência das cosmologias judaico-cristãs e das ciências modernas? Meu interlocutor mesmo, parece alternar entre a coisificação do mundo e o reconhecimento das subjetividades dos bichos e plantas ao nosso redor. É uma intrincada mistura do natural e do sobrenatural, um certo cristianismo anímico. Como quando notei o burro amarrado na araucária ao lado de um dos tanques, de pé ao Sol, e perguntei se não seria melhor soltálo para deixá-lo pastar. "Deus já deixou tudo ajeitado", me explica meu interlocutor, abrindo bem os olhos e apontando com o indicador para cima, "o burro pasta de Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa - ensaios | ano 9, no. 22, 2022 noite". É a primeira vez que Nenê

invocava o Deus cristão em nossas conversas. Não que seja uma presença incomum, sua esposa é evangélica e, seu sogro, pastor de uma das igrejas neopentecostais da região. Escuto sobre Jesus quando sou convidado para o almoço de domingo, logo antes do culto. E, sentado na grama olhando a água passar, me lembrei de guando, Afonsinho, sogro de Nenê, me explicou como as coisas se organizam por aqui: "O ferro é muito poderoso, ele é tão poderoso que ninguém o quebra. Mas o fogo o derrete, derrete o ferro. Então o fogo é que é forte, ele é tão forte que consome tudo, mas como? Se a água o apaga. Então a água que é forte, a água apaga o fogo e inunda o mundo, a água é a mais forte. Mas o Sol, o Sol faz com que ela evapore. O Sol é que é forte, poderoso, evapora a água que apaga o fogo. Mas a nuvem vem passando e o encobre, esconde o Sol, esconde o Sol poderoso. A nuvem é que é forte. Mas vem o vento e empurra a nuvem, leva a nuvem embora, o vento é que é forte. Mas o vento, coitado, não pode com a montanha, a montanha segura o vento, o vento não pode com a montanha. E a montanha, alta, grande, é dura, é de rocha, mas o homem a perfura. Vai cavando, derrubando a montanha, o homem é que é forte, poderoso, desfaz a montanha". Ouvia com atenção, e nesse ponto pensei: "que boa forma de aterrar as discussões do Antropoceno nessas paisagens, aqui está o ser humano sendo colocado acima do mundo". Mas a história seguiu, para minha surpresa, e Afonsinho me olha nos olhos enquanto sua esposa e Isabel lavam a louça. "Um dia a morte chega, e leva o homem, acaba com o homem. A morte é que é forte, o homem não pode com a morte, a morte é a mais forte, a morte é a mais forte! Mas... Será? Não... Jesus venceu a morte, Jesus ressuscitou, venceu a morte! Jesus é o mais forte! Jesus é o mais poderoso! Ele criou o ferro, criou o fogo, a água, o Sol e o vento". Na ocasião, não havia me dado conta da importância do regime bíblico na rede de agenciamentos humanos e não-humanos no sítio. Tendo sido criado católico, absorvi as histórias sentando e levantando com o folheto nas mãos ao longo de intermináveis liturgias dominicais. O Deus cristão parece mesmo ter deixado tudo organizado por aqui: a roca, o burro, as vacas, a serviço do "homem". Mas e a truta? A truta que "sente fome", que "sente medo", e que nos dias de água turva "não vê a ração", a truta é nova nessa cosmologia do cultivo e do pastoreio, recém-chegada nos processos de domesticação. Feral, carnívora, arisca, a truta resiste, mas aos poucos também vai sendo moldada aos desígnios

Já Latour (1994; 2004) vê, nos modernos, não a existência de dois universos estangues e purificados, de um lado a cultura, e de outro a natureza, mas processos constantes de "produção e proliferação de híbridos", isto é, de "coisas ao mesmo tempo naturais e domesticadas, os quasesujeitos e quaseobjetos" (LATOUR, 2004), em paralelo a processos de purificação, de separação ontológica entre natureza e cultura. Por exemplo, até mesmo grande parte da Amazônia, a enorme floresta tropical símbolo da natureza intocada, pode ser entendida como pomares antropizados, já que, ao longo dos últimos milênios, a ocupação humana deixa seus rastros na biodiversidade dali. através dos ciclos de abertura de novas roças, plantio de espécies nativas para produção de alimento, e abandono dessas áreas em busca de terras mais férteis (DESCOLA, 2013; CLEMENT et al., 2015). Nessa linha, deveríamos considerar a Amazônia natureza ou cultura? Mas, se os modernos também são animistas, desenvolveram uma forma bem peculiar de animar o mundo que os permite apenas ver valor na floresta derrubada, sem vida, na ocupação de sua área com gado e soja, em um esforco sem fim de expandir as fronteiras do "progresso" e sua assoladora simplificação de ecologias. No limite, os modernos vêm perseguindo a reanimação de uma natureza que as ciências modernas por vezes quiseram ver controlável, previsível, e que agora responde raivosa, imponderável, com regimes climáticos cada vez mais limítrofes. E não é esse animismo que me interessa aqui, não é desse que falo.

Observando a relação de povos ameríndios com seu entorno, é fácil notar a diferença dos efeitos das cosmologias indígenas e não-indígenas no mundo. Esses povos, sentindo-se conectados às diversas formas de vida ao seu redor, dentro de uma ontologia animista que consegue ver subjetividade, inteligência, em todo o nãohumano, mantêm a floresta de pé. Caçam, pescam, derrubam a mata para fazer roca, mas em uma escala que não devasta, não extingue, não altera radicalmente a paisagem. É claro que essas relações são complexas e perigosas, nem sempre harmônicas e equilibradas. Mas é possível, mesmo que olhando de longe, a partir da visão lá do alto, dos pássaros, notar a diferença entre esses modos de existir. Enquanto uns extraem, destroem, outros preservam, regeneram. E então, por que esses povos indígenas não sentem a mesma ânsia dos não-indígenas por transformar tudo em mercadoria, assorear o rio em busca de minérios, transformar a biodiversidade da floresta em monocultura? Ouvir algumas das vozes de

lideranças indígenas mais vocais hoje, como David Kopenawa, Jerá Guarani e Ailton Krenak, ajuda a começar a responder essas questões:

> Nossos antepassados nunca tiveram a ideia de desmatar a floresta ou escavar a terra de modo desmedido. Só achavam que era bonita, e que devia permanecer assim para sempre. As palavras da ecologia, para eles, eram achar que Omama tinha criado a floresta para os humanos viverem nela sem maltratá-la. E só. Somos habitantes da floresta. Nascemos no centro da ecologia e lá crescemos. Ouvimos sua voz desde sempre, pois é a dos xapiri, que descem de suas serras e morros. É por isso que quando essas novas palavras dos brancos chegaram até nós, nós as entendemos imediatamente. Expliquei-as aos meus parentes e eles pensaram: 'Haixopë! Muito bem! Os brancos chamam essas coisas de ecologia! Nós falamos de urihi a, a terrafloresta, e também dos xapiri, pois sem eles, sem ecologia, a terra esquenta e permite que epidemias e seres maléficos se aproximem de nós!' (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 480).

É esse o animismo que nos interessa aqui, aquele que enxerga a interdependência entre a vida humana e a vida mais-que-humana, chamemo-los a partir daqui, de forma desajeitada e provisória, de "bons animistas", para diferenciá-los do "povo da mercadoria" que "come a terra" e arrisca causar "a queda do céu" (KOPENAWA; ALBERT, 2015)

Então bastaria reanimar o mundo dos modernos, para revertermos essa nossa relação destrutiva com a Mãe Terra? E, já caminhando por essa arriscada trilha, como reanimar o "bom animismo"? Nesse contexto de "Apocalipse" (DANOWSKI: VIVEIROS DE CASTRO, 2017), várias têm sido as contribuições no sentido de metamorfosear nossas ontologias, metafísicas e "mitofísicas". Latour (1994; 2017), a partir sobretudo de James Lovelock, vai propor a figura de Gaia para pensarmos um Sistema Terra vivo e que reage às ações humanas, e, a partir daí, nos propõe reunificar as naturezasculturas, para que não seja possível pensar o político sem pensar o natural. Michel Serres (1991) propõe um novo contrato natural para restaurar a igualdade entre humanos e não-humanos, encerrando a relação de dominação e exploração da natureza. Stelio Marras (2018), em seu papel de intelectual-

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

médium que congrega o pensamento de outros "autores-espíritos", reflete sobre o necessário "descentramento do humano em relação ao cosmos" para fundarmos "outro mundo, outros nós, outras composições, outras alianças" (MARRAS, 2018). Donna Haraway (2008; 2016), por sua vez, nos ajuda a entender o multiespécies, e o "torna-se com" o não-humano. Já Anna Tsing (2015), pesquisando as ressurgências holocênicas na atualidade, busca nos ensinar a viver nas ruínas do capitalismo. Aos poucos, e através de um novo vocabulário que começa a tomar forma, vamos percebendo que essas propostas de metamorfoses, necessárias, nas ontologias dos modernos, não Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa - ensaios | ano 9, no. 22, 2022 são a ânsia de um retorno, ingênuo e infrutífero, a alguma forma passada de "bom animismo". Não há retorno possível. São proposições para um perigoso caminho até uma versão nova, contaminada, fúngica, plástica, de um animismo das ecologias de escombros. São caminhos para narrativas cada vez mais-quehumanas. Não falam apenas de voltar a sentir e intuir as agências animais-fitofúngicas, mas também as dos seres artificiais que habitam a vida contemporânea, e as dos micróbios do nosso intestino e as do Sistema Terra, que vive e respira. É sobre conciliar as verdades das ciências modernas com outras formas de produção de verdades. Falam, então, de um animismo que vê fadas sob o microscópio, como coloca a escritora de ficção ecofeminista Sophie Strand.

O Antropoceno, um dos termos propostos para nomear uma nova época geológica, em que o ser humano passa a ser considerado a principal força moldando o planeta, acaba por invalidar essa já ilusória separação ontológica entre as histórias humana e natural (CHAKRABARTY, 2009). E pensar esse presente, esse momento de crise, de transição, como o Antropoceno, com todas as questões que esse termo suscita, vem ajudando a congregar esforços multidisciplinares, ou "entredisciplinares", como bem pensa Marras (2018), para que essas novas formas de conceber o mundo possam emergir. E agui as intersecções entre as artes visuais, a ecologia e um certo ativismo ambiental passam a ser fundamentais para esse processo de reanimação, reencantamento do mundo. Não falo de qualquer arte, certamente não de uma arte-mercadoria selada em galerias e museus, mas de um papel mais ampliado do/a artista: arte que é ecologicamente regeneradora, interdisciplinar, criada para cada contexto específico e em colaboração com um grupo diversificado de especialistas. Artistas já vêm há algumas décadas reagindo às questões ambientais através de uma variedade de mídias: fotografia, pintura, escultura, performance, instalações, filmes. Mas acredito que algo mais além seja possível, com artistas ambientalmente engajados, que participam diretamente da discussão e criação de soluções, e não se restringem a criar obras que gritam de dentro de espaços institucionais de arte.

Portanto, qual seria o papel das artes visuais e dos/as artistas no Antropoceno? Venho pesquisando o trabalho de artistas pioneiros em obras que intervêm diretamente para resolver questões ambientais, ainda que na escala das micro-utopias. Eles e elas tentam transformar habitats devastados ou áreas urbanas estéreis em refúgios geradores de vida, expandindo o que inicialmente se chamou de arte ambiental (environmental art). Esses/as artistas criam intervenções estético-eco-políticas que acaba por redefinir seu papel na sociedade, empenhados em alargar os limites atuais da arte, colaborando com as comunidades locais, cientistas e governos para criar projetos de arte pública tendo a ecologia como um princípio central. São artistas como Helen Mayer Harrison e Newton Harrison, com trabalhos como Endangered Meadows of Europe, quando em 1994 transplantaram para o topo de um museu na Alemanha campos de altitude ameaçados por um projeto de desenvolvimento imobiliário, e Spoils Pile Reclamation, quando conseguiram entre 1976 e 1978 desviar cerca de 3.000 caminhões carregados de terra e resíduos orgânicos para regenerar uma área destinada para entulho no interior do estado de Nova Iorque. No mesmo espírito, Alan Sonfist revitalizando áreas perdidas para o capitalismo industrial com Pool of Virgin Earth, em 1975, e Time Landscape de 1978. Ou Betty Beaumont, recriando corais com resíduos de carvão com Ocean Landmark Project, de 1980 e Mel Chin retirando toxinas do solo contaminado com Revival Field, de 1991. E podemos pensar em muitos outros e outras, como Bonnie Ora Sherk, Zheng Bo, Jorgge Menna Barreto, Fernando Limberger, a lista vai se alongando. Cada um desses e dessas artistas realiza exercícios de imaginação urgentes, pensando-criando outros mundos possíveis, outros mundos habitáveis, concebendo outras formas de estar aqui como parte de uma rede maior que uma apenas entre humanos e seus seres domesticados. É claro que a imaginação não é um privilégio da arte. Mas a arte, ou ao menos essa eco-arte de que falo, pode

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Reanimando um mundo que ainda vive

ser o início de uma força coletiva e política mais ampla de reanimação do mundo. Precisamos de novos regimes poéticos e estéticos para pensar as narrativas desse fim, fim dos seres humanos ou apenas desta forma particular de "civilização".

Seria esse um manifesto de uma arte neoanimista? Talvez sim. Mas prefiro seguir sonhando e criando e plantando. Desde o ano passado venho plantando círculos de araucárias pelos cantos das Terras Altas da Mantiqueira, como uma intervenção artística nas terras de quem desejar. São círculos de 15, 20 metros de diâmetro que estão, aos poucos, se proliferando. Serão dezenas, espero, plantados

Bibliografia

CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four Theses. Critical Inquiry, Chicago, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.1086/596640. Acesso em: 6 out. 2020.

CLEMENT, Charles R.; DENEVAN, William M.; HECKENBERGER, Michael; JUNQUEIRA, André Braga; NEVES, Eduardo Góes. The domestication of Amazonia before european conquest. Proceedings B. The Royal Society Publishing, Londres, v. 282, n. 1812, p. 1-9, 2015. DOI: 10.1098/rspb.2015.0813.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The 'Anthropocene'. IGBP Newsletter, v. 41, p. 17-18, 2000. Disponível em: http://www.igbp.net/download/18.316f183213 23470177580001401/1376383088452/NL41.pdf. Acesso em: 6 out. 2020.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. 2. ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2017.

DESCOLA, Philippe. Outras naturezas, outras culturas. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Ed. 34, 2016.

_____. Beyond Nature and Culture. Tradução de Janet Lloyd. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

HARAWAY, Donna Jeanne. Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene. Estados Unidos da América: Duke University Press, 2016.

_____. When species meet. Minneapolis:

aos poucos ao longo dos anos. Seguirei colhendo os pinhões, semeando, plantando em círculos. Ainda não sei bem o que são, mas espero que sejam antenas para um novo animismo que se aproxima.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 15/04/2022

1 Mestrando em Antropologia da Natureza no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). E-mail: rafaelribeirov@usp.br.

University of Minnesota Press, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

LATOUR, Bruno. Facing Gaia: eight lectures on the new climate regime. Malden, MA: Polity Press, 2017.

_____. Por uma antropologia do centro. Entrevista cedida a Stelio Marras e Renato Sztutman. Mana, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 397-413, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200007&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2022.

_____. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MARRAS, Stelio. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 69, p. 250-266, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p250-266. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145647. Acesso em: 7 mar. 2022.

SERRES, Michel. O Contrato Natural. Tradução de Beatriz Sidoux. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

TSING, Anna Lowerhaupt. The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalism ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

RESUMO: Este ensaio busca traçar com Manoel de Barros caminhos para pensar outra(s) Educação(ões) ambiental(ais). Foi isso que nos pusemos a fazer quando encontramos Manoel "pessoalmente" e com a filosofia de Deleuze. Com os poemas de Manoel fizemos uma composição para que ele falasse do assunto que estávamos tratando, ou seja, usamos as palavras e a boca de Manoel para falar o que queríamos e acreditamos. Na contramão dos imperativos pensados para o meio ambiente, propomos uma ideia de movimento, uma experimentação através da escrita poética de Manoel de Barros para pensar uma educação ambiental menor.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente. Rizoma. Linhas de fuga.

About clearings and tramps poultry

ABSTRACT: This essay seeks to trace with Manoel de Barros ways to think about other environmental(s) education(s). That's what we set out to do when we met Manoel "personally" and with Deleuze's philosophy. With Manoel's poems we made a composition for him to talk about the subject we were dealing with, that is, we used Manoel's words and mouth to say what we wanted and believe. Contrary to the imperatives thought for the environment, we propose an idea of movement, an experimentation through the poetic writing of Manoel de Barros to think about a smaller environmental education.

KEYWORDS: Environment. Rhizome. Escape lines

Lêda Valéria Alves da Silva 1

Sílvia Nogueira Chaves 2

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

As miudezas nunca me encantaram.

Aliás, o chão.

Nunca pensei como lugar de beleza, senão de apanhar algo.

A riqueza, para mim, sempre esteve na copa das árvores. Na altura e magnitude delas.

Madeeeeeeeeira!!!

E lá se abria mais uma clareira:

Lá crescia mais uma capoeira;

Lá se ia toda vida...

Ficavam sempre os buracos...

Nunca vi esperança ali...

Nunca amei as insignificâncias...

Fui educada em um dos melhores assentos da biologia. Meu foco sempre foi a preservação do ambiente. Manter florestas em pé. As árvores de grande porte; os animais bonitos e "preserváveis", porque é óbvio que eu não estudei para lutar pela vida dos matos, dos mosquitos, nem por ratos e urubus da feira. Mas é triste a conclusão de que a vida se resume à utilidade. A vontade de utilidade escolhe o que vive e o que deixa morrer. Dia desses vi na internet uma pessoa perguntar "qual o objetivo de vida da muriçoca?" O mais interessante foi uma das respostas: "elas servem de alimento para as lagartixas, que não servem pra nada". A inutilidade não é uma virtude...

A inutilidade não é admirável. A experiência-donada não é animadora. Mas para pensar melhor sobre isso fui à casa do poeta Manoel de Barros, cuja obra tinha lido há algum tempo. Ele, talvez, pudesse me ajudar.

Manoel abriu a porta e logo mandou sentar. Não era de cerimônias, mas também não era de intimidades. Em todo caso não me privei do diálogo, afinal estava ali para isso. Perguntou o que eu queria e começamos a conversar sobre inutilidades, insignificâncias e outras banalidades. Conversa difícil, truncada, por vezes silenciosas entre uma bióloga que sempre operou por utilidades e um escritor que fala nadismos. No momento mais ensurdecedor ele baixou a cabeça e logo disse que

eu precisava desinventar objetos. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma. Há que se dar um gosto incasto aos termos 3.

Olhei seriamente como quem faz uma ressonância magnética do cérebro da pessoa já observando o "parafuso a menos" e respondi:

- Entendo...

No fundo ele sabia que eu não tinha entendido. Não que ele se importasse com isso, pelo contrário, Manoel nunca me explicaria aquilo do jeito que eu gostaria de ouvir, mas de uma certa forma ele se afeiçoou ao tema e disse estar disposto a compor o texto comigo como exercício de experimentar uma Educação Ambiental das Muidezas.

- Eu começo?
- Sim, não é você que quer *criançar* as palavras?
- mas vou escrever do meu jeito...
- Procure com seus rios os passarinhos e desemende...

Pensamento rio abaixo: É... se der embaúba, ao menos vai formigar...

Enviervar

A Educação Ambiental é um composto arborescente. À medida em que crescem seus galhos não tangenciam mais o chão, vão desconhecendo as particularidades. Daqui a pouco não vemos mais a copa, sua dimensão se torna superior, rígida. Tem um jeito de ser Educação Ambiental que é da ordem da forma, da unidade e como árvore tem que se manter firme para não envergar. Territorializar. Talvez por isso exista erva "daninha", para lancar suas linhas desmobilizando as estruturas, crescendo para todos os lados, num ritmo intenso. É tudo o que a Educação Ambiental não quer: cheia de palavras de ordens, de imperativos, porém quanto mais se corta a erva. mais brota. Ela é imprevisível, precisa ser controlada.

- Corta! É muita ousadia contrariar a ordem existencial da árvore...

Diz-se que a vida enviervada não é uma virtude... mas é um bom trava-língua para a Educação Ambiental.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

Manoelar

Ervinhas subideiras trepavam de meu casaco

Queriam crescer para passarinho

Comecei então a catar as ervas rasteiras que me arrastavam por analogia

A ervinha rasteira que num terreno baldio cresce por cima de canecos enferrujados pedaços de porta arcos de barril

Quase passarinho, arrumou casa no meu chapéu

Se propagou no sol

Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber

Depende a criatura para ter grandeza de sua infinita desercão

E nossa grandeza tem muito cisco.

Clareirar

Na clareira o chão acumula água, alguma fumaça, resquícios de pau e pedra... mas é preciso não se limitar a eles. Neste instante alguma revolução acontece. O broto da resistência emerge, fazendo eclodir intensidades bloqueadas pela floresta maior. Há nela, sombras descoladas, pequenos deslocamentos rizomáticos que contagiam a paisagem descentralizando a forma árvore do protagonismo ambiental. De lugares precisos a uma habitação nômade. As clareiras são sempre passagem movendo potências, sem impor um modo de acontecer. A emergência é sempre uma surpresa, nunca se sabe o que vai insurgir. Não é possível adestrar as clareiras. Não há conformação no modo de ser. Ali é possível inventar a própria condição da experiência. Talvez uma educação ambiental menor em que as ideias possam ser fragmentadas nos (m)atos cotidianos, nos emaranhados coletivos cipolescos. É uma possibilidade...

Manoelês

Era só água e sol de primeiro este recanto.

Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu.

Tudo está preparado para a vinda das águas.

Deixo as sementes para a chuva enternecer.

Teve a semente que atravessar panos podres, criames de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes, cacos de vidro etc. — antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.

As coisas que levam a nada tem mais importância.

Capoeirar

A capoeira é a paisagem do clareiramento. É o encontro feliz do chão com o sol. Uma composição, que cria uma potência mato e, à medida que cresce (e cresce rápido!) vemos a força de ser matagal. Ali a capacidade de viver aumenta e isso é alegria. A alegria não é arvorecente, ela é capoerescente, porque não é fixa, é fluxo que nasce da ceifa.

Descendente da lâmina, brota como herdeira da força da poda. Mas, para o professor de ecologia é apenas "uma capoeirinha vagabunda", como ser alegre apreciando esse rastro, resto secundário? Como acreditar numa Educação Ambiental rasteira, rastejante? Ah, mas como é difícil pensar fora das copas, emboletar-se com húmus e cascas, fugir das alturas das imposições e adequações da vida! É difícil, porque crescemos para árvore, mas quase nunca para esporo. Nossa preferência em educação é sempre ligar a vida ao que ela deve e nunca ao que ela pode. Enquanto esporo podemos modificar nossa forma de ser, mas o risco é grande, então ficamos com a Educação Ambiental arborescente: nasce, culpa, reproduz e pune!

Manoelando

Incrível a alegria do capim.

Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão. Agora faz rastros neste terreiro.

Formigas fazem-lhe estradas...

As plantas me ensinavam de chão.

Fui aprendendo com o corpo.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

Eu tenho um gosto rasteiro de ir por reentrâncias baixar em rachaduras de paredes por frinchas, por gretas — com lascívia de hera.

Só as coisas rasteiras me celestam.

O chão é um ensino.

Precisa muito de sempre

Passear no chão.

Miudezar

Gosto de pensar no lodo e nas baratas como militantes. Pequenas insurgências contra os inseticidas e contra os arrangues. Vidas minoritárias que cada vez mais penetram e dominam as cidades. São potências se contrapondo ao poder sobre a vida. Da baixeza de suas existências, esses seres anunciam uma multidão que ainda não foi assaltada pela sobrevida. As miudezas fogem ao adestramento e ao condicionamento, o que acontece de todo dia ter que pensar em estratégias diferentes de resistir. Inventando buracos fora do dado. Indo por caminhos que levam a nada. As miudezas não procuram o dever-ser da vida, estão sempre produzindo encontros com o inesperado dela. Nosso problema com as miudezas é justamente esse: não produzimos bons encontros! Não temos gosto pela insignificância, pelo chão... Uma educação ambiental miúda requer atenção às trivialidades, mais que às urgências.

Manoelância

Havia um frescor de musgos na boca da terra

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão

Eu vi o chão, era uma boca de gente comida de lodo!

Seduz-me essa união rasteira das tripas com o musgo.

Seduz-me o trono dos insetos.

Eles enverdam já nas auroras.

São viventes de ermo.

Sujeitos que magnificam moscas — e que oram

Devante uma procissão de formigas..

São vezeiros de brenhas e gravanhas.

São donos de nadifúndios.

O nada os aperfeiçoa.

Vicejar

Há uma floresta miúda emergindo dos buracos arborescentes. Multiplicidades que preenchem os espaços, sem, contudo ter uma forma definida. Não há imponência em uma vida rizomática. Há liberdade de criar, de ser quebrado e retornar sempre diferente do que era. Vidas que mesmo conectadas não precisam de centro para se constituir, mas que a todo o momento difundem fortemente pelos subterrâneos, pela superfície, pelas bordas. Vida intensidade. Desafiam os muros, desconhecem os limites. Vivem sem pedir licença. Resistem. As flores (in)surgem, entregam sua vida ao destino. Como pensar uma educação ambiental rebelde sem cair na tentação de contêla? Os extremos são a especialidade da vida. Quanto mais você corta, mais ela acontece!

Manoelagem

Ervas tolhiças crescerão nos interstícios do ser

Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.

Singular, tão singular..

Davam flor os musgos..

Agarrado aos muros ainda a brotar esta flor de sonho. Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.

Isto não tem importância.

Vou nascendo de meu vazio.

Fazer crescer o ínfimo não tem tamanho..

Depois do último verso Manoel me olhou profundamente. Perguntou o que eu faria com tantos versos e tantos textos. Eu como boa aluna respondi: - vou usar para nada. Ele sorriu. Agradeci o encontro. Na porta perguntei por que ele havia me recebido se não gostava de inquéritos presenciais. Ele respondeu: - gosto daqueles que exploram os mistérios irracionais; o amor pelas

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

coisas imprestáveis; comparecem aos oquevai surgir? Experimento! desencontros interiores... Ninguém sabe muito do seu fazer poético. Eu sei muito menos, mas gosto de apregoar inutencílios com as pessoas, mais do que saciar curiosidades.

Manoel me fez pensar nos afetos insignificantes. Penso que uma educação ambiental das miudezas seja um encontro possível, aquela que se faz nos pequenos gestos, nos encontros cotidianos que festejam o estar vivo, olhando para o solo onde pisamos para encontrar restos com que se reconstruir.

Educação pelo escombro? O entulho é um lugar produtivo se estivermos abertos às composições. O que vai surgir? Impossível dizer. O que eu faço com

Bibliografia

BARROS, M. Entrevista. In: MULLER, A. (org.). Encontros. Rio de Janeiro: Azogue Editorial,

1 Doutora em Educação em Ciências (UFPA) e Professora de Ciências da Rede Municipal de Educação. E-mail: <u>lemaral22@gmail.com</u>

2 Doutora em Educação (UNICAMP) e Professora do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA. Email: schaves@ufpa.br

3 A partir daqui e até o fim do capítulo as frases em itálico pertencem a Manoel de Barros.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

2010.

BARROS, M. Poesia Completa. São Paulo: Leya,

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Que abutres são esses? ou Carta a Candinho e a

Campinas, janeiro de 2022.

Graciliano

Querido Candinho! Querido Graciliano!

Primeiramente peço desculpas por chamá-lo assim, Candinho. É que normalmente eu me refiro a você como Portinari, mas quando escrevi apenas o primeiro nome do Graciliano Ramos, achei que usar seu sobrenome ficaria muito formal. Para lhe demonstrar o devido afeto, escolho o seu apelido de infância... Parece que ficou bem nos cumprimentos.

Escrevo porque vi a chamada da ClimaCom e logo pensei em vocês. Em vocês e nos autores de voz indígena, que tanto me têm ensinado nos últimos anos. Tem, por exemplo, o Ailton Krenak, que anda anunciando suas ideias para adiarmos o fim do mundo... Tem o Davi Kopenawa, que fala de sustentar o céu... E tem tantas outras gentes, indígenas e do povo negro também, me povoando de histórias que me fazem pensar na vida e nas nossas respostas a ela. Acho que vocês iam gostar de saber do Torto Arado, do baiano Itamar Vieira Júnior. História forte de gente ligada ao chão.

Voltando à chamada, vejam só, é para um dossiê, com o tema "Esse lugar, que não é meu?", para pensar refugiados climáticos. Eu confesso que, em um primeiro momento, pensei na agonia, no desespero, no sofrimento daqueles que partem de suas terras. A propósito, tem uma série nova passando que eu acabei de ver (acho que vocês nem sabem o que é isso - uma novela em capítulos, apresentada como filme, na televisão - que vocês viram surgir. A série de que falo, especificamente, hoje se pode ver sem ter que esperar a nova edição a cada semana, desde que use um sistema pago à parte... claro). Chama-se "Estado Zero". Pois então, trata-se de histórias de pessoas que chegam à Austrália de barcos, fugindo de diversas situações de opressão, e são enviadas para uma prisão, onde ficam aquardando o julgamento de seus casos. Nessa série tem a história de Ameer, um professor que foge do Afeganistão com sua esposa e duas filhas. Não vou entrar em detalhes, mas, ao final, para proteger a filha, ele abre mão da sua paternidade - e a série relata com forca essa dor. Disse que era mentira que era pai da menina que sobreviveu à viagem de barco, quando a mãe e a irmã morreram, viagem que ela realizou separadamente dele. É uma das várias narrativas que nos emociona nessa série. É terrível imaginar que o mundo tem milhares dessas pessoas que partem em busca de um lugar melhor e que, em suas jornadas, encontram tanta miséria, outras misérias, são subjugadas, humilhadas, violentadas, às vezes até à morte...

Davina Marques [1]

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Campinas, janeiro de 2022.

Querido Candinho!

Querido Graciliano!

Primeiramente peço desculpas por chamá-lo assim, Candinho. É que normalmente eu me refiro a você como Portinari, mas quando escrevi apenas o primeiro nome do Graciliano Ramos, achei que usar seu sobrenome ficaria muito formal. Para lhe demonstrar o devido afeto, escolho o seu apelido de infância... Parece que ficou bem nos cumprimentos.

Escrevo porque vi a chamada da *ClimaCom* e logo pensei em vocês. Em vocês e nos autores de voz indígena, que tanto me têm ensinado nos últimos anos. Tem, por exemplo, o Ailton Krenak, que anda anunciando suas ideias para adiarmos o fim do mundo... Tem o Davi Kopenawa, que fala de sustentar o céu... E tem tantas outras gentes, indígenas e do povo negro também, me povoando de histórias que me fazem pensar na vida e nas nossas respostas a ela. Acho que vocês iam gostar de saber do Torto Arado, do baiano Itamar Vieira Júnior. História forte de gente ligada ao chão.

Voltando à chamada, vejam só, é para um dossiê, com o tema "Esse lugar, que não é meu?", para pensar refugiados climáticos. Eu confesso que, em um primeiro momento, pensei na agonia, no desespero, no sofrimento daqueles que partem de suas terras. A propósito, tem uma série nova passando que eu acabei de ver (acho que vocês nem sabem o que é isso - uma novela em capítulos, apresentada como filme, na televisão - que vocês viram surgir. A série de que falo, especificamente, hoje se pode ver sem ter que esperar a nova edição a cada semana, desde que use um sistema pago à parte... claro). Chama-se "Estado Zero". Pois então, trata-se de histórias de pessoas que chegam à Austrália de barcos, fugindo de diversas situações de opressão, e são enviadas para uma prisão, onde ficam aguardando o julgamento de seus casos. Nessa série tem a história de Ameer, um professor que foge do Afeganistão com sua esposa e duas filhas. Não vou entrar em detalhes, mas, ao final, para proteger a filha, ele abre mão da sua paternidade - e a série relata com força essa dor. Disse que era mentira que era pai da menina que sobreviveu à viagem de barco, quando a mãe e a irmã morreram, viagem que ela realizou separadamente dele. É uma das várias narrativas que nos emociona nessa série. É terrível imaginar que o mundo tem milhares dessas pessoas que partem em busca de um lugar melhor e que, em

suas jornadas, encontram tanta miséria, outras misérias, são subjugadas, humilhadas, violentadas, às vezes até à morte...

Há relato de milhões de pessoas no mundo que vivem em condições de refugiados em vários países. Muitas vezes por causa de guerras, de disputas territoriais, de questões políticas. Mas o clima, que anda mudando tanto no nosso planeta, é também responsável por diversas situações de êxodo, na maior parte das vezes relacionada a gente pobre, sem qualquer amparo. Estado zero.

Muitas vezes nos parece o fim do mundo. E volto a pensar no Krenak, que traz mais gente bacana para esta conversa:

O antropólogo Viveiros de Castro diz que os povos indígenas se especializaram em fim de mundo, porque eles viveram o fim de muitos mundos. Alguns registros contam que nós éramos mais de 900 etnias de povos diferentes agui. Os Tupinambá lá no litoral, os Guarani, os Tupiniquim, os Xavante, os Krenak, os Caiapó, os Yanomami, os Kaigang, uma lista enorme, e que foram sendo eliminados durante a colonização até que chegaram a 305, como são contados hoje. É escandaloso que um continente tenha matados seus povos nativos para plasmar uma colonização, com outras línguas, com outras ideias, com outras histórias, numa marcha constante, matando os rios, derrubando a floresta, tacando fogo na Amazônia... Então é isso que eu chamo de distopia. Em vez de a gente construir uma visão que nos anima sobre o futuro, um possível futuro dessa tal de humanidade, nós só aprofundamos o abismo entre os que têm tudo e aqueles que não têm nada. O abismo entre os muito ricos e os pobres, ele é tão escandaloso que hoje o mundo está vivendo uma realidade de povos refugiados, né? Eu não imaginei que a Amazônia fosse constituir um território de refugiados. Que os nossos vizinhos da Venezuela e de outros países, que sofreram também pela consequência das mudanças climáticas, pela desestabilização política de seus países, estão se refugiando na Amazônia. É assustador imaginar que nós estamos entrando em um cenário de mundo em conflito, onde até regiões do mundo que eram sonhadas como paraísos estejam se tornando acampamentos de refugiados. (KRENAK, 2021, n.p.)

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

É escandaloso... Continentes matam e oprimem Vivemos um momento da história do nosso país que seus povos nativos. Ou mataram e oprimiram, deixando-os em situação de margem, que os coloca em situação insuportável hoje. Enorme é a destruição da nossa Terra.

vocês nem iriam acreditar! E não é só aqui... E então pensei em abutres.

Fiz estas três composições, que compartilho com



Figura 01 - Sofrer Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.



Figura 02 – Sonhar Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Que abutres são esses? ou Carta a Candinho e a Graciliano



Figura 03 – Esperar Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.

Sofrer, sonhar, esperar... O movimento de quem parte. Vocês sabem. Vocês já nos mostraram isso.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022



Figura 04: Retirantes, de Candido Portinari (1944).
Óleo sobre tela
180,00 cm x 190,00 cm
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP, SP)
Foto de Pedro Campos/ Elizabeth Kajiya/ Marcia Rizzuto (IFUSP) – MASP.

... Retomo seu Retirantes, Candinho:

... Releio seu Vidas Secas, Graciliano.

Esse caminhar desgraçado, descalço, sob sol escaldante e terra ardente, continua sendo a realidade de muita gente no nosso país e pelo mundo. E há essas aves rondando as pessoas nessas duas obras suas. Sinha Vitória dizia que elas eram a

'causa' da morte da criação...

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Que abutres são esses? ou Carta a Candinho e a Graciliano

sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (RAMOS, 1983, p. 108).

Fabiano desconfiava, mas acabou compreendendo o que a mulher queria dizer: "[...] aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam." (RAMOS, 1983, p. 110).

Aprendi apenas recentemente que Vidas Secas talvez tivesse recebido o título desse capítulo de onde tirei as citações: "O mundo coberto de penas" (BBM, 2016). As penas das aves, os sofrimentos que os animais lembra(va)m; as penas, as dores e desgraças que afeta(va)m os retirantes.

"Que [...] fazer? [...] Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela." (RAMOS, 1983, p. 126). O que há de civilizado num planeta com gente que se destrói a si mesma? Assim como a família não tem saída, ao refugiado só lhe resta partir, buscar outro canto para um viver melhor. Mas há abutres. Sempre há abutres. Não imaginam como a obra de vocês continua terrivelmente atual.

Bibliografia

BBM - Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Blog da BBM. Vidas secas - a história por trás do título. São Paulo, 28 set. 2016. Disponível em: https://blog.bbm.usp.br/2016/o-mundo-coberto-de-penas/. Acesso em: 13 dez. 2021.

ESTADO Zero. Direção: Emma Freeman e Jocelyn Moorhouse. Minissérie. Los Gatos, California, USA: Netflix, 2020. 1 Temporada (6 episódios).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Vocês dois, de alguma forma, artisticamente, já mostraram a relação com essas 'aves' que rondam quem precisa fugir das secas. E ainda não fomos capazes de fazer nada com isso. A gente se emociona com a obra de arte e é incapaz de impedir que a desgraça anunciada continue acontecendo.

Fiquei pensando em abutres... Abutres que se aproveitam da morte para benefício próprio, que obtêm vantagens com o desaparecimento de outros, exploradores da nossa Gaia, destruidores da Terra, usurários de nosso chão, donos de gente tratada como coisa descartável, dispensável.

Que abutres são esses que continuam nos condenando a morrer, a partir?

Vocês fazem muita falta por aqui. Talvez conseguissem nos mostrar, ainda de outra forma e somando-se às vozes que o anunciam, um jeito outro de adiar o fim do mundo, com literatura e pintura.

Um abraço, com admiração, e com uma saudade enorme

Davina

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 15/04/2022

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Mais ideias para adiar o fim do mundo. Redação Quatro Cinco Um. Podcast de 0 4 j u n . 2 0 2 1 . D i s p o n í v e l e m : https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/repertorio-451-mhz/mais-ideias-para-adiaro-fim-do-mundo. Acesso em: 06. jun. 2021.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 51.ed. São Paulo: Record. 1983.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Círculo Vermelho

RESUMO: Este ensaio foi desenvolvido a partir de minha participação no Projeto de Pesquisa/Residência Artística chamado "Próxima Paisagem: Escola de Arte Provisória", coordenado pela Professora Fabíola S. Tasca, no contexto das atividades do Centro de Pesquisa da Escola Guignard/UEMG, entre 2018 e 2020. Durante a residência, ative-me a observar as cores na natureza da região de São Gonçalo do Bação em Minas Gerais. O ato de analisar a natureza serviu como ponto de partida para a produção de desenhos, fotografias e instalações na paisagem, bem como o presente artigo. Neste, descrevo o desenvolvimento da minha investigação sobre os tons de laranja da região, apontando as relações entre os processos da percepção e a criação poética.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Paisagem. Cor.

Red Circle

ABSTRACT: This essay was developed from my participation in the Research/Artistic Residency Project called " Próxima Paisagem: Escola de Arte Provisória ", headed by Professor Fabíola S. Tasca, in the context of the Research Center of Guignard School/UEMG activities, between 2018 and 2020. During the residency I conformed to observe the colors in the nature of São Gonçalo do Bação region in Minas Gerais. The act of analyzing nature worked as a starting point for the production of drawings, photographs and installations in the landscape, as well as this article. Here, I describe the development of my research about the orange tones of the region, pointing out the relations between the processes of perception and the poetic creation.

KEYWORDS: Nature. Landscape. Color.

Livia Paola Gorresio 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Círculo Vermelho

O meu processo de criação neste projeto se deu a partir da união da minha pesquisa recorrente sobre a cor, atrelada à observação da natureza na região de São Gonçalo do Bação, em Itabirito. Minas

Gerais. Foi durante o mês de julho de 2019, com a intensa presença dos tons vermelhos e alaranjados deste lugar, que dei início a uma imersão nas essências destas cores.

FIGURA 01. ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA. DESENHO DE LÁPIS DE COR E GRAFITE SOBRE PAPEL.



Fonte: Livia Paola Gorresio, 2018.

É neste período do ano, durante o mês de julho, que os tons de laranja se destacam na paisagem seca, sobre um pano de fundo composto pelos mais variados tons de verde da mata e do profundo azul do céu - cores do inverno. Um mundo de cores que se comunicam através de suas forças vibrantes, as quais possuem muitos significados e que são, por

outro lado, foco de bastante questionamento para mim. Seriam os significados das cores apenas históricos, elaborados através de uma série de signos construídos pela sociedade ao longo dos tempos? Ou teriam eles ainda algo maior, mais profundo que, em sua essência habita, oferecem às cores significados eternos?

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Círculo Vermelho





Fonte: Livia Paola Gorresio, 2019.

Apartir destes primeiros questionamentos, iniciei o meu processo de observação das cores na paisagem. Durante as caminhadas, encontrei as mais variadas espécies de flores em tons alaranjados. Principalmente, em grande volume, a flor do cipó de São João. Uma trepadeira, um tipo de praga que invadeasárvoresecercas. Plantaconhecidanaregião por seu poder medicinal. Um chá que se faz a partir

dela e é ingerido para afastar os sentimentos de depressão daqueles que sofrem com esta doença. Outrolaranjaquemechamouatenção, foiaqueledas árvores, chamadas comumente por Mulungu, com flores vermelhas em tons alaranjados. Vívidos tons. Espécie floral também conhecida por sua propriedade medicinal contra a tristeza (LORENZI, 2021)

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

FIGURA 3: MULUNGU (ERYTHRINA VERNA). REGISTRO FOTOGRÁFICO NA REGIÃO DE SÃO GONÇALO DO BAÇÃO, 2019.



Fonte: Livia Paola Gorresio, 2019.

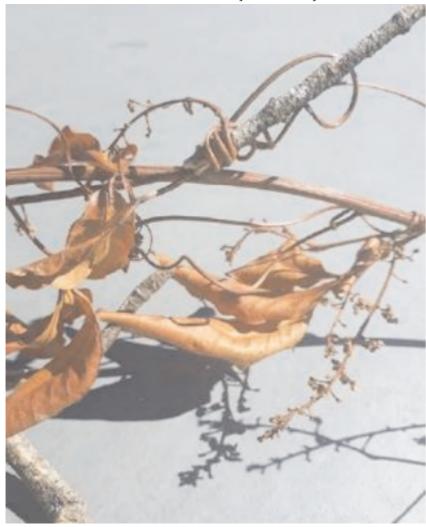
Ao refletir sobre estes laranjas, remeti minhas lembranças ao fogo, ao calor, aliás muito presente nas fogueiras elaboradas pela comunidade local neste período do ano, durante as festas de São João. Relembrando ser este o mesmo nome dado ao cipó.

A partir destas observações, continuo a me questionar. Teria assim o laranja, em sua essência, uma entidade curativa, não química, mas capaz de sanar os sentimentos de tristeza, assim como uma festa de São João?

Por outro lado, encontrei muitas plantas secas que também possuíam em sua estrutura o laranja, mas agora, tendendo para tons marrons. As plantas secas apontavam para a morte, aquilo que está perdendo a forma, secando e, por fim, retornando à terra. Uma terra que, por sua vez, é repleta de pigmentos amarelos e vermelhos, que formam um tom alaranjado indescritível.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

FIGURA 04. FOLHAS SECAS. REGISTRO FOTOGRÁFICO NA REGIÃO DE SÃO GONÇALO DO BAÇÃO.



Fonte: Livia Paola Gorresio, 2019.

Enquanto estes tons alaranjados escurecidos iam retornando ao solo, e lá se transformavam, passaram-se os dias. Até o momento em que sou apresentada à um livro, cujo conteúdo explica, através de imagens e textos, o significado da palavra Itabirito, em tupi-guarani. Itabirito é um nome de uma pedra que risca vermelho, um ouro específico encontrado na região.

A partir daí, retomei as minhas reflexões sobre a terra onde encontramos as folhas secas, o ouro e de onde nascem as futuras flores de vívidos laranjas. Trabalhar com essas cores seria então o meu caminho?

Aos poucos estes tons foram tomando seu lugar no meu processo criativo. Meu conhecimento teórico e prático se uniu. A pesquisa acadêmica foi somada à práxis. Segundo Goethe, a cor atua em nós. (GOETHE, 2019). E então sigo em meus questionamentos: como a cor atua em nós, teria o laranja uma essência eterna, cujo significado é capaz de atuar em nós de maneira específica? Razão e observação poética da natureza são somadas, oferecendo pistas para as minhas indagações.

No meu processo de percepção na natureza verifiquei que o laranja é uma cor que aparece de maneira dual. Isto é, aponta para a vida e para a

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Círculo Vermelho

morte, bem como para a alegria e para a tristeza, dependendo de seus tons. Enquanto claro e reluzente, remete à vida. Enquanto escuro, ou em tons rebaixados, aponta para a morte.

Pois, ao mesmo tempo que o laranja remete ao calor da vida e a alegria, próprios dos laranjas que vivem nas flores do cipó de São João e nas fogueiras, ambos reagindo contra o frio e a tristeza, por outro lado, quando se apresentam através dos tons escuros, e a tudo que retorna ao solo, sentimos frio, distanciamento e tristeza.

Por outro lado, ao unir aquilo que observei na natureza com a minha pesquisa no campo das teorias cromáticas, verifiquei que os laranjas possuem uma qualidade rápida. Isto é, o laranja é uma cor que se altera rapidamente. Podemos ver isto quando observamos um marrom alaranjado, um vermelho alaranjado ou até um amarelo alaranjado. O laranja se encontra nestas cores, está ali, mas não é a cor principal. Ele some rapidamente. Denominamos então essas cores de marrom, vermelho ou amarelo, mas nunca de laranja. Pois o laranja não é a cor imperativa, é fugidia.

Dos questionamentos colocados acima, junto às

observações desta cor na natureza, surgindo então a vontade de atuar com essas cores na paisagem, como forma de responder às questões e devolver ao meio ambiente aquilo que aprendi.

Vejo-me num lugar imagético que anseia conversar com a natureza. Uma espécie de rito. Sendo assim, elaboro uma ação. Considero nesta ação a dor desta região, palco de inúmeras atividades extrativistas que ainda hoje estão ali, em busca dos tesouros reluzentes que vivem lá.

Assim surge o Círculo Vermelho feito com a terra mineira. Uma ação na paisagem que nasce desta intenção de desenhar a forma do círculo com a cor da terra, um laranja em seu tom mais rico, num pungente e próspero avermelhado. A cor laranja sendo apresentada por um de seus aspectos mais significativos, sua força, caracterizada pelo tom vermelho.

O formato do círculo, por sua vez, é escolhido por relembrar as antigas formas encontradas nos campos e desertos, como os labirintos, trilhas e jardins destinados aos rituais e às procissões das antigas civilizações (ROSALID KRAUSS apud FOSTER, 1984). O círculo aparece como símbolo de união, do todo e da eternidade.

FIGURA 5: REGISTRO FOTOGRÁFICO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DA AÇÃO NA PAISAGEM CHAMADA CÍRCULO VERMELHO. SÃO GONÇALO DO BAÇÃO.





Fonte: Livia Paola Gorresio, 2020.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Círculo Vermelho

Os materiais utilizados para circunscrever o ser mais precisa, a terra é absorvida pela paisagem. desenho circular são: um pouco de terra, pá, um carrinho, um tronco, um martelo, uma corda e o O efêmero tempo das coisas vivas do mundo se faz corpo. Com estes sete elementos elaboro um compasso. A terra se torna tinta, destacando-se no espaço verde da paisagem. Coloco meu corpo a Acor viva retorna à terra (BOIS, 1997). caminhar na linha, dou grandes voltas até atingir o cansaço. Com o passar do tempo, dois meses para Morte e vida, fluxo infinito.

presente.

FIGURA 06. REGISTRO FOTOGRÁFICO DA EXPERIÊNCIA IMERSIVA NO CÍRCULO VERMELHO. SÃO GONÇALO DO BAÇÃO.



Fonte: Mariana Hauck, 2020.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

1 Doutora em Artes Visuais pela ECA USP. E-mail: meidei.risca@gmail.com

Bibliografia

BOIS, Yve-Alain. Formless: A User's Guide. New York: Zone Books, 1997.

GOETHE, Johann Olfgang Von. Goethe's Theory of Colours (1840). Translation: Charles Lock Eastlake. USA: Lector House LLP, 2019.

LORENZI, Harri. Plantas medicinais no Brasil. Nova Odessa, SP: Jardim Botânico Plantarium, 2021.

FOSTER, Hal. The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture. Washington: Bay Press, 1984.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Ensaiando escritas entre derivas e travessias

RESUMO: Um texto em ondas. Escritas experimentais, lampejos desejosos, linhas de vida. Quais lugares são possíveis de serem trilhados, percorridos, habitados, vividos? Este é um ensaio sobre portas, muros, mares e morais que separam existências, pensando em possibilidades de ultrapassá-los e sonhar territórios possíveis de vidas em coexistências.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio. Escrita. Vida. Sonho. Refúgio.

Rehearsing writings between drifts and crossings

ABSTRACT: A text in waves. Experimental writings, wishful flashes, lifelines. What places are possible to be trodden, traveled, inhabited, lived? This is an essay about doors, walls, seas and morals that separate existences, thinking about possibilities of going beyond them and dreaming possible territories of lives in coexistence.

KEY-WORDS: Assay. Writing. Life; . Dream. Refuge.

Tiago Amaral Sales 1

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Ensaiando escritas entre derivas e travessias

Pensar é deixar-se perder pelo deserto, uma aventura no espaço liso, selvagem, potencialmente letal. (...) Linha de fuga, o refúgio no deserto ou em ilhas perdidas no meio do oceano imenso, pensar é a louca corrida da superação, não uma batalha, uma guerrilha ou uma briga a se comprar. Tomaz Tadeu, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004, p. 39-40)

Se este lugar não é meu, então qual é o meu lugar?

Portas se fecham.

Muros são levantados.

Cercas, arames farpados.

Negativas.

Violências.

Recusas.

Agui não! Este não é o seu lugar!

Então qual é o meu lugar?

Onde é possível que eu exista?

Eu posso existir?

O que sou eu?

Onde "eu" posso existir?

"Sujeito e nação não passam de ficções normativas que visam os processos de subjetivação e de criação social em constante transformação", reflete Paul B. Preciado (2020, p. 38-39).

Existiriam possibilidades, mesmo que moleculares, de quebrar com estes duros territórios do "eu", do "país", do "meu"?

"A subjetividade e a sociedade são constituídas de uma multiplicidade de forças heterogêneas, irredutíveis a uma única identidade, a uma única língua, a uma única cultura, a um único nome" (PRECIADO, 2020, p. 38-39).

Será que o que chamo, percebo e reconheço como 'eu' pode existir? E, se puder, como pode essa existência?

Existir?

Viver?

Talvez um bom caminho fosse tentar dissolver, de alguma forma, estas duras marcas que me cristalizam. Seria possível?

E, enquanto isso, existiriam lugares possíveis de serem habitados por mim? Por nós?

Habitar os meios

Habitat.

Lar.

Fazer casa, ninho e morada em um lugar.

Em um ambiente, no meio.

"É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade", afirmam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 49) ao pensarem no conceito de rizoma.

Rizoma, caule subterrâneo que se alastra no meio: ganha velocidade.

Meio-ambiente: território de velocidades

Território de quem?

Meu? Não é.

Então de quem é?

É de alguém?

Território em atritos.

Esse lugar que para mim é (des)conhecido, não é meu: me foi negado.

Mas preciso de um lugar meu. Um território que possa chamar de meu.

Meu? Preciso?

E será que, para chamar de meu, precisarei expulsar os outros que também querem nele habitar?

Ou será possível coabitar?

Outros...

Quem são esses outros? Esses outros são eu? São outros eus também?

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Outros eus Outros	Ser outro em terra de Eus é viver totalmente à margem.
Ser outro Quiçá, ser "todo outro", como Fernand Deligny (2018, p. 109) fala dos seres autistas e dos monges.	No escanteio.
	Em uma vida precária e passível de ser exterminada a qualquer momento.
Quantos outros posso ser?	Sem choro, nem velas.
Quantos outros preciso ser?	Cuidado!
Para aqui habitar, preciso mudar?	outdate.
Deslocar.	Perigo!
Mudanças climáticas.	"Por isso, cuidado, meu bem! Há perigo na esquina Eles venceram e o sinal está fechado para nós, que somos jovens" escreveu e cantou Belchior na música Como nossos pais. Elis Regina também levou estes versos para tantos cantos quanto foram possíveis, cruzando mares, atravessando territórios.
Climão?	
Travessias possíveis?	
Mudar de lugar, me mudar.	Mas cuidado! Nem todos foram autorizados!
Mudar meu corpo, minha fala, meu cabelo, minha	Cruzar territórios ainda é muito perigoso.
pele, meus pensamentos, meus desejos, meus sonhos, minha postura perante o mundo?	Perigo de desaparecer.
Preciso? Quero? Como?	Perigos Perigo-censura, perigo-deportação, perigo-prisão, perigo-escravidão. Perigodessubjetivação?
Transitar, cambiar?	
Fazer uma travessia para onde?	Apagamento total, principalmente para os que
	vêm de fora.
Travessia nos desertos e oceanos.	vêm de fora.
Travessia nos desertos e oceanos. Travessias a-morais.	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes.
	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros.
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar.	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes.
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros.
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015), muito perigoso? A travessia é, antes de qualquer coisa, um grande	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros. Refugiados Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015), muito perigoso? A	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros. Refugiados Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar em que se adentra seja refúgio.
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015), muito perigoso? A travessia é, antes de qualquer coisa, um grande risco. Risco-de-vida! Estreitos oceânicos que não tem nada de estreito:	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros. Refugiados Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar em que se adentra seja refúgio. Um lugar-outro? Isso me estranha, pois um lugar que não é meu não
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015), muito perigoso? A travessia é, antes de qualquer coisa, um grande risco. Risco-de-vida! Estreitos oceânicos que não tem nada de estreito: são largos.	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros. Refugiados Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar em que se adentra seja refúgio. Um lugar-outro? Isso me estranha, pois um lugar que não é meu não me aparenta ser refúgio.
Travessias a-morais. Muitos morrem ao tentar atravessar. Cruzar territórios proibidos é muito perigoso. Ou seria viver, como afirma Riobaldo em Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015), muito perigoso? A travessia é, antes de qualquer coisa, um grande risco. Risco-de-vida! Estreitos oceânicos que não tem nada de estreito:	vêm de fora. Estrangeiros, forasteiros, imigrantes. Outros. Anormais. Monstros. Refugiados Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar em que se adentra seja refúgio. Um lugar-outro? Isso me estranha, pois um lugar que não é meu não me aparenta ser refúgio. Lugar-que-não-é-meu parece ser hostil.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Ensaiando escritas entre derivas e travessias	
Atitudes de silenciamento.	territórios.
Derivas intensivas	Será possível?
Já não sei se quero aqui habitar. E para onde vou? Para onde posso ir?	Linhas pontilhadas cruzando terra, céu e mar Cartografias-migratórias, desterritorializando
Também sei que um lugar chamado de meu tem os seus riscos.	espaços, territorializando outros Ser outro é questão de território.
Os riscos identitários, representacionais.	Territórios em travessias!
Riscos nacionalistas. Riscos internacionais.	Trans-versar, a-travessar
Riscos ultraterritoriais.	Ver a potência que habita nas travessias.
Ultranacionalistas.	"A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência", afirma Preciado (2020, p. 32) ao refletir nas suas migrações entre territórios físicos e corporais, entre gêneros, em derivastransformações, em micropolíticas transnacionais.
Transnacionais.	
Micro e macro fascistas.	
Riscos de chamar um território de seu, de meu	Travessias em potência?
Riscos de delimitar.	Devir-nômade.
Riscos de eliminar.	
Cercear. Matar. Extinguir. Exterminar.	Mas, lembremos, são potências entre muitos riscos.
Cercear é matar?	Risco-de-vida!
Morte física, morte subjetiva, morte epistemológica. Morte corporal, linguística. Morte em vida.	Um sonho-migração, desejo-esperança ou, talvez, última linha de fuga possível para preservar a vida.
Fim da vida.	Linha de fuga que pode descarrilar-se em morte.
Riscos Perigos a-territoriais.	Nem toda linha de fuga conduz a um encontro alegre.
Ser Eu, com E maiúsculo, tem seus perigos.	Nem toda travessia desemboca em um território- refúgio.
Se eu me apegar demais comigo, ou seja, com o Eu, corro o risco de negar esse lugar para os outros que não são eu	Donna Haraway já nos alertava: "Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios" (2016, p. 2).
Será?	Nem todo mar cruzado lhe receberá de braços
E assim, tornar este território hostil para qualquer um que seja diferente de mim.	abertos.
	Nem toda migração é para um lugar que será seu

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Talvez, quem sabe, o caminho seja forjar

travessias que se capilarizem por todos os Des-afetos territoriais.

Nem toda migração é para um lugar que será seu.

ENSAIOS: Ensaiando escritas entre derivas e travessias

Mares, muros, morais...

Quantas barreiras existiriam nestas travessias?

Seria possível criar mais refúgios? E como?

Criar refúgio nos braços e abraços, nos olhos e olhares.

Refúgios em florestas, germinando pelos territórios possíveis e impossíveis.

Refúgios-rizoma, alastrando-se por todos os cantos.

Refúgios-ninhos, espaços de descanso, proteção, aconchego, nutrição.

Refúgios-restaurativos.

Berçários de novos mundos. Refúgios...

Sonho, desejo, utopia?

Refúgios em sonhos.

Sonhar refúgios, ensaiar escritas outras

"Com o passar dos anos, não sei se por consolo ou sabedoria, aprendi a considerar os sonhos como parte integrante da vida" (PRECIADO, 2020, p. 19).

Também tenho aprendido a me refugiar nos sonhos, ver neles uma vida intensa, fluida e sincera. Habitar entre delírios, desejos e pesadelos.

"Não se trata aqui de ver que a vida é um sonho, mas de ver que os sonhos também são vida", continua Preciado (2020, p. 19).

Sonhar em forças. Sonhar ativamente, em movimentos criativos. Em possíveis, atravessando territórios turbulentos de impossibilidades.

"Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade", compôs e cantou Raul Seixas em Prelúdio.

Sonhar... coletivamente!

Criar realidades com os sonhos.

Sonhos em matilha.

Criar mundos-refúgios, ninhos-oníricos, territórios de vida em multiplicidades.

Em meio às quedas sem fim, criar paraquedas coloridos, como nos ensina Ailton Krenak:

"De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho" (2019, p. 48).

Sonhar em cores...

Criar paraquedas que nos permitam saltar entreterritórios, migrar, em devir-nômade, com forças para resistir e re-existir diariamente, em meio às tempestades, grandes ondas e desertos.

Criar formas de estar vivo, de locomover-se, de habitar o mundo, de aprender.

Formas outras de escrever, de ensaiar a vida, a escrita, a pesquisa, a educação.

Formas de fazer comunicação, de transporte, de transcriação.

"Viver como quem escreve. Escrever vivendo. Viver escrevendo. Re-viver. Re-finar." (CORAZZA, 2014, p. 61).

Encontrar na escrita um refúgio. Criar refúgios escrevendo. Sonhar escritas outras de linhas de vida e modos de existência. Ensaiar.

E, se este lugar não for meu, então de quem será?

Quiçá, esse lugar seria de todos e de ninguém: é o lugar do entre, do sonho acordado, do delírio onírico.

Território mapeado nas linhas de vidas que se encontram.

Entre sonhos e travessias, em forças.

1 Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Ensaiando escritas entre derivas e travessias

Bibliografia

CORAZZA, S. M. Introdução ao método biografemático. Em Tese, Belo Horizonte, v. 20, p. 48-65, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B.. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p.

ROSA, J. G.. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 492 p.

HARAWAY. D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom - Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola (org.). Linhas de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

O que mais a vida poderia ser?*

RESUMO: A partir de um ponto de vida para observar o mundo, em cultivo situado de experiências e palavras, entre lagoas, bruxas e paisagens multiespécies, um convite à narratividade e ao encantamento da vida. Visões e poéticas sobre a existência produzindo refúgios, processos de subjetivação, resistência. Um movimento de pensamento atento à lógica colonial capitalista e seu sufocamento de modos de viver, suas manchas pluridimensionais, estéticas e políticas; com olhares ao Antropoceno e à mutação climática, atmosférica, geológica, vital. A problematização da Ciência como campo de poder, de hierarquia, sexismo, racismo, com partes desiguais de privilégio e opressão. As formas de narrar envolvem uma posição em relação ao mundo e a si mesmo, os sistemas de percepção são ativos, traduzem, criam modos parciais de ver e de organizar mundos, o que implica politicamente a produção de conhecimentos. A invenção de outros horizontes e perspectivas de produção de saberes potentes na desconstrução de eixos de dominação e na ampliação da vida. Saberes localizados, redes de conexão e aberturas, interseccionalidade, micropolítica ativa. Devir-decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Modos de existência. Produção de conhecimentos. Resistência.

What else could life be?

ABSTRACT: Starting from a life point of view to the world, in situated cultivation of experiences and words, between lagoons, witches and multispecies landscapes, an invitation to narrativity and to enchantment of life. Visions and poetics about existence producing refuges, processes of subjectification, resistance. A mindful thought movement to the colonial capitalist logic and its suffocation of living ways, its multidimensional, aesthetic and political marks; looking at the Anthropocene and the climatic, atmospheric, geological, vital mutation. The problematization of Science as a power field, of hierarchy, sexism, racism, with unequal parts of privilege and oppression. The ways of narrating involve a position in relation to the world and yourself, perception systems are active, they translate, they create partial ways of seeing and organizing worlds, what politically implies the knowledge production. The invention of other horizons and perspectives for the production of potent knowledge in the deconstruction of axis of domination and in the expansion of life. Situated knowledge, networks of connection and openings, intersectionality, active micropolitics. Becoming-decolonial.

KEYWORDS: Modes of existence. Knowledge production. Resistance.

Fernanda Carla de Moraes Augusto 1

Flávia Liberman 2

Marina Guzzo 3

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: O que mais a vida poderia ser?*

"Uma vida define-se pelo fluxo vital que atravessa a experiência ilimitada. A conjunção entre o gesto menor e o viver-uma-vida é uma ecologia política que opera no nível do in-act e que pergunta a cada junção o que mais a vida poderia ser." (MANNING, 2019, p. 15).

Meu primeiro encontro com a lagoa foi no horizonte. Era tanto azul, que se incorporava com o céu. Devir-céu, devir-lagoa. De longe, meus olhos fascinados desconfiavam da miragem, precisavam de toque, de imersão, de corpo. Lembrei dos acasos que me atravessaram e que me levaram até ali, das sutilezas que provocaram meu desvio de rota, de planos que já eram um tanto incertos. A poeira pairava lenta no ar, nas mesmas velocidades que acompanhavam aquele povoado. A Laguna de los Siete Colores em seu Pueblo Mágico.

Fui me aproximando e descobri que o lago não tinha margens, não tinha bordas, e isso não era nada poético. Era concreto. A concretude do capitalismo já roubava os ares, lançava seus tentáculos, seus consumismos, suas durezas e explorações turísticas. Indignante, mas não surpreendente. Com isso meus olhos já estavam calejados. A Laguna de infinitas cores estava sufocada em suas bordas, dividida em propriedades privadas, que cobravam para quem quisesse se aproximar. Experimentar tinha um preço. Alguém me disse que somente a quilômetros de distância talvez seria possível achar um pedaço de margem livre de grades ou construções. Lá onde talvez ainda não seria de interesse do capital.

Entre conversas, soube também que havia sim, ali no meio, no entre, um acesso público para o lago. Fui conhecer. Era nada mais nada menos do que o espaço de um píer. Uma plataforma de cerca de dois metros de largura, feita de madeira sobre a água, levava para essa área, de alguns metros quadrados, coberta, de onde era possível mergulhar. Com horário restrito de funcionamento. O sol que se pusesse logo, ou seria perdido seu espetáculo. A parte menos colorida para quem não pode pagar, para o povo menos colorido de cores capitalísticas. Capitalismo devorador de montanhas (KRENAK, 2020), de ouro, de diamante, de rios, de lagos, de cores, de existências.

A resistência se apresenta nas delicadezas e potências da vida. A Laguna tinha seus cenotes 4, cada um com seus contos e mistérios, com suas cavernas e conexões subterrâneas. Alguns tão profundos que nenhum mergulhador tinha conseguido encontrar seu chão, sob uma forte

pressão da água e de outras forças mágicas e enigmáticas. O Cenote da Bruxa, amplo, redondo, a céu aberto, rodeado pela mata, de águas escuras e profundezas incertas, alertava sobre perigos e impedimentos. Não era lugar onde se deveria nadar, nem onde se poderia se descuidar. A intensidade misteriosa daquele espaço afastava turistas, curiosos e até a exploração capitalista. Força de magia. A Laguna transbordava em outras dimensões, em outras conexões multiespécies, outras bruxarias, outros seres mágicos, outros piratas, outras histórias, em literatura oral, produzindo infinitos para além de suas margens capturadas. "A diversidade, biológica e social, se amontoa defensivamente em margens despercebidas." (TSING, 2015, p. 193).

A Laguna, que em alguns pontos não tinha fundo, e em outros tantos se fundia com o céu, plena de histórias encantadas, resistia transbordante à exploração de suas margens, aos seus contornos gradeados, à violência colonial capitalista. Um tsunami de intensidades. Naqueles poucos metros quadrados públicos do píer, em horários permitidos e não permitidos por humanos e para humanos, pude experimentar também um tanto de não-humano, um tanto de encantamento, um instante de suspensão de tempo e espaço, um deslocamento de mim e de certos mundos. Um devirimperceptível? Um devir-nômade? Um devirminoritário? O que mais a vida poderia ser?

Escolhemos um ponto de vida para observar o mundo (COCCIA, 2018) e para começar este texto: "o universo vive, ele é, em toda escala, um produto do vivente, e é somente ao vivê-lo que se poderá explicá-lo, não o inverso. A vida tende a devir mundo para si mesma e para os outros [...]" (COCCIA, 2018, p. 11). Tentamos cultivar palavras, corpo, conexões, rizoma, a criatividade dos sentidos, fazer pontes, nos situar, dar existência a ideias, reativar o animismo, "recuperar a capacidade de honrar a experiência, toda experiência que nos importa, não como 'nossa', mas sim como experiência que nos 'anima', que nos faz testemunhar o que não somos nós" (STENGERS, 2017, p. 11).

Essas são sementes de algumas histórias experimentadas, lembradas e recriadas da Laguna e seus azuis. "Qual é a forma do mundo que se dá a ver no corpo do próprio vivente?" (COCCIA, 2018, p. 11). Bacalar, um Pueblo Mágico do México, pareceu um pluriverso possível para pinçar linhas que movimentassem o pensamento sobre o

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

reencantamento da vida, "o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção, e reconexão: afirmação da vida, em suma." (RUFINO; SIMAS, 2020). Com suas inúmeras ecologias, um recanto, que entre tantos cantos caribenhos, resiste. Alguns habitantes locais, em composição com suas paisagens multiespécies, encontram linhas de proteção e refúgio em suas histórias criadoras de mundos. Um vigia noturno do píer contava sobre seres que por ali passam no silêncio das madrugadas. "Como responder com vida a um sistema de desencanto?" (RUFINO; SIMAS, 2020).

Naguele pier público, conheci também alguém em devir-mulher-bruxa. Esgotada de tantos desencantos, ela se via sozinha e entristecida. Sentada em um canto, me notou antes que eu a reparasse, e iniciou conversa. Percebeu que eu também estava sozinha. Contou um pouco de sua história. Um casamento de muitos anos terminado recentemente, um relacionamento abusivo que a sufocava. Ela ainda sentia dificuldade de respirar. Ainda sentia certas amarras de um modo de vida privatizado, normatizado, empurrado, imposto, que embaçavam sua vista, descoloriam seus caminhos e a lagoa que a rodeava. Ela estava viajando sozinha pela primeira vez, entre medos, incertezas, euforias, expectativas, culpas, buscando refazimentos. Conversamos como velhas amigas que não se veem há tempos, abrimos horizontes, fizemos parentes (HARAWAY, 2016), aliancas, questionamos a "fumaça que paira nas nossas narinas" (STENGERS, 2017, p. 9). Entre suas pluralidades, ela contou que conduz cerimônias ancestrais tradicionais de sua etnia, em um espaço cuidadosamente preparado na Cidade do México e em outros lugares não urbanos. Temazcal, uma celebração de fogo, terra, cantos, tambores, pedras vulcânicas, águas e plantas medicinais, magias. Minha nova parente já carregava potentes poéticas políticas em seu modo de existir e praticar o saber (RUFINO; SIMAS, 2020). Partilhamos cultivos recíprocos, "o mundo comeca sempre no meio, e não para nunca de começar" (COCCIA, 2018, p. 11).

Nas costuras das experiências de sermos constantes jardineiros e jardins (COCCIA, 2018), o processo de descolonizar o pensamento pede que nos situemos e nos impulsiona a repensar modos de viver e fazer mundos. A força da narratividade que compõe Bacalar cria existências, produz afetos, movimentos, relações, realidades. As narrativas enunciam configurações sociais, políticas, estéticas. Krenak (2020) fala da resistência de povos indígenas com a ampliação de horizontes

existenciais, com a expansão de subjetividades, com a fuga da lógica de mercado e das ausências de sentido de vida e de sociedade, a partir da invenção de liberdade, com as múltiplas narrativas de diferentes povos, com a diversidade de visões e poéticas sobre a existência.

A exploração capitalista deixa suas manchas, pluridimensionais, estéticas e políticas. O conceito de Antropoceno vem direcionar olhares para as evidências sobre o impacto do ser humano no planeta. Mutação climática, atmosférica, geológica, vital. Haraway (2016) aponta o Antropoceno como um evento-limite, destruidor de espaços-tempos, marcador de descontinuidades graves, e que a necessidade de nomeação potente-assim como Plantationoceno ou Capitaloceno - para essas dinâmicas de forças e poderes, tem relação com a escala, a velocidade, a complexidade.

Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios. Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios. (HARAWAY, 2016).

Guattari (2012) coloca que a instauração de centros de hiperexploração e de imensas zonas de miséria, fome e morte vem fazer parte do sistema de poder do Capitalismo Mundial Integrado (CMI). As espécies desaparecem junto com palavras, gestos, lutas de emancipação. O CMI se sustenta em certos regimes semióticos econômicos, jurídicos, técnicocientíficos e de subjetivação. A subjetividade capitalística se anestesia, evita a singularidade, controla existências, gera seus mundos. Precisam ser organizados novos operadores, novos processos de singularização, novos vetores de subjetivação, novas configurações existenciais, novas práticas ecológicas, micropolíticas, microssociais, estéticas e analíticas das formações do inconsciente. Uma ecosofia, em articulação ético-política, entre três registros ecológicos - do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana (GUATTARI, 2012).

O sistema de plantation e o trabalho de pessoas escravizadas sustentaram a expansão europeia de colonização, na produção maciça de riquezas e misérias, em que divisões raciais foram forjadas e impostas para sua fundamentação. A domesticação de mulheres e plantas decorre de uma configuração política em que seus confinamentos foram úteis

onas com a ampliação do horizontos — nolítica em que sous confinamento

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: O que mais a vida poderia ser?*

para maximizar a fertilidade, com o manejo da reprodução humana e da agricultura intensiva de cereais para viabilizar a constituição do Estado, da propriedade privada e da hierarquização social. As práticas eugenistas englobaram inclusive as mulheres brancas como agentes de higiene racial (TSING, 2015).

Kilomba (2019) aponta sobre o racismo cotidiano, sobre vozes que foram caladas há muito tempo, em uma história coletiva de opressão racial, de escravização, e a necessidade em escrever e narrar a própria história, em falar por si, em passar de obieto a suieito, como um ato político, de descolonização, de resistência. Visibiliza ainda a ausência de neutralidade na academia e na ciência, e a ligação destas com o poder e a autoridade racial, com uma ordem violenta colonial, hierárquica, sexista, promotora de silenciamento e de invalidação de determinadas vozes. Nessa linha, tece também Stengers (2017, p. 4): "[...] aquilo a que se chama Ciência, ou a ideia de uma racionalidade científica hegemônica, pode ser entendido em si mesmo como produto de um processo de colonização".

Haraway (1995) afirma a ciência como campo de poder, com partes desiguais de privilégio e opressão, com práticas de dominação, com questões éticas, políticas e epistemológicas. Na questão da ciência para o feminismo, relacionado a um posicionamento crítico em um meio social marcado pelo gênero, coloca que: "Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados." (HARAWAY, 1995, p. 18). Conhecimento localizado, situado, corporificado, de perspectiva parcial, interseccional, em redes de conexão e aberturas, com instrumentos teóricos, com objetos como atores e agentes, com a necessidade de nomear onde estamos, de nos posicionar, de responsabilização por práticas de visualização. A visão não é passiva, passa pelo poder de ver, os sistemas de percepção são ativos, traduzem, criam modos parciais de ver e de organizar

A política da narratividade, com a escolha de uma posição narrativa na pesquisa, as técnicas utilizadas, as maneiras de apresentar dados, de analisar, indica modos de expressão, o que implica politicamente a produção do conhecimento. As formas de narrar envolvem uma posição em relação ao mundo e a si mesmo. Intervir em modos de

narrar instituídos pode fazer emergir as condições de produção do narrado, e dar passagem à experiência do traçado de uma linha de fuga, uma linha de criação para outro território existencial possível (BENEVIDES; PASSOS, 2015). Onde a vida precisa fluir? O que escolhemos para dar visibilidade? O que pretendemos fazer existir? No que intencionamos intervir? Com que olhares? Que lentes? Que escritas precisam de invenção? Invenção politicamente implicada.

Uma perspectiva de produção de saberes potentes na desconstrução de eixos de dominação e na ampliação da vida. Sentir o "cheiro da fumaça que exige que decidamos se somos herdeiros das bruxas ou dos caçadores de bruxas." (STENGERS, 2017, p. 15). Como criar formas subversivas de olhar e de enunciar? Como ampliar o potencial de intervenção, de afetabilidade, de produção desejante? Experimentações, alianças, intensidades, composições, paisagens. Implicação política. Bússola ética. Povoar a produção de conhecimentos, as ciências, as pesquisas, as metodologias, a vida, com outras histórias, outros modos de narrar, outras referências, outras encruzilhadas, outras filosofias, outras ecologias. Devir-decolonial.

Despret (2016) fala que toda teoria é uma matriz narrativa, que afeta o que se conta, o que se observa, o que se tece entre os acontecimentos, o que se silencia, o que se invisibiliza. Propõe uma ecologia da atenção, do tato, da preocupação, que pensa os seres nos laços que tecem juntos, na relação, na afinidade, na sedução, na sensibilidade, nas experimentações criadoras, nos improvisos de novas formas de viver. A vida nos torna inventivas, fazedoras de histórias, de conexões, de presenças, de costuras.

A lógica capitalística, que atravessa e captura lagoas, cavernas, bruxas, produção de conhecimentos, academia, territórios existenciais, com suas visões de mundo fabricadas, seus modos de viver normatizados, vendidos como ideais, promove a composição de relações de poder, de exploração, de consumismo, de sujeição do outro. O turismo arrastado por essa dimensão predadora também atropela existências, invisibiliza vidas, movimenta desejos por ocupar o lugar opressor, o lugar de ser servido, o lugar bem delimitado pelo dinheiro, com um processo de naturalização da ideia de que os habitantes locais - humanos e não humanos - existem para nos servir, para que desfrutemos, para que tirem nossas fotos, para que lidem com nosso lixo.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: O que mais a vida poderia ser?*

O reencontro com a Laguna foi na escrita. Marcas que insistiam em virar palavras. Histórias em vias de diferir. Captar movimentos de fabulação e de constituição de um povo. "O que é preciso é pegar alguém que esteja 'fabulando', em 'flagrante delito de fabular'. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria." (DELEUZE, 1992, p. 157). Minoria criadora, desvios, rupturas, micropolítica ativa, estética da existência, pensamento-artista, resistência. "A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar [...]" (DELEUZE, 1992, p. 118). Devir-vegetal-lagunamulher-bruxa.

- * Este texto foi elaborado a partir da disciplina "Ecologias Menores: Corpo, Arte e Cuidado diante do Plantationoceno", ministrada pela Profa. Dra. Marina Souza Lobo Guzzo, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp.
- 1 Graduada em Psicologia pela Unesp, pósgraduada em Saúde Mental, mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp. E-mail: fernandacarlama@gmail.com

Bibliografia

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.) Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 150-171.

COCCIA, E. A virada vegetal. São Paulo: N-1edições, 2018.

DELEUZE, G. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DESPRET, V. O que diriam os animais se... Chão da Feira - Caderno de Leituras, n. 45, 2016.

GUATTARI, F. As Três Ecologias. 21. ed. Campinas: Papirus, 2012.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. ClimaCom, Campinas, n. 5, 2016.

- 2 Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo -UNIFESP - Campus Baixada Santista e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e no Programa de Pós Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Unifesp. Email: f.liberman@unifesp.br
- 3 Professora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Unifesp. Email: marina.guzzo@unifesp.
- 4 Os cenotes, na cultura maia, constituem fontes de vida, de líquido vital, entradas para outro mundo. Existem cenotes abertos, semiabertos, cavernas, que podem estar parcial ou totalmente inundados. Seus processos de formação podem durar milhares de anos. A região da Península de Yucatán se modificou radicalmente com as mutações climáticas. Saiba mais em: https://www.gob.mx/inpi/articulos/cenotes-unparaiso-bajo-el-agua e https://www.subacuatica.inah.gob.mx/index.php.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

KILOMBA, G. Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANNING, E. Proposições para um movimento menor. Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 10, n. 2, p. 11-24, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. Encantamento sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

STENGERS, I. Reativar o animismo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Ilha - Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022



arte

Ficando com as ruínas

"Ficando com as ruínas" é um registro áudio visual, que prentende apresentar o relato da experiência de uma inciativa prática artística, que aconteceu na Bacia do Mercado (Santo, SP, Brasil) e proximidades em contexto pandêmico, pela aproximação do título "Staying with the trouble" (2016) de Donna Haraway, sobre como lidar de frente com os problemas atuais, com o que está diante de nós, bem como o que decidimos fazer com esse. Atribuímos especificamente o "problema", a condição precária da realidade em comum desse território da Baixada Santista que se encontra vulnerabilizado pelos processos de destruição e exploração do sistema capitalocenico, em atenção a sua arquitetura em ruínas; essas que tomam grande proporção do território. Nessa proposta trazemos como viés metodológico o Animismo, o qual abarca as relações entre os seres humanos, seres não-vivos e o meio ambiente, de modo a mediar as possíveis poéticas envolvidas nessa experiência relacional de caráter performativo. A narrativa implica diretamente em alternativas sobre os modos de criação a partir de rastros, sobras e vestígios encontrados na estética radical das ruínas comunitárias locais, assim como os seus efeitos que tensionam a noção do conhecimento epistemológico ocidental. Desse modo, pretendemos contribuir acerca das discussões sobre o antropoceno, sendo as ruínas uma marca deste, e como refletir sobre outas formas de estar e intervir no mundo ao lidar com o projeto fálico, utópico da modernidade.

Ficha técnica
Título | Ficando com as Ruínas
Ano de produção | 2021
País/local de produção | Brasil, Santos
Concepção, texto e performance | Eleonora Artysenk
Orientação | Marina Guzzo
Agradecimentos | Instituto Procomum

20/05/2022

Eleonora Artysenk e Marina Guzzo



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

Trilha

"Do lugar onde estou, já fui embora"

(Manoel de Barros, Livro sobre nada, 1996)

Essa interrogação me brotou em nossa origem, na África. Nossa, quer dizer humana. Num tempo há 7 milhões de anos. Coisa que pessoa qualquer não tem precisão em imaginar. Desde lá, nos deslocamos. Desde sempre. Desde 7 milhões de anos. Pensei a terra. A terra desloca-se nesta vastidão composta de vazio, luz e demais corpos celestes há 4.5 bilhões de anos. Neste caso, sete é menor que quatro. Disso eu sei, entendo de grandezas. Pensei na terra. Na terra feita grãos minúsculos, poeira, barro, grãos mais largos, grânulos, seixos, cascalhos, grãos inteiros, rochas, paredões. As terras não boiam sobre a água, como eu pensava quando tinha cinco anos, mas movem-se sobre incandescências, são indômitas. Isso, numa perspectiva de tempo-eras geológicas. Na nossa escala-tempo, mais parecem sésseis, e, de tempo-em-tempo, irrompem com dias terremoto, avalanche, dilúvio ou quaisquer outras palavras que qualifiquem coisa que produz rápida devastação. Enxergar e sentir esta excrescência é muito mais que formiga pode carregar. Me desloco para dentro de mim para rever mundo - em terreno imensidão, rebroto. Agora carrego sempre no canto de olho peças inutilmente essenciais a minha vida: um herbário dos meus caminhos suspensos, gentes de amolecer, estudos de pôr-do-sol com réplicas que engrandecem o ser, um rio imiscuído de pedras e peixes. Na boca da terra, sou água-viva!

Nome | Mônica Antunes Ulysséa Instituição | Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo / FAPESP

e-mail | monicaulyssea@gmail.com telefone | 11 96799-0503

Imagens 1 a 4 ilustram este texto. Imagens de formigas cortadeiras Atta cephalotes, Serra Grande, Bahia, Brasil (foto de Fabiano Albertoni & Mônica Antunes Ulysséa).

20/05/2022

ARTES: Trilha









ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Intimidad cósmica

Intimidad cósmica

Los poemas que comparto pretenden desafiar el lugar desde el que observamos el mundo, el planeta y la vida. Entre tonos de exhortación, de celebración, de confianza, de ternura, los personajes van ligándose y esbozando una atmósfera de intimidad cósmica en donde se redime el sufrimiento y la vulnerabilidad con la justicia poética.

Cristina Pósleman Universidad Nacional de San Juan/Argentina cristinaposleman@yahoo.com.ar 54-2644885050

20/05/2022

Cristina Pósleman Las razones de las aves As Razões das Aves Hay un ave al oeste Há uma ave ao oeste Que afila sus garras Que afia suas garras Hambrientas Y se lanza a sorprender E lança-se para surpreender A su presa descuidada A sua presa descuidada Por los cielos del este Pelos céus do leste Hay otra que espera Há outra que espera El último halo O último halo De la víctima Da vitima Para hacerse de sus restos Para se fazer de seus restos Se ha visto también Viu-se também Por alli una pequeñita Por ali, uma pequenina Que atrapa Que captura Intuitivamente Intuitivamente Insectos diminutos Insetos diminutos Las formas del ataque As formas de ataques De las vidas a las vidas Das vidas às vidas Son ciertamente variadas São certamente variadas Hasta se ha visto otra Que mata sin necesidad Que mata sem necessidade

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Cristina Pósleman

De los últimos reinos

Quedarán vestigios
Los flujos vitales
Lucharán con su enemigo
El ahogo por la venganza
De Gaía en llamas
Un bramido asolador
Despejará las dudas
Del final de los finales
Y esparcidas las esquirlas
De lo que fue la ilusión
Del mundo y de la vida
Surgirá la flor más bella
Nimia, insignificante
Para el ojo endurecido
Por haber pemanecido

Por haber pemanecido Atónito frente al espejismo De la ambición y la codicia Quedarán vestigios Los flujos vitales Lucharán con su enemigo El ahogo por la venganza De Gaia en llamas Si, sobrevivirá la flor En sus semillas profundas Y emergerá un atardecer Del día indicado En profecias ocultas Celosamente guardadas En las tormentas del tiempo Confuso y terco De desearse a sí mismo Y ambos, cronos y sabia Se sumirán en abrazos Y sellarán el pacto El pacto nuevo sin reinos

Dos últimos reinos

Ficaram vestígios Os fluxos vitais Lutaram com seu inimigo O afogamento pela vingança De Gaia em chamas Um rugido assolador Dispersará as dúvidas Do final dos finais E espalhados os estilhaços Do que foi a ilusão Do mundo e da vida Surgirá a mais bela flor Nimia, insignificante Para o olho endurecido Por haver permanecido Atônito frente à miragem

Da ambição e da cobiça Ficarão vestígios Os fluxos vitais Lutarão com seu inimigo O afogamento pela vingança De gaia em chamas Sim, sobreviverá a flor Em suas sementes profundas E emergirá um entardecer Do dia indicado Em profecias ocultas Zelosamente guardadas Nas tormentas do tempo Confuso e obstinado De desejar-se a si mesmo E ambos, cronos e seiva Sumirão em abraços E selarão o pacto O novo pacto sem reinos

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Cristina Pósleman La muerte de la mariposa A morte da mariposa Quando ressoar o gongo E as notas do vento Cuando el gong resuene Y las notas del viento Esculpan acordes rosados Esculpirem acordes rosados Cuando la justicia se revele Quando a justiça se revelar La única, la de la muerte A única, a da morte De la mariposa Da mariposa En ese momento Nesse momento Permaneceremos a la espera Permaneceremos à espera De los hilos de ternura Dos fios de ternura Que nos guiarán Que nos guiarão Al umbral del mundo Ao umbral do mundo A despedirnos de su paisaje Para nos despedirem de sua paisagem

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

Meu tupi exílio

Texto, imagem e montagem de Davi de Codes Financiamento da CNPq Ano 2022

Davi de Codes (Davi Henrique Correia de Codes) Unicamp davidecodes@gmail.com 48998147226

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Meu tupi exílio

Escrevi no vazio, ao ver as curvas das nuvens no enlace com os raios de sol:

 Ybyrá, será que alguém se acostuma com as cores repetidas de um campo deserto?

Já vi. Há mais vermelho da terra que azul do céu, e o verde entre cá e lá anuncia quase tornar- se um amarelo. Mas nem tudo é deserto na paisagem, por vezes se vê máquinas que atropelam tudo, mas ainda carregam no íntimo essa vontade de viver. Enquanto seguia caminho, cortando a estrada poeirenta, ladeando bordas de barrancos que antecedem o porvir plantio, notei empobrecidas nuvens fazendo pouso quase estático sobre esse chão avermelhado.

- Ybyrá, o que tem nessa terra?

Já vi. Ali há um casebre de madeira onde vive, passo a crer, aquele que apenas observa o passar do vento. Da estrada, a quase-sombra destoava do calor que fazia. Do caminho, somente caminhões cruzavam o ar com velocidade, como num incessante piscar de olhos. Pausas de passagens. Passagens de pausas. Sonoros intervalos que evocavam ainda mais silencio a cada acontecer. Ritmos de um dia pacato, carregado de passado, receoso de futuro. Caminhos que cortam, mas ligam lugares. Por vezes, quase-sombra. Quase sempre, para encontrar a sombra inteira, deve-se procurar um corpo para ter consigo. Pensamentos não fazem sombra, ou será que fazem? Do resto da floresta, ali naquele deserto, se chegar bem perto dos finos troncos, achará alguma sombra. Quanto mais perto, mais sombra.

- Ybyrá, o que te traz a essa terra?

Já vi. Havia ali uma árvore solitária. Talvez daqui mesmo, talvez vinda de outro lugar. Refugiada entre o céu e a terra. Viajou enquanto semente e hoje reside ali, ou está apenas de passagem. Parada e única diante de mim, era quase certo estar condenada à solidão. Aproximei-me bem de perto para ter com ela alguma sombra, e ao pé do meu ouvido a escutei falar:

 Sou árvore e mais, sou pau, pedaço e todo, sou cerca e proteção, refúgio contra perigos e inimigos. Se quiser, deixo-te aprender comigo.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Caminantes

Esse exercício plástico e poético é uma tentativa de reflexão sobre o crescente aumento de refugiados climáticos no mundo, enquanto proporcionalmente, possuímos cada vez menos refúgios. Orientada pelos pensamentos de Donna Haraway e Isabelle Stengers, construo essas paisagens moventes, que acolhem personagens retirantes, errantes em sua busca por um refúgio, por asilo, por um lugar seguro. Assim como, em breve, o espaço ao seu redor, desfragmentam-se, estão frágeis, enfeitiçadas, submetidas à intrusão de Gaia, são trabalhadores, mulheres, camponeses, são sobreviventes que não compactuam com o jogo, aqueles que mais padecem. A natureza escassa ao seu redor e as inevitáveis linhas de fuga, que se entrecruzam, nos fazem perguntar: diante de tempos de catástrofes, é possível construir novos refúgios? A narração é composta, em sequência, pela definição da palavra Refúgio no dicionário Oxford, pela frase proferida por Donna Haraway em seu texto "Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes.", traduzido por Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy, um trecho de uma entrevista de Mia couto encontrado em: https://diplomatique.org.br/a-guerra-na-vida-dos-sobreviventes- dissidentes-e-residentes/ e um trecho da poesia "Agricultura" da poetisa Raquel Jodorowsky, originalmente escrita em espanhol e traduzida por mim.

Ficha Técnica | Cianotipia, aquarela, tinta china e linhas de algodão 2022

Artista | Anike Laurita FE/Unicamp anikelaurita@gmail.com 11 983475793 20/05/2022







ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Esse lugar que é nosso

O presente ensaio pretende engajar com a proposta do dossiê de pensar a questão dos refugiados climáticos a partir da estreita relação entre a escassez de refúgios para aqueles que veem seus modos de existência ameaçados e a proliferação de subterfúgios para os que relutam em admitir a ruína de um mundo que se mostra impossível a partir do colapso ecológico. As imagens sugerem que leiamos os movimentos de migração forçada não como meros efeitos de "catástrofes naturais", mas como resultado do investimento material, mas também psíquico e afetivo, da modernidade ocidental em subterfúgios - melancólicos, anestésicos e fantásticos - ou, em outras palavras, em formas de negação que sustentam o privilégio de não ter que cuidar e se importar com as condições que possibilitam a existência e sobrevivência.

As imagens ilustram as paisagens psíquicas, afetivas e desejantes dos sujeitos que persistem em mediar as suas relações com o mundo a partir de subterfúgios arraigados em práticas de negação corriqueiras, banais e cotidianas. Tratam-se de cenários repletos de agonia e êxtase, esperança e desencantamento, fugas e delírios; as mais diversas contradições que instam os sujeitos a continuar investidos em um mundo que se esvai.

A melancolia - o apego a tempos passados melhores, a um mundo que não existe mais; a anestesia - para aguentar a dor e o luto pelo fim de tudo que era familiar e benéfico, assim como para tolerar as instabilidades de uma nova era por vir; e a fantasia de manter o sonho de pé, de insistir, radicalizar e reformar o projeto da modernidade - aparecem não apenas enquanto subterfúgios que fazem proliferar os refúgios alheios, mas apontam também para a

dificuldade de olhar para os lugares incômodos que são censurados por essa modernidade aspiracional: para formas de evitar vulnerabilidades, de não ter que lidar com a perda e a dor, não ter que fazer o luto e não ter que admitir que grande parte de nós esteve o tempo todo vivendo a partir de uma terra que não existe, de relações que não se sustentam, afastados e desconectados das dimensões essenciais do mundo.

A insistência de afirmar essa terra e esse lugar como "nossos", ou de parte de nós - aqueles organizados, elaborados, distribuídos, e vividos a partir da aspiração à modernidade - contribui para que esses lugares e territórios não sejam reconhecidos como dos outros: o não lugar do outro só é possível através da afirmação desse lugar como "nosso". As imagens nos instam a pensar como esse projeto de mundo foi possibilitado pela negação e como o efeito disso tudo é a proliferação de refúgios, a extinção de modos de vida heterogêneos e a produção continua de não lugares e de entre-lugares pra todos aqueles que não se enquadram nesse tipo de vida moderna - inclusive a própria terra.

Assumir esse lugar como nosso é fundamental para forjarmos outros tipos de comunidade cuja medida não seja a perda de mundo, mas a possibilidade de nos sentirmos capazes diante das complexidades que nos interpelam.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Esse lugar que é nosso

Ficha Técnica |

Rachel Pires do Rego Mestranda em Filosofia e Questão Ambiental, PUC-Rio

rachel.piires@gmail.com (21)99227-1367

Portfólio virtual: www.cadernosvisuais.com

Título: Melancolia (não olhe para trás) Técnica: colagem sobre papel Dimensões: 29,7x21cm

Ano: 2022

Título: Anestesia (de olhos bem fechados) Técnica: colagem sobre papel Dimensões: 42×29,7cm Ano: 2022

Título: Fantasia (o amor é cego) Técnica: colagem sobre papel Dimensões: 42×29,7cm Ano: 2022

20/05/2022



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Esse lugar que é nosso





ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

ARTES: ração

ração

O vídeo "ração" se detém em um jacaré de papo amarelo em uma manhã de março. Com o corpo submerso, é a sua cabeça, fora da água, que ocupa o quadro, cercada por pequenos grãos esféricos de ração que flutuam ao seu redor. No plano sonoro, fora de campo, passos nos caminhos não pavimentados, rumores e a intervenção de pássaros situam a paisagem do parque. A longa e silenciosa imobilidade do jacaré é pontuada por breves movimentos da cabeça, que se vira, que se movimenta na melancólica tarefa de nutrir-se. A desproporção dos gestos e do próprio corpo do jacaré, na ociosidade dos seus dentes, na grande mordida e no balançar da cabeça com os grãos ingeridos, nos colocam diante da violência do processo de domesticação. A ração que intitula o vídeo e com que é alimentado o jacaré, é a mesma comida fornecida para cágados e peixes que habitam este lago. No terceiro e último plano, com a expressiva redução dos grãos, pode-se acompanhar duas bolinhas, desgastadas e umedecidas, e as mordidas que o jacaré protagoniza. A ração é paradigmática da assombrosa redução da potência do jacaré e, por extensão, de tantas outras espécies, incluindo as nossas humanas práticas alimentares.

Sobre o processo: O encontro matutino com o jacaré que concentro-e-apresento neste trabalho videográfico, integra um conjunto de trabalhos em processo que se dedicam à observação, coleta e produção de imagens. Observando-filmando-escrevendo com animais, insetos e plantas, com a poeira, mofos e movimentos de criaturas larvares, meu processo artístico tem se estruturado através de séries fotográficas, instalações, vídeos e publicações de artista. Buscando aprendizados e relações multiespecíficas na suposta insularidade dos espaços domésticos que habito - casa, parque, quintal - compreendo que os habitantes-visitantes não humanos compõem comigo o espaço. A observação atenta e reiterada no cotidiano propulsiona a produção de imagens-encontros.

Arelação entre observação e coleta e montagem de imagens, bem como a noção de que a simbiose não é exceção, mas dinâmica das relações multiespécies como vêm argumentando as pesquisadoras Anna Tsing e Donna Haraway, possibilita a compreensão de que a diversidade e as relações inter/intraespécies são vitais para a nossa sobrevivência no Antropoceno. Olhar com cuidado a patética tensão do agenciamento ração-jacaré, naturalizada na comida dos pets e na nossa própria comida, assim como no nosso próprio confinamento sinaliza e expande a crítica a modos de vida pautados na domesticação e na expropriação, tendo como emblemática a padronização, capitalização e interdição da complexidade da experiência alimentar vigente, tal como é explorada pelo agronegócio.

Ficha Técnica |

Aline Dias, ração, 2022, vídeo, 6min40s Direção, câmera, montagem e trilha sonora | Aline Dias Imagens captadas no Parque Ecológico Municipal Prof. João Davi Ferreira Lima (Parque do Córrego Grande), Florianópolis, SC, Brasil

Artista | Aline Dias Artista e Professora no Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Espírito Santo UFES. CV http://lattes.cnpq.br/0273232480307407 Contato | alinemdias@hotmail.com 55 27 98114-1597

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022





ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

ARTES: Série eventos extremos

Série eventos extremos

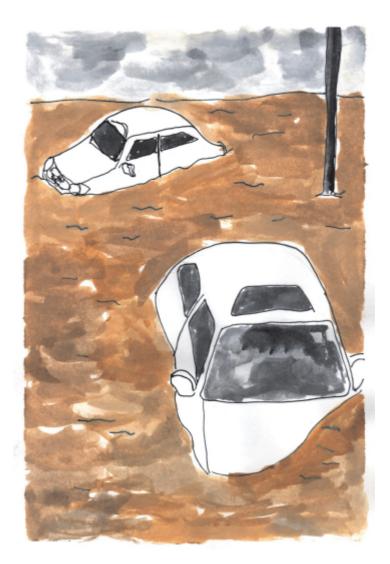
Título | Esse lugar que é nosso

Nos últimos anos eventos climáticos extremos se tornaram cada vez mais recorrentes em todas as partes do planeta que com o advento das tecnologias de informação e captação de imagem tornaram possíveis uma vivência imagética de tais situações. Todos vivenciamos de forma direta e indireta esses eventos. Como artista, pesquisador e docente venho transformado parte dessas vivências com eventos extremos seja de forma indireta através dos meios de comunicação seja se forma direta vivenciando seus efeitos em desenhos. Dos desenhos feitos no ano de 2022 escolhi uma série de 4 desenhos que misturam o uso de aquarela e caneta e representam um olhar sobre o clima e suas mudanças . Deixo as imagens à disposição do Dossiê para serem usadas como um todo ou em partes da melhor forma que aprouver aos editores.

Ficha Técnica |

Prof.Dr. Tiago Cardoso Gomes, Universidade Estácio de Sá e-mail: tiagogomes.art@gmail.com/tiago.cardoso@estacio.br Telefone: (24) 988166303 / (24) 33550034

20/05/2022









ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022 ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Não se pode tocar, está em mim, está em nós

A destruição causada pelo extrativismo mineral é fator irreversível. A poluição e a devastação geradas pela desenfreada exploração dos minérios em território brasileiro impactam solos, rios, lençóis freáticos e ar. Estão em nossos corpos, adoecidos pela contaminação e sufocados em um contexto sistêmico que nos rouba sensibilidades, saúde e nos lança à violências incorporadas ao cotidiano da vida. Não se pode tocar, está em mim, está em nós é uma criação realizada pelo projeto Territórios Sensíveis e traz como questão estético-política central os danos, impactos e sensações geradas pelas ruínas do extrativismo de carvão. Nesta proposta, nos lançamos ao campo da memória corporificada, na construção de dizeres e fabulações, juntamente a camadas históricas, geográficas e para além de nós mesmas.

Ficha técnica

Co-criação | Walmeri Ribeiro, Ana Emerich, Sofia Mussolin, Eloisa Brantes Performance | Walmeri Ribeiro Direção de cena e dramaturgia | Eloisa Brantes Imagens e pesquisa de campo | Walmeri Ribeiro Direção de fotografia e câmera | Sofia Mussolin Pesquisa, sons originais e composição sonora | Ana Emerich Montagem e finalização | Sofia Mussolin Realização | Territórios Sensíveis Obra comissionada por Itaú Cultural, projeto Cena Agora, 2021.

Walmeri Ribeiro, Universidade Federal Fluminense/ UFF, ribeiro.walmeri@gmail.com, (21)982220780
Ana Emerich, Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ UERJ, anapaulaemerich@gmail.com, (21)991206236
Sofia Mussolin, Universidade Federal Fluminense/ UFF, sofiagmussolin@gmail.com, (16)988113447
Eloisa Brantes, Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ UERJ, elobrantes@gmail.com, (21)994741649

20/05/2022



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

Mera paisagem

Durante a exploração com as bolinhas de ping pong, senti vontade de usar as cédulas, desta vez, em embalagens de isopor. Um material que constantemente aparece muito nos supermercados e até nas feiras livres. De forma circular, o papel moeda voltou a ser plano, mas resolvi apagar seu valor e retirei toda a parte escrita da nota

O que me interessava agora era chamar a atenção para o animal, mas desta vez com alfinetes.

Artista visual graduada na FAAP, em 1987. Atuou como professora em Educação Infantil e, desde 2007, atua como Artista Visual.

Em seu processo, a artista geralmente se apropria de objetos e elementos efêmeros que norteiam a criação para as suas instalações, vídeos, impressões, fotografias, livros de artista e performances. Nessa sua trajetória, os componentes usados para as obras, buscam refletir sobre a essência, as correspondências e transições da vida.

Rosana Torralba

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Mera paisagem



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Minha planta do pé já esteve mais perto do chão

Há tempos que reflito de onde venho e para onde vou, sobre o que tem me levado estar agui. Esse pensamento automaticamente me transporta de volta para casa, não mais minha, mas que foi meu lar desde o nascimento até pelo menos dois terços da vida. Lugar por onde caminhei sobre a terra com meus pés direto no solo, onde andei dentre a floresta e vi plantas nascerem. Onde anteriormente estiveram outras e outros que também andaram por onde andei, muito antes de eu ser alguém. Onde vi meus pais cultivarem a terra esgotada, vi nascer vida, alimento, sombra e matéria. Eu vim de um lugar bem pequeno ou pelo menos ao que me disseram, mas descobri estar em um lugar ainda menor, pouca terra e mais gente, talvez seja por isso que minha planta do pé anda tão longe do chão. Espaço mineral, paisagem monoespecífica e coleção de humanos. Tudo que foge ao meio estéril é clandestino, empurrado de volta às bordas, para fora. A separação humanonatureza que tem quiado nossa maneira de imaginar o mundo é perigosa e ilusória. A Terra está doente, por isso tenho traçado caminhos de ida, volta e retomada, observando o entorno, a transformação da vida, como uma criança perdida que não conhece a estrada, é preciso estar atenta. A matéria viva é o meio que sustenta a possibilidade de criar e fazer com outros, através de agências mais-que-humanas. As colônias de fungos que crescem sobre a superfície deixam seus rastros que cruzam a linha traçada, onde trajetos humanos e microbianos se encontram, paisagens multiespecíficas são formadas. No fim, a vida que nos atravessa é a mesma que vive através todos outros seres que a experimentam conosco.

Ficha técnica
Artista | Maíra Velho
Título | Minha planta do pé já esteve mais perto do chão
Técnica/materiais | Desenho (algodão cru, tinta acrílica, bordado e fungos)
Dimensões | 14,5 x 42,0 cm
Ano | 2021

Maíra Velho

Artista Visual. Mestranda em Artes Visuais com ênfase em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS)

E-mail: mairacvelho@gmail.com

Fone: 55 991027046

20/05/2022





ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

alianças vegetais

alianças vegetais é um livro digital cartografado na primavera de 2021. Aliançar é criar verbo para um acompanhamento de processo. Observar as alianças e os encontros entres as folhas e os seres, as coisas, os elementos. É buscar estes contatos parasitários, herbívoros, infecciosos, decompositores, artísticos, dançantes e performáticos das folhas que fazem mundo. Feito a partir de coletas de folhas e experiências artísticas em decorrência do curso online Enciclopédia das Folhas realizado por Projeto Líquen e Casa Contemporânea, o livro é uma metamorfose entre a arte, a biologia e as folhas.

Ficha técnica

Título da obra | alianças vegetais Autoria, imagens, coletas, diagramação, criação | Ana Paula Valle Pereira

Contato

Nome da autora | Ana Paula Valle Pereira Instituição | Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail | anapaulavallep@gmail.com Telefone | (21) 999055073

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

20/05/2022



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Como em dobras de papel: uma reflexão sobre a crise de refugiados

Estas ilustrações nascem da pesquisa "A ilustração crítica no design ativista", na qual estudei como um designer e ilustrador podem propor soluções de design que carrequem consigo valores e ideais pelos quais vale a pena lutar. Foi diante da crise mundial dos refugiados que encontrei impulso para a criação de tais imagens. Ambas retratam fragmentos de vivências do grande conflito que assola tantos milhões pelo mundo, e buscam levar a nós, espectadores que vivem uma realidade tão diferente, a enxergarmos além de nossas bolhas sociais. Em meio a um mar revolto, e às ondas pontiagudas que ameaçam tragar e submergir ao esquecimento, encontra-se uma família. A efemeridade do barco de papel nos alcança com a urgência, esta família precisa ser salva. Suas vidas se agarram ao nada, seu porto seguro lhes foi tirado, mas eles permanecem, atracados uns nos outros. São uma família que precisa ser salva. Com sorte a luz amarela que emana sobre eles é o sinal de um navio que os enxergou em meio à tempestade. Quão preciosas são as vidas que têm se esvaído como um barco de papel em um oceano sem fim? Respire fundo, as águas do mar já estão longe. More nesta tenda, frágil como uma dobradura de papel. Mas não se preocupe, é temporário. Espere por um novo lar, por um país que não fala sua língua, por um povo estranho. Espere eles te aceitarem. Espere pelo fim da guerra, para que possa encontrar nos escombros o que sobrou de seu lar. Espere um milagre. Espere por suprimentos, um galão de água, uma resposta. Queime seus pés no chão tórrido do dia, aqueça seus filhos no frio funesto da noite. É só por um tempo. Temporário até que se vá a vida. Com aquarela, lápis de cor, um olhar disposto a enxergar o meu próximo, e um coração que se permite chorar com aqueles que choram, é que estas ilustrações foram criadas. Por meio desta singela manifestação artística, busco dar voz aos homens e mulheres que se encontram em situação de refúgio pelo mundo e inspirar solidariedade até onde estas ilustrações alcançarem.

Ficha técnica

- 1. Naufrágio, Ana Terra Castro Viana, aquarela e lápis de cor, Pesquisa de Iniciação científica "Ailustração crítica no design ativista", Brasil, 2021.
- 2. Temporário, Ana Terra Castro Viana, Aquarela e lápis de cor, Pesquisa de Iniciação científica "Ailustração crítica no design ativista", Brasil, 2021.

Autora | Ana Terra Castro Viana; Universidade Federal de Goiás; terra.terra@discente.ufg.br; (62)98159-6199.
Co-autor | Cláudio Aleixo Rocha; Universidade Federal de Goiás; claudioaleixo@ufg.br; (62) 99135-6502

20/05/2022





ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS:

Suíte Amazônica

Suíte Amazônica é uma série de trabalhos sobre a floresta amazônica, que venho realizando desde 2018. O trabalho se iniciou a partir de uma estadia de dez dias na floresta amazônica, proporcionada pelo Programa Labverde de Imersão Artística na Amazônia.

Durante a residência produzi o vídeo Amazônia Insomnia, que foi apresentado como uma videoinstalação projetada sobre a cama em que dormi no pequeno casebre onde fiquei hospedado na reserva ecológica. O vídeo contém imagens dos reflexos da mata nas águas, que foram espelhadas e multiplicadas formando uma espécie de caleidoscópio hipnótico. Ao projetá-los sobre a cama coberta de galhos e adornada por um mosquiteiro em tule verde existente no local, as imagens ganharam uma atmosfera onírica, evocando os espíritos da floresta e os ritos da ayahuasca. O vídeo está disponível para visualização em https://youtu.be/YuX55eVoKjo

Ao longo dos dias em que permaneci na Amazônia, captei um grande número de imagens, que vêm sendo trabalhadas tanto para a exposição enquanto fotografia como também enquanto modelo para as pinturas que tenho produzido.

Embora as fotografias tenham sido realizadas em 2018, somente em 2020, em função da pandemia de Covid 19, pude encontrar tempo durante o período de isolamento social para me dedicar a pintar algumas dessas imagens. Por esse motivo, nomeei esta série de "Florestas do Isolamento", remetendo tanto ao fato de se estar imerso de forma solitária na mata como à própria sensação de estar perdido em si mesmo em meio ao isolamento social. As pinturas vêm sendo realizadas em acrílica e aquarela sobre papel e evidenciam aspectos expressivos que nem sempre são visíveis nas fotografias que as originaram. Além disso, através das pinturas procuro evocar as sensações multisensoriais de estar imerso no interior da floresta e presenciar uma espécie de caos orquestrado entre o ver e o não ver. Uma parcela destas pinturas já foi exibida na exposição "Florestas do Isolamento", realizada em 2021 na Escola de Botânica, em São Paulo.

Compõem ainda a "Suíte Amazônica" os três trabalhos gráficos aqui apresentados: "Demarcação", "Máscara" e "Fogo-fato". "Demarcação" reúne uma série de fotografias de queimadas da floresta, sobreposta com o sinal de mais em vermelho e apenas uma fotografia da floresta verde, marcada com o sinal de subtração, fazendo alusão à diminuição da floresta pelo desmatamento desenfreado. "Máscara" também utiliza uma foto de queimada que serve como fundo para uma máscara de pintura indígena. "Fogo-fato" apresenta novamente a devastação da floresta, em uma montagem fotográfica que evidencia o rosto de uma indígena entre as labaredas da floresta. O título "Fogo-fato" faz referência os míticos fogos-fátuos, relacionados aos espírtitos, porém aqui a palavra fátuo é substituída por fato, uma vez que o desmatamento vem sendo realizado de fato, e infelizmente de forma deliberada e cada vez mais incentivada pelo governo fascista que tomou conta do Brasil desde 2019. Os trabalhos aqui apresentados buscam ressaltar a importância do bioma amazônico para todas as espécies e proporcionar uma reflexão sobre a destruição que o homem vem impondo ao mundo natural.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ENSAIOS: Suíte Amazônica

Ficha Técnica |

- 1. Amazônia Insomnia. Video disponível em https://youtu.be/YuX55eVoKjo Hugo Fortes. 2019
- 2. Amazônia Insomnia. Videoinstalação apresentada na residência Labverde na reserva Adolpho Ducke em 2018. Artista: Hugo Fortes. Fotografias de documentação: Bruno Zanardo. (duas fotografias)
- 3. Florestas do Isolamento. Série de pinturas em acrílica e aquarela sobre papel. Dimensões variadas. 2020-2022. Hugo Fortes (5 fotografias)
- 4. Demarcação. Montagem fotográfica. Hugo Fortes, 2019.
- 5. Máscara. Montagem fotográfica. Hugo Fortes, 2019.
- 6. Fogo-fato. Montagem fotográfica. Hugo Fortes, 2019.

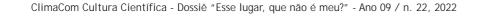
Artista | Hugo Fortes Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA - USP <u>hugofortes@usp.br</u> (11) 985807670

20/05/2022

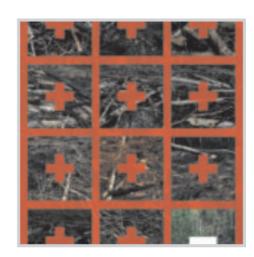


ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022













ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES:

Agonia

Apesar de sido afetado pelos pecados ambientais do resto do mundo, o continente austral ainda se encontra em um estado de virgindade e sublimidade. É a Terra como ela era antes do pecado original e, talvez, a última grande promessa à humanidade, depois que os trópicos perderam um pouco de sua graça paradisíaca.

Alfons Hug

A epígrafe acima é parte do texto Tempo Congelado que integra o livro A Arte da Antártida, publicado no Brasil no ano de 2009. Naquele momento o autor afirmava que ao contrário do resto do mundo que é submetido a infindáveis conflitos, à espoliação econômica e a pretensões à propriedade de todos os tipos, a Antártida esta clássica Terra de Ninguém, tem a vocação mais elevada: não pertence a ninguém, portanto, é de todos.

Agonia é um vídeo criado a partir de um dos ensaios fotográficos que realizei no período em que vivi a experiência de conhecer o solo Antártico. Em 2020 embarquei no Navio da Marinha Brasileira Almirante Maximiliano (conhecido como Tio Max) juntamente com a equipe do Projeto Fioantar coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde permaneci por trinta dias realizando a cobertura jornalística para a instituição.

O silêncio na "cidade branca" muitas vezes era interrompido pela queda de imensos blocos de gelo que, ao se chocarem com o mar provocavam um som ensurdecedor assustando alguns de seus habitantes como pinguins, focas, morsas e elefantes marinhos.

Segundo os pesquisadores da Fiocruz, o continente vem se deteriorando rapidamente devido às mudanças climáticas que causam a elevação da temperatura.

Aproveitei a oportunidade para realizar alguns ensaios fotográficos e um deles apresento a seguir no vídeo Agonia.

 $Trecho\,musical\,retirado\,do\,CD\,Nekrolatreia\,da\,banda\,Heavy\,Metal,\,Thy\,Rites.$

Ficha técnica

Peter Ilicciev Fundação Oswaldo Cruz (RJ) peterilicciev1@gmail.com (021) 971441230

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARTES: Agonia



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

Como sobreviver ao fim de mundo: o impacto da arte na vida em isolamento

Este zine integra monografia de Luísa Sirângelo para o curso de Licenciatura em Artes Visuais, tendo como ponto de partida a reflexão sobre as implicações da presença das artes nos cotidianos pandêmicos impactados pelo covid-19 nos últimos anos no Brasil. A partir da interpretação artística de leituras vinculadas aos campos educacionais e filosóficos, assim como da interpretação de relatos lidos a partir da coleta de dados utilizando o recurso de um formulário online são traçadas aqui ligações entre o fazer e o consumo artístico e a melhor assimilação de momentos perturbadores como o que vivemos atualmente.

Luísa Sirângelo

20/05/2022



INTERVALAR – Devir-caiçara

Uma câmera. Diversas mãos e olhares que se entrecruzam [o que impossibilita saber os autores de cada foto], muito ansiosos por mostrarem e falarem o que andam vendo, cheirando, inventando, sentindo, tocando, sonhando, vivendo e tateando por aí, ali e acolá. Essa série de montagens fotográficas e foto-poesias é fruto da pesquisa de mestrado intitulada (des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara, realizada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), junto às comunidades tradicionais caiçaras, em especial as localizadas na porção sul da Península da Juatinga, Paraty, RJ. São imagens de um cotidiano nada extraordinário. Fotografias errantes. Foto-não-grafadas. Entre-grafias. Sem foco, sem efeitos, só com afetos e movimentos de uma vida que não parou de acontecer para que um clique acontecesse. Acontecimentos. Registros de passageiros que, muitas vezes, já não são, já não estão, não vemos ou não querem se mostrar. Fotografias e narrativas feitas em encontros e desencontros, no imprevisto e no previsto. Nos gestos, nas cores, nas luzes e nas distintas direções. A cada escolha feita, um evento, um novo invento. Não sei se para contar uma história, criar realidades outras, quardar de recordação, desajustar composições, brincar com o que [ou quem] está olhando etc., mas as fotos vão sendo feitas em desencaixes, desordenadas e sem explicações. Comumente as histórias narradas sobre os caicaras os atrelam a tradição e a um 'lugar', margeado por fronteiras que delimitam o que 'deve' estar 'dentro' e o que 'deve' estar 'fora' da sua cultura, bem como o que 'devem fazer' e o que 'não devem fazer'. De acordo com Deleuze e Guattari, a casa (óikos) não pode ser pensada independentemente dos modos de existência que se inventam e, de outra parte, não pode ser reduzida a um conjunto de necessidades a serem preenchidas segundo funções, ou a serem gerenciadas segundo determinações extrínsecas (Godoy, 2008). Assim, em busca de possíveis linhas de fuga, os caiçaras navegam por entre arquipélagos e continentes como se precisassem se afastar do "seu lugar" e do que lhes foi dado de antemão para que os (des)encontros aconteçam. Essa movimentação de ir e vir é uma experimentação de devir-caiçara, que levanta questões sobre o feitio da multiplicidade e da diferença nos processos de produção de suas realidades. O ato de criar e inventar esse nomadismo no "seu lugar" possibilita que os caiçaras se movimentem e desafi(n)em localismos exclusivistas, provocando rachaduras no próprio conceito de "caiçara". Assim, para que se criem possibilidades de invenção de outras narrativas (histórias silenciadas por discursos que ditam o dever-ser caiçara em detrimento de um devir-caiçara) e para que os caiçaras sigam a viagem à deriva (encontrando e desencontrando arquipélagos inesperadamente e, por sua vez, a todo momento, desnaturalizando o continente), essa pesquisa vai de encontro às potencialidades de existência deles, parando para olhar, para escutar, para sentir junto a eles o fluxo que corre enquanto muitas forças tentam silenciar o que se fala e invisibilizar o que se mostra, de modo a ignorar o inacabamento do ser

Laís de Paula Pereira
Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal
Fluminense (UFF)
E-mail | laisbiouff@gmail.com
Telefone | (21) 98303-9344

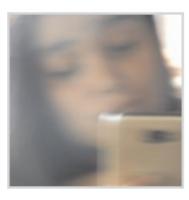
FICHA TÉCNICA Título da obra | Devir-caiçara Artista | Laís de Paula Pereira País | Brasil Ano | 2018

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

















ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

LABORATÓRIO-ATELIÊ:

INTERVALAR Colagemdeslocamentos

Stephanny dos Santos Nobre, Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas/ Unicamp. Bolsista SAE/Unicamp no projeto Imagens, palavras e as representações dos e sobre refugiados na cidade de Campinas

E-mail: <u>s244410@dac.unicamp.br</u>

Materiais: Mesa digitalizadora wacom intuos drawn Programa Krita Técnica: "Colagem" Desenho digital

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

LABORATÓRIO-ATELIÊ: INTERVALAR Colagem-deslocamentos



Coloquei a figura dos pés porque, trabalhando em restaurante, eu percebi como é difícil caminhar/ficar em pé por muito tempo. Chega um momento que simplesmente não dá mais. E um movimento que sempre vemos nos textos sobre migração é exatamente o deslocamento. Eu não pensava sobre como as pessoas chegavam aos seus destinos, achava que era por avião, barco e só, mas agora eu percebi que essas pessoas devem andar muito, por não ter carro/moto de fácil acesso.

A figura das flores retrata o que estava pensando dos animais e a migração. Mas, no final das contas, preferi as plantas porque elas conseguem atravessar fronteiras de forma muito mais eficiente que os humanos e outros animais. Escolhi uma planta nativa da Venezuela e uma planta nativa do Brasil.

A figura preta no fundo da imagem é a silhueta da

Venezuela, mas está em preto para representar o petróleo, que foi um dos motivos da crise que estão enfrentando agora.

A mulher com o cartaz é uma manifestante da Venezuela, quis colocar o tema "manifestação" e "fome" na imagem. A gente estudou que muitos migrantes/refugiados antes de sair do seu país tentam lutar pelo direito de permanecer.

A AK47 vem nessa imagem pra intimidar, pra assustar e impactar. Acho que as armas são praticamente um ponto central na questão dos refugiados, parece um objeto constante em muitas histórias e quis trazer aqui também.

A senhora sentada é de uma imagem que vimos nas diferentes reportagens sobre migração de famílias venezuelas.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

LABORATÓRIO-ATELIÊ:

INTERVALAR – Territórios-Mundo

Um devir-menor, buscado nos currículos da disciplina 'Vivências Humanitárias', aberta a todos os cursos de graduação da Unicamp, liberta as singularidades subjacentes aos padrões de representação histórica ou política, e, segundo Pellejero (2011), desviando-os da linha de progressão ou evolução de uma maioria, e afirmando os elementos singulares subjacentes como diferenciais de individuações, subjetivações e agenciamentos por vir.

E oficinas de criação com imagens e sons, quisemos povoar conhecimentos, trajetorias, lutas, conquistas e silencios que o encontro com as pessoas refugiadas e migrantes nos permitiria tocar, sentir. Tambem, quisemos instaurar acontecimentos pedagogicos que nos forcassem aireflexividade critica, criativa e atravessada pela sensaça po sobre nossos modos de estar e agir no mundo contemporaneo.

PELLEJERO, Eduardo A. (2011). A estratégia da involução: o devir-menor da filosofia política. In S. B. Monteiro (Org.) Caderno de notas 2: rastros de escrileituras (pp.17-28). Canela, RS: UFRGS.

Alessandra Melo Rede Pública de Educação Básica do Estado de São Paulo Sara Divina de Melo Faculdade de Educação/Unicamp

23/05/2022

LABORATÓRIO-ATELIÊ: INTERVALAR - Territórios-Mundo



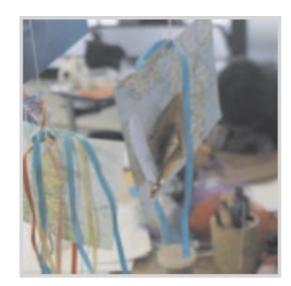




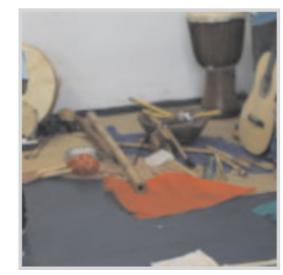


LABORATÓRIO-ATELIÊ: INTERVALAR-Territórios-Mundo

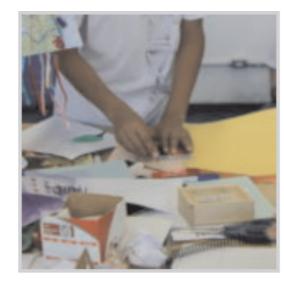


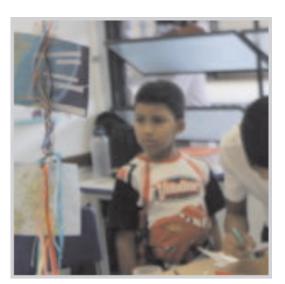




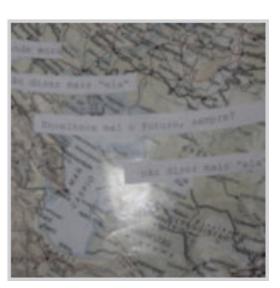


LABORATÓRIO-ATELIÊ: INTERVALAR-Territórios-Mundo









ARVORECER DE CASA EM CASA: Peixe-folha 2022

Peixe-folha 2022

"Sufoco" é um peixe-folha de uma série de Mário da Mata Martins que visa promover uma relação entre árvores e peixes, mostrando conexões sutis entre essas duas formas de vida. @martins.mariodamata

Estes trabalhos foram publicados no \underline{site} e $\underline{instagram}$ do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

"Arvorecer de casa em casa"

O que é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

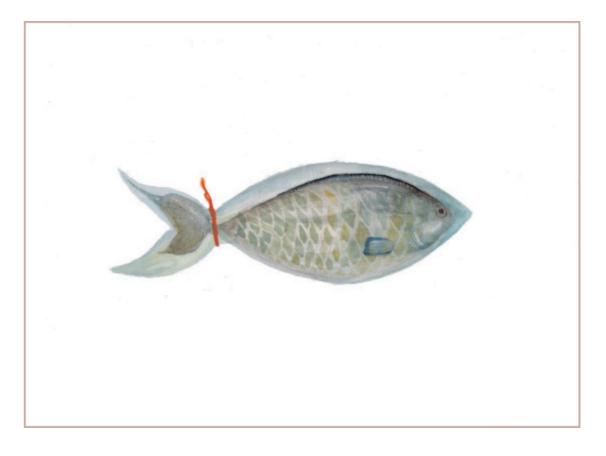
Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar: https://www.padrim.com.br/arvorecer

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhes e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

1/06/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARVORECER DE CASA EM CASA: Acampamento "Luta pela vida"

Acampamento "Luta pela vida"

O respeito aos direitos dos povos originários é o respeito à vida, às florestas. O Arvorecer de Casa em Casa apoiou os povos indígenas reunidos em Brasília contra o Marco Temporal e o PL490 através de uma série de publicações de colagens digitais e textos.

Fotografias - Karolyne de Souza

Colagens digitais - Larissa Bellini

Estes trabalhos foram publicados no <u>site</u> e <u>instagram</u> do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

"Arvorecer de casa em casa"

O aue é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

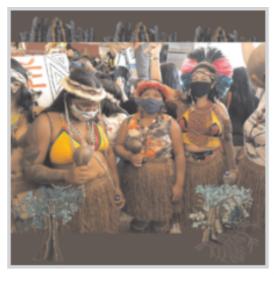
Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar: https://www.padrim.com.br/arvorecer

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhes e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

20/05/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022









ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARVORECER DE CASA EM CASA: Acampamento "Luta pela vida"









ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARVORECER DE CASA EM CASA:

Nainecü

Nainecü é, na língua Ticuna, ao mesmo tempo árvore e floresta. Nesta série de colagens buscamos aliar os bordados de Isilda Oliveira com grafismos indígenas e diagramas científicos e dar potência a essa ideia das árvores serem, simultaneamente, organismos singulares e parte de um corpo coletivo que envolve emaranhamentos complexos com outras árvores, plantas, bichos, solos, rios, nuvens, luzes etc.. O que faz das árvores organismos-meios-refúgios para muitos, seres que transformam lugares de habitação e modos de habitar em coexistências múltiplas.

Colagens digitais feitas com bordados de Isilda Oliveira 4 primeiras - Paulinha Luiz Pinto 7 seguintes - Susana Dias Grupo multiTÃO Labjor-Unicamp

Estes trabalhos foram publicados no \underline{site} e $\underline{instagram}$ do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

"Arvorecer de casa em casa"

O que é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar: https://www.padrim.com.br/arvorecer

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhes e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações – juntos, arvorecemos!

20/05/2022

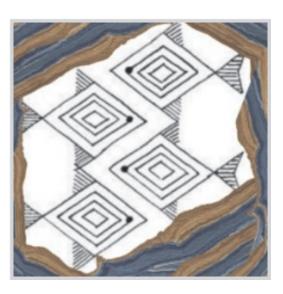
ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ARVORECER DE CASA EM CASA: Nainecü









ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

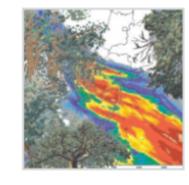
ARVORECER DE CASA EM CASA: Nainecü







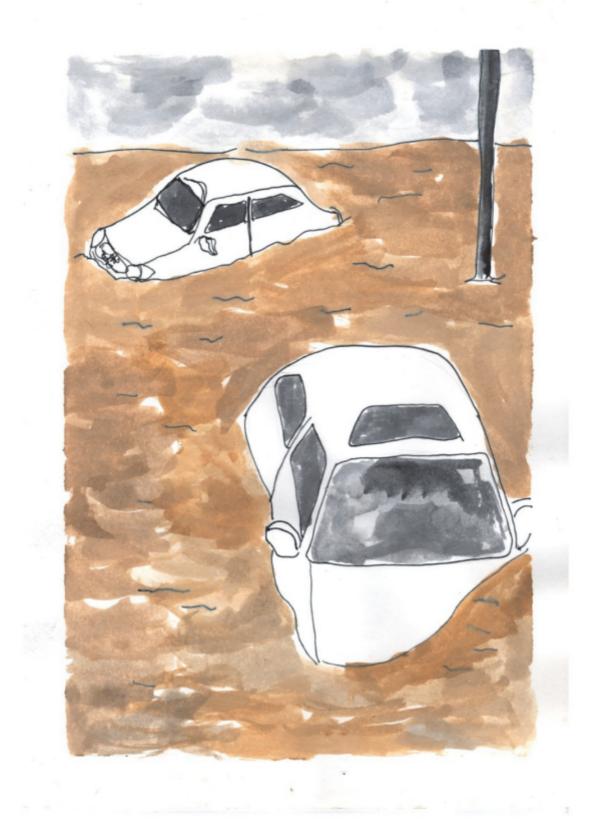








ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022



jornalismo

SEÇÃO JORNAL ISMO:

Colocar as mudanças climáticas dentro das eleições é uma das prioridades do Brasil pós COP26

A conferência das nações unidas sobre as mudanças climáticas, COP26, foi discutida em um evento online da FAPESP com ênfase para o papel do Brasil, e medidas a serem tomadas.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

SEÇÃO JORNAL ISMO: Colocar as mudanças climáticas dentro das eleições é uma das prioridades do Brasil pós COP26

Em ano de eleição é fundamental pensar que a transição política leve em consideração estabilidade de governança em assuntos de preservação ambiental e mudanças climáticas. É preciso trazer o tema para o debate político e para "dentro" das eleições e eleger políticos que tenham a agenda ambiental como tema prioritário. Essas foram algumas das conclusões do webinário das mudanças climáticas FAPESP "Caminhos para o Brasil pós-COP26", que ocorreu dia 16 de novembro e que teve como moderador o pesquisador do INCT Mudanças climáticas fase 2, Paulo Artaxo, que coordena a subcomponente Impactos nos ecossistemas brasileiros frente às mudanças do uso da terra e à biodiversidade. Paulo Artaxo enfatizou: "a participação dos estados e municípios, além do setor privado e do terceiro setor, é absolutamente estratégica para conseguirmos encontrar saídas da melhor maneira possível".

O evento debateu o que foi relevante na conferência da COP26 e o Brasil pós-COP26. A COP26 foi uma conferência realizada pelas nações unidas sobre mudanças climáticas globais, que ocorreu entre os dias 1º e 12 de novembro desse ano, em Glasgow, na Escócia. No debate os pesquisadores participantes - Ana Toni do Instituto Clima e Sociedade, Eduardo Trani, subsecretário de meio ambiente do Estado de São Paulo, Jacques Markovitch, professor da Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da USP enfatizaram: o não fechamento do acordo sobre a ajuda de 100 bilhões que foi prometido em 2015 aos países em desenvolvimento; o prevalecimento dos interesses comerciais e econômicos de países em desenvolvimento sobre implementações políticas para a redução de emissões de gases de efeito estufa; e, ainda, o tema "Justica climática", que foi relevante na COP26.

Markovitch trouxe a importância de entendermos que "estamos migrando da era industrial para a digital com sustentabilidade", e que essa sustentabilidade "significa tanto no tema da biodiversidade como no do clima". Um tema bem discutido também na COP26 foi o do mercado de carbono, que de acordo com os debatedores envolve pensar que o mercado é que decide o preço em termo de oferta e demanda. E isso significa não apenas a redução de emissões, mas também o incentivo à inovação tecnológica.

Falaram também sobre os processos multilaterais que foram de grande relevância para a conferência, pois são países que serão mais atingidos com as mudanças climáticas. Ana Toni disse que esses processos "trazem mais ambição e velocidade aos debates ambientais". Acrescentou ainda que os clubes-climáticos, que são os países ricos e maiores poluidores, se tornaram um risco para esses debates e processos multilaterais, pois não têm a mesma ambição e ainda tentam excluir esses países com maior ambição, uma vez que querem preservar seus interesses comerciais e econômicos.

Os investigadores também ressaltaram os compromissos do Brasil na COP26, que foram: zerar até 2028 o desmatamento da Amazônia; reduzir em 50% as emissões de carbono, e em 30% as emissões de metano até 2030; e a neutralidade em emissões de carbono até 2050.

No final do webinário, Paulo Artaxo falou da urgência de respeitarmos os limites da natureza, e de aprendermos a usar os recursos naturais. E, ainda, a necessidade de transformarmos todo o sistema socioeconômico planetário, pois foi esse o responsável pela crise ambiental atual. Já Ana Toni se referiu ao assunto climático da seguinte forma: "clima não é um tema ideológico, é um tema científico, é um fenômeno científico que requer que todos nós enfrentemos. Quem não é parte da solução, é parte do problema".

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) -(Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO:

Terras indígenas, unidades de conservação, clima e futuro estão entrelaçados

Pesquisas demonstram que as áreas de proteção ambiental - terras indígenas e unidades de conservação - são importantes para restabelecer os serviços ecossistêmicos e proteger a biodiversidade. Entre esses serviços estão: a redução de emissões de gases de efeito estufa e o aumento do sequestro de carbono.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

25/01/2022

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO: Terras indígenas, unidades de conservação, clima e futuro estão entrelaçados

As áreas de proteção, como as unidades de conservação (UC) e as terras indígenas (TI), desempenham um papel fundamental na preservação ambiental. O artigo "Protected areas in Brazil: evolution, land use and cover, and impact on emissions inventory" da pesquisadora Mercedes Bustamante do INCT mudanças climáticas fase 2, subcomponente "Impactos nos ecossistemas brasileiros frente às mudanças do uso da terra e à biodiversidade", nos diz que a criação dessas áreas é importante para restabelecer os serviços ecossistêmicos e proteger a biodiversidade.

Isso porque o sequestro de carbono das áreas de proteção resulta em uma diminuição das emissões líquidas de gases de efeito estufa no país. Segundo Mercedes, com o aumento da criação das áreas de proteção, há maior transformação de CO2 em biomassa de carbono, por meio da fotossíntese, gerando impacto na diminuição das emissões de gás de efeito estufa a nível nacional e internacional.

O estudo da pesquisadora nesse artigo também foi considerado na 2ª Conferência Fapesp 60 anos, "<u>Mudanças Climáticas e Biodiversidade - Os Avanços da Ciência</u>", que aconteceu no dia 21 de julho de 2021. Aqui a pesquisadora Mercedes nos lembrou que "clima e biodiversidade estão fortemente interligados entre si e com o futuro da humanidade". O clima afeta várias das metas dos objetivos do desenvolvimento sustentável - ODS, entre elas o colapso dos ecossistemas e a perda da biodiversidade.

A pesquisa realizada por Mercedes está alinhada com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 13, que diz respeito à ação contra as mudanças climáticas globais, que faz parte da Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável.

Para garantir a existência e a eficácia das áreas de proteção Mercedes ressalta que os governos precisam adotar metas mais fortes para reduzir esses impactos até o ano de 2030. Na próxima década, que a ONU chama da década da ação, serão necessárias ações mais drásticas e ambiciosas de implementação de novas áreas de proteção. Outro setor importante para o desenvolvimento sustentável são as mudanças no uso da terra e das florestas, pois é "um dos vetores que provoca perda significativa na biodiversidade", por isso que essas mudanças têm que estar conectadas com a segurança hídrica e alimentar, conservação da biodiversidade,

serviços ecossistêmicos, e os nossos meios de vida.

A pesquisadora nos diz: "As soluções vão ter que ser construídas com as diferentes contribuições, com os diferentes meios de análise. Precisamos estar abertos a toda e qualquer forma de conhecimento, porque o conhecimento tradicional tem muito a agregar, e ao mesmo tempo estarmos atentos a capacidade de comunicar e dialogar".

Crise da biodiversidade

Participou ainda da conferência da Fapesp o professor Carlos Joly do Instituto de Biologia da Unicamp. Joly disse que já há o entendimento que estamos a caminho ou entrando em uma sexta extinção em massa. E enfatizou "a crise da biodiversidade está em um limite muito perigoso e delicado".

O professor colocou algumas ações que já acontecem para proteger a biodiversidade: criação das unidades de conservação protegendo áreas específicas e importantes para flora e fauna; eventos organizados pelas Nações Unidas que gerenciam as reservas da biosfera; listas vermelhas com as espécies ameaçadas de extinção e planos de ação para conservação; e a criação de acordos internacionais para a proteção da biodiversidade.

Ratificou ainda que se não mudarmos o uso dos recursos naturais a tendência é que até o final deste século teremos um milhão de espécies extintas. Completou: "não vamos recuperar as espécies que estão sendo extintas hoje, precisamos reverter a taxa de extinção antes que os serviços ecossistêmicos essenciais para a sobrevivência sejam definitivamente comprometidos".

Um outro tema abordado no webinar foi "Os avanços na ciência nas mudanças climáticas e suas implicações para a política de mitigação e adaptação", pelo pesquisador Paulo Artaxo do INCT mudanças climáticas fase 2, subcomponente Impactos nos ecossistemas brasileiros frente às mudanças do uso da terra e à biodiversidade. Logo de início disse que as atividades humanas estão mudando a composição da atmosfera e o balanço de energia do nosso planeta.

Informou que a ciência das mudanças climáticas é sólida, e que instituições como o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - IPCC, e a Plataforma Intergovernamental sobre

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO: Terras indígenas, unidades de conservação, clima e futuro estão entrelaçados

Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos - IPBES, entre outras, fazem relatórios enfáticos e extensos sobre o estado atual da ciência e das mudanças climáticas. E que a Fapesp apoia esse movimento através do programa "Fapesp de Mudanças Climáticas" que visa entender os processos básicos por trás das alterações climáticas, os seus impactos, e maneiras de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

O pesquisador mostrou ainda situações que enfrentamos em relação ao clima tanto em eventos globais como no país, em particular na Amazônia, e completou: "a Amazônia pode ser parte da solução para as mudanças climáticas, essa região é crítica na manutenção do clima do nosso planeta, e um componente chave do sistema climático terrestre".

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | <u>multiTÃO:</u> <u>prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)</u>

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) -(Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SECÃO JORNAL ISMO:

O desafio da redução da vulnerabilidade das cidades em períodos de chuvas

Os eventos extremos se tornarão mais frequentes no futuro e os impactos serão maiores devido ao crescimento constante e desordenado das cidades e populações. Porém, grupos de pesquisas que estudam a vulnerabilidade das cidades às enchentes podem aumentar a resiliência dos centros urbanos.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO: O desafio da redução da vulnerabilidade das cidades em períodos de chuvas

As enchentes que ocorreram em dezembro de 2021 na Bahia e em Minas Gerais, que alagaram cidades, destruíram pontes e interditaram estradas e deixaram inúmeras pessoas desabrigadas, sem falar das mortes provocadas, demonstraram como são necessárias alternativas e métodos adequados para diminuírem os riscos das enchentes em áreas urbanas. Para os especialistas brasileiros que avaliam a vulnerabilidade, exposição, risco e resiliência das megacidades de países em desenvolvimento, pode haver relação dessas enchentes com as mudanças climáticas.

Isso porque "as magnitudes de precipitações observadas, e as condições hidrometeorológicas que desencadearam essas chuvas extremas, surpreenderam os especialistas mais experimentais em observação e previsão meteorológica", afirma o pesquisador Mario Mendiondo, coordenador do subcomponente "Hidrologia e segurança hídrica" do INCT Mudanças Climáticas Fase 2. Com o aumento das temperaturas a nível global, eventos extremos como os que temos assistido poderão se tornar mais frequentes e os impactos ainda maiores, considerando ainda o crescimento constante e desordenado das cidades e populações, e consequentemente o aumento das áreas de risco.

Para reduzir eventos futuros catastróficos, como os que aconteceram na Bahia e em Minas Gerais, é necessário antecipar essas situações de desastres e preparar as cidades urbanas e populações contra eventos climáticos extremos. Sendo que com uma urbanização sem planejamento as cidades ficam menos resilientes, e quando ocorrem eventos climáticos extremos os mais atingidos serão os que já se encontram em áreas de vulnerabilidade socioeconômica, e de constante crescimento urbano desordenado.

"Inundações e modelagem de resiliência"

Nos dias 21 e 22 de outubro de 2021 ocorreu o workshop (fechado) online "Flood resilience modeling for megacities in developing countries" que teve como objetivo aumentar a interação e compartilhar procedimentos metodológicos de pesquisadores do Brasil e da Índia.

O evento foi realizado pelo TOCO_DR: Observatório de teoria da mudança em resiliência a desastres - TOCO_DR, projeto financiado pela FAPESP por meio do edital Belmont Forum, que é coordenado pela Faculdade de Saúde Pública da USP e desenvolvido em parceria com Indian Institute of Technology Roorkee, Department of Hydrology. O evento contou ainda com a importante colaboração do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas Fase 2 - INCT (MC2) em função da forte sinergia entre ambos os projetos nos estudos sobre vulneabilidade aos desastres, desenvolvimento urbano e resiliência. O evento contou ainda com a colaboração do Centro de Pesquisa em Matemática Aplicada à Indústria da USP - CEMEAI, e do Centro de Inteligência Artificial da USP - C4AI.

O workshop teve como propostas contribuir com a consolidação de uma metodologia de base para análise de risco e avanço da resiliência nas megacidades as inundações; fortalecimento entre os grupos de pesquisas e disseminação de métodos e procedimentos já utilizados para otimizar estudos futuros; elaboração e divulgação de material de apoio para pesquisas futuras, e consequentemente contribuir para trabalhos e estudos em conjunto.

Um conceito utilizado no webinar e nos estudos dos pesquisadores foi o de "modelagem de resiliência". De acordo com os pesquisadores, a modelagem consiste em representar a realidade de um processo ou fenômeno usando métodos específicos que permitirão a tomada de decisões. No caso das inundações são utilizadas imagens de satélite, modelos climáticos, dados socioeconômicos que visam contribuir com as pesquisas para diminuir os impactos das inundações nas megacidades e permitir a resiliência das cidades e das comunidades a eventos extremos climáticos. E a resiliência seria a capacidade de uma comunidade ou cidade de antecipar, resistir e se recuperar dos eventos climáticos com o menor impacto para a população e o ambiente.

Participaram do evento online os professores e pesquisadores: profa. Adelaide Cassia Nardocci do Observatório de teoria da mudança em resiliência a desastres - TOCO_DR; profo. Eduardo Mário Mendiondo do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas Fase 2 - INCT (MC2) - subcomponente hidrologia e segurança hídrica; professores NK Goel, Mathew Kurian e Ashutosh Sharma do Indian Institute of Technology Roorkee, Department of Hydrology.

Como palestrantes os pesquisadores: Ana Carolina Buarque; Maria Clara Fava; Marina Batallini de Macedo; Roberto Fray; Karisma Yumnam (Índia).

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO: O desafio da redução da vulnerabilidade das cidades em períodos de chuvas

Também participam dos grupos de pesquisas e que se apresentaram no evento: Harshita Tiwari; Sujata Kulkarni; Greicelene Jesus da Silva; Fabricio Alonso Richmond Navarro; Luis Miguel Castillo Rapalo; Vitória Passos.

Outras bibliografias consultadas:

BERNARDES, G.; ANGELI, M.E. Chuvas na Bahia e em Minas causam 12 mortes e deixam mais de 9 mil desabrigados. Correio Braziliense. 14 de dezembro d e 2 0 2 1 . D i s p o n í v e l e m : < https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2 021/12/4970601-12-mortos-nas-chuvas-na-bahia-eem-minas.html>

Chuvas na Bahia e em Minas: o fator humano e os extremos do clima. Nexo Jornal. Podcast "Durma com essa". 13 de dezembro de 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=I48bkYuK25U>

Depois da Bahia, chuvas fortes devem atingir Rio, São Paulo e Minas Gerais. Agência O Globo. 29 de dezembro de 2021. Disponível em: < https://exame.com/brasil/reveillon-ameacadoapos-bahiachuvas-fortes-devem-atingir-rio-sp-emg/>

Desmonte da legislação ambiental e as enchentes

na Bahia e em Minas Gerais. EcoDebate. 26 de dezembro de 2021. Disponível em: < https://www.ecodebate.com.br/2021/12/26/desmonteda-legislacao-ambiental-e-as-enchentes-na-bahia-e-em-minas-gerais/>

PIVETTA, Marcos. Risco de ocorrer secas entre 2011 e 2040. Revista Pesquisa Fapesp 249. Novembro de 2016. Disponível em: < https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2016/11/016-023_CAPA_Desastres_249.pdf>

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SECÃO JORNALISMO:

É preciso revitalizar a potência das árvores para o pensamento

Essa é a defesa que a pesquisadora Susana Dias faz em um artigo, ressoando práticas e pensamentos que vem desenvolvendo com seu grupo de pesquisa, o multiTÃO, desde 2014, quando fundou a Revista ClimaCom, da qual é editora

Por | Gláucia Pérez

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNLISMO: É preciso revitalizar a potência das árvores para o pensamento

No artigo "Uma árvore já é um rizoma: antropoceno, clima e vida multiespécie", publicado na revista Incomunidade de 1º de outubro de 2021. Susana Oliveira Dias, bióloga e artista visual, pesquisadora do Labjor-Unicamp e coordenadora do Tema Transversal de Comunicação do INCT mudanças climáticas fase 2, fala sobre a sua "busca por intensificar as existências das árvores e, também, a busca por instaurar outras existências para o pensamento apoiada por estes seres fabulosos". A

pesquisadora defende a necessidade urgente de se inventar outra relação entre as árvores e o pensamento. Trazendo o famoso capítulo dedicado à árvore e ao rizoma, da obra Mil Platôs dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, mostra como as árvores inspiraram até aqui imagens de pensamento fracas e débeis, marcadas pela filiação, homogeneidade, hierarquia, dicotomias e mimesis. Susana insiste nas árvores e busca dar consistência à ideia dos filósofos de que "toda botânica é rizomática".



DOBRA DE PENSAMENTO 23: Uma ÁRVORE já é um RIZOMA | 10º RAIAS POÉTICAS

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=DSTosxWhv0k

O artigo busca revitalizar a potência das árvores para o pensamento e nos convida a reencontrarmos com as árvores afetados pelo entrelaçamento entre estudos da biologia, filosofia, climatologia, por obras literárias e do cinema experimental, bem como por conhecimentos de povos originários, particularmente Yoruba e Krenak. Articula, assim, artes, ciências e filosofias associadas a diferentes práticas.

Ao lermos o artigo "Uma árvore já é um rizoma" percebemos que há um convite para desenvolvermos um "pensamento vegetal e coletivo", aprendermos a fazer, efetivamente, "árvore no pensamento e ação", e assim de nos unirmos com a natureza, assim como fazem os povos originários há tempos. E esse convite é atual e imprescindível, pois já não há mais tempo a

perder se quisermos enfrentar o problema das catástrofes climáticas atuais e porvir. Ao considerarmos as árvores, plantas e não humanos como parte de um coletivo que interage com sabedoria, há um chamado implícito para a "corresponsabilidade". Para a pesquisadora Susana "fazer árvore é criar vida coletiva, é gerar uma imensa biomassa viva, ativa, criativa que é pura doação para que outros múltiplos possam existir e proliferar".

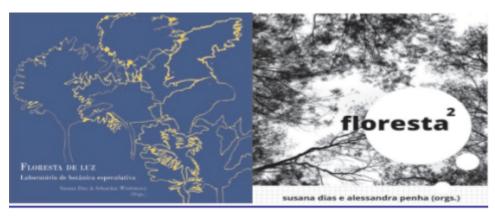
Na disciplina "Arte, Ciência e Tecnologia", que oferece no curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Susana tem proposto "pensar o que pode ser comunicar em parceria com a floresta, e que poderíamos aprender com diferentes práticaas a como ganhar

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: É preciso revitalizar a potência das árvores para o pensamento

que foram criados na disciplina livros-objeto, com os alunos, artistas e pesquisadores convidados e participantes da disciplina, em relação ao aprendizado "de fazer escuta às arvores": Floresta de luz: laboratório de botânica especulativa < http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/flor

intimidade com as florestas". E foi com esse intuito esta-de-luz-laboratorio-de-botanicaespeculativa/>, Floresta² < http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livro s-principal/floresta%C2%B2/ e Árvores companheiras http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arvo res-companheiras/>.





Fonte: Revista ClimaCom

Flip e virada vegetal

As plantas têm ativado muitas iniciativas importantes nos últimos tempos. Como a 19ª Festa Literária Internacional de Paraty 2021, 19ª Flip 2021, com o tema "Nhe'éry Jerá, plantas e literatura" que ocorreu entre os dias 27 de novembro a 05 de dezembro de 2021. Nhe'éry quer dizer "onde as almas se banham" e Jerá "desabrochar", nhe'éry é como o povo guarani chama a Mata Atlântica. E foi com esse tema que a Flip teve como intenção a "reflexão sobre outras maneiras de estar no mundo". A filósofa, educadora e artesã guarani Cristine Takuá, na abertura da Flip, disse que "todas as formas de vida valem ser

respeitadas, não só as formas humanas, mas os seres vegetais, animais, minerais, os seres visíveis e invisíveis. O rezo que o povo guarani fez na Flip é para que toda a sociedade perceba a importância do respeito para com todas as formas de vida".

Durante a 19^a Flip, na mesa "Cartografias para adiar o fim do mundo", Ailton Krenak falou sobre a necessidade de "sermos capazes de criar mundos possíveis, não podemos nos render a essa narrativa de fim de mundo. Porque essa narrativa do fim do mundo é para fazermos desistirmos dos nossos sonhos. E dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra, as memórias dos nossos ancestrais".

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: É preciso revitalizar a potência das árvores para o pensamento

Outras bibliografias consultadas:

Filosofia das Plantas (ou Pensamento Vegetal). Caderno de Leituras, nº46. Edições Chão da Feira. Leitura e seleção de fragmentos de Júlia Larama. Ano 2016. Disponível em: < https://www.youtube. com/watch?v=NaAILmeLzR8&t=24s>

SANDER, Debora. Evando Nascimento: "Sem as plantas, a chance de sobrevivermos é muito pequena". CNN Brasil. 03 de dezembro de 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/ entretenimento/evando-nascimento-sem-asplantas-a-chance-desobrevivermos-e-muitopequenas/

NASCIMENTO, Evando. O não humanismo dos vegetais. Revista Pessoa. 10 de maio de 2021. Disponível em: < https://www.revistapessoa. com/artigo/3296/o-nao-humanismo-dos-vegetais>

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) -(Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs no 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNAL ISMO:

Produções audiovisuais e literatura como meios para compreender a questão dos refugiados climáticos

Os refugiados climáticos são uma nova categoria de migração. Devido às mudanças climáticas, há uma tendência dessa nova categoria se tornar uma crise humanitária nas próximas décadas. Tornálos visíveis e compreendê-los em suas complexidades é parte da solução para enfrentar este problema social.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: Produções audiovisuais e literatura como meios para compreender a questão dos refugiados climáticos

O livro "Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19" reuniu a produção de textos de pesquisadores de várias universidades e instituições nacionais e internacionais, e teve como foco as migrações internacionais diante da pandemia. O capítulo "Suspender o tempo, abrir seus gomos", do pesquisador Antonio Carlos Amorim do INCT Mudanças Climáticas fase 2, subcomponente Comunicação, disseminação de conhecimento e educação para sustentabilidade, trouxe discussões sobre sua pesquisa com imigrantes e educação. De acordo com entrevista realizada com o autor, o que ele busca são "associações heterogêneas entre refúgio, imagem e educação", e em particular pelo seu interesse "nas imagens de cinema experimental de diretoras. es que são pessoas refugiadas".

O pesquisador está interessado em saber como os discursos e as narrativas chegam até as pessoas em relação aos imigrantes. No capítulo, Amorim coloca que a produção audiovisual e literária tem como objetivo ressignificar as experiências. E uma dessas experiências a ser ressignificada é a do refugiado, e, na entrevista, comenta que os frequentes discursos (ou produções audiovisuais) com tons de denúncia e crítica são "uma das mais poderosas imagens sobre refugiados nas mídias". O que se nota que se trata de "tema de interesse global, controverso, para o qual a mídia tem contribuído, juntamente com outras narrativas de diferentes linguagens, para reunir o maior número de provas de sua existência concreta, real e factível". Esse movimento tem sido Revista excludente com relação às diferenças das histórias de vida, experiências de deslocamento, memórias e subjetividades das pessoas refugiadas.

Complementa que as provas que se reúnem da existência concreta da migração climática estão dentro do jogo do convencimento, do juízo e da demonstração. E que o refúgio "traz para a educação o retorno de suas potências de ser um lugar para a sobrevivência do abandono, do que restou da máquina dilacerante da necropolítica, daquilo que falta a um povo ainda não existente".

Um outro estudo que também visa trazer a dimensão e compreensão da questão dos refugiados climáticos é o artigo "A Quem interessa a causa dos refugiados climáticos? Dilemas, perspectivas e o papel da mídia", da revista eletrônica Razón y Palabra, que teve como estudo "discutir a complexidade e, ao mesmo tempo, refletir sobre a importância do aprofundamento da

cobertura midiática a respeito dos refugiados climáticos". Essa pesquisa nos informa que no Brasil é dada pouca importância ao tema dos refugiados climáticos, mesmo considerando que por ser um país tropical haverá um número elevado de migrantes climáticos. E que já há indícios de que essa migração tende a "multiplicar e trazer problemas sociais para os grandes centros urbanos".

De acordo com o artigo o tema dos refugiados climáticos tem que ser divulgado para que a sociedade tenha conhecimento sobre o assunto, e que "deve ser aprofundado, interpretado e difundido pela mídia de forma a motivar um debate qualificado que contribua para o estabelecimento de marcos jurídicos inovadores, bem como para a construção de novas políticas públicas e outras soluções que também sejam resultado da mobilização social para práticas de cidadania local e global".

O pesquisador Amorim acrescentou na entrevista que as produções audiovisuais estudadas produzem uma "série de releituras sobre os fatos históricos", e que estas são necessárias para a compreensão sobre os refugiados. E ainda que as "obras artísticas, tanto plásticas como audiovisuais, têm a intenção, em geral, de deslocar as representações mais usuais e clichês sobre pessoas refugiadas, suas histórias, memórias e pulsão de vida".

Outras bibliografias consultadas:

LAJCÁK, Miles. Brasil, um país que pode definir o futuro. Mídia Ninja, 2021. Disponível em: < https://midianinja.org/news/brasil-um-pais-que-pode-definir-o-futuro/>

LOPES, Deborah. Por que justiça social também é justiça climática? Mídia Ninja, 2021. Disponível em: < https://midianinja.org/news/por-que-justica-social-tambem-e-justica-climatica/#:~:text=0%20termo%20justi%C3%A7a% 20clim%C3%A1tica%20representa,exemplo%2C%20 por%20eventos%20clim%C3%A1ticos%20extremos>

LORENZETTI, Rebecca. ACNUR cria conselho para dar suporte a refugiados climáticos. Mídia Ninja, 2 0 2 1 . D i s p o n í v e l e m : < https://midianinja.org/news/acnur-criaconselho-para-dar-suporte-a-refugiados-climaticos/>

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: Produções audiovisuais e literatura como meios para compreender a questão dos refugiados climáticos

MARINHO, Julia. Em 30 anos mundo terá 1,2 bilhão de refugiados climáticos. Tecmundo, 2020. Disponível em: < https://www.tecmundo.com.br/ciencia/204348-30-anos-mundo-tera-1-2-bilhao-refugiados-climaticos.htm#:~:text=%22Nos%20pr%C3%B3ximos%2030%20anos%2C%20a,refugiados%20para%20pa%C3%ADses%20mais%20desenvolvidos>

OLIVEIRA, Duda. COP-26 debate ações feministas para justiça climática. Mídia Ninja, 2021. Disponível em: < https://midianinja.org/news/cop-26-debate-acoes-feministas-para-justica-climatica/>

SALLOUM, Jayce. Untitled part 3b: (as if) beauty never ends.. Vimeo, 2002 (2000). Disponível em: https://vimeo.com/69640623

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/eRevistaClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO:

O cancelamento de recursos financeiros para monitoramento ameaça o cerrado brasileiro

O cerrado é o segundo maior bioma brasileiro em extensão. A sua importância socioeconômica, cultural, hídrica e de biodiversidade se encontra ameaçada por falta de recursos financeiros para o monitoramento da região.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

SEÇÃO JORNALISMO: O cancelamento de recursos financeiros para monitoramento ameaça o cerrado brasileiro

No início de janeiro deste ano saiu nos principais meios de comunicação do país informação de que após abril de 2022, provavelmente, haverá interrupção no monitoramento do Cerrado brasileiro realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE. O motivo é o fim do financiamento pelo Banco Mundial e o Programa de Investimento Florestal - FIP, além do não repasse de verbas do governo federal ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI, órgão do governo que o INPE está vinculado.

No webinário, do dia 26 de janeiro de 2022, com o tema "O Monitoramento ambiental do Cerrado brasileiro" realizado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, quatro especialistas da área explicaram a importância do monitoramento do Cerrado brasileiro.

O cerrado é o segundo maior bioma do Brasil e da América do Sul, ocupando cerca de 22% do território nacional, que compreende toda a região central do país, além de Estados das regiões Norte, Nordeste e Sudeste. E ainda concentra as três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: Tocantis-Araguaia, São Francisco e Prata.

Cláudio Alencar, coordenador do programa de monitoramento da Amazônia e demais biomas brasileiros do INPE, iniciou dizendo que "o cerrado é quase um quarto da superfície brasileira, e que tem uma importância ecológica por ser a casa de diversas espécies de plantas e animais, e algumas endêmicas, além de ter uma importância fundamental em termos de recursos hídricos". Explicou ainda que 45% da agricultura, e 35% do rebanho bovino brasileiro está no cerrado, ressaltando a importância socioeconômica da região, e o seu monitoramento.

Alencar explicou que o INPE dispõe de dois grandes sistemas de monitoramento: o Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), que faz o "monitoramento anual da supressão de vegetação nativa"; e o de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (DETER) Cerrado que é "um sistema incremental que parte de uma máscara de desmatamento que vem do PRODES". As informações de ambos os sistemas estão disponibilizados no http://terrabrasilis.dpi.inpe.br, para garantir a "transparência" dos

dados informados pelo INPE.

Outro sistema de monitoramento é o MapBiomas, que desde 2015, através de uma "rede colaborativa formada por ONGs, universidades e startups de tecnologia, permite verificar as mudanças de uso da terra no Brasil, e que tem como um dos objetivos entender o que acontece depois das transições, ou seja, quais as mudanças que estão ocorrendo depois do desmatamento, e ao longo do tempo", disse Tasso Azevedo, coordenador do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do Clima.

"O bioma como todo perdeu seis milhões de hectares, apenas no Matopiba foi perdido metade disso", complementou Ane Alencar, diretora de ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM. O Matopiba, palavra formada pelas sílabas iniciais de quatro Estados: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, é uma região que desde meados dos anos 80 é marcada pela expansão agrícola. Essa região teve delimitação e o nome "Matopiba ou Mapitoba" oficializado pelo governo federal em 2015.

Paulo Artaxo, do INCT mudanças climáticas fase 2, subcomponente Impactos nos ecossistemas brasileiros frente às mudanças do uso da terra e à biodiversidade, que foi moderador no webinário, reforçou que o "MapBiomas é uma das iniciativas mais inovadoras do ponto de vista de monitoramento de recursos naturais do mundo inteiro, não apenas do Brasil. É importante reconhecer esse papel do MapBiomas".

Ao final do webinário, Mercedes Bustamante do INCT mudanças climáticas fase 2, subcomponente Impactos nos ecossistemas brasileiros frente às mudanças do uso da terra e à biodiversidade, coloca que o "cerrado é a savana com a maior diversidade do planeta, e que nos coloca a discussão de como conciliar três grandes desafios globais: o de garantir segurança alimentar, combater a mudança do clima, e ao mesmo tempo de recuperar a perda de biodiversidade". Acrescentou explicando que a importância do cerrado justifica o monitoramento dessa região de extensão continental: "para entender a dinâmica do uso desse território, e, equilibrar a conservação do bioma, a produção de alimentos, e as demandas de uso de água e energia".

SEÇÃO JORNALISMO: O cancelamento de recursos financeiros para monitoramento ameaça o cerrado brasileiro

Outras bibliografias consultadas:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerrado

https://www.ibflorestas.org.br/bioma/cerrado

https://mapbiomas.org/

https://www.embrapa.br/tema-matopiba/sobre-<u>o-tema</u>

INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo

CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: proliferartes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) -(Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs n° 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto ClimaCom: http://climacom. mudancasclimaticas.net.br/e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SECÃO JORNALISMO:

Uma releitura entre um vídeo game, mudanças climáticas e as migrações para conectar as pessoas a imaginários climáticos

Uma relação entre imagens e sons mais tecnológicos através de um vídeo game que utiliza a arte para reproduzir a experiência de uma migração animal, e um grupo de pesquisa que analisa imagens de diferentes artistas, permite fazer uma conexão entre as pessoas e os imaginários climáticos. E ainda considerar outras interpretações possíveis através de experimentações que vão além de uma mera denúncia das migrações.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: Uma releitura entre um vídeo game, mudanças climáticas e as migrações para conectar as pessoas a imaginários climáticos

Um vídeo game idealizado pelo Atractor Estudio, de nome Los Migrantes, que foi criado por um grupo colombiano de artistas, biólogos e engenheiros que trabalha técnicas da engenharia mecânica, eletrônica e informática a partir das artes, e o filósofo e artista colombiano Santiago Arcila Rodríguez, faz parte de um imaginário climático que pode ser acessado através de uma experiência tecnológica de migração animal. O vídeo game conta a história da migração das aves "toutinegras de asas douradas", que ocorreu em 2014, do Canadá até a Colômbia.



Fonte: Vídeo Atractor Estudio - Los Migrantes

Devido ao aquecimento global e eventos extremos climáticos, essas aves tiveram que alterar a sua trajetória original, que teria a Flórida nos EUA como sua rota final, e fizeram um caminho alternativo através do México e América Central até chegar a Colômbia. Uma ideia central que está no vídeo game é que a migração é um fenômeno natural, mas que atualmente se dá também por causa das mudanças climáticas. Quem nos explica sobre o vídeo game é Santiago.

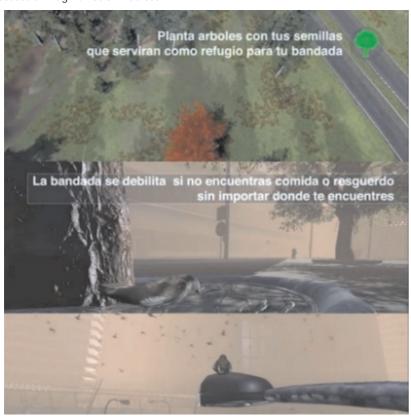
Segundo Arcila é importante produzir através de modelos conceituais, estéticos e tecnológicos alternativas para provocar encontros imagéticos que confrontem com realidades, cenários e futuros catastróficos. O vídeo game Los Migrantes não está propondo uma denúncia sobre as questões

das migrações climáticas, mas uma visão a partir da experiência da migração animal que permite semear e plantar ao atravessar por vários territórios. O game está propondo outros encontros possíveis.

O vídeo game permite simular a sabedoria dos povos originários de adotar a visão do animal, que é ao mesmo tempo uma conexão que envolve uma aliança entre espécies, entre os humanos e os animais, e a partir desta interação desenvolver outras percepções e encontros com espécies distintas, considerando o "vir a ser"; e que ao transformar o que vemos, é uma forma de mudar como agimos ao que nos acontece e cerca. Complementa que Los Migrantes é um jogo a respeito da emergência climática.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: Uma releitura entre um vídeo game, mudanças climáticas e as migrações para conectar as pessoas a imaginários climáticos



Fonte: Vídeo Atractor Estudio – Los Migrantes

Frente ao que Santiago nos explica podemos fazer também uma relação com as migrações humanas, que proporcionam conexões de afetos, culturais e trocas de conhecimentos que podem ser vitais para repensar "novas formas de associação entre modos distintos de existência", e assim, encontrar maneiras possíveis de reconstrução para o planeta.

Obras artísticas apresentadas em imaginários climáticos

Um grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos Audiovisiuais - OLHO, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, coordenado pelo pesquisador Antônio Carlos Amorim, do INCT mudanças climáticas - fase 2, subcomponente comunicação de risco, divulgação do conhecimento e educação para a sustentabilidade, também se interessa pelos imaginários climáticos e as relações artísticas que tratam sobre o tema das migrações. Os estudos do grupo se baseiam a partir das pesquisas da professora inglesa Kasia Paprocki sobre o meio

ambiente em Bangladesh.

Para essa autora, literaturas recentes examinam novos imaginários e materialidades da vida em um futuro alterado pelo clima. Especificamente, baseiando-se em insights dos estudos de Anna Tsing e Donna Haraway sobre viver nas ruínas do capitalismo e das mudancas climáticas para refletir sobre as transformações em curso em ecologias humanas e não humanas interconectadas, Kasia Paprocki refere-se à ideia de ecologias plurais, como formas múltiplas e cambiantes de conhecer a natureza. Dedica-se a pesquisar sobre como novas ecologias do rural forjadas por agências de desenvolvimento nesta região imaginam futuros não agrários para essas áreas que há muito abrigam agricultores e comunidades agrícolas. Tensiona as novas epistemologias de retorno ao rural a partir de perguntasproblema tais como: esse movimento é uma visão de resiliência climática urbana que geraria a desvalorização da vida rural e dos meios de subsistência? Ou seia, os imaginários climáticos que se agregam representações de uma ruralidade

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

SEÇÃO JORNALISMO: Uma releitura entre um vídeo game, mudanças climáticas e as migrações para conectar as pessoas a imaginários climáticos

que está em desacordo com as mudanças climáticas "inevitáveis" trariam consigo uma "necessária" ruptura com os modos de vida e existência históricoculturais que são singulares a determinadas regiões? Certamente, vislumbra-se a análise de uma situação paradoxal.

Amorim nos conta que o grupo de pesquisa tem interesse em analisar os efeitos de sentido das "imagens mais tecnológicas ou vinculadas as relações tradicionais entre humanos e ambiente". E ainda em "analisar as imagens" através de diferentes obras de artistas que produzem artes visuais sobre o tema, e isso, para que o "imaginário climático" ganhe "dimensões e interpretações" diferenciadas. Com seu grupo, investigam-se imaginários nos quais a representação do futuro tem imagens de sustentabilidade ambiental como referência. Para tanto, especialmente a partir da pesquisa de iniciação científica de Pedro Battistella Sentinaro (bolsista IC/CNPg) e graduando em Licenciatura em Física da Unicamp, analisaram o conjunto de publicações de artistas da seção Artes da Revista ClimaCom, destacando como os métodos de criação artística descritos e as imagens escolhidas para compor as publicações, articulam-se aos imaginários climáticos.

De acordo com o pesquisador o estudo tem a

intenção de reconstruir as histórias e memórias de vidas de migrantes, e que ao mostrar ao espectador, esse também refaz as construções que já têm estabelecidas em suas memórias sobre as migrações humanas em geral, e não especificamente as das migrações climáticas. Considera-se também que essas imagens são capazes de denunciar e mostrar acontecimentos e fatos das migrações, que de outra forma não saberíamos.

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Oliveira Dias.

Coletivo e grupo de Pesquisa | <u>multiTÃO:</u> <u>prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e</u> comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/e Revista ClimaCom.

ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Esse lugar, que não é meu?" - Ano 09 / n. 22, 2022

FICHA TÉCNICA

Dossiê "Esse lugar, que não é meu?"

Editores | Fabíola Fonseca (Faculdade de Educação Unicamp/Pós-Doutoranda CAPES), Adriana Assumpção (Universidade Estácio de Sá e Faculdade Unyleya) e AC Amorim (Faculdade de Educação/Unicamp)

Editoração | Susana Dias, Larissa Belini, Paulinha Pinto, Rayane Barbosa, Emanuely Miranda e Natália Azevedo (Labjor-Unicamp)

Curadoria seção Arvorecer de casa em casa | Larissa Bellini e Susana Dias (Labjor - Unicamp)

Revisão | Alice Dalmaso (UFSM) e Carolina Rodrigues (FCA-Unicamp)

Capa | Grande - Mapa 1 - Maíra Velho. Pequenas - Fogofato - Hugo Fortes e Anestesia
Raquel Pires.

Grupos | Laboratório de Estudos Audiovisuais - Olho e Diaspotics / UFRJ

Redes de Pesquisa | Rede de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas

Instituição | Faculdade de Educação da Unicamp, e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Projetos | Projeto de pesquisa "Currículos, refúgios e restos: imagens aprendentes e media-ção" (Processo CNPq - 425691/2018-7) | Tema Transversal "Divulgação do conhecimento, comunicação de risco e educação para a sustentabilidade" do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC 2a. Fase) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9)

Pós-graduação | Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, Mestrado em Divulgação Científica e Cultural da Unicamp e Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá - PPGE/UNESA